

ROGÉRIA COSTA DE PAULA

**“NÃO QUERO SER BRANCA NÃO. SÓ QUERO UM CABELO BOM,
CABELO BONITO!”**

**Performances de corpos/cabelos de adolescentes negras em práticas
informais de letramento**

Tese de doutorado em Multiculturalismo e Educação Bilíngue, apresentada ao Departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito para doutoramento em Linguística Aplicada.

**Orientador: Prof.^a Dr.^a Marilda do Couto
Cavalcanti**

CAMPINAS

2010

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL – Unicamp

C823n Costa de Paula, Rogéria.
"Não quero ser branca não. Só quero um cabelo bom, cabelo bonito!" : performances de corpos/cabelos de adolescentes negras em práticas informais de letramento / Rogéria Costa de Paula. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientador : Marilda do Couto Cavalcanti.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Raça. 2. Gêneros/Sexualidades. 3. Performances e performatividades. 4. Posicionamento interacional. 5. Corpo feminino negro. 6. Letramento. I. Cavalcanti, Marilda do Couto. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

tjj/iel

Título em inglês: I don't want to be white. I just want to have good hair, beautiful hair!": black teenagers' performances of bodies/hair in informal literacy practices.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Race; Gender/sexuality; Positioning; Performance and performativity; Black female body; Literacy.

Área de concentração: Multiculturalismo, Plurilinguismo e Educação Bilíngue.

Titulação: Doutor em Linguística Aplicada.

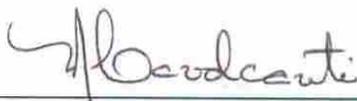
Banca examinadora: Profa. Dra. Marilda do Couto Cavalcanti (orientadora), Prof. Dr. Luiz Paulo da Moita Lopes, Profa. Dra. Maria Nazaré Mota de Lima, Prof. Dr. Kanavilil Rajagopalan e Profa. Dra. Terezinha de Jesus Machado Maher. Suplentes: Profa. Dra. América Lúcia Silva Cesar, Profa. Dra. Mara Sofia Toledo de Zanotto e Profa. Dra. Maria Viviane do Amaral Veras.

Data da defesa: 17/12/2010.

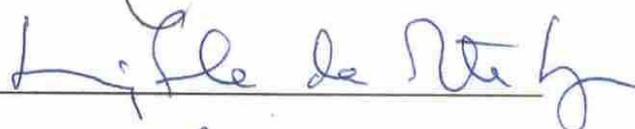
Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada.

BANCA EXAMINADORA:

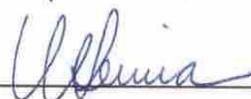
Marilda do Couto Cavalcanti



Luiz Paulo da Moita Lopes



Maria Nazaré Mota de Lima



Kanavillil Rajagopalan



Terezinha de Jesus Machado Maher



América Lúcia Silva Cesar

Mara Sofia Toledo de Zanotto

Maria Viviane do Amaral Veras

IEL/UNICAMP

2010



À memória de minha família feminina: à minha mãe, Dirce Costa de Paula; à minha avó, Geralda Gomes Costa e à minha tia, Maria Gomes da Costa. Negras – cor da luta. Mulheres de raça! Com orgulho das histórias que construímos juntas.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas, durante essa desafiadora e longa jornada, iluminaram, enriqueceram e alegraram o meu trajeto, de forma que pude perseverar na elaboração desta Tese. A todas, minha gratidão. Entretanto, declaro especial reconhecimento:

Às adolescentes participantes desta pesquisa, que me possibilitaram participar de suas histórias de vida e que com entusiasmo, alegria e orgulho compartilharam seus anseios, frustrações, felicidades, esperanças e projetos, deixando desvelar que “garotas e mulheres negras usam o cabelo como um meio para entender a complexidade das políticas de identidade que interseccionam raça, gênero, sexualidade, classe, poder e beleza” (BANKS, 2000, p. 148).

À minha orientadora, Professora Dr.^a Marilda do Couto Cavalcanti, pelo privilégio e alegria de contar com suas inspiradoras e iluminadas orientações; pelo apoio sempre pronto; pelo exemplo de profissionalismo; por ter acreditado em mim mesmo quando eu pensava que não podia realizar este projeto; por ter criado condições para que eu revelasse capacidades que não sabia ter; por ter me dado a oportunidade de expandir minha compreensão sobre mim mesma – minha raça, gênero, profissão e conhecimento.

Aos professores da banca de qualificação do projeto e desta Tese: Dr. Luiz Paulo da Moita Lopes e Dr.^a Terezinha de Jesus Machado Maher, pelas fundamentais contribuições para o aprimoramento deste trabalho e por aceitarem fazer parte desta banca, contribuindo mais uma vez para minha formação acadêmica como linguista aplicada. Ao professor Luiz Paulo da Moita Lopes, agradeço pela inspiração, confiança e incentivo, que me fortaleceram durante os diversos momentos de vulnerabilidade no percurso de elaboração desta Tese. À professora Terezinha de Jesus Machado Maher, pelo carinho e incentivo, pelas aulas instigantes e pela confiança depositada em mim e no projeto que resultou nesta Tese.

Aos professores Dr.^a Maria Nazaré Mota de Lima, Dr. Kanavilil Rajagopalan, Dr.^a América Lúcia Silva Cesar, Dr.^a Mara Sofia Toledo de Zanotto e Dr.^a Maria Viviane do Amaral Veras, por também aceitarem o convite para participar desta banca, o que muito me honrou devido à oportunidade de receber dos ilustres professores colaborações para enriquecer esta Tese.

À minha família: minha querida irmã, Valéria Aparecida Costa de Paula Freitas, em cuja força, determinação e fé busco inspiração nos momentos de dificuldade, de desânimo ou de desespero; meu cunhado, Lázaro Moreira de Freitas, um homem alegre e determinado, um empreendedor nato; meus queridos sobrinhos, Lívia e Bruno, pelo carinho, admiração, incentivo e apoio incondicional.

À minha amiga Thayse Figueira Guimarães, pelo incentivo constante, por me fazer acreditar que posso ser “gente grande” no meio de “gente grande”.

À minha amiga, Rosana Cristina da Cunha, pelo incentivo à vida acadêmica, pelos conselhos e por mostrar que “lá” pode ser “aqui” e “agora”. Jamais esquecerei os momentos de desânimo e de felicidade que compartilhamos no ano de 2006, quando iniciamos a jornada na Unicamp e que teve como fruto nossa amizade.

À minha amiga Maria de Lourdes Pinheiro dos Santos, cujas palavras de apoio, incentivo e motivação busquei em todos os momentos desafiadores, enfrentados na produção desta Tese. À amiga Júlia Maués, pela alegria, incentivo e apoio no primeiro ano de doutorado e durante o período de elaboração desta Tese.

À minha amiga Maria Cristina Souza que me ajudou a enxergar quando não podia ver. Ao amigo Adiel Ricci, pelo apoio incondicional.

Aos professores do Instituto de Estudos de Linguagem da Unicamp, pelas aulas e discussões enriquecedoras, durante o primeiro ano de doutorado.

Ao Cláudio, da secretaria de pós-graduação do Instituto de Estudos de Linguagem da Unicamp, pela presteza, eficiência, atenção e disposição para ajudar.

Ao CNPq pelo apoio financeiro que me possibilitou a realização desta pesquisa.

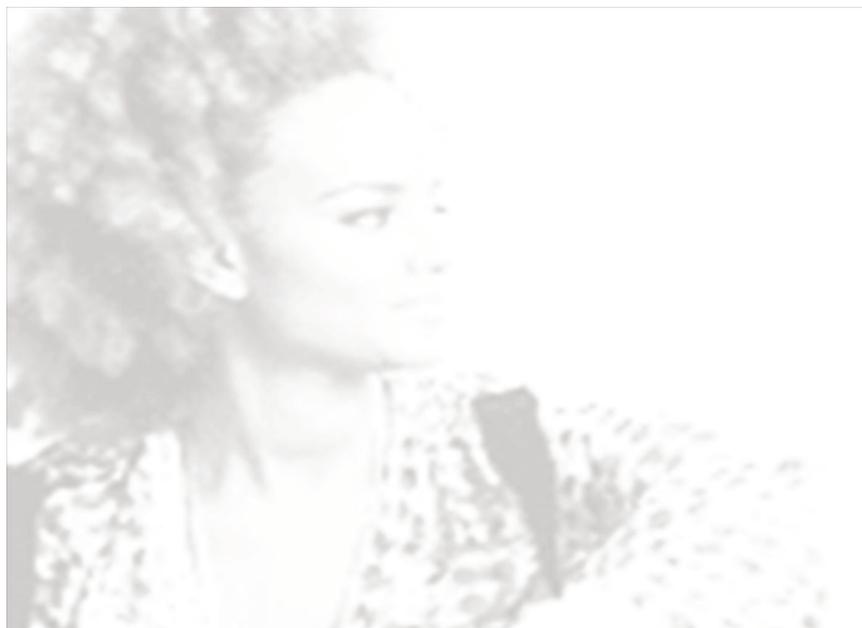
Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma, fazendo parte do processo de minha formação acadêmica, particularmente durante o doutorado, tornando-o um momento único e especial de minha história de vida.



“A carne mais barata do mercado é a carne negra”

Marcelo Yuka, Seu Jorge e Ulisses Cappelletti, *A Carne*

interpretada por Elza SOARES (2002)



“A ideologia da supremacia branca é baseada primeiro e, principalmente na degradação dos corpos negros com o objetivo de controlá-los. Um dos melhores modos de incitar medo nas pessoas é aterrorizá-las. Este medo é mais bem sustentado pelo convencimento delas de que seus corpos são feios, seu intelecto é inerentemente subdesenvolvido, sua cultura é menos civilizada e seu futuro carrega menos preocupação que o de outras pessoas¹”
(WEST, 1993, p. 122 citado por GRIFFIN, 1996, p. 520).

¹ A tradução dessa epígrafe e de todas as citações neste trabalho foram feitas por mim.

RESUMO

O objetivo desta tese é bipartido: (a) investigar as performances de raça e racializações de cinco adolescentes negras, na faixa etária entre 13 e 18 anos, constituintes de uma comunidade de prática (WENGER, 1999), em grupos focais mediados por textos veiculados na seção de beleza em revistas femininas e (b) interpretar os posicionamentos sociointeracionais ocupados nessas performances. A questão norteadora do estudo é como as adolescentes participantes da pesquisa constroem seus corpos/cabelos em eventos de letramentos mediados por textos multimodais em revistas femininas. A pesquisa de natureza qualitativa tem um viés etnográfico, visto que se trata de “um processo deliberado de investigação, guiado por um ponto de vista” (ERICKSON, 1984, p. 51). O estudo foi desenvolvido por meio de trabalho de campo em uma cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro, no período de abril de 2006 a dezembro de 2007. Os conceitos-chave do arcabouço teórico da tese são performances/performatividades (BUTLER, 1999/1990) e posicionamento (WORTHAM, 2001; VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999; WORTHEN, 1995). O conceito de performance, segundo Butler (1999/1990), focaliza gêneros/sexualidades e foi aqui ampliado para incluir raça/racializações. Essa ampliação demandou a necessidade de problematização do conceito de raça. Em relação a posicionamento, o caminho seguido foi uma associação entre as propostas dos três autores mencionados. Assim, utilizo as pistas interacionais apontadas por Wortham (2001) para interpretar quando um posicionamento é assumido/tomado e considero também os tipos de posicionamento categorizados por Van Langenhove e Harrè (1999) e as noções de performances/performatividades (BUTLER, 1999/1990; WORTHEN, 1995) para interpretar as performances das participantes, indicando as tomadas de agência e as performatividades construídas pelas adolescentes. A análise de dados mostra as adolescentes construindo seus corpos/cabelos como parte de um projeto político de identificação social coerente com as demandas da vida social que valorizam. Além disso, os dados mostram que as performances de raça são constantemente amalgamadas por performances de gêneros/sexualidades. Nas performances, as adolescentes assumem diferentes posicionamentos por meio dos quais se inserem em categorias sociais como uma dada raça e um determinado gênero/sexualidade. Finalmente, a análise mostra as adolescentes encenando constantes processos de tornar-se, nos quais elas são agentes de suas identificações. Com base no estudo realizado, discuto implicações para o letramento escolar.

Palavras-chave: raça, corpos/cabelos, posicionamento, performance/performatividade, gêneros/sexualidades

ABSTRACT

The aim of this PhD dissertation is binary: (a) to investigate the performances of race and racialization of five black teenagers, aged between 13 and 18, belonging to a community of practice (Wenger, 1999), in focus groups, mediated by texts from the beauty section of woman magazines, and (b) to investigate the sociointeractionist positions occupied by the girls in these performances. The research question which guides the study is how the black teenagers build their bodies/hair in literacy events mediated by multimodal texts in woman magazines. The research is qualitative and it has an ethnographic orientation, since it is "a deliberate process of research, led by a point of view" (ERICKSON, 1984, p. 51). The study was developed through fieldwork in a town in the state of Rio de Janeiro, from April 2006 to December 2007. The key theoretical concepts in the data analysis are performances/performativities (BUTLER, 1990) and positioning (WORTHAM, 2001; LANGENHOVE, HARRÈ, 1999; WORTHEN, 1995). The concept of performance, according to Butler (1999/1990), focuses on gender/sexuality and in this thesis it was expanded to include race/racialization. To accomplish this expansion, it was necessary to question the concept of "race." Regarding the concept of positioning, the path followed was to combine the proposals made by Wortham (2001), Langenhove e Harrè (1999) and Worthen (1995). Thus, I use the interactional clues indicated by Wortham (2001) to interpret when a positioning is assumed/taken and I take into consideration the categorization regarding kinds of positioning by Van Langenhove and Harrè (1999), and the concept of performance/performativity put forward by Butler (1999/1990) and Worthen (1995) to interpret the participant's performances and performativities. The data analysis show that the teenagers build their bodies/hair as part of a political project of social identification consistent with what they value in social life. Furthermore, the data show that performances of race are constantly intermingled with performances of gender/sexuality. In their performances, the teenagers take different positions through which they insert themselves into social categories such as a given race and a certain gender/sexuality. Finally, the analysis indicates that the multimodality of contemporary media texts offer a range of identifications that allow the readers to reposition themselves socially through transgressive performativities, i.e, staging constant processes of becoming, in which the teenagers are agents of their own identifications. As a follow-up to the data analysis, I draw implications to school literacy.

Keywords: race, bodies/hair, positioning, performance/performativity, gender/ sexuality

Lista de Quadros

Quadro 1 – Posicionamentos	46
Quadro 2 – Pistas de posicionamentos interacionais	48
Quadro 3 – <i>Scripts</i> sociais	50
Quadro 4 – Comparativo das noções de posicionamento defendida nesta tese.....	55, 175
Quadro 5 – Posicionamento com base na noção de Performatividade	61
Quadro 6 – Noções de raça.....	73
Quadro 7 – Noção de racialização	77
Quadro 8 – Noção de raça como construto analítico.....	104
Quadro 9 – Performance de raça	117
Quadro 10 – Organização interacional nos eventos de letramento	169
Quadro 11 – Performances de corpos/cabelos das participantes	206

Lista de Textos Analisados

Texto 1 – “Quase Sereias”, Revista Raça Brasil , 07/2006	160
Texto 2 – “Hora de cortar”, revista Capricho , Edição 1029, de 14/10/2007	183
Texto 3 – “Qual é o pente que te penteia?”, revista Raça Brasil , 10/2007	196
Texto 4 – “Diário de uma <i>blond girl</i> ”, revista Nova Capricho , Edição especial, de 09/07/2006	216
Texto 5 – “Beleza made in Brazil”, revista Uma , 09/2005.	225
Texto 6 – “Cabelos à prova de choque”, revista Raça Brasil , 07/[2006]	239
Texto 7 – “Nega do cabelo bom!”, revista Raça Brasil , 10/2007	260

Lista de Gráficos

Gráfico 1 –	208
Gráfico 2 –	238
Gráfico 3 –	274

Lista de Imagens das Revistas

Figura 1 – Sirlei, empregada doméstica agredida no Rio de Janeiro.....	78
Figura 2 – Vinheta da Globeleza de 1993	81
Figura 3 – Michael Jackson.....	94
Figura 4 – Mulher com alongamento: cabelos lisos e compridos	161
Figura 5 – Mulher com alongamento: cabelos cacheados, compridos e com mechas loiras	162
Figura 6 – Celebridades negras	163
Figura 7 – Garotas com cabelos indecisos	185
Figura 8 – Garotas com cabelos crespos	185
Figura 9 – Mulher com cabelos no estilo <i>black Power</i>	196
Figura 10 – Pente: “Qual é o pente que te penteia?”	197
Figura 11 – Mulher com <i>dreads</i> em forma de tranças	202
Figura 12 – Mulher careca	203
Figura 13 – Rapaz com cabelos com trancinhas	205
Figura 14 – Página inicial da matéria “Diário de uma blond girl”	217
Figura 15 – Garota com cabelos pintados de loiro	218
Figura 16 – Juliana Paes	226
Figura 17 – Juliana Paes e citação de voz da artista	226
Figura 18 – Mulher exibindo cabelos com permanente afro	241
Figura 19 – Mulher exibindo cabelos relaxados	241
Figura 20 – Caricatura de mulher negra.....	260

SÍMBOLOS DE TRANSCRIÇÃO²

P. - pesquisadora

[- sobreposição de vozes

[] - expressão referida por elipse

/ - pausa de um segundo

: - alongamento da vogal por um segundo

sublinhado – ênfase

MAIÚSCULAS – fala em tom alto

() - explicações da pesquisadora

[[]] - inserção feita pela pesquisadora

((_____)) – trecho inaudível

² Com base em Marcuschi (1991).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	31
2. POSICIONAMENTOS, PERFORMANCES E PERFORMATIVIDADES EM NARRATIVAS.....	43
2.1. TEORIZANDO POSICIONAMENTOS.....	43
2.2. TEORIZANDO PERFORMANCE E PERFORMATIVIDADE: GÊNEROS/SEXUALIDADES	55
2.3. INTRODUZINDO PERFORMANCES DE RAÇA: RACIALIZAÇÕES.....	63
2.3.1 Raça e racializações na sociedade: alguns exemplos	73
2.3.2 Performances de raça e racializações como performatividades.....	88
2.3.3 Performances de raça	114
3. DISPERSÕES DOS DISCURSOS DE BELEZA EM NARRATIVAS MIDIÁTICAS E EM (CONTRA)NARRATIVAS EM EVENTOS DE LETRAMENTO	121
3.1. A CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS CORPOS FEMININOS NEGROS	126
3.2. DISCURSO, MÍDIA, RACISMO E CORPO	131
3.3. UM OLHAR HISTORICIZADO PARA AS REVISTAS FEMININAS.....	146
3.4. NARRATIVAS MIDIÁTICAS EM REVISTAS FEMININAS – (CONTRA)NARRATIVAS EM EVENTOS DE LETRAMENTO	148
4. CONTEXTO E METODOLOGIA DE PESQUISA	153
4.1. TERRITÓRIO DE PESQUISA	153
4.2. SOBRE A NATUREZA E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	157
4.3. DESENHO DA PESQUISA	158
4.4. COMUNIDADES DE PRÁTICA E EVENTOS NÃO-ESCOLARES DE LETRAMENTO	166
5. “BLACK POWER NÃO É MANEIRA DE ASSUMIR QUE A GENTE É NEGRO! SE FOSSE, A GENTE USAVA.” – ANÁLISE DE POSICIONAMENTOS EM PERFORMANCES/PERFORMATIVIDADES	173

5.1. (RE)SIGNIFICAÇÕES DOS CORPOS/CABELOS DAS ADOLESCENTES	177
Cena 1 – “Eu queria mudar um pouco//. Enjoei do meu cabelo/já//. Tantos anos carregando ele!”	177
Cena 2 – “NOSSA! Chegaram as onçadas!”	186
Cena 3 – “Eu passava a mão na água oxigenada e passava no cabelo.”	192
Cena 4 – “Gente/isso é uma afronta!”	200
5.2. CONTESTAÇÕES DE POSICIONAMENTOS DE CORPOS/CABELOS DAS NEGRITUDES	208
Cena 5 – “Se você não está satisfeito com o meu cabelo/arruma uma pessoa que tem cabelo melhor que o meu!”	209
Cena 6 – “Se eu achar que estou bem assim//eu estou bem assim//.”	213
Cena 7 – “Ah/olha o preconceito!?”	219
Cena 8 – “Ah/pelo amor de Deus/né!?”	223
Cena 9 – “Ninguém é <u>perfeito</u> para ser <u>ícone</u> do Brasil/para ser um <u>símbolo</u> .” ..	228
Cena 10 – “Loira fica sempre em primeiro lugar!”	232
5.3. RACIALIZAÇÕES E TRANSGRESSÕES NAS PERFORMANCES E PERFORMATIVIDADES	239
Cena 11 – “As mulheres/independente de serem negras ou não//vão passar horas no cabeleireiro. Vão sofrer as mesmas coisas.”	244
Cena 12 – “Uma menina com cabelo alisado atrai filé?”	251
Cena 13 – “Não é ficar branca/mas com aparência de branca//com cabelo BOM!”	254
Cena 14 – “Achavam que as negras eram feias, de cabelo duro e mal arrumadas///// Agora//nos libertamos e podemos fazer o que quisermos/////.” ..	264
Cena 15 – “[<i>Black power</i>] não é uma maneira de assumir que a gente é negro! Se fosse//a gente usava.”	269
5.4. ALGUMAS REFLEXÕES EM RESPOSTA À PERGUNTA DE PESQUISA.....	277
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	281
6.1 LETRAMENTOS NÃO-ESCOLARES – IMPLICAÇÕES PARA O LETRAMENTO ESCOLAR	287

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	295
8. ANEXOS	311
Anexo1 - Histórico de minhas performances de cabelos	311
Anexo2 - As adolescentes - As formas como usavam os cabelos no período da Pesquisa	313

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de minha construção como mulher negra em sociedade de supremacia branca. As práticas em que me inseri, inicialmente na família, depois na escola e, posteriormente, em outros grupos de afirmação negra possibilitaram-me estar em constante ressignificação sobre quem sou no mundo social, considerando minha fisicalidade, cujas marcas cruciais relacionam-se à cor da pele e à textura dos meus cabelos. Tais marcas, socialmente, funcionam como pistas que indicam os lugares sociais reservados aos negros. Em outras palavras, quando se nasce negro, aprende-se cedo qual é o seu lugar social, que lhe é reservado por causa da raça.

Entre os pares de minha geração sempre compartilhávamos o orgulho de nossa pele, de nossa cor. Mas em relação ao cabelo, a questão parecia ser diferente. As práticas discursivas ao nosso redor, por exemplo, constantemente refletiam um olhar jocoso em relação à textura dos cabelos. Algumas expressões que marcavam o posicionamento dos cabelos das negritudes que reproduzíamos na minha infância eram: “cabelo ruim”, “cabelo cru”, “cabelo duro” e “cabelo de pimenta do reino” (o último era usado para referir-se aos cabelos dos meninos, os quais, sempre muito curtos, constituíam minúsculos pontinhos pretos separados na cabeça). Além disso, vivenciávamos na comunidade mais ampla, em que se inseriam negros e brancos, mais especificamente no contexto escolar, a perversa ação de estranhamento de nossos cabelos pelos nossos colegas brancos, os quais sempre que queriam nos ofender chamavam-nos de “cabelo de bombril”.

Essas eram experiências simbólicas que, no meu modo de entender, contribuíram para uma introjeção do olhar do branco em relação aos nossos próprios cabelos. Esses eram sempre meticulosamente cuidados por nossas mães ou familiares, mas esse cuidado não era suficiente para nos sentirmos confortáveis em relação aos modos que as pessoas poderiam significá-los. Uma conversa em situação familiar que chamou fortemente minha atenção na juventude ocorreu quando certa vez minha irmã afirmou: “Com a minha cor estou satisfeita, mas o meu cabelo, se eu pudesse, modificava”. Essa expressão do sentimento de minha irmã chamou a atenção porque, usualmente, as questões que envolvem a experiência da raça em nossa sociedade são consideradas um tema tabu

entre as famílias negras. Ou seja, é uma questão que todos sabem que existe, mas, normalmente, prefere-se não abordar. Talvez, para evitar sofrimento.

Essa foi uma questão que permaneceu guardada até que em 2002, quando estudei durante um semestre na Filadélfia, nos Estados Unidos, resolvi escrever um texto acadêmico sobre a (in)visibilidade da mulher negra em revistas femininas e, pesquisando em uma livraria, deparei-me com o livro *Hair matters: beauty, power, and black women's consciousness*, de Ingrid Banks, 2000. A obra é o relato de uma pesquisa com diferentes grupos focais com mulheres negras de diversas faixas etárias. Os grupos focais tinham como tópico o cabelo, visto como uma das mais significantes questões de discussão entre negros, especialmente entre mulheres negras. O livro foi o primeiro trabalho que conheci a traçar uma política sobre o cabelo do negro tendo como base um estudo etnográfico. A leitura do livro de Banks (2000) foi central na definição do tema de minha pesquisa de doutoramento porque via a possibilidade de problematizar uma questão que conhecia como ícone na constituição das identidades sociais das feminilidades negras. No Brasil, conforme aponta Fry (2007, p. 322), o primeiro trabalho a problematizar a questão é o de Angela Figueiredo (1994), na área de antropologia; outro trabalho que introduz a discussão no Brasil é o do antropólogo, professor da Universidade Federal da Bahia, Jocélio Teles do Santos (2000), que investiga a construção de uma imagem negra em salões de beleza étnicos, e um trabalho fundamental sobre o corpo/cabelo como lugar de expressão de resistência é o de Nilma Lino Gomes (2006).

Outro aspecto da experiência de ser negro que marcou minha construção identitária como negra foi a participação em um grupo de consciência negra na baixada fluminense. Os sentimentos que a experiência suscitava em mim eram ambivalentes. Sentia necessidade de participar do grupo e de adotar práticas de afirmação racial. Então, usava bóton com a inscrição “Negro é lindo!”, vestia camisetas com frases de afirmação e autoestima racial, usava cabelos no estilo afro. Entretanto, incomodava-me a preocupação que se pregava ali de que o reconhecimento de quem é negro (ou não) está nos traços fenotípicos. Aprendia-se que primeiro você tem que observar a cor da pele, depois a textura dos cabelos e, finalmente, os contornos dos lábios e nariz. E por meio dessas lições as pessoas comumente posicionavam umas às outras como negras, ainda que muitas não reconhecessem nelas qualquer traço étnico e nem mesmo racial. Em outras palavras,

incomodava-me o ato de um indivíduo posicionar deliberadamente (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) o outro como negro. O incômodo surgia tanto pelo fato de haver a necessidade de determinar quem era negro e quem não era quanto pela autoridade de que pessoas negras se imbuíam para posicionar racializadamente as demais. Com base nessas experiências, formulei a crença de que o ato de apontar um indivíduo como negro tendo como base, por exemplo, apenas a cor de sua pele mostra uma visão essencializada de negritude.

Esses foram tempos em que eu via raça como uma questão central que orientava a vida das pessoas negras. Não obstante, nos últimos anos, comecei a observar – tanto em minha família quanto em famílias amigas e também entre meus alunos em sala de aula – que raça não parecia ser mais uma questão para as crianças e adolescentes. Vi sobrinhos de pessoas amigas dizendo que não são negros. Vi alunos indiferentes a discussões que eu tentava traçar em sala de aula sobre o racismo no Brasil. Então, comecei a me perguntar se haveria nesses comportamentos algum reflexo dos discursos da contemporaneidade em que se focalizam as diferenças, uma vez que tais discursos tentam construir a ideia de que vivenciamos um momento pós-racial. Em decorrência disso, este trabalho problematiza o termo raça e busca ressignificá-lo na conjuntura dos tempos sociais contemporâneos. Depois, com base na ideia de que vivemos em um mundo racializado e de que as interações sociais são marcadas por racializações, situo a questão da presente pesquisa.

Em um panorama macrossocial, esta pesquisa se baseia na compreensão de que a contemporaneidade é “um momento de grande reflexividade” (GIDDENS et al., 1997), pois vivemos um período social em que uma diversidade de discursos e identidades está acessível. Uma marca dessa reflexividade é constantemente visualizada nas mídias, quando se observa que os diferentes grupos socioculturais e os modos transgressivos de viver a vida social são tematizados: as mídias focalizam hoje o tema das negritudes e das homossexualidades como nunca fez em outros tempos. Assim, o homem e a mulher vêm sendo cada vez mais construídos por uma gama de discursos institucionalmente criados, entendidos por Giddens (2002, p. 9) “como novos mecanismos de auto-identidades”, ou seja, como espaços de construção de seres sociais historicamente situados. Nessa perspectiva, segundo o autor, a reflexividade do eu, “em conjunto com a influência de

sistemas abstratos, afeta de modo difuso o corpo e os processos psíquicos” (GIDDENS, 2002, p.15).

Para Moita Lopes (2001), a reflexividade “está relacionada com a necessidade de as pessoas repensarem o mundo contemporâneo a partir de escolhas que se apresentam atualmente, as quais não eram colocadas em um passado recente ou que não eram focalizadas na vida pública” (p. 208). Nesses termos, o autor indica uma série de possibilidades de escolhas que os sujeitos podem eleger na contemporaneidade: “Como modelar o corpo (você quer ter o corpo e a cara de quem?)”. Essa é, segundo Moita Lopes (2001), uma das escolhas com que nos deparamos diante das possibilidades de viver a vida social contemporânea ou de construir as nossas identidades sociais (e o autor explicita que logicamente essa possibilidade de escolha passa também por questões econômicas).

Nesse tocante, este é, a meu ver, um tempo crucial para novas racializações, ou seja, novos modos de agir no mundo social com o intuito de trazer à tona os sentidos das raças como locais de construção dos significados que os sujeitos inventam sobre as pessoas e as interações entre elas em uma dada sociedade. Essas racializações objetivam novos posicionamentos sociais das negritudes³. Vejo esse momento como central para refletir não só sobre o que significa ser negro, sobre quem é negro e sobre o que nos torna negros nessa sociedade, mas principalmente sobre o que possibilita que os sujeitos não se submetam aos posicionamentos dados, impostos aos negros. E ainda, esse é, para mim, um momento em que as negritudes podem se “reinventar”, “traduzir-se” (HALL, 2000), criar novas tradições. A contemporaneidade permite entender que não se é negro porque se tem pais negros, ou que não se é negro porque se acredita no candomblé. Este é um momento de desestabilização em que o que parecia estar sedimentado está agora disponível para que novos sentidos sejam criados. Em outras palavras, esse é um momento de transgressão.

Assim, pode-se afirmar que este trabalho segue uma vertente acadêmica pós-moderna, na perspectiva de Giddens et al. (1997), visto que faz uma crítica à contemporaneidade na qual discursos de diversidade e diferença usualmente têm aparência de atos que visem ao politicamente correto e não exatamente à valorização das diferenças e dos sujeitos cujas práticas são vistas como desviantes. Em outras palavras, este trabalho faz

³ Emprego o termo “negritudes” a fim de explicitar que há muitos diferentes e contraditórios modos de ser negro consoante as teorizações aqui assumidas. Dito de outra maneira, as negritudes podem ser referidas por meio da metáfora do caleidoscópio (cf. MOITA LOPES, 2002).

uma crítica à legitimidade de determinados modos de ser no mundo social em detrimento dos modos de viver dos grupos sociais chamados minoritários, tais como o das adolescentes negras participantes desta pesquisa. Vale adotar a discussão de que tais grupos são socialmente posicionados como minoritários, mas que de fato são “aquelas populações que estão distante das fontes de poder hegemônico, embora algumas vezes numericamente sejam majoritárias em relação à sociedade ou grupos dominantes” (CÉSAR, CAVALCANTI, 2007, p. 45).

Considerando esse entendimento do mundo social contemporâneo, este estudo, situado no campo de conhecimento da Linguística Aplicada, compartilha da vertente indisciplinar (MOITA LOPES, 2006a) que preconiza um fazer reflexivo e problematizador (CAVALCANTI, 2006), uma forma transgressiva (PENNYCOOK, 2006) de construir pesquisa. Estou alinhada, no campo da Linguística Aplicada, a uma crença segundo a qual epistemologia e política devem andar juntas, ou seja, “fazer pesquisa deve ser teorizado lado a lado com a ação política” (MOITA LOPES, 2009, p. 37). Nessa perspectiva de investigação, devem-se adotar categorias que refletem o mundo em que vivemos. Além disso, “seguir uma ótica reflexiva implica assumir que há uma dissolução das certezas” (GIDDENS et al., 1997, p. 62). Como assevera Cavalcanti (2006), seguir essa ótica significa reconhecer que os significados construídos em uma investigação são situados e, conseqüentemente, contestáveis, provisórios e sujeitos a uma crítica ativa.

Este trabalho, coerente com a perspectiva delineada, problematiza conceitos como raça e beleza dos corpos/cabelos. Mais especificamente, situa-se na linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em LA: Multilinguismo, Pluriculturalismo e Educação Bilíngue. Nessa linha, é o conceito de multiculturalismo que se apresenta como mais relevante. A visão multiculturalista crítica (SILVA, 2005; MOREIRA, 2002) e/ou interculturalista (MAHER, 2007) focaliza as interrelações entre identidade, língua e cultura em contextos socialmente complexos e às margens dos contextos interacionais dos grupos culturais dominantes. Desse modo, essa perspectiva implica entender a vida social como práticas culturais. Tais práticas são localizadas espaço-temporalmente e consideram as pessoas e suas experiências particulares, formas, relações e semióticas específicas e formas peculiares de usos de uma língua. Cabe ressaltar que, a pesquisa na área do multiculturalismo é politicamente interessada e aberta para desconstruir teorias

cristalizadas, na medida em que adota uma agenda relevante para os sujeitos sociais participantes da pesquisa e busca favorecer o empoderamento desses sujeitos em suas práticas culturais.

Tal visão de pesquisa em Linguística Aplicada, portanto, permite-me inserir as investigações que realizo como parte de um projeto político na área das construções identitárias de negritudes em bases de resistência e autoestima. Conseqüentemente, o fato de eu ser mulher e negra está imbricado nos sentidos deste trabalho que deve ser lido considerando esses traços de minha identidade social. É relevante, portanto, indicar que os fatores sociais que motivaram esta pesquisa surgiram da minha prática como professora negra em escolas públicas, em localidades com maioria de alunos negros e não brancos (COSTA DE PAULA, 2002), de minhas reflexões sobre o que significa ser mulher negra e sobre posicionamentos sócio-historicamente reservados e muitas vezes naturalizados como peculiares às negritudes, considerando especificamente a área da educação formal, na qual atuo há 20 anos.

Venho trabalhando na área da Linguística Aplicada desde 1998, quando ingressei no mestrado do Curso Interdisciplinar de Linguística Aplicada, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde defendi, em 2002, uma dissertação que focalizou práticas escolares de letramento e construções das identidades sociais de gênero e de raça. Naquele estudo, desenvolvi uma pesquisa-ação para interpretar os modos como minha ação como professora negra, em aulas de leitura, possibilitavam as (re-)construções das masculinidades de meus alunos negros. Tal pesquisa deu-me chances de detectar as dificuldades enfrentadas pelos alunos negros no que tange aos valores culturais, aos letramentos, aos modos de construir sentidos e, principalmente, permitiu-me testemunhar como, continuamente, os alunos negros são tratados e como suas práticas cotidianas são significadas na esfera escolar. Nos estudos de doutoramento, na Universidade Estadual de Campinas, pressupondo que há multiletramentos e que as práticas cotidianas são relevantes para as construções de sentidos significativos para as vidas dos indivíduos, posicionei o foco investigativo nas práticas de letramentos não-escolares e, distintamente, nas práticas informais de letramentos de adolescentes negras.

Acredito que tendo me inserido nesses dois contextos de construção de conhecimentos poderei buscar implicações para a instituição educacional e problematizar a

forma como as adolescentes negras devem ser tratadas na escola. No meu modo de entender, esse é um foco importante porque, no Brasil, não se encontram muitas pesquisas que tenham como objetivo problematizar os posicionamentos dos adolescentes negros em contextos de letramentos escolares e não-escolares, tanto no aspecto de habilidades de construção de conhecimentos quanto no que diz respeito às suas performances identitárias.

Para colocar em ação este trabalho, alguns conceitos-chave foram cuidadosamente tomados, ainda que pudessem ser reformulados no percurso investigativo. O arcabouço teórico em que a pesquisa se sustenta faz referência ao conceito de raça como “uma noção culturalmente marcada” (COSTA DE PAULA, 2002, p. 48). Isso significa que entendo que as práticas culturais racializam as pessoas. Nesse sentido, abordar raça é uma ação política, por meio da qual problematizo os modos como as pessoas são socialmente posicionadas. Mais especificamente, uso o conceito de raça para chamar a atenção para os modos como os corpos das adolescentes negras são inferiorizados não porque têm determinados traços fenotípicos⁴, mas porque são estigmatizadas devido a sua raça. Dessa forma, em contrapartida a muitos discursos atuais que defendem a ideia de que raça não existe, e que, de acordo com o ponto de vista antropológico e biológico, o correto é falar em etnia, assevero que minha posição é a de que raça existe, sim, não no sentido ontológico ou biológico, mas no sentido sociológico, e acopla questões fenotípicas. Um conceito de raça em que me baseio é o defendido por Giddens (2005/2001) como sendo

“um conjunto de relações sociais que permitem situar os indivíduos e os grupos e determinar vários atributos ou competências com base em aspectos biologicamente fundamentados. As distinções raciais representam mais do que formas de descrever as diferenças humanas – são também fatores importantes na reprodução de padrões de poder e de desigualdade dentro da sociedade”.

Para mim, é essencial problematizar o modo como as pessoas são socialmente racializadas nas práticas sociais em que vivem.

Outros conceitos cruciais para a discussão em progresso nesta pesquisa são a visão de corpo e a noção de beleza. O corpo é aqui entendido como construção sócio-cultural (GOLDENBERG, 2007, 2004; LOURO, 2007, 2004; QUEIROZ, OTTA, 2000; FRAGA, 2000; SHILLING, 1997), de modo que seus significados variam de cultura para

⁴ Para os interessados na questão de traços fenotípicos sugiro a leitura de Guimarães (2005/1999).

cultura. Assim, se na atualidade os sujeitos estão expostos a uma infinidade de discursos na mídia, que focalizam beleza, produtos cosméticos, atividades físicas, dietas, por exemplo, sem muita reflexão, pode-se afirmar que uma das características da sociedade contemporânea é o culto ao corpo, considerado por muitos numa perspectiva narcisista. Além disso, tais discursos expressam, conforme Giddens (2002, p. 15), “uma preocupação muito mais profunda com ‘a construção’ e o controle ativo do corpo”. Sumarizando esse ponto de vista, a beleza é significada segundo juízos de valor que posicionam os indivíduos socialmente segundo os padrões que uma cultura advoga como sendo belos. Conforme o exposto, argumento que a visão contemporânea de beleza molda os nossos modos de construir nossos corpos/cabelos e, conseqüentemente, os conceitos de beleza e corpo interessam aos estudos de construção das identidades sociais, particularmente aqueles que focalizam questões de raça.

Também é central neste trabalho a noção de performance tal como foi apresentada por Butler (1999/1990). É na performance que se criam inteligibilidades sobre as construções de gêneros/sexualidades, nas práticas discursivas em que os indivíduos se inserem. Neste estudo, aproprio-me dessa noção para problematizar as relações raciais e os roteiros sociais previamente construídos para posicionar as negritudes em lugares sociais de desprestígio e inferiorização. Além disso, uso a noção de performance para instigar os debates emergentes sobre os usos que as negritudes fazem de seus cabelos. Entendo que a noção de performance possibilita pensar o cabelo como prática social e, por conseguinte, como local de transgressões e produções de novas rotas racializadas, nas quais e por meio das quais as negritudes constroem “subpolíticas” (GIDDENS et al., 1997) identitárias. Além disso, cabe definir a noção de práticas de letramentos que subjaz à pesquisa. Práticas de letramentos são significadas, na perspectiva de Kleiman (1995, p. 40), como “qualquer atividade em que a escrita constitui parte essencial para construir sentido de uma determinada situação em relação à interação entre os participantes e também em relação aos processos e estratégias interpretativas”.

Finalmente, uma noção que subjaz os modos de interpretar as ações das adolescentes nas interações sociais é a de “comunidade de prática” (LAVE; WENGER, 1991). Segundo as autoras, uma comunidade de prática é constituída por pessoas agindo juntas para atingir determinados objetivos comuns. Assim, saliento que as participantes

desta pesquisa constituem uma comunidade de prática na medida em que são garotas que vivem em um mesmo bairro, estudam na mesma escola, frequentam uma mesma escola de samba e estão constantemente buscando entendimentos sobre elas mesmas, sobre seus corpos/ cabelos, nas interações mediadas por textos de revistas femininas em práticas de letramento.

O contexto de investigação do presente trabalho é uma cidade na região sul-fluminense, no estado do Rio de Janeiro. Trata-se de uma localidade, conhecida pelo seu passado, em que os negros foram explorados na produção de café, no período imperial. A história local é constituída sobre as marcas dos Barões do Café e de um líder negro que foi responsável por um dos maiores quilombos do Brasil. Desse período áureo do café, restam como herança famílias brancas – muitas das quais se denominam descendentes de barões – e um grande contingente populacional constituído por negros.

As participantes desta pesquisa são cinco adolescentes negras, na faixa etária entre 13 e 18 anos, moradoras no mesmo bairro, um dos mais antigos do local. As adolescentes, na época da geração de registros da pesquisa, eram estudantes em escola pública da rede estadual de ensino e frequentavam turmas de ensino fundamental e médio. São oriundas de famílias de classe trabalhadora e participantes de uma escola de samba sediada no bairro em que residem. Eu também sou participante da pesquisa. Sou negra, e é assim que me posiciono em quaisquer contextos sociais em que me insiro. Fui professora da rede municipal e estadual de ensino na cidade em que se realiza a pesquisa. Fui professora das adolescentes participantes durante dois anos, em escola da rede estadual e resido no mesmo bairro.

Uma justificativa importante para este estudo com as adolescentes é que essa faixa etária é um período central para as (re-)constituições das nossas identidades sociais (MOITA LOPES, 2006b; O'DONNELL, SHARPE, 2000), ou seja, a adolescência é o momento crucial em que as pessoas se engajam em processos de se tornarem as pessoas que estão projetando ser. Além disso, a pesquisa se realiza com essas adolescentes negras pelo fato de as adolescentes conhecerem apenas o mundo da nova ordem social em que, talvez, para autores como Gee (2004), os velhos processos de identificação parecem não mais fazer sentido, em que as imposições sobre as racializações, os gêneros e os pertencimentos sociais, no que diz respeito à condição econômica, às inserções culturais, às

manifestações religiosas, aos modos de viver e significar os gêneros/sexualidades, não são mais dados. Parece que as novas gerações não assumem identidades e identificações previamente roteirizadas, como ocorria com gerações passadas, como a minha, em que nós negros nos víamos como responsáveis pelo passado de nossos pais que foram explorados, escravizados, de modo que a divisão - negros e brancos e raças eram questão chave. No caso dos adolescentes atuais, que já nasceram em uma sociedade fragmentada, parecia-me, no momento em que iniciei esta pesquisa, que a raça não é para eles a questão, como foi para outras gerações. Discursos tradicionais e novos discursos estariam, portanto, em conflito nessa geração.

Isto posto, cabe agora explicitar o desenho da presente pesquisa. Este estudo investiga conversas entre adolescentes negras, pertencentes a uma mesma comunidade de prática, em interações de grupo focal que tematizam o corpo/cabelo. Realizo essa pesquisa com o intuito de conhecer as construções identitárias das participantes tendo o corpo/cabelo e a beleza como *locus* de construção de significados. Assim, os objetivos da pesquisa são:

- Analisar as construções de significados adotados por adolescentes negras participantes de eventos informais de letramento mediados por discursos veiculados na seção de beleza de revistas femininas.
- Analisar as performances de cabelos adotadas pelas adolescentes negras participantes da pesquisa.

A fim de atingir tais objetivos foi traçada a seguinte questão de pesquisa:

Como as adolescentes participantes da pesquisa constroem seus corpos/cabelos em eventos informais de letramento mediados por textos multimodais em revistas femininas?

Quanto à configuração do trabalho, no Capítulo 2, discuto algumas teorias de posicionamentos que ajudam a construir inteligibilidade sobre as performances das adolescentes, e que fornecem o construto teórico por meio do qual analiso os dados. Problematizo os tipos de posicionamentos, segundo Van Langenhove e Harrè (1999); as pistas de posicionamento interacional, conforme Wortham (2001); e a agência que os performativos pressupõem para a encenação de performatividade transgressiva e performatividade contestatória, de acordo com Worthen (1995). Abordo a relevância que as noções de performance, performatividade e posicionamento têm representado nos estudos

das identificações dos sujeitos sociais na contemporaneidade. Focalizo, em seguida, teorizações sobre raça. Estabeleço um olhar para as racializações que ocorrem na sociedade e, com base na noção de performances de gênero/sexualidade (BUTLER, 1999/1990), apresento a proposta de se buscar compreender a raça segundo a noção de performances de raça.

O Capítulo 3 trata da noção de beleza e dos discursos sobre beleza dispersos na sociedade, muitas vezes, por meio das mídias. Nele desenvolvo uma argumentação sobre os modos como os corpos femininos negros foram construídos; discuto a ação da mídia e do racismo sobre os corpos/cabelos das negritudes e problematizo o papel das revistas femininas nessas construções discursivas. Além disso, aponto o corpo como um território de construções identitárias de negros e negras, particularmente. Na sequência, faço uma discussão sobre as características das narrativas midiáticas na contemporaneidade, colocando foco na multimodalidade nas revistas femininas e evoco a noção de multiletramentos como modos de se construir significados de si próprio e da vida social por meio dos textos dispersos na contemporaneidade.

A metodologia da pesquisa é apresentada no Capítulo 4, no qual descrevo as participantes, apresento o macro e o micro contexto de pesquisa, respectivamente, a cidade – no estado do Rio de Janeiro – e os grupos focais com adolescentes de uma comunidade de prática envolvidas em construção de significados por meio de textos sobre corpo e beleza veiculados em revistas femininas.

No Capítulo 5, analiso as conversas construídas pelas adolescentes, as racializações, as performances e performatividades que elas fazem no grupo focal com base nos textos que leem. Focalizo as performances e os posicionamentos que as adolescentes ocupam nessas performances, sobretudo no que diz respeito a racializações e identificações de gêneros/sexualidades. Em seguida, teço algumas reflexões sobre a questão de pesquisa. Nas considerações finais, faço uma compilação dos posicionamentos assumidos pelas adolescentes e relaciono-os às pistas interacionais envolvendo as racializações e identificações de gêneros/sexualidades. Pontuo questões relacionadas à problemática das racializações nas esferas sociais na contemporaneidade – que motivaram este trabalho – e as imposições de posicionamentos de inferioridade aos negros, cristalizadas nas práticas das mídias impressas e nas encenações estilizadas no cotidiano. Avalio como as práticas de

letramento não-escolar podem iluminar práticas escolares de letramento a fim de buscar alternativas para os embates de leitura em contextos escolares, especificamente salas de aula multiculturais, com alunos negros, como abordam pesquisas como a do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2004). Assim, proponho algumas ações a serem adotadas em cursos de formação de professores, por exemplo.

Finalizando, realço que este trabalho “visa pensar alternativas para o futuro” (MOITA LOPES, 2006a, p. 21) e ensaiar um mundo social novo. Ou, respondendo ao desafio de Santos (2007, p. 57), concentra-se “em como desenvolver *subjetividades rebeldes*” (o itálico consta do original).

2. POSICIONAMENTOS, PERFORMANCES E PERFORMATIVIDADES EM NARRATIVAS

2.1 TEORIZANDO POSICIONAMENTOS

A teoria de posicionamento foi formulada por Hollway (1984), na área de psicologia. Para a pesquisadora, os “discursos tornam posicionamentos disponíveis” (p. 236), ou seja, os posicionamentos referem-se às formas como as pessoas são localizadas no discurso ou em uma conversa quando estão engajadas na construção de significados com outras. Hollway (1984, p. 238) sustenta que “as pessoas investem em ‘posições’ particulares nos discursos e conseqüentemente em relação umas as outras”, e ressalta ainda que diferentes identidades coexistem, de modo que as pessoas podem tomar múltiplos posicionamentos.

O conceito de posicionamento vem sendo adotado por pesquisadores como, Davies e Harrè (1999) e Bamberg (1999), na área de psicologia social; Wortham (2001) na área de antropologia linguística; Moita Lopes (2001) e Cavalcanti e Bizon (2008) na área de linguística aplicada, só para citar alguns exemplos. O ponto de convergência entre autores de áreas tão distintas está em seu interesse em construções identitárias e na investigação dos posicionamentos dos sujeitos sociais em contextos de sala de aula e de comunidades de práticas em entrevistas e em conversas informais, respectivamente. Na perspectiva de Wortham (2001), os indivíduos são vistos como sujeitos de suas vozes em dada interação e não como simples seres passivos, posicionados nas conversas sem possibilidade de resistência. Para o autor, portanto, o posicionamento é uma localização social interessada, visto que as pessoas ocupam lugares sociais que julgam interessantes e/ou relevantes em dado contexto e situação.

Nas diversas pesquisas em que o conceito de posicionamento tem sido adotado como construto de análise de dados (WORTHAM, 2001; MOITA LOPES, 2001; BAMBERG, 1999), observo que há dois olhares distintos: um que materializa o posicionamento segundo pistas linguísticas (WORTHAM, 2001) e outro que localiza socialmente um indivíduo na interação com outros (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999). Ambos os olhares são relevantes para analisar o contexto focalizado na pesquisa

base desta tese, mas vejo como importante considerar ainda o olhar de Worthen (1995) para os lugares das performances.

Em seus estudos com teatro e dança, Worthen (1995) não menciona a noção de posicionamento; entendo, contudo, que sua localização dos textos nas performances pode ser vista como um viés dessa noção, uma vez que discute as formas de ação do ator com base no texto produzido para a peça teatral. Uma vez em cena, o ator constrói um novo texto e desestabiliza a autoridade do autor. Em “Drama, performatividade e performance”, Worthen (1998) argumenta que a performance é constituída não somente pela citação de um texto, mas também pela “densidade histórica da performance e de uma rede de práticas de performance que constituem a performance como uma citação significativa” (p. 1097). Em outras palavras, não é apenas o que se enuncia que tem valor performativo que cria uma realidade social, mas um conjunto de outros elementos significativos que corroboram a enunciação de modo que ela seja eficaz. Esse conjunto significativo tem bases histórico-culturais que envolvem o enunciado proferido. Além disso, o autor assevera que, na performance, o ator não só cita um texto significativo naquele cenário, história e cultura, mas dá voz a esse texto; traduz o texto. Entendo esse ato de vozear e traduzir como um modo de o ator tomar um posicionamento na cena.

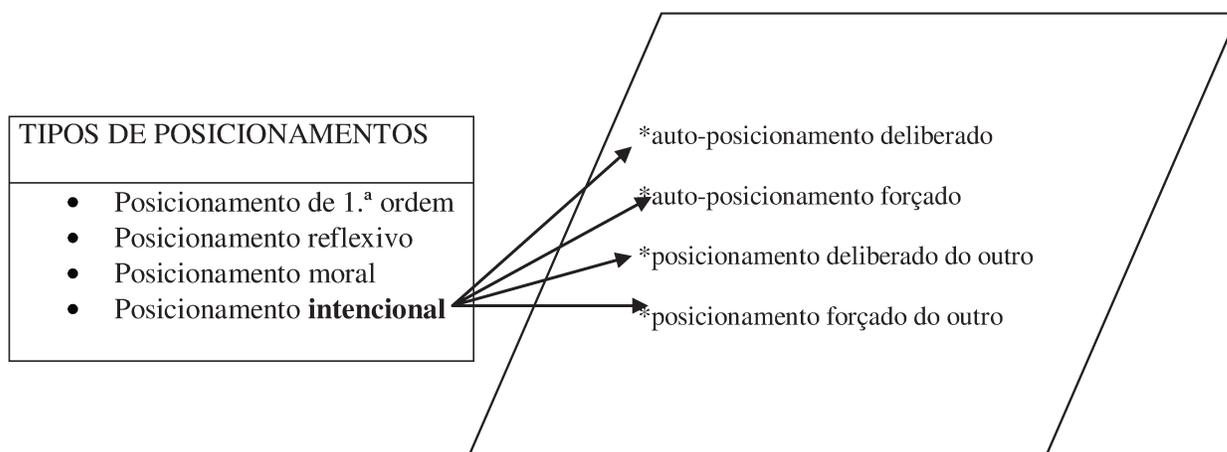
É nessa perspectiva que assumo a tarefa de relacionar as reflexões de Worthen (1995, 1998) às duas visões de posicionamento – a de Van Langenhove e Harrè (1999) e a de Wortham (2001) – acima citadas. Estabeleço essa interação entre autores visando construir uma diversidade de posicionamentos de sorte que obtenha um suporte analítico mais elaborado para compreender os eventos de grupo focal com adolescentes negras envolvidas na construção de significados de textos veiculados na seção de beleza em revistas femininas enquanto, ao mesmo tempo, estão fazendo performances de raça e gêneros/sexualidades nas conversas entre elas. Como se trata de uma interação complexa, necessito de um construto de análise de dados que possa dar conta dos diferentes posicionamentos e dos diversos elementos constituintes de suas performances e performatividades que produzem efeitos nos posicionamentos que ocupam nessas interações e naqueles em que são localizadas nos textos que leem.

Os três olhares sobre o conceito de posicionamento para os quais quero chamar a atenção são os de a) Van Langenhove e Harrè (1999), b) Wortham (2001) e Worthen

(1995). Para Van Langenhove e Harrè (1999, p. 29), posicionamentos são “os modos como as pessoas dinamicamente produzem e tentam explicar o conhecimento que constroem de si próprias e dos outros”. Nesta leitura, entendo que, nas práticas discursivas em que estão engajados, os sujeitos se posicionam conforme alguns traços identitários. Nas palavras de Cavalcanti (2006), nesse tipo de elaboração “um indivíduo emerge através dos processos de interação social como alguém que é (re)constituído através das várias práticas discursivas das quais participa” (p. 242). Assim, considero que, na comunidade de prática das adolescentes participantes desta pesquisa, as performances no grupo focal são intencionalmente criadas e encenadas com base em quem elas são/estão se tornando, em suas raças, em suas histórias, de modo que os posicionamentos que ocupam são situados e contextuais. Para construir uma compreensão de como as pessoas se posicionam em uma conversa, Van Langenhove e Harrè (1999, p. 29-30) descrevem os quatro tipos de posicionamentos, relacionados a seguir:

- a) posicionamento de primeira ordem – uma pessoa se posiciona e posiciona os outros;
- b) posicionamento reflexivo – uma pessoa negocia seu posicionamento ou reposiciona-se;
- c) posicionamento moral – uma pessoa se posiciona com base nos aspectos morais específicos de uma dada instituição social como a família, a religião, a escola etc.;
- d) posicionamento intencional – uma pessoa toma um posicionamento conscientemente, objetivando intenções, e de acordo com quatro tipos de intenções do falante:
 - 1. auto-posicionamento deliberado: usado para expressar traços de suas identidades sociais;
 - 2. auto-posicionamento forçado: usado para conformar-se com um julgamento moral de uma instituição social;
 - 3. posicionamento deliberado do outro: usado para dar informações sobre outra pessoa presente ou ausente na interação;
 - 4. posicionamento forçado do outro: usado para avaliar um indivíduo conforme os julgamentos de uma instituição.

Segue um quadro que resume os posicionamentos, conforme a teoria acima:



Quadro 1 – Posicionamentos
(VAN LANGENHOVE e HARRÈ, 1999)

Essa proposta é interessante para esta pesquisa porque distingue entre os posicionamentos que uma pessoa toma por si mesma e posicionamentos que é “forçada” a tomar de acordo com a enunciação de outro participante ou conforme os cânones da instituição a que pertence ou na qual o evento ocorre. Interessa também nessa proposta a consideração de que os falantes posicionam a si próprios e aos outros segundo seus propósitos em dada interação, revelando, assim, os modos como as pessoas estão roteirizando suas inserções sociais e seus projetos identitários. Conforme Davies e Harré (1999), o conceito é útil para posicionar falantes, ouvintes e personagens nos embates de construção de significados em que estão envolvidos. Entretanto, algumas das denominações/explicações dos tipos de posicionamento desses autores – como, por exemplo, o posicionamento moral e o posicionamento forçado – podem ter conotações não compatíveis com a perspectiva teórica mais ampla desta tese. Assim sendo, aponto adiante algumas adaptações para por em prática essa teoria.

O segundo olhar que interessa neste trabalho é o de Wortham (2001), que focaliza os posicionamentos interacionais que as pessoas assumem/tomam em narrativas que contam umas para as outras, especialmente as narrativas autobiográficas nas quais, segundo o autor, as pessoas não só descrevem um eu preexistente, mas também explicam como foram construídas e se posicionam interacionalmente. Nesse ato de contar, as pessoas empregam pistas linguístico-discursivas que servem para posicionar tanto o narrador quanto os personagens de suas histórias e seus ouvintes. Wortham (2001, p. 70-75) descreve cinco

pistas interacionais que evidenciam os posicionamentos dos narradores tanto no evento de narrar quanto no evento narrado. As pistas indicadas pelo autor são: referência e predicação, descritor metapragmático, citação, índice avaliativo e modalizador epistêmico.

Há **referência e predicação** quando o narrador “considera elementos do mundo para se referir aos personagens e caracterizá-los nas histórias que contam” (MOITA LOPES, 2006b, p. 297). De acordo com Wortham (2001, p. 71), referências e predicadores “são expressões que caracterizam as vozes do referente de algum modo. O uso de adjetivos e outros predicadores podem vozear e avaliar os personagens”. Para Moita Lopes, são pistas – nomes, títulos, termos de conexão – que localizam o personagem em um grupo particular, como tipos sociais identificáveis, e são recursos “para os narradores se posicionarem em relação aos personagens, objetos e fatos incluídos nas narrativas” (2006b, p. 301).

Os **descritores metapragmáticos** são pistas que incluem, basicamente, verbos de enunciação usados para referir e declarar a forma como algo foi dito, avaliando o que foi falado. Ao usar um verbo e não outro, o narrador pode oferecer uma avaliação moral sobre o falante. Os descritores metapragmáticos podem ser entendidos como “termos que servem para indexar as vozes do narrador e dos personagens” (WORTHAM, 2001, p. 72).

A **citação**, conforme assevera Wortham (2001, p. 72), “combina referência a um falante citado, verbo metapragmático e enunciação citada com o intuito de representar algum exemplo de fala”. A personagem se vozeia por meio de discurso direto ou indireto. Para Moita Lopes (2006b), a citação é uma estratégia que revela os posicionamentos de narradores e personagens. Ou seja, “identifica o personagem como um tipo de pessoa que fala com certa voz” (WORTHAM, 2001, p. 73).

Para avaliar e posicionar o narrador em relação aos personagens temos os **índices avaliativos**. De acordo com Wortham (2001, p. 73), a escolha de “itens lexicais, construções gramaticais, sotaques e outros fatores linguísticos (...) possibilita ao falante indexar suas ocupações, origens regionais, gêneros etc.” Afirma ainda que esses índices “não só indexam vozes particulares, mas também posicionam o narrador em relação a elas” (p. 74). Eles associam o narrador “a certos tipos de pessoas” (MOITA LOPES, 2006b, p. 297).

Finalmente, a **modalização epistêmica**, segundo Wortham (2001, p. 74), “compara o estado epistemológico do narrador no evento de contar e no evento narrado”. Como explica Moita Lopes (2006b, p. 298), “os narradores podem estar situados como participantes privilegiados ou como participantes contingentes no evento narrado e no evento de contar”. Trata-se, de “uma formulação que localiza o evento fora do tempo e do espaço. É um trabalho que pode ser feito gramaticalmente, por meio de verbos que expressem o tempo da ação ou por outras formas linguísticas” (WORTHAM, 2001, p. 74).

Essas pistas serão utilizadas neste trabalho para construir uma interpretação dos posicionamentos das adolescentes nas interações no grupo focal, e também das performances de corpos/cabelos veiculados nas revistas e utilizados nos eventos de letramentos/grupo focal investigado⁵.

Veja a seguir o quadro que resume a proposta de Wortham (2001):

<p>REFERÊNCIA E PREDICAÇÃO Substantivos / Adjetivos *Posicionar o falante. *Posicionar o personagem em um grupo *Vozear os participantes do grupo do personagem.</p>	<p>DESCRITOR METAPRAGMÁTICO Verbos (nomes) de enunciação *Indexar as vozes. *Avaliar o que foi dito. *Posicionar os falantes e personagens.</p>	<p>CITAÇÃO Voz, fala *Incluir as vozes de personagens *Ventriloquar os personagens. *Posicionar o narrador.</p>
<p>ÍNDICES AVALIATIVOS Adjetivos *Posicionar o falante em relação ao personagem. *Posicionar o personagem. *Avaliar a história/experiência.</p>	<p>MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA Verbos – tempo da ação *Mostrar o acesso do narrador ao evento narrado. *Mostrar o narrador como espectador/participante privilegiado ou participante contingente.</p>	

Quadro 2 – Pistas de posicionamentos interacionais (WORTHAM, 2001)

⁵ Nessa perspectiva, apresento, no capítulo 5, uma análise das performances narrativas dos textos das revistas para situar as cenas analisadas.

Embora as pistas ajudem a observar os posicionamentos linguísticos, cabe destacar que não são suficientes, uma vez que deixam à parte o não-dito de algumas práticas discursivas, os atos e gestos de ritos culturais e modos específicos de significar das pessoas participantes de uma interação ou nelas referidas. Considerando que os indivíduos também se posicionam e são posicionados em uma interação dependendo do contexto e da situação, acredito que as pistas interacionais precisam ser associadas ao construto teórico da performance, principalmente quando se trata de um contexto em que há complexidade cultural e discursiva em jogo, como é o caso dos eventos de letramentos que esta pesquisa focaliza.

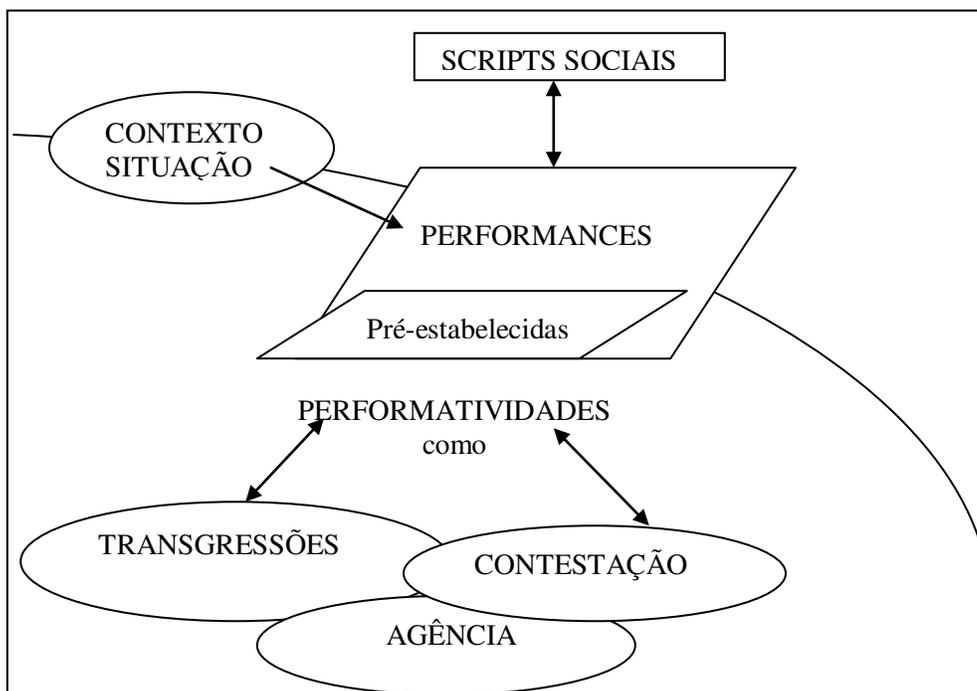
Finalmente, o terceiro olhar, descrito por Worthen (1995), segue um viés diferente dos anteriores: em vez de observar os posicionamentos em narrativas, o pesquisador focaliza performances teatrais e defende que “os corpos e suas performances são produzidos como um texto” (p. 14). Se as performances são produções que veiculam significados, é central para o autor a forma como os textos são construídos. Se os textos/performances são “um campo de produção” (p. 15), os performers são sujeitos que exercem papéis, isto é, que se posicionam.

A partir da descrição da performance como texto e como lugar de interação pode-se inferir que nesses locais os posicionamentos se materializam ou que neles há construção de significados. Worthen (1995) problematiza o fato de que, para ser produzido no palco, um texto é suscetível à mudança, chamando a atenção para os estudos textuais que abordam tanto o relacionamento entre texto e objetos materiais quanto a suposta autoridade do texto e do trabalho autoral. De acordo com Worthen (1995, p. 20), “texto é sempre um campo de transgressão”, e o que os atores fazem não é simplesmente representar, segundo um roteiro, um papel criado pelo autor da peça teatral. Como explica Worthen (1995, p. 164), “texto é um espaço social no qual não há linguagem segura” já que é campo de ação. Quando os performers entram no palco, acrescenta, “não há autenticidade, a autoridade está na própria performance” (p. 22).

O papel agentivo e transgressivo desses sujeitos é relevante neste trabalho, porque, em uma interação social, eles não só realizam as performances socialmente construídas, como também podem rejeitar posicionamentos imputados e ocupar novos, quando decidem que encenações querem realizar. O que desejo argumentar com essa noção

é que, embora dada sociedade tenha previsto as performances a assumir na vida social – com base em sua raça, cultura, gênero/sexualidade, classe social e religião – os indivíduos podem recusar-se a reproduzir esses papéis e ensaiar outras performances nas quais ocuparão posicionamentos conforme seus objetivos na performance.

Abaixo o quadro que resume a noção acima:



Quadro 3 - Scripts sociais

Esses três modos de olhar os posicionamentos, uma vez combinados, possibilitam a compreensão da complexidade de posicionamentos que ocorrem em uma mesma performance, nas quais os sujeitos podem tomar posicionamentos contraditórios, pois suas ações acompanham a dinâmica com que as pessoas vão se tornando quem são ou querem ser. Nesse tocante, avalio que um só modo de olhar os posicionamentos não basta para interpretar esse complexo e defendo a necessidade de uma combinação das pistas interacionais linguísticas apontadas por Wortham (2001), contudo, entendo que há necessidade de considerar outras semioses e jogos corpóreos, culturais e situacionais que essas pistas não serão capazes de precisar.

Quando o campo de investigação constitui uma realidade social complexa como a que investigo, moldada por valores e crenças como a do tabu da raça, da democracia racial, da suposta naturalização da superioridade dos brancos (supremacia branca) por

culturas e grupos sociais vulneráveis, as pistas interacionais (linguísticas) de Wortham (2001) não são suficientes. Nesse contexto, creio que as racializações hegemônicas/impostas não se dão somente pelas ações verbais – até porque esse é um momento social em que as pessoas estão preocupadas em ser politicamente corretas –, mas também, e mais vezes, por meio de outras semioses que envolvem, por exemplo, a (não) inserção de sujeitos negros nas diversas esferas sociais⁶, além do apagamento/invisibilização dos sujeitos negros nas revistas, nos contextos sociais de prestígio, nos trabalhos mais bem remunerados, e levando ainda a uma não elucidação dos problemas que os sujeitos negros enfrentam na vida social cotidiana, porque são negros nessa sociedade. Nesta investigação, portanto, utilizo também os tipos de posicionamentos descritos por Van Langenhove e Harré (1999), que ajudam a compreender se o posicionamento é agentivo ou “imposto”, e se é motivado por uma intenção moral ou pelos objetivos de um projeto identitário da própria pessoa – considerando seus interlocutores e as instituições sociais em que os eventos sociais se dão, além das crenças e valores que sustentam as instituições sociais de que essa pessoa participa, modelando seus posicionamentos sociais.

A combinação desses dois estudos – o de Wortham e o de Van Langenhove e Harré – é importante porque juntos permitem considerar, além da linguagem, os julgamentos morais, os propósitos dos indivíduos e outros fatores como o contexto e a situação da conversa, em colaboração com os efeitos de sentidos decorrentes dos posicionamentos que os sujeitos ocupam. Entretanto, mesmo essa combinação não explica todos os fenômenos da vida social. É o caso, por exemplo, de situações em que as pessoas estão reivindicando localizações sociais que transgridem os posicionamentos sociais que ocupam e que seguem uma perspectiva tradicional e estereotipada de estar no mundo. As pistas interacionais de Wortham (2001) ajudam a mostrar os posicionamentos sociais em dada conversa, mas não contribuem para a construção de interpretações sobre as formas como as pessoas contestam os posicionamentos que lhes são impostos nessa conversa.

Venho acreditando que apenas as performatividades conseguem explicar tais formas, porque combinam o que Butler (1999/1990) chama de “declarar ser” e “fazer”, em que os sujeitos sociais se posicionam em um entre-lugar social de forma que ficam

⁶ Questão a ser desenvolvida na seção 2.3.2.

desestabilizadas as possibilidades de manutenção do efeito de verdade dos estereótipos. Nesse entre-lugar, descongelam-se as estilizações e, em vez disso, tornam-se possivelmente reais novas materializações até então consideradas impossíveis ou entendidas como aberrações, perversidades. Além disso, rompem-se as possibilidades de um *continuum*, de binarismos e essencializações; ou seja, as performatividades colocam as alternativas além de simples alternativas.

Trago, portanto, para a minha consideração sobre a noção de posicionamento, a discussão de Worthen (1995) sobre as performances teatrais, crucial para a compreensão dos posicionamentos transgressivos dos sujeitos. O estudo desse autor mostra que na performance há construção de significados, além da possibilidade de refutação do trabalho dos autores de textos teatrais e dos roteiros por eles criados. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que as performances são textos transgressivos, contestadores e que os atores têm voz na produção de textos e roteiros. Também é preciso considerar as circunstâncias das tomadas de posições, levando em conta as influências institucionais, o domínio de algum participante na interação e intenções do falante e a própria performance, que contribui para os posicionamentos e é um campo de embates e negociações identitárias.

Para construir uma dinâmica de olhar para os modos como as pessoas estão localizadas em uma interação social, tentando compilar todas as ações e os propósitos possivelmente empregados, incluindo posicionamentos transgressivos e contestatórios, baseio-me na noção que chamo de Posicionamento do Ator. A partir dessa noção – fundamentada na teoria de performance e performatividade de Worthen (1995), a partir de Butler (1999/1990) –, considero que há um posicionamento transgressivo quando a pessoa encena performatividades que vão contra os roteiros pré-estabelecidos, segundo os cânones sociais, levando em consideração a raça, o gênero/sexualidade a classe socioeconômica e a religião daquele que atua em uma performance/performatividade. Ou seja, o sujeito cria um roteiro social novo, diferente daquele esperado, contrariando as performances dominantes, repetidamente feitas naquele contexto por aquele tipo de ator. Já o posicionamento contestatório ocorre quando o sujeito que faz a performance questiona os roteiros sociais pré-estabelecidos e se posiciona reivindicando outros lugares sociais. Em outras palavras, o posicionamento contestatório é tomado a partir da indignação de um sujeito social em relação aos modos como se vê posicionado em um contexto e/ou interação e, então,

reivindica outro posicionamento. Importa destacar que ambos os posicionamentos revelam o sujeito social como um ser agente, que toma posição em direção aos seus próprios projetos identitários. Nessa perspectiva, tanto o posicionamento transgressivo quanto o posicionamento contestatório são aqui entendidos como performatividades, porque criam novas realidades sociais e não contribuem para congelar identificações socialmente construídas com base nos cânones.

Com base ainda na noção de posicionamento de Wortham (2001), considero que nas interações sociais ocorrem dois tipos de posicionamento, o do outro e o do falante. O outro da interação, ou seja, o interlocutor e/ou o sujeito referido em uma interação é posicionado pelas pistas linguísticas – referência e predicação, citação e descritores metapragmáticos – e, por vezes, por meio de índices avaliativos e por modalização epistêmica. O falante é geralmente posicionado por meio de índices avaliativos, por modalização epistêmica. Observo, também, que há uma pista que não se encaixa nas categorias propostas por Wortham (2001), e que denominei Marcas lexicais, sintáticas e coesivas. Trata-se de marcas discursivas que têm uma produtividade relevante nas cenas que analiso e revelam os participantes tomando posicionamentos importantes e tomando agência nos processos de construção identitária. Ressalto ainda que, entre as pistas de Wortham (2001), os índices avaliativos e a modalização epistêmica podem ser usados como estratégias de tomada de agência na interação, embora o autor tenha falado apenas em agência no ato de narrar.

Quanto à noção de posicionamento de Van Langenhove e Harrè (1999), sintetizei-a e ressignifiquei-a nos seguintes tipos: autoposicionamento, termo também empregado pelos autores para se referir a posicionamento de primeira ordem; posicionamento deliberado, usado pelos autores também como posicionamento reflexivo; posicionamento regulado/relacional, para indicar um posicionamento segundo as crenças e valores da instituição social em que se realiza o evento ou de instituições em que o indivíduo se insere; posicionamento interessado, quando um sujeito se coloca ou se permite ficar em determinado posicionamento segundo seus propósitos naquela interação ou seus projetos pessoais – considerando as vantagens que possa conquistar futuramente, ainda que não seja o posicionamento que gostaria de ocupar naquele momento; e, finalmente, posicionamento naturalizado, tomado em conformidade com o senso comum para aquele

tipo de sujeito social ou para pessoas que agem naquele tipo de interação – é o caso, por exemplo, de um homem ocupando o papel de dominante em um casamento heterossexual. Ressalto que todos esses posicionamentos com base nos dois autores são aqui vistos como podendo revelar um reposicionamento.

Na linha desta proposta de combinar os três modos de construir o conceito de posicionamento, uma última consideração. Embora Van Langenhove e Harrè (1999) e Worthen (1995) não explicitem a questão interacional em sua análise de dados, faço por vezes menção a esse termo, porque me alinho a Wortham (2001), e porque considero que os posicionamentos que um sujeito toma ou assume são sempre modelados pelo(s) outro(s) com quem ele interage ou para quem conta uma história. Wortham (2001) advoga as narrativas como espaço de agência. Além disso, observo que as pistas interacionais que apresenta são geralmente ações discursivas do falante colocando o outro em um dado posicionamento. Algumas pistas permitem também o posicionamento do falante, mas aparentemente para justificar o posicionamento em que coloca o outro. Quanto a Van Langenhove e Harrè (1999), basicamente observo que há dois modos de se posicionar na conversa, o posicionamento deliberado e o posicionamento forçado, que representa um posicionamento submisso. Os autores explicam que o autopoicionamento pode ser reflexivo porque seria um reposicionamento, havendo aí um espaço de agência, entretanto, todos os outros tipos de posicionamento (à exceção do auto-posicionamento deliberado e o reflexivo) são, a meu ver, posicionamentos que não traduzem uma agência, pois não levam à transformação. Eles podem até ser entendidos como agentes considerando que as pessoas estão se posicionando, mas parecem posicionamentos para evitar um confronto, para mostrar uma conformação com o posicionamento que lhe foi dado por alguém na conversa ou uma conformação com as regras institucionais, por exemplo.

Em contrapartida, Worthen (1995) chama a atenção para a ação agentiva daqueles que fazem as performances, porque, ainda que tenham recebido seus roteiros prontos – dados pelos escritores, no caso da performance teatral – ou criados pelas culturas, no caso das performances sociais de identidades nas esferas contextuais em que se inserem, criam/recriam os roteiros, acrescentam ações/falas e acabam encenando histórias novas, diferentes. Sendo assim, na perspectiva de Worthen (1995) os posicionamentos nas performances mostram as pessoas tomando agência sobre as ações que lhes são esperadas.

Veja abaixo um quadro com essa proposta de tipos de posicionamentos:

Posicionamento

Base: WORTHEN (1995), BUTLER (1999/1990)

Posicionamento do ator - Script
<i>Posicionamento transgressivo</i>
<i>Posicionamento contestatório</i>

Performativos/Peformatividades



Posicionamento

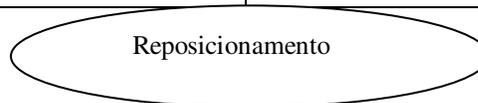
Base: WORTHAM (2001)

Posicionamento	Pistas Interacionais
do outro	* Referência e predicação * Citação * Descritores metapragmáticos
do falante	* Índices avaliativos * Modalização epistêmica * <i>Marcas lexicais, sintáticas e coesivas</i>

Posicionamento

Base: VAN LANGENHOVE e HARRÈ (1999)

Posicionamento Social	
*Autoposicionamento	* <i>Posicionamento regulad/ relacional</i>
*Posicionamento Deliberado	* <i>Posicionamento interessado</i>
	* <i>Posicionamento naturalizado</i>



Quadro 4 - Proposta de tipos de posicionamentos para a análise de dados

Observação: No quadro acima usei fonte em itálico e negrito para indicar as inserções /mudanças propostas para as análises realizadas neste trabalho.

2.2 TEORIZANDO PERFORMANCE E PERFORMATIVIDADE: GÊNEROS / SEXUALIDADES

A teoria de performance vem sendo apontada como uma alternativa às teorizações abalizadas por conceitos de identidades sociais que seguem uma perspectiva essencializada (cf. MOITA LOPES, 2010) das identificações dos sujeitos sociais. Se

performance é encenação, a repetição estilizada de atos é uma realização performativa, e é nesse sentido que o conceito de performance é desenvolvido no trabalho de Butler (1999/1990), e tem como base a chamada teoria dos atos de fala (AUSTIN, 1962). Segundo Bial (2003, p. 57), performance é um conceito útil na construção de conhecimentos sobre fenômenos sociais e refere-se a “qualquer atividade que envolve uma apresentação de palavras ou ações ensaiadas ou preestabelecidas” (BIAL, 2003, p. 57). É uma atividade em que “um tipo particular de atores tem alguma influência nos observadores”.

O termo *performativo*, cunhado por Austin (1962), nomeia atos de fala que realizam o que se diz ou que desempenham uma ação no fazer. Segundo Austin (1962), a linguagem é formada por enunciados performativos, ou seja, por enunciados que criam realidades sociais por meio da repetição de atos. Dito de outra maneira, a linguagem constrói os significados das enunciações que, supostamente, seriam apenas descrições ou declarações. Por meio desse raciocínio, o filósofo separa os enunciados em dois tipos, constativos e performativos. Os constativos são aqueles em que um falante declara ou descreve alguma coisa, enquanto os performativos produzem coisas no ato em que são proferidos, no próprio ato de dizer.

Os enunciados performativos são atos que têm uma eficácia, fazem coisas ou, ainda, têm consequências. Entretanto, conforme explica Austin (1962), para que façam coisas ou criem realidades sociais não basta o proferimento, é necessário que obedeça a determinadas condições e regras socialmente convencionadas e seja proferido em circunstâncias adequadas. Para o autor, as palavras têm força performativa, mas, para que constituam ‘performativos felizes’, devem ser proferidas nas condições resumidas a seguir⁷: existir um procedimento convencional aceito por todos, que tenha um efeito convencional que inclua o proferimento de certos enunciados considerando pessoas e circunstâncias apropriadas; o proferimento deve ser executado corretamente e completamente por todos os envolvidos no ato; finalmente, mesmo que se observem as pessoas e circunstâncias apropriadas, deve-se considerar ainda a possibilidade de haver abusos como, por exemplo, prometer sem ter a intenção de cumprir (pp. 14-16). De acordo com o autor, a violação de

⁷ É preciso considerar que Austin questiona algumas de suas próprias regras. Neste trabalho não discutiremos a questão das intenções e insinceridades.

uma dessas regras não resulta em um enunciado falso (que se opõe a verdadeiro), mas em um performativo infeliz (e não feliz).

As enunciações são atos de fala que consistem em três aspectos, a saber, a) ato locucionário – quando uma pessoa diz alguma coisa com certo sentido e referência; b) ato ilocucionário – quando uma pessoa faz o que diz (informa, adverte, ameaça...), conforme a força das convenções e da situação em que enuncia; c) ato perlocucionário – quando uma pessoa faz algo (não necessariamente convencional) por meio do ato de dizer: “O ato perlocucionário sempre inclui alguma consequência (...), algumas das quais podem ser intencionais” (AUSTIN, 1962, p. 107).

Para esclarecer as distinções entre o proferimento performativo e os demais, Austin apresenta a força ilocucionária como sendo uma marca de muitos tipos de enunciações. Uma declaração cotidiana, por exemplo, pode ter a força ilocucionária de uma questão ou de uma ordem, quando se leva em consideração a ocasião em que ela é proferida, o contexto geral e a suposta intenção da enunciação do falante.

Butler (2008/1990) se apropria da noção de performance construída por Austin (1962) para problematizar as construções das identidades sociais de gêneros/sexualidades. Perseguindo o objetivo de desessencializar a ideia de mulher, a autora toma a noção de “performativo [como] um dos modos poderosos e insidiosos em que o sujeito é chamado a ser socialmente, é inaugurado na sociabilidade por uma variedade de interpelações difusas e poderosas” (BUTLER, 1999/1990, p. 125). Em outro trabalho, Butler (2003) explica que “atos performativos são formas de discursos autorizados”, e que “performativos são declarações que não só encenam uma ação, mas conferem poder sobre a ação encenada” (p. 153), de modo que se pode inferir que performativo é qualquer discurso que se caracteriza por ações de poder, ou, ainda nas palavras da autora, “é um domínio em que o poder atua como discurso” (p. 153).

Todavia, de acordo com Butler (2008/1990), as práticas discursivas são realizadas por um sujeito agente, construído no ato e por meio do ato discursivo. Trata-se de um sujeito “com capacidade de mediação reflexiva” (p. 206). Nessa perspectiva, “‘cultura’ e ‘discurso’ enredam o sujeito, mas não o constituem” (p. 206). Para a autora, deve-se considerar que o sujeito que age por meio do discurso é alguém que negocia suas construções sociais, assim, argumenta que os discursos são plurais, coexistem em contextos

temporais, de sorte que possibilitam que os sujeitos ajam, repetindo uma gama de atos esperados, numa variação que instaura uma nova configuração identitária, um reposicionamento. As performatividades objetivam “desestabilizar as identidades substantivas” (BUTLER, 2008/1990, p. 211), e essa é uma abordagem que sustenta a noção de performatividade na qual estou interessada: performatividade como repetição transgressiva que subverte a performance esperada/naturalizada..

Segundo esse entendimento, considerando as configurações de gêneros/sexualidade, Butler (2008/1990) defende que

a tarefa crucial [do feminismo] é a de situar as estratégias de repetição subversiva, afirmar as possibilidades locais de intervenção pela participação precisamente nas práticas de repetição que constituem a identidade e, portanto, apresentar a possibilidade imanente de contestá-las. (p. 212)

Essa proposta de Butler visa à construção de estratégias de performatividade, as quais interessam porque inauguram futuros sociais, em que as identidades sociais não sejam reguladas, congeladas e estilizadas. A performatividade cria brechas para subverter as identidades sociais e para, além delas, traçar novas identificações. Como elucida Butler (2008/1990, p. 213), “a tarefa é redescrever as possibilidades que já existem, mas existem dentro de domínios culturais apontados como culturalmente ininteligíveis e impossíveis”.

A performatividade se refere “às principais condições subjacentes que tornam a performance possível, é a virtude pela qual uma performance é bem sucedida ou não” (CAMERON e KULICK, 2003, citado por PENNYCOOK, 2007, p. 58), assim, a noção de performance pressupõe a de performatividade, e esta sugere que as identidades são formadas nas situacionalidades linguísticas performativas. Os eventos discursivos são constituintes de performatividade, uma vez que as práticas discursivas em que os sujeitos se inserem e atuam possibilitam que performances sejam ou não encenadas. Nesse sentido, parafraseando Austin, declarar é construir realidades sociais.

O ponto de vista de performance/performatividade (BUTLER, 1999/1990) é aqui entendido como mais produtivo do que a noção de identidades sociais (HALL, 2000). A noção de performances – como encenações repetidas em um dado contexto e situação de modo a constituir uma substância e ser vista como natural (cf. BUTLER, 1999/1990) – desestabiliza a noção de que os indivíduos são sujeitos de uma determinada identidade. Ou

seja, a noção que se tem do que seja ser mulher em uma sociedade é criada com base no que a cultura local naturalizou, por meio de uma gama de atos repetidos que substanciam a noção social de mulher. Assim, construir uma identidade feminina nada mais é que repetir os atos que foram cultural e socialmente legitimados em um dado contexto como sendo atos do gênero feminino. É para evocar essa interpretação que Butler (1999/1990) cita Simone de Beauvoir “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Infere-se, então, que não existe o ser social mulher, esse sujeito é uma criação.

Tanto a noção de performance quanto a de identidade têm como elemento base o discurso. Contudo, na perspectiva da performance, o discurso que cria realidades sociais é que interessa, enquanto na perspectiva de identidades sociais, qualquer discurso é visto como ação no mundo. Assim, na perspectiva da performance, ser sujeito de uma identidade social é declarar ser, é fazer (BUTLER, 1999/1990). Dessa forma, a noção de performance/performatividade vai além de entender o sujeito como tendo uma identidade social, o que exige situá-lo em uma possibilidade de ser no mundo já prevista pela cultura e, portanto, levá-lo a sentir necessidade de se definir como negro, branco, mulher, homem, professor, gay, heterossexual, lésbica, estudante, só para citar alguns exemplos.

Em contrapartida, a noção de performance/performatividade mostra que as encenações de um indivíduo inserido em um mesmo contexto e situação social pode até mesmo prescindir do corpo biológico desse indivíduo, uma vez que não há necessidade de haver coerência com o que a sociedade diz sobre quem esse sujeito é ou deve ser. O ator, ao fazer a performance, localiza-se na cena não como um sujeito criado, mas tornando presente na cena um sujeito que não existia naquele cenário (CHERRY, 2008), ou seja, um sujeito novo, o que antes não era visível. O que estou argumentando aqui é que a ideia de o sujeito poder se reinventar, defendida por Hall (2002), fica evidente quando se observam as performances nas interações analisadas no capítulo 5 desta tese. Nessa ótica, o ator pode ter recebido os roteiros que a sociedade e a cultura cria e naturaliza, todavia, em uma encenação, há uma série de possibilidades de ser/tornar-se de tal forma que a noção de que as identidades são fluidas (HALL, 2000) se materializa de fato.

A noção de performance/performatividade, como aponta Moita Lopes (2010, p. 131) está “no cerne de terrorizações discursivas (não-essencialistas) das identidades sociais”, pois quebra os polos do *continuum* sexo – gênero, cor da pele/textura dos cabelos

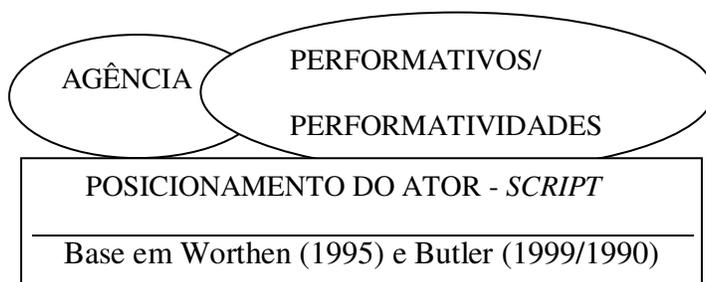
– raça. O ator, como um sujeito indeterminado, pode fazer qualquer papel, pode ser qualquer pessoa, tornando possíveis múltiplas identificações em um mesmo lugar e a um só tempo. As performances desvelam as naturalizações de raça e de gênero que uma sociedade e cultura cria e abre fissuras para que futuros sociais sejam inaugurados no aqui e agora da encenação.

A noção de performatividade oferece um modo de pensar os relacionamentos entre linguagem e identidade que enfatiza a força produtiva da linguagem na constituição da identidade (PENNYCOOK, 2007, p. 70). Se cremos que nossas identidades sociais são construídas discursivamente, podemos dizer que é na performance que elas se manifestam e que a performatividade, tal como entendida por Butler (1999/1990, p. 125), oferece-nos modos importantes de entender as categorias locais contingenciais de formação da identidade. Para a autora, essa noção abre um modo de pensar a linguagem e a identidade que permite desestabilizar categorias fundamentalistas. Entendo que essa desestabilização ocorre, porque, como afirma Pennycook (2007, p. 70) “não somos como somos por causa de algo inerente, mas por causa do que fazemos”. O trabalho de Butler (1999/1990) também ajuda a entender como os gêneros sociais estão “interpelados” por discursos performativos. A autora argumenta que atos de fala como “É uma menina!” carregam uma gama de ações que essa pessoa deve perfazer uma vez que tenha sido inserida na categoria “menina”. Isso leva a pensar os efeitos da linguagem em termos do que a linguagem faz e de que efeitos ela traz (PENNYCOOK, 2006, p. 76). Para Butler (1999/1990), ‘gênero’ é performativo, na medida em que constituir a identidade é declarar ser. Nesse sentido, gênero “é a estilização repetida do corpo, uma série de atos repetidos em um frame regulador rígido que congela sobre o tempo para produzir a aparência da substância, de um tipo natural de ser” (BUTLER, 1999/1990, p. 33). Essa visão me interessa, porque quero interpretar os modos como as supostas peculiaridades de raça e gênero/sexualidade das adolescentes participantes desta pesquisa não são um dado ou algo concreto, ao contrário, são o que elas fazem quando co-constroem sentidos de textos midiáticos. Assim, busco construir com a noção de performance conhecimentos de como as feminilidades negras, em dada interação, são constituídas por meio das palavras e imagens midiáticas performativas. Quanto à noção de performatividade, Butler (2003, p. 153) faz referência às principais

condições subjacentes que tornam a performance possível, ou a virtude pela qual uma performance é bem sucedida ou não.

Adotei em trabalhos anteriores (COSTA DE PAULA, 2002, 2003) uma abordagem sociocontrucionista das identidades sociais, o que significa considerar que as identidades sociais são sócio-historicamente marcadas (MOITA LOPES, 1998), múltiplas, fluidas, multifacetadas e podem ser até mesmo contraditórias (HALL, 2000). Nesse contexto, muitos pesquisadores vêm adotando teorizações menos essencialistas, capazes de contemplar as constantes reconstruções das pessoas nas sociabilidades em que se inserem, na medida em que se entende que não somos homens ou mulheres, negros ou brancos, e que estamos constantemente engajados em projetos que refletem um contínuo tornar-se. Como observa Moita Lopes (2010, p. 131) “no cerne de teorizações discursivas (não-essencialistas) das identidades sociais, está a visão de gênero como performances.

Cabe ainda ressaltar que as performances de identidade longe de serem representações de um indivíduo para outro(s), são um “tipo de teatro puro, em que todas as coisas, tais como, conceito e realização, têm valor de existência somente na proporção de seu grau de objeção no palco” (ARTAUD, 1958, *apud*, WORTHEN, 2006, p. 10). Assim, entender gêneros/ sexualidades como performativos significa crer que novos modos de identificação podem ser encenados como performatividades que se constituem por meio de tomadas de agência, uma vez que os indivíduos não são vistos como simplesmente representando roteiros prontos. No palco situacional e fugaz, diante de seu contexto imediato, que é o outro, uma pessoa cria novas performances de identidades, ou seja, se (re-)constrói.



Quadro 5 – Posicionamento com base na noção de Performatividade

Nessa visão, acredita-se que o sujeito não é determinado pelas regras por meio das quais é generificado, e que os gêneros/sexualidades não podem ser entendidos como destino (MOITA LOPES, 2008), porque a significação não é um ato fundante, mas um processo regulado por repetição (BUTLER, 1999 citada por PENNYCOOK, 2006, p. 72).

Embora muitos autores estabeleçam distinção entre gênero e sexo, Butler (1999/1990) desfaz tal distinção defendendo que ambos são socioculturais, ou seja, são construções. Isso significa que gênero não está acoplado a sexo como marca biológica, como argumenta o discurso da heterossexualidade presumida, que veicula a ideia de haver um contínuo entre sexo, gênero e desejo (BUTLER, 1999/1990). Para a autora, um fator que define o gênero é a direção tomada pelo desejo e, portanto, os indivíduos podem se constituir de múltiplas formas. Em outras palavras, o modo butleriano de pensar gêneros/sexualidades interessa porque contesta a crença na heterossexualidade, segundo o senso comum, de que haveria uma matriz para se interpretar todos os sentidos atribuídos aos gêneros/sexos em uma dada cultura.

Neste trabalho, entendo gêneros/sexualidades como construção social e cultural, e argumento as identidades de gênero a partir da noção de performance proposta por Butler (1999/1990), segundo a qual as identidades implicam uma série de atos repetidos, por meio dos quais são estilizadas, como ocorre com as identidades de gênero, “produtos sedimentados dos atos repetidos de identidade” (PENNYCOOK, 2006, p. 73).

Nos eventos do cotidiano, os sujeitos sociais estão constantemente posicionando uns aos outros conforme padrões dominantes de masculinidades e de feminilidades. Sendo assim, cabe ressaltar que “gênero nunca é estático, mas é produzido ativamente na interação com os outros no cotidiano de nossas vidas quando os falantes são vistos performando masculinidades e feminilidades” (THORNBORROW, COATES, 2005, p. 9). Além disso, apontando diferenças de performances das masculinidades em relação às das feminilidades os sujeitos encenam versões do que Moita Lopes (2001) chamou de “masculinidade imaginada”, ideal de matriz a que se tenta responder. Assim, nas performances, os sujeitos adotam máscaras para possíveis (re-)construções de si mesmo, desvelando novas possibilidades de vivenciar identidades sociais alternativas de gêneros/sexualidades, por exemplo.

2.3 INTRODUZINDO PERFORMANCES DE RAÇA: RACIALIZAÇÕES

Nos diversos contextos interacionais observo pessoas de diferentes classes socioeconômicas, grupos socioculturais e declarantes dos mais diversos credos religiosos e todas estão preocupadas em se mostrar racialmente tolerantes. Parece que neste início de século XXI, posicionar-se como alguém bem resolvido quanto a questões raciais seja uma forma de ser uma pessoa “politicamente correta”.

Uma esfera social que vem tomando a questão racial como tópico importante é a do esporte, particularmente o futebol. Durante a Copa do mundo da África do Sul, foi constante o discurso de comentaristas nos diferentes canais da televisão brasileira dizendo “a seleção alemã está multirracial, multifacetada”. No blog do jornal *O Estadão*, de 13 de junho de 2010, pode-se ler a matéria “Multirracial, e boa de bola. Acostume-se com a nova Alemanha!”. Nela, o autor Luiz Raatz afirma que

a Alemanha torce, unificada, pela sua seleção setenta e quatro anos depois de Jesse Owens provar que Hitler estava errado no Estádio Olímpico de Berlim. O futebol dá no continente africano, em um país livre do *apartheid*, outra prova de que o racismo pode ser definitivamente derrotado.

A moda é outro contexto social que vem construindo debates em torno da questão racial. Em maio de 2009, na São Paulo Fashion Week, foi firmado entre o Ministério Público do Estado de São Paulo e a Organização do São Paulo Fashion Week um Termo de Ajuste de Conduta (TAC) que prevê cota para participação de ao menos 10% de modelos negros nas passarelas⁸. Na semana de moda do Rio de Janeiro, ocorrida na última semana de maio de 2010, as discussões sobre modelos negros roubaram a cena. O estilista Walter Rodrigues fez um desfile com 100% de modelos negros. Com esses dois exemplos, no entanto, não se pode dizer que a questão racial está resolvida. De fato, esses exemplos foram trazidos porque mostram que há em nossa sociedade uma demanda de diferenças abalizadas pela raça e, principalmente, porque revelam um movimento que contraria a política tradicional de silenciamento sobre o racismo e a discriminação racial no Brasil. Na verdade, raça é antes de tudo um tópico delicado e difícil de ser trabalhado

⁸ Cf. site do Ministério Público de São Paulo <http://www.mp.sp.gov.br/portal/noticias/publicações_Noticias/Fotos/tac%20sp%20fashion%20week.pdf>

devido à indeterminação conceitual, às diferenças culturais que envolvem os contextos sociopolíticos em que o termo é usado e, principalmente, devido às questões de poder neles imbricadas.

Nesta seção, focalizo as circunstâncias sociopolíticas que envolveram o surgimento do termo *raça*. Para chegar a esse conceito, apresento primeiramente os dois principais paradigmas que sustentaram os estudos raciais, enfatizando que *raça*, tal como compreendemos hoje, é um conceito relativamente novo, visto que foi construído com os alicerces na diferença. O conceito foi criado inicialmente para categorizar as pessoas. O paradigma humanista – que norteia as ideias Iluministas – e o biológico defendem teorias de essências humanas. O primeiro tinha como princípio a noção de igualdade, propagando a noção de que a humanidade é universal e de que os seres e grupos humanos se distinguem segundo a evolução. Com base nesse princípio, a humanidade é dividida e classificada em grupos que vão dos mais desenvolvidos até os não desenvolvidos. O paradigma biológico tinha suas bases na noção de diferença, segundo a qual, os seres e grupos humanos são constituídos por espécies diferentes em sua essência, constituindo tipos puros e tipos não puros. As formas de se estabelecer uma interpretação das diferenças humanas possibilitavam uma hierarquização dos indivíduos. De fato, aí parece estar um fator relevante para a construção da ideia de que há grupos raciais. Em outras palavras, *raça*, nesse contexto está diretamente relacionada à necessidade de os humanos exercerem domínio uns sobre os outros. *Raça* seria, então, um canal que serviria para estabelecer quem manda e quem obedece em determinada sociabilidade.

Resgato, a seguir, a história do termo, para mostrar que *raça*, como grupo humano, é uma invenção das elites brancas. Uso o termo para me referir aos sujeitos sociais que têm ascendência africana, com base nas concepções de pesquisadores de diferentes campos do conhecimento, a saber, Schwarcz (1993) na Antropologia; Santos (2002) na Filosofia e Psicologia; D'Adesky (2001) na Antropologia Social; Giddens (2005/2001), Guimarães (2003) e Ianni (1988, 2004) na Sociologia, entre outros. Além disso, relaciono *raça* a racismo, e defendo o emprego da noção de *raça* e racialização segundo a proposta de Giddens (2005/2001), para quem racialização é “o processo pelo qual as interpretações de *raça* são empregadas na classificação de indivíduos ou grupo de pessoas” (p. 205), e para quem a vida cotidiana foi racializada por um sistema em que

“emprego, relações pessoais, habitação, serviços de saúde, educação e representação legal são moldados e constrangidos pelas próprias posições racializadas dentro desses sistemas” (p. 206). Finalmente, apresento a concepção de raça como performance, e problematizo discursos atuais de negação do conceito de raça e de defesa de que vivemos em um contexto pós-racial. Pretendo, ainda, contribuir com as discussões teóricas sobre raça, apresentando novos modos de conceituá-la, coerentes, a meu ver, com as relações raciais no Brasil contemporâneo.

Sobre o termo raça, Schwarcz (1993) escreve o capítulo “Uma história de diferenças e desigualdades. As doutrinas raciais do século XIX”, no qual demonstra que o conceito de raça tem base nas diferenças entre indivíduos e grupos de indivíduos. De acordo com a autora, as grandes viagens instauraram um momento de percepção das diferenças entre os homens e as narrativas de viagem são textos que evidenciam isso. Nesse contexto, Schwarcz relaciona os modos como os indivíduos eram percebidos com base no conceito de “perfectabilidade” de Rousseau. Segundo a autora, na teoria humanista, a perfectabilidade indica “a capacidade singular e inerente a todos os homens de sempre se superarem” (SCHWARCZ, 1993, p. 44), partindo de princípio de igualdade. Entretanto, a pesquisadora explica que a perfectabilidade rousseauiana “anunciava os ‘vícios’ da civilização, a origem da desigualdade entre os homens” (SCHWARCZ, 1993, p. 44).

Conforme explica Schwarcz (1993), a partir da Revolução Francesa e do Iluminismo, a reflexão sobre a diversidade se torna central e são estabelecidas as bases para se pensar a humanidade como totalidade. Entretanto, ainda que a unidade humana fosse considerada um entendimento, “uma concepção étnica e cultural estritamente etnocêntrica delineava-se”, e a noção de “degeneração” era utilizada para descrever um desvio, uma patologia (SCHWARCZ, 1993, p. 46). Assim, parece-me que ao lado da questão racial existia uma perspectiva de tomar as diferenças entre os seres humanos para classificar e inferiorizar indivíduos, tendo como pressuposto uma matriz racial que, para estudiosos da época, funcionava como uma norma.

Stocking (1968, citado por SCHWARCZ, 1993, p. 47), observa que “o termo raça é introduzido na literatura no início do século XIX, por Georges Cuvier, inaugurando a ideia da existência de heranças físicas permanentes entre vários grupos humanos”. Desse ponto em diante delineia-se, para Schwarcz (1993, p. 47), uma reorientação intelectual, ou

seja, uma investida contra os pressupostos igualitários da Revolução Francesa. Os intelectuais concentravam-se na ideia de raça como uma noção de povo, e o discurso racial surgia como uma variante do debate sobre a cidadania, pois discorria sobre as determinações do grupo biológico. Santos (2002) também afirma que o mundo foi dividido em raças. Inicialmente, para a autora, o termo objetivou “subdividir a Europa em descendentes de saxões ou normandos, francos, romanos e outros” (p. 49). Nesse caso, raça indicaria tipologias de indivíduos com características variantes de uma mesma raça, passando depois a “ordenar todas as espécies existentes no planeta” (p. 49). Nesse contexto, raça está acima de direitos e torna possível a divisão da humanidade em grupos hierarquicamente posicionados, configurando os tipos caucasianos como a raça superior a qualquer outra.

Com o surgimento da genética, o modo preponderante de entender as diferenças entre os seres humanos como culturais passa a ser confrontado com outras explicações estabelecidas pela biologia, de sorte que as teorias de pensamento sobre as raças passam a ter duas linhas distintas de raciocínio: a monogenista, mais antiga, e a poligenista, emergente. No século XIX, observa Schwarcz (1993), o debate entre essas linhas vem abalar o imaginário social. A pesquisadora explica que a visão monogenista, vigente até a metade do século XIX, defende a humanidade como sendo única, oriunda de uma fonte comum, perfeita e degenerável. Nessa visão, “pensava-se na humanidade como um gradiente – que iria do mais perfeito ao menos perfeito” (SCHWARCZ, 1993, p. 48), mas sem considerar uma ideia de evolução. Entretanto, a partir de meados do século XIX, com base nas ciências biológicas, a hipótese poligenista transforma-se em uma alternativa plausível, em uma teoria que crê na “existência de vários centros de criação, que corresponderiam às diferenças raciais observadas” (SCHWARCZ, 1993, p. 48). Com essa teoria, surgem a fenologia e a antropometria, que “vão interpelar a capacidade humana considerando o tamanho e a proporção do cérebro dos diferentes povos” (pp. 48-49). Os estudos realizados nessa perspectiva teórica adotam métodos quantitativos, as análises afastam-se dos modelos humanistas e, segundo a autora, “estabelecem-se correlações entre conhecimento exterior e interior, entre a superfície do corpo e a profundidade de seu espírito” (p. 49). Essas teorias possibilitam que se instaure um modelo determinista que, com base na observação, começa a relacionar traços biológicos com comportamentos tais como os de

um criminoso e de um louco, estabelecendo conclusões graves sobre indivíduos com base em um traço físico.

Segundo Schwarcz “o poligenismo insistia na idéia de que as diferentes raças humanas constituiriam ‘espécies diversas’, ‘tipos específicos’, não redutíveis seja pela aclimatação, seja pelo cruzamento, a uma única humanidade” (1993, p. 53), e essa indeterminação da raça torna-se uma constante nas ciências, de tal modo que sociedades de pesquisadores vão surgindo e reiterando divisões teóricas. Schwarcz explica que “enquanto as ‘sociedades antropológicas’ pregavam a noção de ‘imutabilidade dos tipos humanos’ os estabelecidos ‘etnólogos’ mantinham-se fieis à hipótese do aprimoramento evolutivo das raças” (p. 53). Somente com a teoria de Darwin o embate entre poligenistas e monogenistas tende a amenizar-se, e o evolucionismo passa a constituir um paradigma. A pesquisadora explica que, enquanto os monogenistas continuam a hierarquizar raças e povos em função de seus diferentes níveis mentais e morais, os poligenistas afirmam que as espécies humanas se separaram há tempo suficiente para configurarem heranças e aptidões diversas. Assim, avalia Schwarcz (1993, p. 55), “essas duas linhas de interpretação escapam da biologia para adentrar questões de cunho político e cultural”, e um aspecto da questão racial a ser problematizado nesse momento social era o da mestiçagem.

Enquanto a etnografia cultural adaptava a noção monogenista aos novos postulados evolucionistas, darwinistas sociais ressuscitavam com nova força as perspectivas poligenistas de inícios do século. Era preciso pensar na antiguidade da ‘seleção natural’ e na nova realidade que se apresentava: a mestiçagem racial (SCHWARCZ, 1993, p. 56).

Para os poligenistas, a mestiçagem é um problema de degeneração, visto que constitui o cruzamento de seres de biologies diferentes, dada a crença de que as características genéticas negativas é que são transmitidas em relações desse tipo. Nessa perspectiva, a miscigenação provocava reflexões sobre a importância de “ver na hibridação um fenômeno a ser evitado” (SCHWARCZ, 1993, p. 57). Cabe problematizar que os fundamentos que nutriam essas teorias parecem oriundos não só da biologia humana, mas também da animal, sugerindo que havia uma tendência a considerar determinados grupos humanos mais próximos do animal que do humano propriamente dito. Tal fato é também evidenciado na obra *A invenção do ser negro*, de Gislene Aparecida dos Santos, na qual a autora lista as descrições sobre os tipos humanos e apresenta, sobre os grupos sociais

negros, uma descrição de Voltaire que em determinada viagem diz estar à procura de um homem e vê animais e negros, e equipara o negro a “um animal preto com lã na cabeça” (SANTOS, 2002, p. 27).

Outra representação teórica disponível nesse contexto é a da antropologia cultural ou etnologia social, que tem como foco central, segundo Schwarcz (1993, p. 57), “a questão da cultura, vista sob uma ótica evolucionista. O grande interesse concentrava-se no desenvolvimento cultural tomado em sua perspectiva comparativa”, e almejava captar o crescimento sociocultural do homem a fim de explicar o desenrolar comum da história humana. O problema é que essa ótica pressupõe um tipo de desenvolvimento obrigatório e único para todos os grupos sociais. Despontam nesse contexto duas grandes escolas deterministas: a geográfica, que defendia a tese de que o desenvolvimento cultural de uma nação seria totalmente condicionado pelo meio; e um determinismo de cunho racial, uma escola denominada “darwinismo social” ou “teoria das raças”, que toma força, e vê de forma pessimista a miscigenação, já que acredita caracteres adquiridos não se transmitem. Ou seja, as raças miscigenadas constituiriam fenômenos finais entendidos como erros. As decorrências lógicas desse tipo de postulado eram: a) enaltecer a existência de “tipos puros”; b) significar a mestiçagem como fenômeno de degeneração não só racial, mas também social.

Em oposição às ideias humanistas, os teóricos partiam de três proposições básicas respaldadas nos ensinamentos de uma antropologia de modelo biológico, explica Schwarcz (1993), tendo como base uma primeira tese que afirmava a realidade das raças, entre as quais haveria a mesma distância encontrada entre o cavalo e o asno. A segunda tese instituía a continuidade entre caracteres físicos e morais, determinando que a divisão do mundo em raças corresponderia a uma divisão entre culturas. E, finalmente, a terceira tese, que aponta a preponderância do grupo “rácio-cultural” ou étnico no comportamento do sujeito, hostil à ideia do arbítrio do sujeito. Essas teses baseiam-se nas diferenças entre os grupos sociais, e busca explicá-las biologicamente ou culturalmente, na medida em que evidenciam que o que diferencia os indivíduos é a cultura que desenvolveram nos seus grupos sociais ou os comportamentos que assumem em suas sociabilidades. Schwarcz (1993, p. 60) ressalta ainda que

esse saber sobre as raças implicou um ideal político, um diagnóstico sobre a submissão ou mesmo a possível eliminação das raças inferiores, que se

converteu em uma espécie de prática avançada do darwinismo social – a eugenia – cuja meta era intervir na reprodução das populações.

As teses defendidas pelos humanistas alimentaram práticas sociais de inferiorização de indivíduos e de grupos de indivíduos envolvendo ações políticas extremas como o genocídio de grupos raciais como judeus, negros, aborígenes e índios. Em outras palavras, podemos dizer que atrocidades como o extermínio de grupos raciais tiveram justificativa científica. Nessa perspectiva, o movimento da eugenia incentivou uma administração científica e racional da hereditariedade. Conforme explica Schwarcz (1993), com base nas ações políticas de controle de grupos raciais e intervenção na hereditariedade, o darwinismo rejeita qualquer processo de miscigenação, e “a antiga noção de ‘perfectabilidade’ do século XVIII ganha, no século XIX uma acepção diversa. Isso implica pensar não em uma qualidade intrínseca ao homem, mas em um atributo próprio das raças civilizadas” (SCHWARCZ, 1993, p. 61). Dessa forma, os conceitos de raça vão sendo redefinidos sempre evidenciando aspectos de diferença e conseqüentemente produzindo discursos de desigualdade.

De acordo com Santos (2002), *A invenção do ser negro*, os iluministas influenciaram o raciocínio contemporâneo, tornando possível a construção da noção de negro como indivíduo posicionado como sujeito político subalterno por sua constituição biológica e cultural. A pesquisadora argumenta que esse ainda é o pensamento vigente na sociedade brasileira para justificar a rejeição ao negro – o posicionamento desse sujeito político foi crucial para a constituição da sociedade brasileira contemporânea.

Para esclarecer essa trama iluminista, a autora trabalha as teorizações de filósofos como Diderot e Voltaire sobre as diferentes origens humanas, construídas com base em fatores como alimentação, clima e hábitos. Nesse contexto, a biologia teria introduzido uma metodologia de investigação científica fundamentada na ideia de que, para estabelecer a existência da espécie, “é preciso conhecer cada parte, cada indivíduo”, e a investigação dessas singularidades baseiam-se “nos aparatos anatômicos de cada uma delas” (SANTOS, 2002, p. 32). Além do homem negro, descrito por Voltaire como um “animal preto com lã na cabeça”, chama atenção a referência aos “amarelos”, cujos cabelos são categorizados como crinas negras (pp. 27-28). Os homens animais dos filósofos são divididos em três categorias: a) cor – relacionada a cabelos, olhos e pele; b) forma e

tamanho – referente a proporções do corpo, estrutura do rosto e cabeça; e, c) inclinações de costumes (p. 31). Foi com base nesses estudos que “surgiram verbetes como ‘negro’, ‘mulato’, ‘África’ e tantos outros que dizem respeito à diversidade humana” (p. 32)

Entre as teorias, ganhou repercussão a de que “cada clima corresponde a um tipo definido de homem”, “as diferenças raciais corresponderiam também a diferenças geográficas, de climas e de costumes”, enquanto “a produção de cultura será considerada mais bem realizada por alguns povos do que por outros” (SANTOS, 2002, p. 33). E assim, parece-me que se cria uma noção de que haveria um continuum entre raça – progresso socioeconômico e cultural – hierarquia social. Santos (2002, p. 45) distingue as proposições que serviram de base para esses estudos filosóficos:

1) há grupos humanos, cujos membros possuem características comuns; 2) há uma continuidade entre o físico e o moral de modo que as raças correspondem a culturas e as diferenças físicas pressupõem diferenças mentais que são transmitidas hereditariamente, 3) há uma dependência do comportamento do indivíduo e o ambiente sociocultural a que pertence; 4) há uma hierarquização das raças com base no etnocentrismo; e, 5) conseqüentemente ao que as proposições acima prescrevem, há de se estabelecer uma política harmônica com esses conhecimentos.

Entretanto, “somente no século XIX o termo raça passa a ser utilizado para designar a ideia de diferenças físicas transmitidas hereditariamente” (SANTOS, 2002, p. 47). Ou, como explica D’Adesky (2001), raça envolve um “consenso que remete simbolicamente a origem comum e a uma continuidade das descendências” (p. 44). Para Santos, os racistas desse século consideram essa evidência das diferenças raciais uma forma de estabelecer distinções sociais. Como assevera Jones (2000/1996, p. 243), “a ideia de raça como demarcação natural e objetiva da diferença entre grupos é a lente pela qual as leis continuam a ver reivindicações pelos negros”.

Assim como a origem da linguagem foi atribuída a entidades divinas, à evolução da espécie, à imitação de sons da natureza, diferentes teorizações foram criadas para justificar a divisão das humanidades. Conforme elucida Santos (2002), uma delas, baseada na tipologia racial, associa metaforicamente as raças às horas do dia: os caucasianos são do dia, os mongóis e turcos do crepúsculo oriental, os índios americanos do

crepúsculo ocidental e os africanos e australianos da noite. Outra teoria⁹ divide as raças humanas em ativas (dominadoras) e passivas, mas foi a teoria de Darwin que, segundo a autora, tornou o enfoque racial preponderante, visto que os princípios da evolução da espécie levaram “os darwinistas a acreditarem na existência de uma raça pura, mais forte e sábia que eliminaria as raças mais fracas e menos sábias, desenvolvendo, portanto, a eugenia” (p. 51), ou seja, essa teoria gerou a crença de que há a superioridade de uma raça em relação às demais. As comprovações da inferioridade da raça negra eram construídas pela biologia, que relacionava o tamanho do crânio e o desenvolvimento das sociedades constituídas por negros. Assim, se no passado há uma crença unânime de que o negro é “o ser mais primitivo na escala evolutiva” (SANTOS, 2002, p. 34), atualmente, as práticas racializadas mostram o mesmo tipo de pensamento. Essa visão é defendida por D’Adesky (2001, p. 45), que reflete sobre o modo como o negro vem sendo posicionado e, nesses termos,

todo indivíduo de origem ou ascendência africana é suscetível de ser discriminado por não corresponder, total ou parcialmente, aos cânones estéticos ocidentais, e cuja projeção de uma imagem inferior ou depreciada representa uma negação de reconhecimento igualitário, bem como a denegação de valor de uma identidade de grupo e de uma herança cultural e uma herança histórica que geram a exclusão e a opressão.

Pode-se, então, afirmar que o racismo, nos moldes como é praticado na contemporaneidade, tem seus fundamentos desenhados no século XVIII quando “o negro seria marcado pela imaginação, sensibilidade e sensualidade e o branco, pela inteligência, praticidade, ética e moral” (SANTOS, 2002, p. 53).

Raça surgiu como estratégia política para exercício de domínio dos povos brancos sobre os não-brancos. De acordo com Giddens (2005/2001, p. 205), “teorias científicas surgiram no final do século XVIII e início do século XIX para justificar a ordem social emergente”. Essas teorias exerceram grande influência no pensamento mundial, e abalizaram políticas raciais adotadas e por grupos de supremacia branca como, por exemplo, a *Ku Klux Klan* e o *apartheid*, nos Estados Unidos, e o *apartheid*, na África do Sul, sem esquecer que essa “ciência racial” (GIDDENS, 2005/20001, p. 205), que deu suporte ao plano de Hitler, só passou a ser desacreditada após a segunda guerra mundial

⁹ Teoria desenvolvida por Carl Gustav Carus (SANTOS, 2002, p. 49).

(GIDDENS, 2005/2001). Segundo Spencer (2000/1996, p. 4) “pessoas negras e pessoas brancas se misturavam na África e na Europa bem antes do Novo Mundo – A “América” - ter sido “descoberta”. Portanto, os negros nunca foram puramente negros e os brancos nunca foram puramente brancos, e nossos usos dessas designações raciais são meramente relativos.

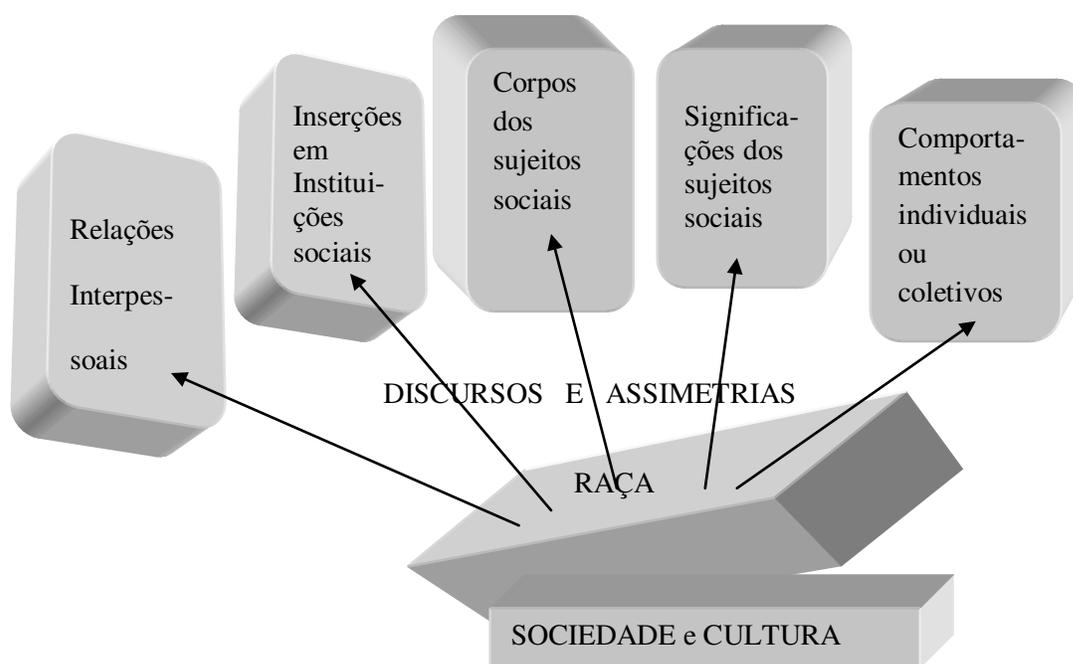
Após a segunda Guerra, a biologia divulgou que “não há raças com contornos definidos” e que, ao invés disso, há entre os humanos “uma gama de variações físicas” originárias da “procriação consanguínea da população” (GIDDENS, 2005/2001, p. 205). Nas palavras de D'Adesky (2001, p. 45), “a biologia defende que as misturas são constantes”, o que explicaria por que, atualmente, “a população mundial é constituída por uma diversidade de tipos físicos”. Essa diversidade física envolve uma gama de fenotípia e de traços, pois “a diversidade genética dentro das populações é tão grande quanto a diversidade entre os traços físicos visíveis” (GIDDENS, 20005/2001).

Entretanto, há grupos sociais que ainda estão interessados em manter essas crenças sobre as constituições das raças, mesmo depois de rejeitadas pela genética e biologia. Esses grupos estão interessados em encontrar justificativas científicas para seu racismo e discriminação de grupos sociais por causa da cor de suas peles ou pela textura de seus cabelos, por exemplo, negando-se a entender que segundo a genética “não existe raça branca ou negra ou latina” (D'ADESKY, 2001). A sociedade científica/intelectual vai então absorvendo a ideia de que “são evidentes os fenótipos que correspondem a manifestações variadas do patrimônio genético – que ensejam a caracterização de 'tipos físicos' ou tipos étnicos variados” (SODRÉ, 1999, p. 193). Embora a biologia e a genética contrariem a ideia de fundamentar em diferenças físicas e raciais a superioridade de um grupo sobre outro, observa-se que ainda, na contemporaneidade, “a raça humana tem algum relacionamento com uma maquiagem biológica, é primariamente um construto sociopolítico, que foi criado e tem sido mantido e modificado pelo poder para sustentar seu grupo como uma casta privilegiada” (SPENCER, 2001/1996, p. 43).

A sociologia, por sua vez, possibilitou um deslocamento das explicações sobre o mundo social baseadas em raça ou clima, em favor de explicações baseadas no social e no cultural (GUIMARÃES, A. 2003), apontando a noção de raça como uma estratégia política que engendra a vida social criando culturas e categorias sociais para reproduzir sistemas de

dominação de um povo pelo outro. Esse entendimento é importante porque me ajuda a estabelecer, do ponto de vista discursivo, uma abordagem da construção do conceito de raça. Ianni (1988), por exemplo, distingue os modos como o africano se transformou em negro e em mulato.

Apresento, a seguir, um quadro que resume a noção de raça discutida.



Quadro 6 – Noções de Raça

Base: GUIMARÃES A (2003); D’ADESKY (2001); SODRÉ (1999); IANNI (1988)

2.3.1. Raça e racializações na sociedade: alguns exemplos

Há grupos de estudiosos afirmando que vivemos em uma sociedade pós-racial (GILROY, 2006), ou que raça é um conceito ultrapassado. Concordo que raça, como conceito biológico, realmente não existe. Entretanto, como construto social, raça é um conceito atual e útil (GUIMARÃES, A. 2003, D’ADESKY, 2001) para aqueles que buscam desenvolver práticas que visam à transformação das sociedades regidas pelos cânones da supremacia branca. Nas palavras de D’Adesky (2001, p. 46), “raça permanece sendo um elemento maior da realidade social, na medida em que emprega, a partir de características físicas visíveis, formas coletivas de diferenciação classificatória e hierárquica que podem

engendrar, às vezes, comportamentos discriminatórios individuais ou coletivos” (D’ADESKY, 2001, p. 46).

Para Ianni (2004, p. 23):

A raça, a racialização e o racismo são produzidos na dinâmica das relações sociais, compreendendo as suas implicações políticas, econômicas, culturais. É a dialética das relações sociais que promove a *metamorfose da etnia em raça*. A ‘raça’ não é uma condição biológica como a etnia, mas uma condição social, psicossocial e cultural, criada, reiterada e desenvolvida na trama das relações sociais, envolvendo jogos de forças sociais e progressos de dominação e apropriação. Racionalizar uns e outros, pela classificação e hierarquização, revela-se inclusive uma técnica política, garantindo a articulação sistêmica em que se fundam as estruturas de poder.

Raça, portanto, é um construto social que se atualiza nas práticas cotidianas em que os indivíduos são discursivamente racializados uns pelos outros. Para Belvedere et al. (2008, p. 34), a raça pode ser percebida nos “discursos que racializam as diferenças”. Exemplificando, pode-se dizer que raça, de fato, existe quando as pessoas são posicionadas inferiormente, porque os olhos racistas enxergam nelas uma pele negra ou amarela.

Racializar ou estigmatizar o “outro” e os “outros” é também politizar as relações cotidianas, recorrentes, em locais de trabalho, estudo e entretenimento; bloqueando relações, possibilidades de participação, inibindo aspirações, mutilando práxis humana, acentuando a alienação de uns e outros, indivíduos e coletividades. Sob todos os aspectos, a ‘raça’ é sempre ‘racialização’, trama de relações no contraponto e nas tensões “identidade”, “alteridade”, “diversidade”, compreendendo integração e fragmentação, hierarquização e alienação (IANNI, 2004, p. 23).

Por extensão, entendo que raça é um conceito que se atualiza quando as pessoas são posicionadas como feias porque possuem determinada textura de cabelos que os olhos racistas aproximam dos cabelos supostamente peculiares aos africanos. Raça existe quando um modelo ouve um “não” quando busca atuar em uma semana de moda porque os olhos racistas dos estilistas enxergam que seu corpo é diferente daquele preconizado nos cânones de beleza, cujas bases são os valores estéticos das branquitudes.

Na perspectiva de que raça existe nas práticas e de que, portanto, é um conceito atual, entendo que raça é um construto político importante para problematizar as relações raciais em nossa sociedade. É para demonstrar isso que defendo que raça é uma prática

discursiva socialmente construída e que almeja posicionar nas margens sociais determinados grupos de pessoas com base em sua corporeidade, ou seja, na cor da pele, textura dos cabelos, forma de seus corpos. Além disso, no senso comum, a raça situa as pessoas por meio das práticas culturais que desenvolvem – dança, música, arte e religião, por exemplo. Assim, uma peculiaridade dessa prática discursiva é seu caráter performativo, visto que os discursos que racializam as pessoas criam realidades sociais que lhes são impostas como um destino.

Nesse tocante é crucial problematizar a noção de raça no Brasil, que me parece que sempre foi e continua sendo uma questão tabu, sobre a qual se deve silenciar. Um fator histórico que contribuiu para a formulação do tabu da raça é a ideologia da democracia racial, que, como explica Hasenbalg (2005, p. 248) difundiu a crença na homogeneização racial da população e desenfatiçou a percepção das divisões raciais. O sociólogo assevera que essa ideologia regeu dois princípios tomados pelos cidadãos como verdadeiros mandamentos: o primeiro sustenta que “em nenhuma circunstância deve ser admitido que a discriminação racial existe no Brasil”; o segundo visa assegurar o cumprimento do primeiro, e aponta que “qualquer expressão de discriminação racial que possa aparecer deve ser sempre atacada como não brasileira” (HASENBALG, 2005, p. 251). Sumarizando, o mito da democracia racial contribuiu para que se forjasse a crença cristalizada de que as demandas raciais não se separam das demandas sociais e de que, portanto, não há problema racial no Brasil; há apenas problemas econômicos e todos os indivíduos são iguais. D’Adesky (2006, p. 72) analisa esse fenômeno do tabu da raça argumentando que falar de racismo no Brasil nas décadas de 1930 até 1980 era visto como um ato de racismo e discriminação. De acordo com o antropólogo, o tabu começa a desaparecer a partir de 1997 com uma mudança em torno da veiculação de ideais do movimento negro nas mídias resultando em políticas afirmativas (p. 73).

Esse tabu é, talvez, a razão pela qual a questão da raça seja posicionada e significada de modo ambivalente e o termo “negro” tenha significados indeterminados, em nossa sociedade. Por exemplo, é comum observarmos pessoas tendo dificuldade de nomear um indivíduo quanto à sua raça, empregando termos como “escurinho” ou “moreno”, porque considera uma ofensa afirmar que alguém é negro. Também são comuns discussões sobre quem é ou não é negro, pontuadas por clichês como “passou de branco é negro”.

Certa vez, numa conversa entre tia e sobrinha, ouvi a tia (professora) declarar que a sobrinha era tão morena que provavelmente era para ter nascido negra, mas que Deus teria tido piedade e a livrara desse castigo. Esses exemplos ajudam a entender que a sociedade brasileira desenvolve ações sociopolíticas, que se constroem tanto em âmbitos cotidianos quanto nos institucionais, sustentadas pela noção de “democracia racial”, pelo “mito das três raças” e pelos discursos científicos de que raça não existe e de que o Brasil não é um país racista. Assim, frequentemente, quando alguém propõe o tópico raça em uma conversa, seja nas práticas cotidianas, nas acadêmicas, e mesmo governamentais, essa pessoa acaba sendo apontada como racista.

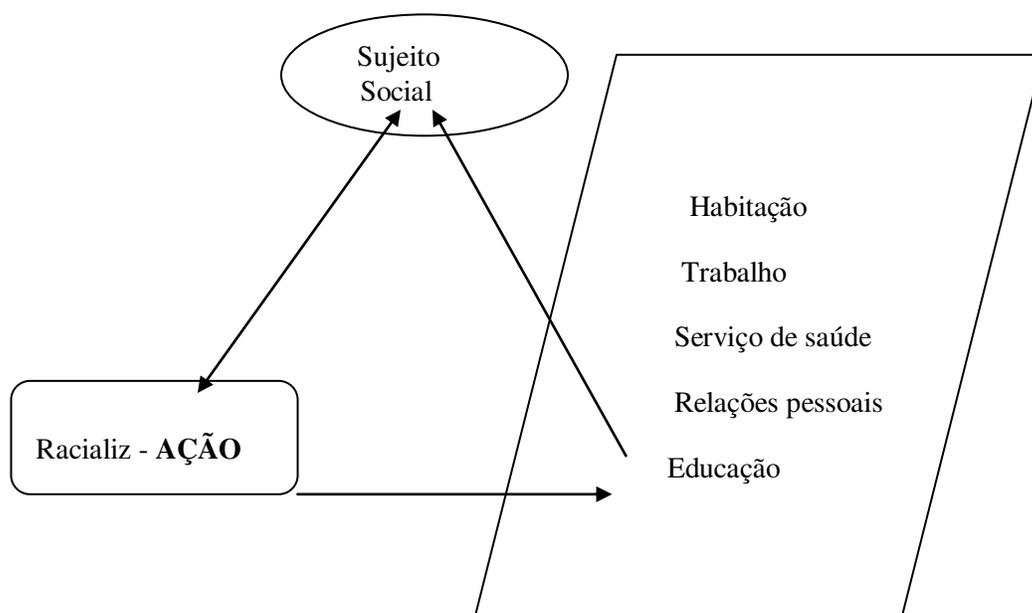
Consequentemente, no Brasil, não é prática comum falar em raça nas famílias, nas igrejas, nas escolas. Raça é um assunto praticamente proibido. Parece que a única possibilidade de a raça ser tema indiscutível é nos estudos da área de história, por exemplo, quando se focaliza a escravidão e as leis a ela relacionadas. Uma prova disso está nos trabalhos acadêmicos que focam a racialidade¹⁰, encontrados em um grande contingente na tematização do escravismo, enquanto um percentual pequeno discute as relações raciais, os modos como os negros e os índios são posicionados na sociedade, no trabalho, nas instituições educacionais, nos acessos à saúde – por causa da cor de sua pele, no caso dos negros; por causa de sua cultura, no caso dos índios. Em outras palavras, esses estudos que tematizam os negros focalizam prioritariamente o negro folclorizado, cujas experiências de sofrimento impostas por sua raça diferem das experiências vivenciadas na contemporaneidade.

Não obstante o silenciamento, um olhar atento às práticas sociais no Brasil revela com nitidez a permanente racialização das pessoas, hierarquicamente posicionadas em conformidade com classificações discriminatórias coletivas, construídas com base nas noções tradicionais de raça. Nessa perspectiva, D’Adesky (2001, p. 133) assevera que “a ideia de raça mantém-se como categoria de referência e hierarquização na sociedade contemporânea”. Em outras palavras, é um olhar vesgo, iluminado pela ideia de raça, que vê as pessoas como amarelas, ou negras, ou indígenas ou brancas, e significa-as de formas desiguais. Cabe ressaltar que esses modos de ver, criados pelas elites sociais brancas, não

¹⁰ De acordo com Giddens (2005/2001, p. 205), racialização é o processo pelo qual as interpretações de raça são empregadas na classificação de indivíduos ou de grupos de pessoas.

são fatos, mas invenções feitas com base em padronizações de valores preconcebidos sobre as pessoas e os grupos socioculturais.

Assim sendo, considero que raça é a materialização de um discurso performativo, construído para posicionar as pessoas em determinadas esferas sociais, com base em traços fenotípicos e ascendência racial. Uma coisa que o discurso performativo de raça faz é qualificar indivíduos por causa da cor de sua pele, formato de seus corpos e textura de seus cabelos. Esse tipo de discurso também nomeia grupos com ascendência africana e/ou traços fenotípicos que lembrem corpos africanos como corpos suscetíveis à violência, ao crime e à hiperssexualização – no caso dos homens – e à promiscuidade, lascividade e hipersensualidade, no caso das mulheres. Por meio de discursos racializados, os negros são frequentemente posicionados em nossa sociedade como corpos feios e, conseqüentemente, invisibilizados. Os discursos cristalizados de raça são, geralmente, estereotipados, racistas, e usados para circunscrever determinados indivíduos a modos de vida e tipos de trabalhos preestabelecidos, de sorte que serão mais felizes se se limitarem a atuar nas circunscrições já dadas. Em outras palavras, quando se limita ao destino que os discursos sociais lhe impõem, certamente terá pouca chance de sofrer o racismo. A seguir, apresento um quadro que mostra como a raça reflete os diversos aspectos da vida social dos indivíduos.



Quadro 7 – Noção de Racialização
Base: GIDDENS (20052001)

Para contextualizar os modos como os corpos negros femininos estão sendo posicionados por meio de discursos raciais, passo a discutir ¹¹ dois fatos de repercussão nacional, referentes à vida cotidiana no Rio de Janeiro, e que funcionam como narrativas que racializam corpos no mundo social. O primeiro fato é uma história que aconteceu há três anos, na Barra da Tijuca, com uma mulher de 32 anos, racialmente posicionada, no senso comum, como mulata. O segundo é a veiculação na rede Globo de televisão, por quinze anos consecutivos, da vinheta da “mulata Globeleza”. O primeiro exemplo tem como personagens uma mulher assalariada e cinco jovens de classe média alta¹². A personagem principal é a mulher, Sirlei, empregada doméstica que viu sua rotina modificada em uma madrugada de junho de 2007 – enquanto aguardava condução em um ponto de ônibus, foi agredida por cinco jovens de classe média alta que subitamente desceram de um carro. A agressão física se deu por meio de socos e pontapés, enquanto que a agressão moral envolveu xingamentos que não foram relatados. Além de física e moralmente desqualificada, a mulher teve sua bolsa tomada pelos cinco jovens (confira a matéria jornalística no anexo).

Abaixo, a foto de Sirlei exibida nos principais jornais brasileiros que noticiaram o ocorrido:



Sirlei exibindo um ferimento no braço foi retirada do site G1. globo.com

Observando o relato de Sirlei, a declaração dos rapazes e a imagem dessa mulher, alguns questionamentos devem ser feitos:

¹¹ Para analisar os fatos que apresento, sigo o olhar interpretativo adotado por Butler, em vídeo veiculado no You Tube, no qual a pesquisadora discute o assassinato de um jovem nos Estados Unidos. Essa interpretação de Butler pode ser conferida no site You Tube, <http://trans-en-tout-genre.20six.fr>

¹² Os relatos da agredida, Sirlei, e dos jovens, dados em depoimento à polícia, conforme matéria veiculada pelo site G1-globo.com, constam, do anexo 3.

- 1) O que a imagem de uma mulher, sozinha, sentada em um ponto de ônibus na madrugada carioca, teria suscitado nos cinco jovens agressores?
- 2) Que haveria nos gestos, no corpo daquela mulher, que teria levado os rapazes a julgar que ela merecia ser agredida, fisicamente, no rosto, na cabeça, nos braços?
- 3) Que sentimento se busca construir no outro lhe ferindo o rosto?
- 4) Havia “traços” no corpo de Sirlei que levaram os jovens a fazer o julgamento de que se tratava de uma prostituta?
- 5) Por que, para aqueles jovens, uma prostituta deveria ser agredida?
- 6) Que teria levado aqueles jovens a exercer uma agressão moral sobre aquela mulher por meio de xingamentos?

Esse acontecimento trágico parece indicar que as ações dos jovens envolvidos estão alicerçadas em padrões de normatização referentes aos papéis sociais racializados dos gêneros/sexualidades na cultura brasileira. Cabe então ressaltar que, nessa interação dos cinco jovens com a empregada Sirlei, parece haver uma relação entre gênero/sexualidade e coerção, de sorte que os cinco jovens agiram com o intuito de assegurar que não houvesse mais a possibilidade de que aquela mulher voltasse a se prostituir¹³. Esse acontecimento na vida de Sirlei é interessante aqui porque evidencia os modos como silenciosamente os corpos são racializados e posicionados na sociedade brasileira, que se coloca orgulhosamente como um país racialmente democrático. Cabe ressaltar que a raça da mulher permaneceu apagada, silenciada em todas as matérias jornalísticas que relataram o fato, na época, confirmando minha observação de que raça é um tópico tabu. Entretanto, em nossa sociedade, a marca racial é às vezes referida segundo a situação e o contexto da prática social em que os sujeitos sociais se inserem.

O segundo exemplo dos posicionamentos dos corpos femininos negros no cotidiano da sociedade brasileira é o da vinheta exibida pela rede Globo de televisão, por 15 anos (sem contar o ano de 1990, em que não havia ainda o termo *Globeleza*, apesar de Valéria Valença ter exibido seu corpo para a vinheta do carnaval dessa rede de televisão), nos períodos pré e durante o carnaval – a *globeleza*. A vinheta da mulata *Globeleza* sempre foi encenada por uma negra que exhibe o corpo nu/pintado, enquanto samba exibindo um rebolado sensual e um sorriso contagiante. A performance é estereotipada, fetichizada, de uma negra “boazuda”, sensual, rebolando e sambando com o corpo pintado, em um jogo de “esconder/revelar” a nudez. Essa mulher é ao mesmo tempo um ícone do carnaval carioca,

¹³ Para construir essa interpretação sobre o acontecimento com Sirlei, utilizo a mesma linha de raciocínio empregada por Butler (no vídeo, anteriormente referido).

um produto de consumo do turismo no Rio de Janeiro, corroborando para uma estilização¹⁴ da suposta promiscuidade da mulher negra.

No contexto dessa vinheta, a mulher negra é construída socialmente como linda, e é até referida por meio de um rótulo, como “uma deusa¹⁵”. Mas esse modo de posicionar a mulher negra parece só ter espaço e fazer sentido no período do carnaval, uma festa entendida pelo senso comum como um momento social em que as pessoas se permitem tudo, em que o sexo é liberado, em que há inversão de valores sociais. Assim, pode-se inferir que a mulher negra é focalizada durante o carnaval, e nessa esfera é posicionada como bonita, em uma atitude de irreverência e carnavalização¹⁶, no sentido bakhtiniano, explicado por Stam (1992, p. 89) como evento que “inverte a ordem, casa opostos sociais e redistribui papéis de acordo com o ‘mundo de ponta cabeça’”. Em outras palavras, a vinheta da mulata Globeleza privilegiou a mulher negra, encenando utopicamente o que se parece saber de antemão que não virá a se tornar realidade, pois, como se vê durante o ano todo nos diversos contextos sociais – e até mesmo em outros contextos de interação social durante o carnaval –, a mulher negra está posicionada nas margens dos discursos sociais cujos valores são regidos por cânones morais e estéticos. Cabe também ressaltar que a vinheta parece revelar que, no palco do samba, a negra vem sendo um corpo que sustenta o capitalismo contemporâneo.

Segue a imagem da primeira vinheta da Globeleza, exibida em 1993.

¹⁴ Sobre Estilização, leia Richard Bauman (1986).

¹⁵ Expressão usada no site: www.saberebomdemais.com/mulatas-globeleza-vinheta-de-1993-a-2008.

¹⁶ “O carnaval na acepção bakhtiniana é o *locus* privilegiado da inversão, em que os marginalizados apropriam-se do centro simbólico, numa espécie de explosão de alteridade” (STAM, 1992, p. 14).



A imagem acima possibilita-nos problematizar alguns traços da performance de Valéria Valenssa. A garota Globeleza apresenta um gestual que aparenta uma forte desinibição, embora esteja nua. Os seios totalmente expostos, enquanto os braços estão abertos e erguidos parecem denotar, em associação com o seu sorriso, um sentimento de satisfação e liberdade. Em outras palavras, a performance da Globeleza é constituída por uma "nudez vestida", com a aparente naturalidade de quem sente prazer em mostrar ao mundo seu corpo nu.

A posição do corpo da garota Globeleza, na imagem, desvela alguns traços que são, no senso comum, racializados. Há um foco em suas coxas, na cintura fortemente marcada, na "bunda" arrebitada no jogo do rebolado. Além disso, focam-se os seios, que a mulata da imagem não tenta, de forma alguma, velar. Assim, essa imagem acaba estabelecendo uma associação entre mulher negra e um corpo promíscuo que se exhibe e é capaz de se entregar com facilidade e prazer. O corpo feminino negro aparece adornado com uma pintura prateada nos tornozelos, punhos, pescoço e na genitália, e com sandálias de cor prata, de saltos muito altos, de modo a revelar o poder de erotização que a mulata teria, de acordo com o senso comum. Outro adorno é o penteado volumoso que destaca a textura crespa, "peculiar aos cabelos" das supostas mulatas. Dessa forma, a cena tornaria mais evidente para os espectadores que se trata de uma mulher da raça negra.

Considerando os traços apontados sobre a performance da Globeleza, acredito que essa vinheta é um instrumento interessante para se construir uma reflexão racializada

sobre o corpo feminino negro. A performance de sambar exibindo uma “nudez vestida” constituiu uma repetição, uma estilização que possibilita a construção de alguns entendimentos sobre a mulher negra em nossa sociedade e, principalmente, faz com que essa performance ganhe uma substância de verdade, perpetuando a ideia de que haveria um *continuum* – mulher negra – erotização – promiscuidade.

A vinheta ainda permite cristalizar a ideia de raça e gênero/sexualidade como um destino, pois mostra a mulher negra seguindo roteiros sociais que já estariam prontos para ela. Esses roteiros são traçados seguindo as estandardizações de senso comum sobre o que uma mulher negra pode ser e sobre o que se espera de uma mulher negra. Essa vinheta, aos olhos de um espectador desavisado, pode significar que a mulher negra na sociedade brasileira é importante, tem espaço na maior rede de televisão do país, mas na verdade apenas contribui para uma cristalização da política do “ficar em seu lugar”. Ou seja, a vinheta reforça o papel da mulher negra de rebolar com sensualidade como nenhuma outra mulher, de expor uma erotização e de ser objeto de consumo no mercado internacional que o contexto do carnaval mobiliza.

Além disso, a vinheta permite fazer algumas inferências sobre os modos como as mídias visuais posicionam a mulher negra no Brasil. A mulata Globeleza demonstrou que há um espaço temporário de visibilidade e valorização do corpo feminino negro – o tempo do carnaval e a esfera social do samba. Apenas nesse contexto situado, a mulher negra teria vez. Infelizmente, essa visibilidade da mulher negra é ideologicamente construída à medida que seu corpo é explorado como objeto de consumo junto com o artefato cultural que é o próprio carnaval. Ambos, mulher negra e carnaval, não passam de “objetos” para esquentar o turismo no Rio de Janeiro. No caso da exploração do corpo feminino negro, vale lembrar que ocorre uma exploração dupla porque visa ao mesmo tempo atrair turistas e aquecer o comércio sexual.

As duas histórias discutidas neste capítulo revelam como as performances de identidades de gênero/sexualidade e raça são repetidas no cotidiano e como contribuem para a cristalização de crenças sociais sobre o que significa ser mulher e negra em nossa sociedade, e sobre os modos convencionalmente aceitos de exercer a feminilidade negra. Em outras palavras, por meio das performances cotidianamente repetidas é que uma pessoa aprende a fazer-se mulher e a fazer-se negra.

Nessa perspectiva, defendo que raça é uma performance. Isso significa que raça se constitui na situação em que uma pessoa interage com outra, em dado contexto social em que estão discursivamente posicionadas em relações de poder. Segundo a visão de performances de identidades, podemos inferir que, nos cenários em que nos inserimos na vida social, as pessoas constantemente fazem performances estilizadas, repetidas, que foram significadas, no senso comum, como próprias das negritudes, ou seja, ganharam substância de que se trata de práticas de pessoas da suposta “cultura” negra. Entender isso é crucial para compreender que não existe de fato a raça, mas que existe um olhar racializado sobre as pessoas, e que tal olhar torna a raça um fato social. Também é possível refletir – tanto na perspectiva do construto de identidade social, tal como defendido por Hall (2000), quanto na linha da teoria da performance (BUTLER, 1999/1990) – que as identidades são discursos que se materializam. Assim, compreendemos que não existe essência de negritude, mas práticas situadas, as quais são racializadas pelos participantes em dada interação.

Os discursos racializados foram construídos para que um grupo sócio-cultural se estabeleça e mantenha poder sobre outro. Frequentemente, as performances de raça naturalizaram algumas esferas de poder, tais como educação formal, trabalhos mais bem remunerados e prestigiados, como se fossem peculiares aos seus grupos socioculturais e estranhos às “minorias” sociais. Há, de fato, uma política racial que norteia as sociedades. Nessa perspectiva, entendo que raça é um construto político importante para problematizar as relações raciais em nossa sociedade, e defendo que se trata de uma prática discursiva socialmente construída, que almeja posicionar nas margens sociais determinados grupos de pessoas com base em sua corporeidade, ou seja, na cor da pele, textura dos cabelos, fora de seus corpos e, ainda, em práticas culturais que desenvolvem, como dança, música, arte e religião, por exemplo. Os discursos que racializam impõem às pessoas realidades sociais um destino.

Raça nunca existiu de fato (como demonstrei na Seção 2.4), entretanto, utilizo o termo raça porque quero me apropriar desse artefato construído pelas elites brancas para contestar os modos como a ordem social é construída em nossa sociedade. Entendo que por meio da ideia de raça uma ordem social é constituída e os indivíduos são hierarquizados com base na cor de sua pele, na textura de seus cabelos, no formato de seus corpos. Além

disso, acredito que raça é um conceito importante para problematizar as circunstâncias em que as pessoas são inseridas ou excluídas de determinadas esferas dependendo de sua ascendência racial e cultural. Em um desfile de moda do Rio, por exemplo, em que se veem poucos corpos negros na passarela, é preciso considerar como os corpos negros são significados na cultura brasileira para interpretar as razões que justificariam não haver modelos negros bonitos em uma cidade marcada pela presença de sujeitos sociais negros. Há duas formas de racializar: a primeira, hegemônica, acontece nas práticas sociais e são constantemente naturalizadas no senso comum – por exemplo, nas situações em que se afirma que o negro tem mais habilidade para ser atleta porque desenvolve músculos mais facilmente; a segunda, política, cria discursos contra as crenças raciais hegemônicas

O ponto de vista discursivo sobre o conceito de raça traz à tona as ideologias, as políticas raciais engendradas. De acordo com Guimarães A. (2003, p. 96), “raças são discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, fisiológicas etc., pelo sangue”. Já Sodré (1999, p. 194) explica que “raça é uma noção culturalmente (e jamais biologicamente) marcada, donde a possibilidade da 'rela o racial', i.e., aquela caracterizada por dissimetria nas rela es hierárquicas e simbólicas entre seres humanos em virtude de diferenças fenotípicas”. O ponto de vista cultural não quer dizer que há uma cultura única, própria de negros, e sim que há modos de pessoas negras se engajarem nas práticas e grupos sociais. A abordagem desses modos   interessante para este trabalho porque possibilita questionar as rela es e intera es dos negros em dada sociedade.   o caso, por exemplo, do terror compartilhado pelos negros nos contextos de diáspora africana, do temor em rela o aos modos como podem ser recebidos e tratados em determinados contextos sociais. A pessoa negra está geralmente ponderando se seria a única pessoa negra em determinado local, e frequentemente temerosa de não ser recebida com respeito em tal loja, ou restaurante. Ambos os pontos de vista são importantes e devem ser considerados em conjunto, porque são assim   possível dar conta do que se faz com um indivíduo ao racializ -lo em sociedades de supremacia branca. Além disso,   considerando as duas visões que se torna possível pensar subpolíticas para as racializa es abalizadas em valores hegemônicos.

O que discuti até este ponto demonstra que o surgimento do termo raça tornou visível para o mundo os modos como as interações entre os grupos sociais são marcadas por relações de poder. Em outras palavras, raça é a nominalização das relações de domínio de determinados grupos socioculturais sobre outros. Raça surgiu como uma estratégia política e deve sempre ser entendida como uma noção inventada com objetivos específicos. Para Machery & Faucher (2005, p. 209), “os conceitos de raça dos seres humanos não ocorrem em um vácuo social”, ou seja, como descreve D' Adesky (2001, p. 134), “raças são artefatos sociopolíticos”. Em outras palavras, são construções culturais que surgem com objetivos prontos, já traçados.

Os seres sociais estão em constante disputa visando determinar quem deve ficar na posição de domínio e quem deve estar no local de obediência. Sempre houve embates humanos em que negros e brancos constroem as diferenças entre as raças considerando as diferenças nos corpos. Entretanto, as performances podem ser utilizadas politicamente para contestar essas diferenças. Em outras palavras, a linguagem, muitas vezes, reforça as desigualdades entre as raças, e os sujeitos também podem significar simbolicamente diferenças que não são de fato diferenças. No contexto em que não se assume que há racismo no Brasil, os discursos de racialização com base nos valores de supremacia branca reforçam a significação de que há um grupo racial, uma crença sobre os sentidos das raças que naturaliza o domínio da raça branca.

Há um movimento de anti-essencialização contra atos culturais e performances padronizadas a partir dos cânones da supremacia branca, “universal”. Surge um momento em que se devem encenar novas performances de identidades raciais e construir símbolos não essencializados do ser negro. Nas fendas sociais é que estão as possibilidades para que o negro se reinvente. Esse ponto de vista é que me possibilita relacionar raça com performance (BUTLER, 2008/1990), no sentido de que declarar é fazer. Assim sendo, passo a discorrer sobre os raciocínios que me levaram a inferir que raça é performance. Toda essa reflexão está engendrada nos modos como Butler desenhou o entendimento de gênero como performance. Ou seja, a *la Butler* eu provooco uma nova maneira de conceituar raça nos Estudos Sociais e, especificamente, na Linguística Aplicada.

Os debates sociais e acadêmicos sobre os significados do conceito de raça revelam os desafios que as racializações evocam na contemporaneidade. Os diferentes

modos de conceituar e teorizar os discursos sobre as raças têm em comum o olhar dicotomizado que pensa o mundo social em duas grandes categorias – branco e negro. E nessa estrutura o poder parece estabelecer suas estratégias de domínio. Em outras palavras as elites brancas estiveram desde sempre no controle do que é raça, quando o termo é interessante e quando deve ser descartado. A contemporaneidade é marcada por discursos – construídos pelas elites hegemônicas – de que raça não existe. Entretanto, essa afirmação se torna problema para o negro que está presente em sociedades de supremacia branca, nas quais ele vivencia diferentes oportunidades de acesso à educação e à saúde. Ele ocupa posições subalternas no trabalho, está alijado de determinados contextos sociais e convive com o temor de sofrer humilhação em determinados espaços sociais. Tudo isso em um mundo social em que se afirma que não há raças. Dessa forma, torna-se necessário questionar o sistema epistemológico e ontológico nos modos como problematizam a questão da raça. As relações interracialistas instauraram um tipo de negro e posicionaram-no como um problema. Se considerarmos os inúmeros clichês sobre os negros no Brasil, e especificamente os clichês sobre as mulheres negras, veremos que a questão da raça exige uma postura epistemológica rigorosa na busca de contra-estratégias de significação e inserção social das negritudes.

Sobre a inserção social das negritudes, podemos ainda observar que as relações raciais, em nosso país – em que 51% da população¹⁷ se declara como tendo origem africana e com mais de 200 povos indígenas, além dos numerosos grupos de ascendência européia ou asiática – possibilitaram a constituição de uma multiplicidade de características físicas das corporeidades brasileiras. Entretanto, essa configuração, por mais que seja complexa, reflete-se mais claramente como determinada por mecanismos de domínio e poder quando se observam as classes médias, os trabalhos de prestígio, as universidades, as mídias visuais. Nesses contextos, contempla-se uma hierarquia de cor, de modo que são posicionados como “melhores” e “belos” os indivíduos que, segundo o senso comum, apresentam a pele o mais próximo do branco, sendo o mais próximo do negro, geralmente, considerado pior.

¹⁷ Conforme se lê no editorial “Ainda desigual”, veiculado no Jornal Folha de São Paulo <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1705201001.htm>

Obedecendo a esse critério, os posicionamentos que vêm sendo impostos aos negros como sujeitos sociais denotam os modos como as relações raciais são constituídas em nosso país. Junto à negação de que há conflitos raciais no Brasil, observam-se as intensas reações das camadas socioeconômicas médias e altas mediante a adoção de políticas afirmativas pelo governo, por meio de cotas para estudantes negros em universidades públicas, estaduais e federais. Enquanto as elites brancas, muitas vezes racistas, gozavam da quase exclusividade do privilégio de cursar o ensino universitário gratuitamente nas melhores universidades do país, jamais questionaram o fato de serem privilegiadas. Jamais reconheceram que não era ético alcançarem seus diplomas com o dinheiro dos impostos pagos em grande parte pelas pessoas de classe trabalhadora que, frequentemente, não exibem diploma de curso universitário. Esse é um privilégio que revela uma injustiça e uma imoralidade jamais questionadas.

Entretanto, essas mesmas elites, contestaram e vêm combatendo ferozmente as cotas para negros, afirmando que não é correto privilegiar uma raça. Nesse contexto, percebe-se que há um conflito racial instaurado. E as elites acirraram, por algumas vezes, o conflito de opiniões, adotando práticas de racismo até então não vistas em nossa história, como as manifestações de estudantes em universidades como a Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por exemplo. Esse foi um conflito interessante, porque as elites brancas desvelaram sua capacidade de sentir ódio, quando viram que a suposta “naturalidade” do privilégio dos grupos brancos estava sendo desestabilizada.

No meu modo de entender, uma forma de conhecer se há ou não conflito nas relações raciais no Brasil está diretamente ligada ao autopoicionamento do negro. Quando as negritudes fazem a política de “ficar em seu lugar”, ou seja, encenam a performance preestabelecida pelas branquitudes, o que se observa nas relações raciais brasileiras é a suposta “democracia racial”. Entretanto, a ação de buscar ocupar outras esferas sociais, por meio de performances que não aquelas impostas aos negros, torna evidente que a chamada “democracia racial” é uma farsa engendrada pelo tabu que nossa sociedade nutre em relação à raça. Desse modo, acredito que as ações afirmativas já trouxeram o benefício de desvelar o racismo oculto nas consciências de muitas elites brancas. As cotas em Universidades, por exemplo, fizeram com que muitos brancos que insistiam em negar o

racismo, afirmando que “a empregada negra é como um membro da família”, “que o melhor amigo(a) é negro(a)”, assumissem outros discursos. Em decorrência do sistema de cotas, o tema racismo entrou, como nunca antes, na pauta de discussão da sociedade brasileira. Esse debate vem provocando abalos nas estruturas do racismo à brasileira, abrindo fissuras e construindo diálogos, e isso é um ganho, na medida em que estereótipos poderão ser quebrados, estigmas desnaturalizados.

Assim, não obstante séculos de silenciamento sobre as relações raciais no Brasil, esse parece ser um momento favorável para a reconstrução dos posicionamentos sociais tanto dos negros quanto dos brancos. Dos primeiros porque pode despertar nas negritudes as possibilidades de construção de novas narrativas sobre ser negro em nossa sociedade. Dos últimos porque desafia as branquitudes a um reconhecimento de que são privilegiados em detrimento de outros grupos raciais, pois em nossa sociedade “a população negra tem que enfrentar a discriminação por meio de: menor acesso a uma educação digna etc.” (VAN DIJK, 2003, p. 160), enquanto os brancos são beneficiados. O discurso político no Brasil contemporâneo vem demonstrando interesse pela necessidade de que os negros ensaiem novas performances, haja vista a criação da Secretaria Especial de Políticas Públicas de Igualdade Racial/SEPPPIR e, ainda, da Fundação Palmares. Todavia, ainda não há práticas políticas efetivas para a mudança.

2.3.2. Performances e performatividades de raça e racializações

Retornando ao conceito de raça, observa-se que as posições sociais dos negros sugerem que a raça se constroi por meio de uma imitação de ações no mundo social que se repetem constantemente de modo a ganhar o teor de realidade. Ou seja, as performances de negritudes em nossa sociedade tanto no cotidiano quanto nas mídias, como por exemplo, nas novelas, retratam um tipo comum de negros, de sorte que desestabilizam a distinção entre natureza e artifício. É com base nesses retratos de negritudes que os discursos sobre a raça operam. Cabe problematizar que ser negro não é uma ação natural, ou seja, biológica, em vez disso, ser negro é uma performance cultural. Isto significa dizer que ser negro é um fazer que se constitui em atos performativos que são discursivamente impelidos e produzidos no corpo e por meio do corpo. Dessa forma, a raça não é uma noção estável.

A racialização compulsória e o etnocentrismo são compreendidos como discursos divergentes que operam na construção da noção de raça e dos posicionamentos dos sujeitos sociais cuja identidade racial indica um alinhamento principal dos indivíduos socialmente vistos como negros uma vez que seus corpos são politicamente construídos. A raça é uma noção que exige um olhar multidisciplinar para que possamos construir um entendimento mais elaborado de raça e principalmente ensaiar modos alternativos às alternativas que existem para que se possa ser um tipo de negro para além das possibilidades que os cânones raciais impõem.

As teorias raciais têm presumido a existência de uma identidade racial definida, compreendida por uma cultura negra. O problema é que os negros não constituem uma identidade comum. As negritudes nunca foram universais. Não existe nada que seja específico das negritudes, nem mesmo a cor de sua pele. Assim, os negros devem ser entendidos como uma categoria social que tem em comum a experiência da diáspora, ou seja, a experiência de sofrimento que lhe é imputada com base na cor de sua pele e outros traços fenotípicos. Entretanto, há uma gama de posições tomadas pelos negros, há diferentes modos de significar a experiência de ser negro no mundo. Ser um indivíduo da raça negra tem diferentes sentidos, conforme a classe social, a religião, o local onde se vive e o projeto corpóreo que se adota. Em outras palavras, ser negro de classe média na região sudeste do Brasil é, certamente, diferente de ser negro assalariado na região sul. Ou ainda, a ideia da opressão racial possui formas singulares.

Frequentemente observam-se pessoas socialmente construídas como negras serem apontadas como sendo sujeitos que negam a raça. Provavelmente, essas pessoas negam uma identidade racial que lhes é imposta e que por meio dela não se vêem sujeitos. Há fragmentações nas categorias de negritudes como acontece com qualquer identidade social. Essas fragmentações desafiam as fronteiras das políticas de identidade visto que reivindicam sempre novas e diferentes formas de se autoposicionar no mundo social. E tais reivindicações envolvem considerar novos modos de ser negro e de exibir a negritude no mundo social. Dessa forma, parece ser necessário articular construções ontológicas de identidade nas práticas raciais de modo a formular subpolíticas raciais capazes de renovar as identidades de raça em outras bases.

Embora a unidade da noção de negro seja frequentemente invocada por diferentes grupos sociais para construir uma solidariedade das negritudes, uma divisão se faz por meio da distinção entre gênero/sexualidade, classe socioeconômica e religião. Essas distinções contribuem para que se possa questionar a idéia socialmente construída de biologia como destino tal como é explicitado por Butler que explica que “as distinções de sexo e gênero questionam a formulação de que a biologia é o destino” (BUTLER, 2008/1990, p. 24). A negritude é socialmente construída: conseqüentemente, não é resultado da raça, nem é fixa. As teorias de raça visaram não só colonizar os indivíduos por causa da cor/pele, mas principalmente, posicioná-los como um tipo específico de Outro, o qual justifica sua própria opressão porque é sinônimo de inferioridade intelectual, feiúra e sexualidade animalesca.

Conforme venho argumentando raça é um fenômeno social que se materializa nas ações discursivas. Assim, a linguagem é o lugar de investigação privilegiado para quem quer construir conhecimentos sobre questões raciais. Nos modos como socialmente se fala sobre a raça dos sujeitos sociais, parece que as pessoas produzem discursos que transmitem uma ideia de que haveria uma essência de raça. Essa essência funcionaria como um mecanismo pelo qual se transmitiria a raça de um indivíduo para o outro, de uma geração para outra. Segundo essa perspectiva, haveria um “ser” negro, o qual se denominaria o sujeito de uma determinada raça. Entretanto, conforme apresentei nesse estudo, minha própria convicção é que não existe essência de raça. Não obstante, os discursos criam uma caracterização dos sujeitos sociais de modo que “a aparência ou efeito do ser é sempre produzido” (BUTLER, 2008/1990, p. 75). Nessa perspectiva, o que se pensa como sendo natural dos indivíduos, na verdade é apenas uma criação.

Butler (2008/1990) se apropria da reflexão de Simone de Beauvoir que diz que ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Acredito que o mesmo tipo de raciocínio pode ser traçado para criar inteligibilidade sobre os modos como os negros se inserem/são inseridos em nossa sociedade. Assim, proponho que possamos pensar que ninguém nasce negro, torna-se negro. Tornar-se negro é repetir estilizações já dadas do que seja a negritude. Quando pessoas que tem a pele de uma cor socialmente entendida como peculiar às pessoas negras e trançam¹⁸ seus cabelos, jogam capoeira, sambam, cantam samba e/ou pagode ela

¹⁸ Trança é um tipo de penteado feito pelo entrelaçamento de cabelos. Há vários tipos de tranças

está tomando ações que correspondem a um corpo que já foi construído e naturalizado como sendo negro. Ou seja, essas pessoas estão estilizando a raça.

Colocando de outra maneira, a prática social de cotidiana e repetidamente nomear a diferença racial criou a aparência de divisão das pessoas em categorias raciais, tais como, brancos, negros, amarelos e índios, como se essa divisão fosse natural. A rotulação de um indivíduo pela raça é um ato que não só nomeia, mas também reprime. Por exemplo, dizer que alguém é negro é um ato performativo institucionalizado que cria e governa a realidade social na medida em que produz um modo peculiar de perceber os corpos segundo princípios da suposta diferença racial. A categoria raça impõe ao indivíduo um posicionamento social de seu corpo. Assim, a categoria raça deve ser entendida como uma ação que deixa alguns indivíduos socialmente alijados.

Nesse tocante, o ato de nomear é aqui elucidado como uma forma de projetar realidades sociais sobre os seres que são nomeados e marcados socialmente de modos pré-definidos. Cabe ainda ressaltar que, o modo como os supostos corpos negros são categorizados torna-os sujeitos sociais, muitas vezes, sem condição de questionar o falante que nomeia, devido ao caráter repressor de tal nomeação. Nomear é uma forma de reprimir os negros, pois à medida que um determinado grupo se autoposiciona como branco reflexivamente posiciona o seu Outro como negro. E o posicionamento de negro confere aos indivíduos uma desqualificação. Sendo assim, a nomeação pode ser entendida como uma estratégia pela qual a presumida supremacia do branco é sustentada. Todavia, a linguagem não é um instrumento que propicia apenas a repressão. Butler advoga que a linguagem pode ser um instrumento para contestar as hegemonias sociais quando afirma que “o poder da linguagem de atuar sobre os corpos é tanto causa da opressão sexual como caminho para ir além dela” (BUTLER, 2008/1990, p. 169). Nos termos empregados pela autora, “a linguagem pressupõe e altera seu poder de atuar sobre o real por meio de atos elocutivos que, repetidos, tornam-se práticas consolidadas e, finalmente, instituições” (BUTLER, 2008/1990, p. 169). Ou seja, as enunciações que são constantemente repetidas ganham substância de verdade. Dessa forma, Butler (2008/1990) adverte que “não podemos achar que posições assimétricas decorram da 'natureza', pois a 'natureza' não existe” (p. 169).

Outra coisa importante sobre a linguagem a ser refletida é probabilidade de instituir realidades sociais. Uma gama de discursos socialmente criados sobre uma negritude pré-construída constitui, frequentemente, leis que geram a estilização corporal da raça negra em nossa sociedade. Refiro-me a discursos que levam os indivíduos a reproduzir gestos, movimentos, imagens fantasiosas do corpo negro. Por exemplo, muitas pessoas saem às ruas representando uma ideia que construíram do que seriam os negros africanos – usando turbantes enormes, multicoloridos, batas com estampas que lembram safáris africanos, colares denominados étnicos. As mídias quando fazem matérias ou propagandas que tematizam a negritude apresentam homens negros com corpos semivestidos, geralmente com o peito nu e usando calças que lembram jogos de capoeira, as mulheres com cabelos enormes, em diferentes versões do estilo *black power*¹⁹ e muitos colares coloridos. Além disso, focalizam-se pessoas dançando um gingado provocado por sons africanos. Todos esses são atos que visam uma estilização da negritude. Um problema dessa estilização é que foca um negro que nem sabemos se existe de fato. Estiliza-se um negro africano imaginário. Isso, a meu ver, contribui para a perpetuação do mito da democracia racial, pois demonstra o negro como uma lenda. Afinal esse negro representado nas estilizações é um tipo de pessoa que teria vivido na África no século XIX, possivelmente. Além disso, essa estilização contribui para o tabu da raça uma vez que não provoca nas pessoas uma necessidade de discutir, por exemplo, as condições de vida dos denominados negros em nossa sociedade contemporânea, porque funciona na mente de muitas pessoas a ideia de que o negro é aquele da estilização. E como frequentemente ela não se identifica com esse negro, o tópico fica negado e/ou proibido. Essas circunstâncias levam também a uma indeterminação identitária, pois muitos supostos negros se sentem sem saber como “ser” negro no mundo social.

Desse modo, podemos afirmar que o tabu da raça é um fator que gera um tipo de “identidade de raça”, que produz uma identidade negra inteligível para uma matriz racial idealizada. Em contrapartida, essa matriz tem como efeito uma falsa estilização da raça negra. Ou seja, leva a uma representação do negro como sendo um tipo de pessoa muito

¹⁹ *Black Power* é um referente político ao estilo de cabelo das negritudes com sua textura natural, penteado seguindo o direcionamento normal dos fios, em linha perpendicular ao couro cabeludo. O estilo se tornou importante nos anos de 196 e 1970 quando simbolizava a declaração: “Negro é lindo!”

diferente do branco, um tipo de pessoa que é regulada pelos sistemas de coerência de que há uma raça naturalizada e outra raça marcada – a saber, a branca e a negra.

A estilização está relacionada ao que as pessoas *fazem* com seus corpos; “é um efeito da significação corporal” (BUTLER, 2008/1990, p. 194, grifado por mim). Ou seja, os corpos são o lugar da estilização, porém não são eles que levam a uma identidade. Não há qualquer possibilidade de se relacionar o corpo de uma pessoa a condutas morais ou a identificações. “Atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem *na superfície* do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa” (BUTLER, 2008/1990, p. 194 em itálico no original). Assim sendo, devemos compreender que os gestos e atos dos corpos são performativos, porque expressam identidades fabricadas por signos corpóreos e por discursos (BUTLER, 2008, /1990). Por analogia, entendo que a raça é produzida na materialidade de certos corpos, mas não há nada nesses corpos que propicie de fato essa construção. Em vez disso, os corpos denominados negros são marcados pelo performativo que sugere significações que fazem sentido em conjunto com os vários atos de fala que constituem a realidade desses corpos.

Esses corpos são fabricados nos discursos sociais de modo que os efeitos das fabricações os tornam corpos negros. Esses efeitos decorrem de políticas traçadas nas superfícies desses corpos de modo a controlá-los para que sejam vistos como diferentes. Em outras palavras, os atos, os gestos, as vestes, os penteados desses corpos estão ali dispostos e postos de sorte a criar uma ilusão de que haveria uma essência que organizaria a raça e essa ilusão se materializa nos discursos reguladores das raças sustentados nos discursos cotidianos. Essas reflexões levam a inferir que do mesmo modo em que Butler (2008/1990) sustenta que gêneros são fabricados, podemos afirmar que as raças são fabricações, são fantasias instituídas e inscritas nos corpos. As raças são produzidas como efeitos de verdade de um discurso sobre uma essência racial.

Cabe considerar que, em contrapartida, as pessoas transgridem as estilizações já dadas sobre os modos que devem representar suas identidades sociais. Por exemplo, a noção de identidade original de negritude é frequentemente parodiada nas práticas culturais de uma gama de pessoas socialmente posicionadas como negras. Muitas performances de pessoas denominadas negras contrapõem os conceitos de raça, no que tange ao que Butler

(2008/1990), ao se referir a sexo/gênero, chama de “três dimensões contingentes da corporeidade significativa: sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero” (p. 196). Eu me aproprio dessa abordagem para refletir sobre as performances de raça apontando as seguintes dimensões: anatomia racializada, identidade de raça e performances de raça. Uma pessoa pode ter uma anatomia com pele branca e cabelos lisos e sua performance ser conforme o que a sociedade convencionou que seria peculiar às negritudes. Isso comprova que não há uma relação estreita entre corpo e performance. Ao invés disso, há dissonância entre anatomia e identidade racial e entre identidade e performance. Um exemplo dessa dissonância seria a performance social de Michael Jackson, cantor *pop* americano.

Em 25 de Junho de 2010, ao ler a coluna Opinião, do Jornal *Folha de São Paulo*²⁰, encontrei-me fascinada pelo modo como Carlos Alberto Britto²¹, analisava as performances que foram encenadas pelo cantor pop Michael Jackson, após um ano da morte do artista. Britto, ao criar uma inteligibilidade sobre as racializações que foram socialmente construídas em torno das vivências de Michael Jackson, problematizou que a performance de Michael materializava uma “fusão da cultura negra com a branca, revelada até mesmo no alisado dos cabelos renitentemente crespos e na progressiva brancura da tez de todo o corpo” (BRITTO, 2010).



Michael Jackson – ilustração do editorial na Folha de São Paulo

²⁰ “Michael Jackson e a pele do ar” é o título do editorial referido.

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2506201007.htm>

²¹ **CARLOS AYRES BRITTO** é ministro do Supremo Tribunal Federal, poeta e membro da Academia Brasileira de Letras Jurídicas.

Ou seja, a performance do artista pop ensaiou outra sociedade. Michael Jackson contestou o olhar vesgo que as racializações próprias das sociedades de supremacia branca permitem construir, ao posicionar o seu corpo em uma contraesfera em que a noção de raça, no senso comum, fica indeterminada. Um aspecto importante na performance de Michael Jackson está na estratégia que utiliza para colocar raça em questão. O artista não desestabiliza a noção de raça por meio de argumentos ultrapassados, com um discurso politicamente correto, afirmando, simplesmente que raça não existe ou advogando que há apenas raças humanas. Ao invés disso, ele adota um viés performativo para declarar um diferente posicionamento racial de seu corpo que, ao passar por uma transformação progressiva, ao longo de sua história de vida, ganha uma aparência de branco. Não obstante, por meio dos jogos corpóreos que realiza e da estilização da dança de rua, durante todo o seu ciclo vital, Michael mantém uma performance socialmente entendida como própria das culturas negras. Uma evidência disso, a meu ver, é o fato de que o artista, constantemente se colocou em territórios negros, como as favelas da Rocinha e Santa Marta, no Rio de Janeiro, onde gravou um vídeo *clip*. Além disso, o cantor afirmava “fazer parte da comunidade negra norte-americana”, conforme analisa D’Adesky (2001, p. 48). O artista pop é constantemente questionado em relação à racialidade devido às cirurgias que realizou e é apontado como um tipo de negro que nega a sua raça. Entretanto, D’Adesky (2001, p. 48) defende que “as liberdades individuais estão acima das imposições de grupos, sobretudo tratando-se de opções estéticas”. Essa visão de D’Adesky reflete o que argumento neste trabalho no sentido de que há uma vigilância (FOUCAULT, 2001/1979) social em relação aos corpos negros que tenta impor aos indivíduos supostamente negros uma fisicalidade e uma performance criada e cristalizada (BUTLER, 1999/1990) no imaginário social como sendo própria dos negros. Essa vigilância é um problema porque opera no espaço de liberdade individual das pessoas e busca estabelecer que fazer determinadas performances é obrigação. Em outras palavras, a vigilância sobre os corpos negros interfere na organização em percepção subjetiva da temporalidade²² subjetiva, imprimindo um dado ritmo à satisfação do indivíduo em relação a seu corpo (cf. KEHL, 2009, p. 122).

²² Segundo a psicóloga Maria Rita Kehl (2009, p. 122) a temporalidade subjetiva é “experiência humana do corpo – suas demandas, seus ritmos e suas urgências, a maior ou menor tolerância ao prazer e ao desprazer – varia de uma cultura para outra, de uma época histórica para outra”.

O que estou afirmando aqui é que o artista pop encenou uma vida social em que projetou seu corpo em diferentes territórios, os quais são, socialmente racializados segundo a visão dicotômica de raça, que preconiza as pessoas como sendo ou negras ou brancas. Entretanto, as cenas do artista se inserem, na verdade em uma fissura social capaz de driblar os cânones da supremacia branca. Nessa lacuna, Michael Jackson é e não é negro. Sua dança é e não é própria de grupos culturais negros. Seu cabelo é negro na ótica dos olhares racistas, mas tem aparência dos cabelos das branquitudes. Dessa forma, ele cria para si próprio, novas posições raciais, as quais não podem ser fixadas nem no pólo da negritude nem no pólo da branquitude, mas no interstício. Em decorrência disso, as performances de Michael Jackson desestabilizaram as construções raciais dos corpos nas sociedades de supremacia branca que são hipócritas a ponto de dizer que raça não existe, enquanto cobram das pessoas que assumam sua raça – negra. Para esses vigilantes dos corpos negros, assumir a raça negra é fazer a performance de corpos/cabelos construída e fixada no tempo (BUTLER, 1999/1990) como natural de corpos negros.

A experiência de temporalidade subjetiva (KEHL, 2009) de Michael Jackson é relevante para os pensadores sociais que buscam alternativas para os posicionamentos sociais das pessoas negras em nossa sociedade. A meu ver, trata-se de uma experiência de vida que possibilita às negritudes desenvolver o que Santos (2007, p. 37) categoriza como capaz de “contrair o futuro”. Ou seja, vivenciar hoje o que ainda buscamos. Como queremos uma sociedade em que os indivíduos não serão mais posicionados por meio de olhares vesgos, buscamos fendas sociais em que possamos instaurar futuros possíveis em meio a uma sociedade que ainda insiste em afirmar que nossas ideias são tão-somente utopias.

As performances não são coerentes com a anatomia. Ao tratar da questão de performances de gênero/sexualidade. Butler (2008/1990) esclarece que “no lugar da lei da coerência heterossexual vemos o sexo e o gênero desnaturalizado por meio de uma *performance* que confessa sua distinção e dramatiza o mecanismo cultural da sua unidade fabricada” (p. 196-197, o itálico consta do original). O mesmo vale para a performance de raça. No cotidiano vemos a raça sendo desnaturalizada por meio de atos como alisamento de cabelos, o posicionamento de negros que advogam profissões na área do direito, da medicina; o investimento em esportes das chamadas elites como o tênis, a natação, a

fórmula 1, a carreira acadêmica, só para dar alguns exemplos. Essas performances sugerem uma ressignificação e recontextualização das identidades raciais. Em outras palavras, há performances que quebram o mito de que haveria um negro verdadeiro, do negro real sendo aquele se assume negro. No meu modo de entender, quando se diz que alguém está negando a raça, pressupõe-se que existe uma raça real e um modo de ser específico dessa raça. Existiria uma matriz da raça negra que serve para medir quem é e quem não é negro de verdade. Essa matriz funcionaria como um mecanismo de controle de uns negros sobre outros negros e de brancos sobre negros.

A ação racial requer uma performance repetida. “A repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente” (BUTLER, 2008/1990, p. 200). Essas ações têm consequência. Como assevera Butler, “a performance é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária” (BUTLER, 2008/1990, p. 200). No caso da raça, a performance mantém a dicotomia: branco - negro. Como é indicado por Butler em relação ao gênero, defendo que raça não deve ser construída como identidade estável. Em vez disso, a raça é uma identidade constituída no tempo e instituída em contextos sociais de modos descontínuos e até mesmo contraditórios, como, aliás, acontece com qualquer identidade, “por meio de uma repetição estilizada de atos” (BUTLER, 2008/1990, p. 200).

O efeito de que haveria uma essência de raça negra é produzido pela estilização dos corpos, de modo a constituir uma ilusão de um tipo permanente denominado negro. Assim sendo, “a aparência de substância é uma identidade construída, uma realização performativa em que a plateia social mundana, incluindo os próprios atores, passa a acreditar, exercendo-a sob a forma de uma crença” (BUTLER, 2008/1990, p. 200). Considerando os efeitos da estilização, defino raça como a repetição de posições sociais impostas e/ou assumidas por indivíduos ao longo da história. Sendo assim, os atributos que seriam essencialmente da raça são performativos, ou seja, constituem a realidade que revelam. Um modo de entender isso está na interpretação dos diversos modos que os corpos denominados negros se mostram para o mundo social. Segundo Butler (2008/1990, p. 201), “como o corpo mostra ou produz sua significação, é performativo”. Assim, o fato de a realidade da raça ser criada por meio de performances sociais contínuas significa que as noções de raça como essência verdadeira também são construídas, como parte da estratégia

que oculta o caráter performativo da raça e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de raça fora das estruturas restritivas da dominação da supremacia branca. O que a noção de performance faz é elucidar que as raças não são reais ou falsas, originais ou artifícios. As raças não existem fora das ações. Se alguém vai acreditar ou não na realidade da raça irá depender da performance.

Raça é um construto social cujas bases estão na origem da formação racial global. É o princípio de separação dos sujeitos sociais que está alicerçado no capital cultural e não exatamente na biologia corporal. Inclusive, cabe problematizar que não há como interligar raça à anatomia porque não existe uma biologia da raça, como já discuti nesse trabalho. Ao invés disso, raça vem sendo entendida como disjungida da biologia como se pode verificar na dissertação de Du Bois (2001/1915, p. 7) que assevera “o negro típico é uma variedade rara mesmo entre os negros. Ou seja, o tipo denominado negro não é fixo, definitivo”. Por exemplo, “a cor varia amplamente, nunca é negra e frequentemente torna-se marrom ou amarela. O cabelo varia do encaracolado ao pixaim” (Du Bois, 2001/1915, p. 8). O que interessa nessas declarações do pesquisador é a descrição de traços da corporeidade de indivíduos que estão mais propensos a serem socialmente utilizados para posicionar determinados indivíduos ou grupos de indivíduos como sendo pertencentes a uma determinada raça – a negra.

Assim, raça é um instrumento político, usado por indivíduos que supostamente não carregam marcas de raça, para taticamente separar as hegemonias brancas de seus “Outros”. No contexto racial em que esta pesquisa se desenvolveu, os Outros são os negros, os quais são sempre significados em uma perspectiva social. Acredito que raça é uma construção cultural (GILROY, 2000) e o negro é invenção do branco colonizador que inferioriza seus “Outros” (SANTOS, 2002). Nessa perspectiva, defendo que os corpos são socialmente racializados e inferiorizados. Isso ocorre, por exemplo, com as feminilidades negras, cujas corporalidades são significadas na negatividade. Não é à toa que as mulheres negras, segundo as estatísticas são posicionadas na base da pirâmide social.

Na perspectiva elucidada por Robinson (2000), os fenômenos sociais são interpenetrados pelo racismo e pelo nacionalismo – ações culturais que anteciparam o capitalismo no tempo e contribuíram para sua organização. Em concordância com esse ponto de vista, Winant (2001) assevera em relação à centralidade da raça em todos os

tempos. O autor explica que “raça tem sido uma noção fundamental na cultura e na política global por meio milênio. Raça significa e estrutura a vida social não só experiencial e localmente, mas também nacional e globalmente.” (WINANT, 2001, p. 1). Winant (2001) argumenta também que a raça está infinitamente encarnada nas instituições e na personalidade, pensamento, experiência e desenvolvimento dos indivíduos e das coletividades humanas de modos familiares e até mesmo inconscientes (p. 1).

Não obstante a raça ser de fato uma questão no mundo social, de acordo com Winant (2001) só há pouco a desigualdade e as diferenças raciais foram consideradas. Winant (2001) ressalta que “até pouco tempo, as diferenças raciais eram tomadas como naturais constituindo uma racialidade objetiva” que conferia ao branco uma vantagem “merecida” enquanto que pele escura significava inferioridade. Para ele esse é um sistema de crenças, uma ideologia racial denominada supremacia branca. Entretanto, o trabalho de Winant atesta que o mundo tem testemunhado uma mudança acelerada, a qual se manifesta em poderosos movimentos de descolonização, direitos civis e o fim oficial do *apartheid*. Segundo ele, essas mudanças têm provocado uma manifestação de uma suposta ruptura do status racial fazendo emergir “uma visão errônea de que estamos agora em um mundo pós-racial, cego para a cor” (WINANT, 2001, p.1). Esse seria, no seu modo de entender, um “fenômeno recente que tem moldados os entendimentos e os debates contemporâneos sobre raça” (p. 2). Entretanto, para Winant, a hierarquia racial vive nos sistemas nacionais e mundo de estratificação e desigualdade. Desse modo, o autor advoga que “o conceito de raça não é obsoleto, não está em declínio. O que é obsoleto são os modos tradicionais e paroquiais de analisar a questão da raça” (WINANT, 2001, p.2).

Nessa panorâmica, Winant (2001) apresenta uma concepção de raça como um fenômeno abalizado no capitalismo negro, de sorte que “raça tem sido uma força chave a dirigir o desenvolvimento do mundo, sendo um dos pilares centrais da edificação da modernidade” (WINANT, 2001, p. 2). Desse modo, o autor amplia a análise que realiza em torno das estratégias políticas de poder adotadas pelos grupos hegemônicos afirmando que o fenômeno da raça tem sido as bases dos mais compreensíveis sistemas de opressão e injustiça jamais organizados e simultaneamente a fundação do sonho de libertação. Nessa perspectiva, “raça não é uma questão de preto e branco, há uma intersecção histórica entre a racialização do mundo moderno e o desenvolvimento capitalista e a secularização do

planeta. Nesse matiz, há, certamente muitos “outros”, não brancos, não negros, não nativo-americanos – há uma miríade de “outros” (WINANT, 2001, p. 3). Sumarizando, para Winant, “estamos em um inter-reino: estamos em uma viagem entre o desacreditado, mas não morto passado racial e o mais antecipado, mas distante do realizado futuro racial” (WINANT, 2001, p. 6).

Partindo do conceito amplo de cultura como “um complexo diferenciado de relações de sentido, explícitas e implícitas, concretizadas em modos de pensar, agir e sentir” (SODRÉ, 2005/1983, p. 12), meu objetivo aqui é pensar as relações das identidades raciais como constituídas nas e pelas culturas, via discursos. Para Street (1993), cultura não é um nome, mas um verbo. Ou seja, cultura tem a ver não com o ser, mas com o fazer. A cultura nos constitui e nos posiciona socialmente; ela age sobre nossos corpos e sobre os nossos posicionamentos e inserções sociais. E relacionando cultura e raça, tópico desse trabalho, eu diria que a cultura é um território de racializações, ou seja, os indivíduos tomam ações sociais para se identificarem de determinados modos em uma dada cultura, subpoliticamente. E, os atos culturais sobre nós, conforme aponta Street (1993), são objetivados por meio de nominalizações.

Nesse sentido, poderíamos considerar que uma coisa que a cultura faz é nomear os indivíduos conforme as categorias de grupos sociais em que se inserem. Outra coisa é posicionar os indivíduos como “outros”, tendo como base para isso seus pertencimentos a grupos minoritários, a realização de atos particulares a determinadas culturas locais, que não são amplamente legitimadas. A cultura também cria grupos raciais. Segundo Sodré (2005/1983, p. 27), “o preconceito étnico já existia no antigo Egito quando o tráfico de escravos negros chegou a ser justificado por filósofos muçulmanos e pelo clero europeu do século XVI, com argumentos de ‘inferioridade racial’ ”. Assim, é pela cultura e a partir dela que os indivíduos são nomeados “negros”, “brancos”, “nativos/índios”, “amarelos”, por exemplo. Sendo assim, poderíamos dizer igualmente que é o discurso que, abalizado nas culturas, discrimina indivíduos considerando dois fatores: naturais e sociais. Ou seja, os indivíduos são, culturalmente, categorizados segundo informações genéticas, fenotípicas, portanto naturais e pelas redes relacionais entre indivíduos, portanto sociais. Como indica Sodré (2005/1983, p. 21) “a noção de cultura é indissociável da idéia de um campo normativo”.

Considerando o que argumentei até agora, parece que a cultura não é o único fator a ser utilizado para se definir quem é negro ou o que é ser negro. O conceito de cultura é complexo. Assim, tentar falar em cultura negra parece ser tarefa impossível. É preciso, antes, delimitar que negro é esse envolvido na discussão. No contexto sócio-histórico brasileiro, o que é ser negro ou quem é negro não são questões fáceis de serem respondidas porque aí estão imbricadas uma gama de definições, interesses e apropriações de negritudes. O negro, por exemplo, historicamente já foi o índio (o nativo), o judeu, o árabe, ou seja, qualquer grupo étnico-cultural não-europeu. Assim, há pelo menos quatro visões em jogo nessa minha argumentação. A primeira seria que, sob o ponto de vista das elites econômicas e brancas, os negros são os pobres²³, aqueles que se submetem social e economicamente. A segunda visão seria que, sob o ponto de vista do movimento negro, os negros são os não brancos, todos os que não têm ascendência apenas européia, ou seja, a visão do movimento negro²⁴ seria puramente entérica. A terceira visão seria a da academia, para quem os negros são aqueles que têm ascendência negra, i.e., a genética seria um elemento central para situar socialmente os indivíduos como negros (cf. SILVA, 1994). E, finalmente, para muitos negros, a negritude parece ser uma indeterminação e um carma, visto que uma questão constante para muitos deles seria: que identidade é essa que tenho que assumir? Há, então, uma indeterminação quando se tematiza os negros. Negro seria um tornar-se, um vir a ser. Negro é um fazer a partir do olhar do outro. Como asseverou Du Bois (2001/1915), o negro existe quando se vê no olho do branco. Em outras palavras, o negro é uma criação do branco colonizador.

Parece que cultura negra envolve pacotes de negritudes e performances socialmente construídas como racializadas em que mídias, elites brancas e racistas, escola e religião têm um papel central. Essas instituições contribuíram para as construções sociais das raças, a partir de um conceito hegemônico de cultura como erudição e moldaram crenças de que atos sociais pertencem ou cabem aos negros e reservaram espaços sociais para esses atos, tais como, as esferas de cantar e dançar o samba, pagode, *funk* e *hip hop*, no

²³ Segundo Bento (2002, p. 27), “a pobreza tem cor”.

²⁴ “O movimento negro tem empregado [o termo negro] em mais de um modo: para definir a população brasileira composta de descendentes de africanos (pretos e pardos); para designar esta mesma população como aquela que possui traços culturais capazes de identificar, no bojo da sociedade brasileira, os que descendem de um grupo cultural diferenciado e coeso” (PIZA e ROSENBERG, 2002, p. 109).

âmbito da música, o futebol e o atletismo, no âmbito dos esportes, o candomblé e a umbanda, quando a questão é a religião, tomar cachaça e ser motivo de chacota, nas relações sociais mais amplas. Esses seriam traços da cultura negra, que insisto em afirmar, não são dados, são sim criações que foram (im)postas e até cristalizadas por mais de quinhentos anos de história do Brasil, de modo que, dificilmente, são resistidos e contestados.

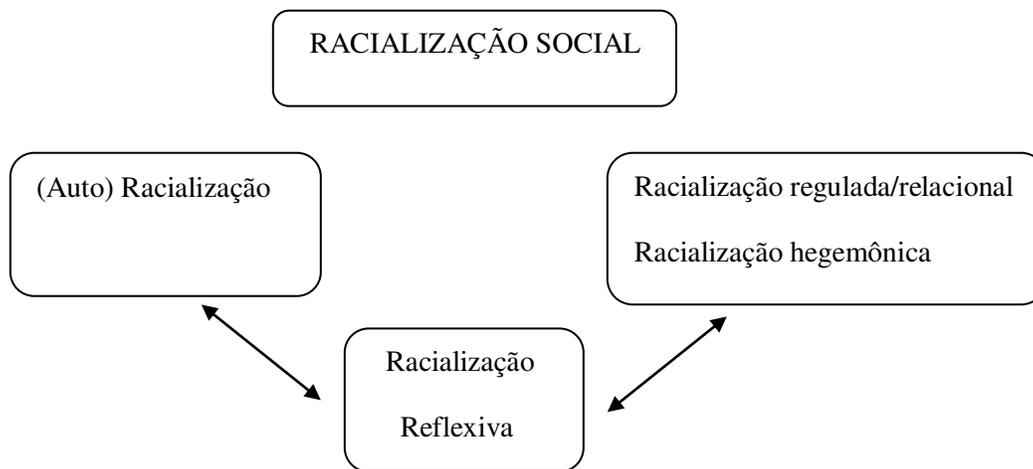
Por conseguinte, muitas pessoas negras vêm-se diante de uma identidade negra abstrata, a qual é reclamada tanto por muitos negros quanto por muitos brancos para que seja assumida pelos que supostamente têm pele não-branca de modo geral. Não obstante, muitos negros não conseguem visualizar essa tal identidade negra. Colocando isso de outra maneira, para alguns movimentos negros, a cultura negra seria a dos bantos, a dos nagôs africanos, grupos étnicos raciais na África, sobre os quais não se sabe, claramente, quem são, como vivem, de que vivem. São, então, culturas que não dizem respeito a nós que vivemos no Brasil, continente americano, no século XXI. O problema aqui é que conceitos culturais construídos no século XIX vêm sendo (im)postos às negritudes do século XXI. Assim, essa identidade trata de uma negritude imaginada pelos nossos antepassados e pelas elites brancas racistas, mas que hoje pode não ser significativa para todas as negritudes. O conceito de negritude muda segundo as esferas sócio-político-culturais e no decorrer do tempo. Talvez, uma estratégia para compreendermos melhor o que é ser negro, quem é negro no atual contexto brasileiro, seja o cruzamento de vários aspectos de nossas identidades sociais como, por exemplo, etnia, cultura, classe social, profissão, contexto geográfico, tempo.

Nessa seção, tentei discutir as construções sociais das identidades das negritudes atravessadas pela noção de cultura. Para Cucho (1998, p. 175), “as grandes interrogações sobre a identidade remetem frequentemente à questão da cultura”. Entretanto, é importante considerar que as relações entre cultura e identidade também não são dadas, nem naturais; ainda que sejam “conceitos relacionados” (BANKS, 1991). Desse modo, a identidade de raça é apenas um traço das múltiplas identidades sociais de uma pessoa. Não obstante, frequentemente a identidade de raça é vista como a mais relevante para muitas negritudes (COSTA DE PAULA, 2002; KIMMELL, 1992). “Raça” é uma categoria suprema da que outras categorias são simples traços (LIVIA e HALL, 1997).

Para entender os modos como a cultura posiciona os indivíduos como pertencentes a uma determinada raça eu visitarei o conceito de performatividade de Austin (1990) re-elaborado por Butler (1999/1990). A autora relaciona a noção de performance a gênero social e advoga que gênero é performativo, porque, por exemplo, a afirmação “É uma menina!”, quando nasce uma criança, cria a realidade social dessa criança, ou seja, o uso da língua, seus comportamentos, valores, posicionamentos sociais etc. Por meio de raciocínios semelhantes ao de Butler (1999/1990), relaciono raça à performance. Assim sendo, defendo que raça é performativa, porque quando se afirma, em uma dada prática social, em dada esfera social que um indivíduo é negro, cria-se tal identidade. Em outras palavras, basta nomear alguém negro para inseri-lo em uma série de possibilidades e não-possibilidades. Por exemplo, quando se diz que uma garota é negra, um roteiro sócio-cultural-profissional e sexual é ao mesmo tempo tramado para ela.

Os atos performativos são reflexivos na medida em que criam identificações e ao mesmo tempo posicionam reflexiva e relacionalmente o outro, interlocutor desse ato performativo, em um dado lugar social. Em outras palavras, nas performances os indivíduos se localizam considerando identificações corpóreas, raciais e de gêneros/sexualidades. Considerando que para Van Langenhove e Harré (1999), nas interações sociais, nossos atos discursivos são autoposicionamentos e posicionamentos do outros, estou interessada em problematizar as racializações que ocorrem nessas ações de se posicionar e posicionar o outro. Desta feita, um exemplo de racialização em um posicionamento reflexivo ocorre quando em um dado discurso um indivíduo ao se posicionar como branco, ao mesmo tempo posiciona o outro como negro ou não-branco, i.e., como sendo seu Outro. A esse tipo de racialização chamo racialização relacional, visto que se trata de uma racialização que se dá dentro e fora das interações nas negociações de valores próprios e de outras pessoas. Entretanto, tal posicionamento envolve um modo de situar o outro no discurso sendo moldado pelos sentidos da categoria racial com base não só na raça que exerce domínio, mas também abalizado em outras raças/racializações. A racialização relacional pode ser um posicionamento racial interessado, isto é, visando os propósitos do indivíduo nas interações sociais de que participa. A racialização também pode ser hegemônica. Essa forma de racializar os sujeitos sociais em uma interação ocorre quando um dado indivíduo se coloca na posição de alguém representante das elites

hegemônicas e racializa as pessoas com base em estereótipos sociais para inferiorizá-la nas “escalas” de sujeitos sociais. Abaixo apresento um quadro que possibilita um olhar analítico para as racializações.



Quadro 8 – Noção de Racialização como construto analítico
Em analogia aos posicionamentos sociais de VAN LANGENHVOE e HARRÈ (1999)

Os atos performativos não só criam identidades sociais, mas também posicionam os outros, interlocutores de tais atos, visto que a partir de uma afirmação tramam-se certas ações, comportamentos, crenças e, associações do indivíduo. Por exemplo, espera-se, freqüentemente, que uma garota negra exerça sua sexualidade de modos diferentes daqueles esperados de uma garota branca (FREYRE, 1997). Também a escola profetiza resultados diferentes para seus alunos negros e brancos (PASSOS, 2004; CAVALLEIRO, 1998). O que estou defendendo é que afirmações, tais como, “Ele/ela é negro/ negra!”, “Ele/ela é branco/ branca!” criam racialidades, as quais têm base sócio-cultural. Entretanto, no senso comum, as racializações também se alicerçam em aspectos naturais/biológicos. D’Adesky (2001) apresenta uma forma de compreender os modos como as pessoas significam o conceito de raça quando explica que “o imaginário racista alimenta-se das semelhanças e das diferenças fenotípicas da cor da pele” (p. 46). Ou seja, afirmar que um indivíduo é negro é um ato performativo pautado na cultura e no corpo desse indivíduo. Em suma, acredito que não só os gêneros são performativos, conforme advoga Butler (1999/1990), mas também as raças.

Quando se diz que uma garota é negra, seu roteiro de vida é complementado, muitas vezes, por meio de uma série de outros sub-roteiros culturais. Dizer que uma garota

é negra implica afirmar que essa garota tem cabelo duro, ou cabelo ruim, que é sexualmente hiper-ativa (BROWN e McNAIR, 1995) e que gosta de sambar, por exemplo. Os roteiros são preestabelecidos pelas culturas hegemônicas para os indivíduos posicionados como pertencentes a culturas locais/minoritárias. Esses roteiros são, geralmente, completos de modo que predeterminam todo um percurso de vida para um indivíduo em qualquer esfera social em que ele se inserir. Ressalto que se tratam de roteiros constituídos em atos performativos, os quais servem para cristalizar posicionamentos dos indivíduos de modo que ganhem a aparência de natural (BUTLER, 1999/1990).

Observa-se, então, uma possibilidade de visão das identidades sociais como papéis representados pelos indivíduos, de acordo com o que lhes foi pensado por aqueles que têm o poder de estabelecer representações sociais. Entretanto, conforme aponta FOUCAULT (2001/1979), o poder é um exercício que pode ser perdido, contestado. Por conseguinte, entendo as performances como esferas de embates por poder. As performances são territórios de criação de identificações de gênero e de raça. Assim como o poder pode ser contestado, as performances dominantes podem ser resistidas. As pessoas podem criar para elas seus próprios roteiros.

Butler (1999/1990, p. 120) explica que “ser chamada de ‘menina’, desde o início da existência é um modo em que as meninas se tornam ‘garotas’, com o tempo”. Analogamente, acredito que alguém se torna negro não só ao receber essa denominação ao ser registrado em cartório ou em situações cotidianas, mas também por meio de uma gama de ações discursivas subsequentes. Por exemplo, uma garota torna-se garota negra quando vai à escola e lá tem seu cabelo comparado a palha de aço ou, como se vulgarizou chamar, “bombрил”. Esse discurso constrói uma idéia de verdade que leva garotas negras e brancas a significarem o cabelo das negritudes como ruim e feio. Então, tornar-se negro tem base em estereótipos socioculturais que realizam o que dizem, i.e., demonstram que, “nossos corpos estão incorporados em uma história” (SANTOS, 2007, p. 48) criada nas práticas sociais. A vida dos sujeitos negros em nossa sociedade parece ser roteirizada com base nas marcas de raça, como a cor da pele e a textura dos cabelos. É nessas materialidades racializadas que discursos racistas abalizam a crença de que os corpos negros sejam estranhos.

As consequências do discurso da diferenças e das tecnologias possibilitam construções dos corpos segundo os desejos, fantasias e imposições sociais que os

indivíduos assumem como próprios. Ainda que os recursos tecnológicos envolvam poder econômico, parece que cada vez mais, indivíduos de ambos os sexos estão dispostos a construir projetos hegemônicos de corpos. Desse modo, parece que cada vez mais, os posicionamentos sociais dos sujeitos são construções que, desestabilizam noções biologizantes das raças e dos gêneros sociais.

Nessa seção, meu objetivo foi problematizar as resistências que as pessoas parecem adotar mediante ao pluralismo racial e criticam o espectro de cores que os negros e não-brancos brasileiros utilizam nos atos identitários performativos como os do censo demográfico brasileiro. O que estou criticando aqui é que a sociedade ampla reprovava as ações dos indivíduos não-brancos, que, usualmente, se incluem como sendo de uma gama de cores diferentes, transgredindo as cores disponíveis no imaginário social, que seriam: “branco”, “negro”, “amarelo” ou “vermelho” (índio). Desta feita, embora pareça ser de senso comum, em estudos sobre raça, em diferentes áreas, tais como sociologia, antropologia, linguística aplicada etc., que as identidades sejam múltiplas e contraditórias; parece que há, em contrapartida, uma tentativa de uniformizar as identificações dos grupos minoritários.

Se por um lado, a unificação do que é ser negro pode carregar uma força política possibilitando maior resistência das negritudes, por outro lado, acredito que tal unificação pode representar um domínio simbólico cruel sobre as negritudes visto que, nesse caso, a identidade racial é imposta e pré-dada com base nas origens genéticas e nos traços fenóticos. Não entendo – unificação do quê? Feita por quem? Nas palavras de van Langenhove e Harré (1999), negritude seria “um posicionamento forçado” de muitos indivíduos negros em relação a um ato performativo de brancos, negros e não-brancos. Então, o espectro de cores dos negros brasileiros é, a meu ver, o produto do que as culturas negras fazem politicamente ao adotarem performances racializadas

O que estou defendendo é que as racializações devem ser subjetivas, não impostas. A imposição parece levar muitos indivíduos a adotarem performances de negros, no Brasil, porque não encontram brechas para outros posicionamentos ou porque, a cultura dominante já teria estabelecido tal identificação. Por exemplo, às negritudes cujas tonalidades da pele vão do escuro ao retinto, não restaria outra performance social senão a de negros/ negras. Todavia, às negritudes cujas tonalidades de pele são mais claras e se

aproximam das branquitudes, ainda que essas tenham traços fenótipos negros, é possibilitada, tanto sob o ponto de vista natural/biológico quanto sob o ponto de vista social, a subjetividade nas performances racializadas. Essas negritudes com tons de pele mais claros gozam dos benefícios das tecnologias modernas, as quais possibilitam o uso de diversos artifícios de embelezamento e adotam performances de racializações plurais, visto que transitam por esferas sociais das branquitudes e/ou das negritudes de acordo com seus interesses políticos de pertencimento ou não a uma dada racialidade.

Estaria eu legitimando performances de negação da raça? Não coloco aqui prioridade nesse ponto de vista. O meu foco de discussão, por ora é o posicionamento forçado do outro (VAN LANGENHOVE e HARRÉ, 1999) que não possibilita às negritudes o exercício da subjetividade. Há quem defenda, por exemplo, que a subjetividade poderá levar-nos a contextos sociais nos quais não haveria mais negritudes. Se isso ocorrer, acho válido refletir sobre as motivações para as performances de racializações que provocariam o desaparecimento das negritudes. Entretanto, é relevante estranhar as construções sociais de raça, as quais parecem provocar o assujeitamento de muitos indivíduos negros. Ou seja, cabe criticar as performances de raça que são realizadas por imposição de alguém sem que o indivíduo possa criar seus próprios roteiros e encenar a identidade que julga sociopoliticamente importante para si próprio.

As construções raciais não são simples e ocorrem em embates sociais em que muitos indivíduos pertencentes, sob o ponto de vista genético, aos grupos majoritários, politicamente posicionam os outros, a fim de exercer domínio social e de confirmar seus privilégios. Em decorrência disso, é importante considerar que os posicionamentos dos grupos minoritários não têm base sólida. Assim sendo, talvez, uma forma de re-pensar as construções sociais das negritudes seria por meio da conjugação de raça e cultura (HALL, 2003; SODRÉ, 2005/1983). Talvez essa conjugação torne possível pensar as identidades de raça sem ter como ponto de partida a existência de uma essência do que significa ser negro.

A conjugação de “raça” e “cultura” pressupõe uma série de outras conjugações. Se por um lado, pode parecer tranquilo o uso de raça aqui porque parece determinar que o tópico é a negritude, como já aponte as negritudes são complexas e só existem em relação e porque estão em relação à outra raça, a outras formas de construir pertencimentos, como às branquitudes, por exemplo. Assim, uma visão de identidades sociais, que é crucial aqui é

de que as identidades são relacionais (SCOTT, 1989). Essa visão pressupõe que somos construídos e posicionados não só pelos discursos de nossos pares, mas também pelos discursos de nossas contrapartes sociais. Dessa forma, os discursos dos indivíduos brancos são constitutivos não só de seus pares brancos, mas também dos negros.

Bento (2002) adverte para o fato de que nas discussões sobre as relações raciais há “silêncio, omissão ou distorções em torno do lugar que o branco ocupou e ocupa nas relações raciais brasileiras” (BENTO, 2002, 26). Em consonância ao que defende a autora, acredito que focalizar os discursos dos grupos sociais brancos na dinâmica das relações raciais é fundamental porque os indivíduos se constituem em interações relacionais (SCOTT, 1989), ou em alteridade como aponta Bakhtin (1995). Acredito que, as negritudes são, ambivalentemente, posicionadas por elites brancas racistas e por seus pares negros resultando em uma percepção menos positiva de suas racialidades. Além disso, considero que relatar aqui as ações discursivas dos grupos sociais brancos é uma forma de demonstrar as interpretações que faço sobre os posicionamentos tomados pelas negritudes e a elas impostos, na contemporaneidade. Considerando tais idéias, afirmo que as racializações não são expressas em isolamento. É relevante, então, considerar os modos pelos quais as racializações dos negros e não-brancos são construídas nos embates sociais com as racionalizações dos brancos.

Ressalto que um modo de desenvolver um conhecimento profundo sobre as negritudes brasileiras, na contemporaneidade, é explorando a construção social das elites brancas dominantes. A gênese do discurso das elites brancas (WODAK, 1996) revela um conflito no cerne da idealização homogeneizada de raça: branca, heterossexual, cabelos loiros e com cultura europeizada. No Brasil esse ideal de beleza se repete. Freyre (1997, p. 33) explica que, “durante o século XIX, a importação, pela burguesia brasileira, de bonecas francesas, loiras e róseas, para as meninas, concorreu para criar nessas meninas uma associação de ideia de beleza feminina com esse tipo antropológico de mulher”. Mais tarde, no final do século XX, a pesquisa de Goldenberg, realizada com a classe média urbana carioca demonstrou que o cabelo é a característica mais citada pelas mulheres sendo a cor mais referida o loiro (GOLDENBERG, 2004, p. 65). Além disso, uma evidência de que os cabelos loiros constituem o imaginário de beleza de muitas mulheres brasileiras pode ser percebida nas ruas de todas as cidades do país.

Em contrapartida às significações socialmente construídas sobre os corpos brancos como sendo valorativamente opostos aos corpos negros, cabe citar Segal (1990) que relata um entendimento sobre as raízes da construção social de uma inferiorização dos corpos negros à luz dos discursos das elites brancas. Segundo Segal (1990, p. 169),

o primeiro fato sobre o Homem negro que o homem branco conheceu foi que o negro não era realmente um homem pleno, era de preferência uma criança e não um adulto, um corpo e não uma mente. Os homens brancos criaram uma imagem dos homens negros como um contraste necessário para sua própria imagem.

A visão defendida por Segal (1990) leva-nos a inferir que os modos como entendemos/interpretamos as negritudes hoje são imagens montadas pelas hegemonias racistas. Assim, pode-se inferir que os discursos das elites brancas criam e consolidam uma visão imperialista da polaridade negro e branco (SEGAL, 1990). Ou seja, os discursos ideológicos das elites brancas são geralmente construídos para posicionar os negros como “Outro”, pois relatam uma concebida superioridade da raça branca, estratégia que serve para confirmar a sua auto-imagem. Tradicionalmente, o ser humano denominado negro representa o corpo, enquanto que o suposto branco simboliza a mente.

A “metáfora da mulher objeto, aberta e penetrável serve para destacar os aspectos da masculinidade do homem branco que testa a sua virilidade” (SEGAL, 1990, p. 173). É válido lembrar que tais imagens são construídas via discurso. O trabalho de Fanon (2008/1950) corrobora tal visão ao apontar que em quase 60% das réplicas à palavra “negro” elicitava a associação com “biologia, pênis, força, atletismo, potência, selvagem, animal, demônio e pecado” (SEGAL, 1990, p.176). Em outras palavras, os discursos sobre os negros tendem a associá-los ao corpo como ferramenta de trabalho, ao corpo como força bruta desassociado da cognição, posicionando-o mais próximo do animal que do ser humano que era sempre o branco. A pesquisa de Fanon (2008/ 1950, p.138) também destaca que a questão “raça” sempre provoca a resposta “sexo”. Para Segal (1990) negro é a cor dos segredos “sujos”: do sexo representado na imagem do “garoto” negro como garanhão e a mulher negra como prostituta. Ou seja, os discursos sobre os negros também são usados para posicioná-los como promíscuos, dotados de uma sexualidade instintiva. Como expõe Fanon (2008/1950, p. 143) “o preto é fixado no genital. Não passa de biológico. É um animal”.

Segal (1990) adverte que “a imagem da pessoa negra como mero corpo – primitivo, sexual e violento – é, entretanto, não só um aspecto componente do pensamento racista tradicional carregado por todo simbolismo da cultura ocidental”. A autora ainda ressalta que os discursos dos brancos construíram e cristalizaram estereótipos da fisicalidade negra. Ou ainda, como indicou Fanon (2008/1950, p. 138-139) citando a mística que circunda a sexualidade dos negros surge do colonialismo branco, como medos e fantasias dos brancos e uma justificativa de sua brutalidade.

As identidades sociais de raça são marcadas pelo gênero, sexualidade, classe social e idade dos indivíduos. Por exemplo, particularmente tratando do tópico dessa pesquisa, a “raça”, segundo uma visão hegemônica, pode posicionar as adolescentes negras como ilegítimas, subordinadas e feias. Entretanto, os modos como a subordinação se dá variam conforme esses outros traços das identidades sociais e conforme marcas corpóreas, tais como a textura do cabelo, a tonalidade da pele etc. Ou seja, as identidades negras são atravessadas não só por gênero, classe e sexualidade, mas também por uma complexa multiplicidade de etnicidades, racializações e inserções sociais.

Penso que, por volta de 1960 e 1970, as feminilidades negras, no Brasil, pareciam ter um lugar que era sim, resquício de construções das elites brancas racistas sobre o feminino negro, e que, entretanto, possibilitava que a mulher negra tivesse destaque no imaginário masculino, por exemplo. Nesse período, as mulatas ocupavam um espaço no que era visto como belo, ainda que a beleza em que a mulher negra se situasse fosse a da objetificada sexualmente: nádegas grandes, coxas grossas, cintura fina, seios grandes e rebolado sensual. Então, as mulatas tinham espaço na mídia; eram as dançarinas do Sargentelli, assim como, havia mulatas no programa do Chacrinha.

Na década de 1980, segundo Freyre (1997, p. 34), ocorre no Brasil um considerável impacto norte-europeizante e a beleza da morena brasileira, representada pela atriz Sônia Braga, é desbancada pela loira de olhos azuis Vera Fischer. Depois disso, penso que a loura tornou-se um fenômeno, que invadiu a TV e, conseqüentemente, as ruas. Assistimos, por exemplo, na década de 1990, a uma gama de apresentadoras de programas de TV loiras, como Xuxa, Angélica, Eliana, com destaque para as paquitas da Xuxa, todas loiras. E um momento que, talvez, tenha sido clímax, nessa europeização das imagens amplamente veiculadas na mídia seria o concurso da loira do *É o Tchan*, no programa do

Faustão, programa dominical de maior audiência da TV brasileira naquele momento. Ocorreu que o grupo *É o Tchan*, baiano e que originariamente tinha uma loira e uma negra, passa a se constituir por duas loiras. Até mesmo uma música foi composta para apresentar à sociedade “*A nova loira do Tchan*”. O concurso foi questionado por muitos visto que chegaram à final duas garotas sendo uma loira e uma negra. Nas conversas do cotidiano, muitos telespectadores que acompanhavam o concurso afirmavam que entre as duas finalistas, a candidata negra dançava melhor, todavia foi eleita a loira. Vale ressaltar, ainda, que a primeira loira do grupo, a Carla Perez, era uma garota que vinha de ascendência negra, mas apresentava uma visibilidade loira. Outro aspecto que merece destaque nesse episódio da história brasileira é que os atributos de beleza antes dados às mulatas são os que ascenderam a outras mulheres, inicialmente por meio das loiras do *É o Tchan*. Em outras palavras, talvez se possa afirmar que as mulheres se mulatizaram sob o ponto de vista corpóreo. Ou seja, as dançarinas eram loiras, mas os atributos de beleza eram os mesmos apresentados pelas mulatas: com corpos curvilíneos e sensuais. Então, entendo que nesse episódio de nossa construção coletiva de identidades raciais, houve um apagamento da pele negra e não dos atributos da negra, até mesmo porque no imaginário de muitos, no Brasil, essas feminilidades é que provocam o deleite das masculinidades hegemônicas. Esses fatos exemplificam que

há uma construção cultural do corpo, com uma valorização de certos atributos e comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um corpo típico para cada sociedade. Esse corpo, que pode variar de acordo com o contexto histórico e cultural é adquirido pelos membros da sociedade por meio da “imitação prestigiosa”, os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que viram ser bem sucedidos (GOLDENBERG, 2004, p. 35-36).

Sendo assim, parece que, como afirma Giddens (1997), estamos vivendo um momento de grande reflexividade. Uma questão pertinente seria, então, a que essa reflexividade pode estar relacionada? Provavelmente a uma gama de alternativas possíveis em um mundo globalizado, tais como, práticas para modelar os corpos, aumentar os seios, eliminar a barriga, ampliar os cabelos, ou modos de ser ou não ideologicamente étnico, ações típicas das feminilidades, modas etc. Só para citar um exemplo, a revista **Marie Claire**, de setembro de 2006, publicou uma matéria na seção de beleza com o seguinte título “Como conseguir o **cabelo que você quer**”. Você tem cabelos lisos, mas sonha com

as ondas de Gisele Bündchen. Adora seus fios crespos, mas queria que tivessem menos volume. “Confira aqui as melhores técnicas, em casa ou no salão, e os produtos certos que ajudam a conseguir o *look* que você sempre quis”, indica o texto da revista colocando para a leitora que se tem uma gama de possibilidades de auto-representação do próprio corpo.

Sob a ótica do discurso da beleza, pode-se inferir que a sociedade globalizada possibilita a produção de novas identidades (HALL, 2000, p. 86). Os grupos étnicos, por exemplo, encontram possibilidades para constituição de novos focos de identificação. Hall (2000) cita o *black*, no contexto britânico, como exemplo de um foco de identificação nos anos 70, o qual era utilizado para representar não só os africanos, como também os caribenhos e os asiáticos. Segundo Hall (2000), essa identificação não advogava igualdade entre essas etnias, mas assinalava as diferenças que esses grupos étnicos/raciais constituíam em relação aos brancos. Ou seja, na Inglaterra, na década de 70, africanos, caribenhos e asiáticos são o não-branco, são o outro em uma sociedade cujos padrões são brancos. Assim, para Hall (2000), o *black* representou um caráter político das novas identificações.

Vale ressaltar que o apagamento das mulatas e negras, no final do século XX, ocorre no Rio de Janeiro até mesmo no contexto das escolas de samba, as quais são socialmente entendidas como territórios das negritudes. As escolas de samba, nesse período, adotam cada vez mais práticas de expor em carros alegóricos, ou como rainhas de bateria, mulheres loiras, muitas delas, celebridades da principal emissora de TV brasileira, a rede Globo de televisão. Também, o fenômeno da teatralização luxuosa das escolas de samba encarece o preço das fantasias e contribui para que muitas escolas de samba fossem embranquecendo. Resumindo, as escolas de samba tornam-se espaços de exposição dos denominados corpos belos no final do século XX e início do século XXI. O caráter de espetacularização do Carnaval, senão aquele que se realiza por meio dos blocos de rua, como por exemplo, blocos de sujos, vencem as idéias de irreverência, inversão e transgressão: os aspectos de brincadeiras são substituídos pelos de competição e luxo. O Carnaval torna-se uma força capitalista e, nessa nova ordem carnavalesca, parece não haver tantos lugares para as negritudes. Todavia, um espaço que parece ter-se mantido como para as negras seria o das passistas. Convém lembrar que, nesse espaço, a visão objetificada da beleza negra parece ser confirmada. Aí os corpos são explorados, a fisicalidade é exposta ao máximo e as crenças de que há uma “hiper-sexualidade das feminilidades negras” são

alimentadas por meio de práticas dos percussionistas que lançam olhares de deleites para certas partes dos corpos das passistas, que frequentemente, se abaixam e miram os olhos e o pandeiro para o “bumbum” das passistas que não param com seus rebolados frenéticos. Nesse terreno, observa-se uma exposição da negra como, puramente um objeto sexual e não a de uma mulher bela para ser admirada, como geralmente ocorre no caso daquelas que são apresentadas nos carros alegóricos ou que ocupam o posto de rainha. Também cabe lembrar que conforme a concepção performativa de raça, como argumentei anteriormente (Seção 2.3.3), essa é uma prática que contribui para que se crie uma substância de que a mulher negra é mesmo hipersexualizada.

A partir de então, parece ocorrer uma total invisibilidade das feminilidades negras no que diz respeito ao campo do belo. Não há mais o único espaço que a negra encontrava na mídia, no qual, enfatizo, ela não era uma beleza para deslumbre e admiração, mas tinha espaço político de dançarinas de programas de televisão, por exemplo. Pior que isso: o apagamento das mulheres negras parece atingir todas as esferas de sua vida social. Por exemplo, os homens negros que começam a ascender social e economicamente, muitos deles por meio do futebol, assumem uma preferência pelas loiras. Os homens brancos, que tradicionalmente se constituíram acreditando que “a negra era para fornicar e a branca para casar”, mantêm seus padrões. Tudo isso resultou no fato de que muitas mulheres negras se viram preteridas no âmbito da beleza. Em decorrência disso, à mulher negra parece ter sido reservado apenas um lugar, o do turismo sexual. Contexto em que as escolas de samba são, muitas vezes, espaços de consolidação. E, nessa conjectura, cabe questionar, se as identificações das adolescentes negras, na contemporaneidade, ocorrem em diferentes bases.

Além disso, se no passado as mulheres negras se constituíam com auto-estima as identidades de gênero e sexualidade por meio dos corpos denominados de violão, à moda das mulatas de Sargenteli, visto que o corpo violão era padrão de beleza na época; na sociedade atual, as mulheres negras estão buscando alternativas para posicionarem seus corpos e, assim, inserirem-se na arena do mundo da beleza. Essas novas manifestações identitárias dos corpos das mulheres negras brasileiras parecem indicar que, na sociedade contemporânea não há um modo único, nacional, de ser mulher e de ser negra, pois, como Hall (2000, p. 87) coloca, “a globalização tem um efeito de contestar e deslocar as

identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas”.

Quanto ao ideal de corpo, parece haver uma auto-afirmação das mulheres negras em relação às suas características físicas conforme são concebidas no senso comum, ou seja, corpo de violão, coxas grossas, nádegas avantajadas. Talvez porque os indivíduos vejam nesse tipo de corpo uma possibilidade de exercer poder, pois como indicam muitas pesquisas sobre os gostos masculinos, o ideal de corpo que agrada as masculinidades não coincide com o ideal corpóreo pregado no mundo da moda. Assim, os homens comuns, nas interações cotidianas indicam constantemente preferir mulheres com mais curvas e com um pouco mais de carne que aquelas que aparecem nas passarelas. Além disso, uma pesquisa sobre o corpo da mulher negra, desenvolvida nos Estados Unidos revelou que a magreza não é questão para a mulher negra, provavelmente porque o culto à magreza seja um ideal cultivado principalmente por mulheres de classe média.

2.3.3 Performances de raça

Se raça se materializa nos discursos sócio-politicamente construídos em relação aos corpos com pele negra e cabelos com uma dada textura, não se pode dizer que a raça se origine da descontinuidade radical entre corpos negros e identidade socialmente construída. Se há uma estabilidade da raça, não decorre dela que “negro” seja um rótulo que se aplique a corpos negros.

Ao colocar a raça no domínio do pré-discursivo é um modo pelo qual a estabilidade interna de raça é assegurada. A produção da raça como uma ação pré-discursiva deve ser compreendida como efeito do aparato de construção cultural que socialmente é designado como raça. Em decorrência desse raciocínio, podemos inferir que há uma raça que as pessoas têm e que é, de fato, um atributo que se diz que a pessoa é como se depreende por meio da questão: “Qual é a sua raça?”. Essa ideia sugere que há um determinismo dos significados da raça, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Cabe ressaltar que é a cultura dominante quem constroi a raça conforme os seus

cânonos. Ou seja, a raça é determinada e fixada na formulação de que a biologia é destino. Entretanto, a cultura é que se torna o destino.

A raça tem uma história. Igualmente, cada indivíduo tem sua própria história de ser um sujeito social posicionado segundo uma raça. As experiências de ser negro, no mundo variam de indivíduo para indivíduo. Ser negro de classe média na cidade do Rio de Janeiro é diferente de ser negro pobre em Porto Alegre, por exemplo. Raça não está relacionada à natureza. Em vez disso, raça deve ser argumentada como o meio discursivo e cultural pelo qual a pessoa negra é construída e posicionada como pré-discurso, anterior à cultura. Nessa perspectiva, o corpo negro pode ser compreendido como uma materialidade politicamente utilizada para uma ação de determinado grupo cultural.

Os limites da análise discursiva da raça pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis da raça na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de racialização seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado nas estruturas dicotômicas que são discursos de racionalidade universalizante.

Butler cita Simone de Beauvoir ao dizer que “a gente não nasce mulher, torna-se mulher”. Sodré (1980), por analogia afirmou que “ninguém nasce negro, torna-se negro”. Com base no raciocínio de Beauvoir, Butler explica que o gênero é construído, mas há um agente implicado nessa formulação, “um conjunto que de algum modo assume ou se apropria desse, podendo, em princípio, assumir algum outro. O “tornar-se” é elucidado por Butler (2008/1990, p. 27) como “uma compulsão cultural a fazê-lo”. E tal compulsão não vem da pele/cor/corpo. Por exemplo, os discursos socialmente pré-construídos sobre os corpos negros femininos dizem que eles são hipersensualizados. Entretanto, não há nada que garanta que o corpo “que se torna negro” seja necessariamente voltado para o sexo. De acordo com Butler (2008/1990, p. 27),

não há como recorrer a um corpo que não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais; conseqüentemente, o corpo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva. Sem dúvida, será sempre apresentado, por definição, como tendo sido generificado, desde o começo.

E, eu acrescento que o corpo é pré-discursivamente racializado, desde o começo.

“O corpo aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou então, como o instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural para si mesma” (BUTLER, 2008/1990, p. 27). Mas o corpo é em si mesmo uma construção, assim como a miríade de corpo “que constitui o domínio dos sujeitos como marcas de gênero” (BUTLER, 2008/1990, p. 27) e de raça.

Os limites da análise discursiva da raça pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis da raça na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de racialização seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada. Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado nas estruturas dicotômicas que são discursos de racionalidade universalizante.

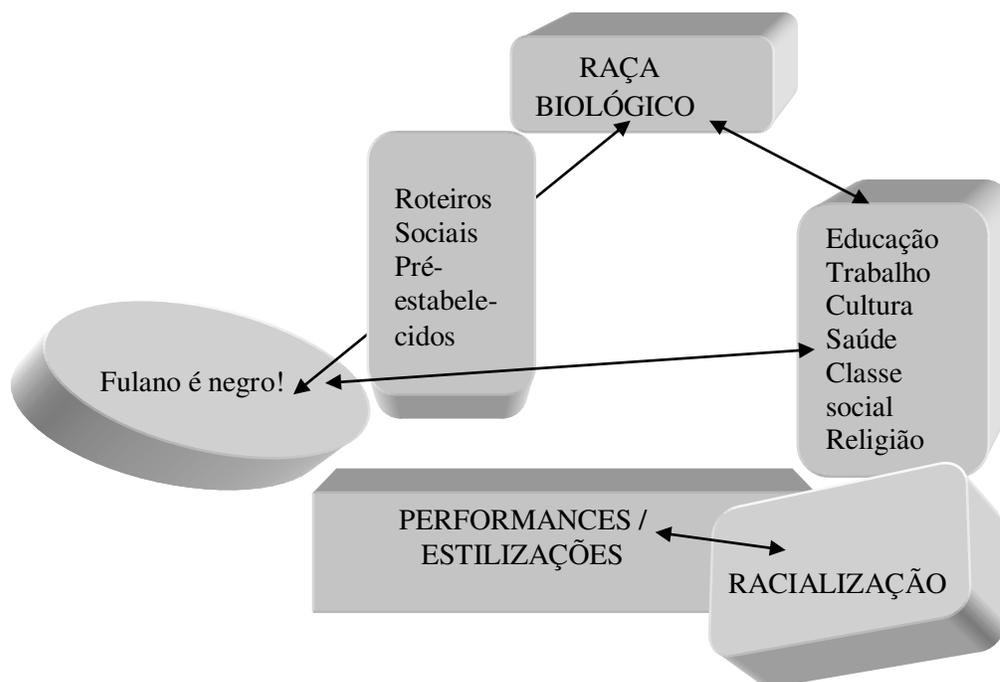
Embora biólogos se refiram à raça como uma dimensão diferenciada anatomicamente em relação ao corpo branco, raça é uma palavra que faz referência a pessoas declarando que têm um estigma originado em uma “marca” biológica e/ou cultural. “A “marca” transfigura-se em “estigma”, expresso em algum signo, emblema, estereótipo, com o qual se assinala, demarca, descreve, qualifica, desqualifica, delimita ou subordina o “outro” e a “outra”, indivíduo ou coletivo. Este é um aspecto fundamental da ideologia racial: o estigmatizado, aberta ou veladamente, é levado a ver-se e a movimentar-se como estigmatizado, estranho, exótico, estrangeiro, alheio ao “nós”, ameaça; a despeito de saber que se trata de uma mentira. Precisa elaborar e desenvolver a sua autoconsciência crítica, tomando em conta o estigma e o estigmatizador, o intolerante e a condição de subalternidade em que está jogado” (IANNI, 2004, p. 23-24).

Raça poderia ser vista como significados construídos pré-discursivamente para determinados corpos, diferenciando-os, anatomicamente de um corpo que seria significado como matriz. Raça é uma categoria socialmente marcada de sorte que o branco seja o indivíduo universal e a enunciação raça negra enalteceria os sujeitos brancos como portadores de uma pureza racial que transcende a corporeidade.

Os posicionamentos que as pessoas ocupam é que fazem com que elas sejam sócio-culturalmente categorizadas como sujeitos de uma determinada identidade social. É com base nos posicionamentos que as pessoas ocupam que elas são socialmente entendidas

de uma determinada forma, como sendo sujeitos de um dado gênero/sexualidade, raça, religião, classe social etc.

Na sequência proponho um quadro que sintetiza a noção de performance de raça que propus acima, em analogia à noção de performance de gêneros de Butler (1999/1990).



Quadro 9 – Performances de raça
Minha proposta

Os negros exemplificam claramente o que se afirma sobre as identidades sociais como “fluidas e contraditórias” (HALL, 2000). Os negros são uma raça que não possui universalidade. Constituem o que não se pode nomear. Constituem uma raça que não pode ser designada visto que há uma multiplicidade de negros. E isso é uma vantagem porque por meio do caleidoscópio de negritudes pode-se questionar o determinismo que as matrizes hegemônicas de raça utilizam para alijar os negros socialmente. Ou seja, ao se entender que há uma gama de negritudes, pode-se questionar a visão de que haveria uma essência do sujeito negro.

Para questionar a essencialização dos corpos, Butler (2008/1990) discorre sobre o que denomina metafísica da substância. Segundo a autora, os discursos essencialistas pressupõem “uma estrutura própria da noção do sujeito” (p. 29). Creio importante problematizar como essa noção contribui para construir uma inteligibilidade sobre essas categorias de raça. Um aspecto que deve ser considerado é que as concepções humanistas

por meio das quais a noção de raça foi elaborada, conforme já discuti nesse trabalho, presumem uma pessoa substantiva, portadora de atributos essenciais e não essenciais. A posição humanista de raça compreenderia a negritude como uma característica/marca da pessoa, caracterizada essencialmente como uma substância ou um núcleo de raça preestabelecido que denota uma capacidade de universalizar a moral e o raciocínio dos portadores dessa característica/marca.

Cabe lembrar que a concepção de raça deve priorizar aspectos históricos porque eles possibilitam entender raça como uma relação entre sujeitos sociais políticos socialmente construídos em contextos e situações em que há embates por poder. O ponto de vista relacional (SCOTT, 1989), contextual e situado revela que a pessoa e/ou a raça têm base nas relações sociais em que é/são determinada/determinadas. Raça, nessa perspectiva, denota um conjunto de relações sócio, cultural, discursivo e historicamente convergentes. Assim, parece ser de senso comum que o corpo negro é marcado enquanto que o corpo branco é não-marcado. Não obstante, a cor não pode ser marca de um sujeito social. O negro é negro nos contextos, nas culturas, nas situações e inserções sociais em que as assimetrias de raça são socialmente instituídas. Nessas circunstâncias, as possibilidades de interpretação dos sentidos do sujeito social negro não se esgotam. Raça é e não é a característica principal de uma pessoa. Raça é uma característica secundária porque não traduz uma essência do indivíduo; mas, é primária porque os discursos racializados sobre os corpos negros transportam significados preestabelecidos sobre os corpos negros, desde que não há corpos que não estejam circundados por discursos (cf. BUTLER, 1999/1990).

O corpo negro corresponde a uma construção na medida em que a associação do corpo com a negritude não se restringe aos elementos que constituem o corpo por si só, ao invés disso, o corpo é negro quando interage com outros corpos e em uma dada interação é significado nos embates de poder como corpo negro. Dessa forma, o corpo negro deve ser tomado como o local e o instrumento de apropriação do sujeito social negro. Ou seja, investigar os modos como o corpo negro é construído ajuda a esclarecer os mecanismos de posicionamento da raça negra em nossa sociedade.

As associações culturais entre corpo negro e raça estão documentadas na memória social nos discursos racistas que são cotidianamente reproduzidos por meio de clichês, tais como, “Cabelo duro é igual bandido: ou está preso ou está armado”, “Fulano é

negro de alma branca”. Assim, as construções discursivas dos corpos negros e sua exclusão de determinadas esferas sociais mantêm as assimetrias entre os grupos raciais. O corpo feminino negro é marcado por discursos. Como expõe Butler (2008, 1990, p. 33-34), “o esforço de identificar o inimigo como singular em sua forma é um discurso invertido que mimetiza a estratégia do opressor, em vez de oferecer um conjunto diferente de termos”. Ou seja, os discursos preconstruídos sobre os negros visam criar uma ideia social de que há uma essência de negritude que estabeleceria a possibilidade de se coadunar negritude e feiúra, negritude e sexualidade animalesca, negritude e criminalidade, negritude e falta de inteligência.

O emprego termo negro em discursos racistas e estereotipados coloca as negritudes em uma categoria normativa dos negros na medida em que generaliza a racialização significando que todo indivíduo socialmente posicionado é feio, propício à criminalidade, ao sexo voraz; é praticante de uma determinada religião, por exemplo. Em outras palavras, o que os discursos de racialização faz é criar uma universalização das negritudes e renegar a multiplicidade das intersecções culturais, sociais e políticas em que o espectro de negritudes é construído e significado.

Seria errado supor uma categoria racial que apenas necessitasse ser preenchida com os componentes de cor da pele, textura dos cabelos, formato do nariz e espessura dos lábios. A indeterminação dessa categoria serve permanentemente como lugar de contestação, abre brechas para a construção para racialidades e racializações politicamente interessantes e interessadas. Butler (2008/1990, p. 36) questiona sobre a necessidade da ‘unidade’ para que haja uma ação política efetiva, no caso do feminismo. A autora afirma que

considerando que a articulação de uma identidade nos termos culturais disponíveis instaura uma definição que exclui previamente o surgimento de novos conceitos de identidade nas ações politicamente engajadas e por meio delas, a tática fundacionista não é capaz de tomar como objetivo normativo a transformação ou expansão dos conceitos de identidade existentes. Além disso, quando as identidades ou as estruturas dialógicas consensuais pelas quais as identidades já estabelecidas são comunicadas não constituem o tema ou o objeto da política, isso significa que as identidades podem ganhar vida e se dissolver, dependendo das práticas concretas que as constituam (BUTLER, 2008/1990, p. 36-37).

Entretanto, a multiplicidade de negritudes não pode expressar uma única identidade negra, normatizada por discursos reguladores que tentam governar a raça negra e as noções culturalmente compartilhadas do que é o negro em nossa sociedade. De acordo com Butler (2008/1990, p. 38), “a ‘coerência’ e a ‘continuidade’ da ‘pessoa’ não são características lógicas ou analíticas da condição de pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas”. Isso significa que não existe de fato um *contínuum* negro – feiúra, negro-sexualidade animalesca, negro-falta de inteligência, o que há de fato é um modo de significar os negros, discursivamente instituído e sustentado nos discursos, que constantemente repetem estereótipos raciais, os quais levam as pessoas a naturalizarem o que os discursos dizem como verdades.

“Em sendo a ‘identidade’ assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de ‘pessoa’ se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é ‘incoerente’ ou ‘descontínuo’, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gêneros de inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas” (BUTLER, 2008/1990, p. 38).

A ideia que haveria uma verdade da raça negra é produzida pelos discursos normativos reguladores que geram identidade negra a partir de uma matriz racial. A normatização racial institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘branco’ e ‘negro’ em que estão compreendidos como atributos expressivos de ‘pureza’ e ‘essência’. A matriz racial por meio da qual a identidade de raça se torna inteligível exige que certos tipos de ‘identidade’ não possam ‘existir’ – isto é, aquelas em que as ações sobre o corpo não refletem o que foi instituído como peculiar ao corpo negro e aquelas em que as ações não decorrem da suposta cultura negra e do corpo negro. Com base nesse ponto de vista, certos tipos de identificação de raça são considerados pelas hegemonias sociais como ilegítimos.

3 DISPERSÕES DOS DISCURSOS DE BELEZA EM NARRATIVAS MIDIÁTICAS E EM (CONTRA) NARRATIVAS EM EVENTOS DE LETRAMENTO

Como indiquei na introdução deste trabalho, beleza é aqui compreendida como um valor simbólico o qual contribui para que os indivíduos sejam posicionados na sociedade de determinados modos. Vigarello (2006) define beleza na contemporaneidade por meio do termo “ensaio”, ou seja, ele discute que há uma gama de possibilidades subjetivas de um indivíduo se constituir como belo. O autor assevera que o embelezamento “não se explica apenas pelas práticas de consumo ou o imaginário de igualdade” (p. 181), e a beleza está associada a uma construção identitária interpelada pelo corpo, pela imagem, envolvendo um processo de individualização, de sorte que “a grande sociedade não diz mais ao indivíduo aquilo que ele deve ser. As instituições não governam mais o porte e a roupa” (VIGARELLO, 2006, 181). Em outras palavras, beleza no mundo contemporâneo não se relaciona mais ao que um determinado grupo estandardizou como sendo belo.

Em *História da beleza*, Vigarello (2006) explica que as dinâmicas temporais desviam os critérios de beleza, mais bem compreendida como uma invenção difícil de conceituar. A palavra envolve uma complexidade de significados que variam considerando a subjetividade de quem a emprega e os pontos de vista a partir dos quais se fala sobre o belo. Oliveira (2006) explica que há muitas definições do belo que vêm sendo construídas desde a antiguidade por meio de valores objetivos e subjetivos. Do ponto de vista filosófico, segundo a autora, há múltiplas visões do belo que na época moderna ser categorizadas seguindo um critério de modos de olhar. Oliveira distingue cinco modos de falar do belo:

(1) semântico – discute as posições segundo as quais os juízos de beleza são subjetivos ou objetivo, (2) psicológico – a natureza do belo depende do entendimento de uma dada sociedade, (3) metafísico – reduz as questões relativas ao belo a questões sobre a natureza da beleza em si, (4) ético – supõe que algo pode ser qualificado como belo porque fornece analogias com noção moral e (5) axiológico – baseado na teoria de valores, em que a beleza não seria propriedade das coisas, mas um valor. (2006, p. 54)

A autora explica que tais modos nem sempre são independentes entre si e, com frequência, podem combinar-se.

No contexto deste trabalho, optamos pela visão axiológica de beleza por considerá-la mais frequente no pensamento contemporâneo que se baseia “nas teorias de valores. Segundo estas teorias, a beleza não é uma propriedade das coisas ou uma realidade por si mesma, mas um valor. O belo vale” (OLIVEIRA, 2006, p. 54). Ou seja, na contemporaneidade, as pessoas são valorizadas ou não a partir de um padrão estereotipado e hegemônico de beleza.

As visões de Vigarello (2006) e Oliveira (2006) se contrapõem quando se considera que, para Oliveira, há uma matriz de beleza, enquanto para Vigarello há matrizes hegemônicas de beleza. Embora considere os campos de significação de beleza, interessa-me refletir mais cuidadosamente a proposta de Vigarello, que permite uma desfocalização de um padrão único e a dispersão de belezas, sem afirmar que no mundo contemporâneo as padronizações não são mais estabelecidas. Na verdade, entendo que devido ao discurso do politicamente correto, diversos discursos de diferentes culturas são divulgados socialmente, entretanto, as hegemonias continuam fortes e estabelecem padrões sociais de beleza como sempre ocorreu na história da sociedade humana. Todavia, entendo que a dispersão de belezas pode possibilitar a criação de políticas transgressivas visando à quebra dos cânones tradicionais que avaliam os corpos como belos ou não com base na raça e o rompimento com os sistemas que insistem em propagar a noção essencializada de que existe um *continuum* entre fisicalidade e raça. Vigarello (2006, p. 182) defende a idéia de que há uma subjetividade do belo, afirmando que “esse é um tempo em que a beleza é o que se mostra, a personalidade de alguém. Sua gestualidade, sua maneira de ser”. Para o autor, nesse tempo, não se pode pensar em beleza para uma coletividade de indivíduos, visto que “a dispersão das escolhas se generalizou” – quanto à beleza dos cabelos, por exemplo, o que vale é “cada um com seu penteado” (VIGARELLO, 2006, p. 182).

Problematizando os modos como são constituídos os sentidos da beleza na contemporaneidade, Vigarello (2006) aponta nas revistas atuais, o que os publicitários afirmam: “o triunfo de um corpo subjetivado” (p. 184). Nas palavras do autor, “ser belo ou bela não significa mais se parecer com alguma coisa ou com alguém, mas se sentir bem em seu corpo, encontrar os produtos que convenham e correspondam à sua própria personalidade” (VIGARELLO, 2006, p. 184). Entretanto, não se deve acreditar que no contexto social contemporâneo não haja e estilos e aparências idealizadas. De acordo com

Vigarelo (2006, p. 185), o ideal é prescrito de modos novos. Não se força mais a ordem. Não há uma fixidez de modelos, de formas e expressões de beleza.

À guisa de exemplos de como os discursos veiculados sobre beleza, corpo e cabelo ajudam a problematizar as racializações na sociedade contemporânea, tomo os anúncios publicitários da indústria de cosméticos atual. Neles se constata que, diferentemente do que acontecia no passado recente, até os anos de 1980, os anúncios agora focalizam a pluralidade racial brasileira. As indústrias estão lançando e anunciando produtos para cabelos étnicos, crespos, escuros e/ou afro; para pele morena ou negra. Empresas como a *Natura e O Boticário* vêm criando uma linha de produtos para cuidados da pele e maquiagem específicos para pessoas negras. Tais produtos são exibidos em propagandas e vitrines ao lado de produtos para cabelos loiros, lisos, de modo que um leitor desavisado poderia inferir que a sociedade brasileira contemporânea está valorizando e dando visibilidade aos diferentes grupos raciais, com suas diferentes belezas. Não obstante, acredito que esses discursos visam muito mais uma conquista de mercado do que uma valorização dos grupos raciais, visto que esses produtos começaram a ser criados depois que as mídias começaram a divulgar que está surgindo no Brasil uma classe média negra²⁵.

No meu modo de entender, é de olho em uma nova fatia de mercado que a indústria de cosméticos “valoriza” os negros e cria, por exemplo, uma gama de produtos para “alisar os cabelos”, “diminuir o volume”, “definir os cachos”; “hidratar a pele negra”, entendida como muito seca. Esses produtos são constantemente anunciados como feitos para valorizar a beleza da mulher negra. Seguindo uma visão embasada nos conceitos de domesticação e controle desenvolvidos por Foucault (2001/1979), algumas pessoas constroem o entendimento de que se um produto modifica os cabelos da mulher negra de modo a aproximá-lo dos padrões hegemônicos do que seria um cabelo bonito, essa mulher está se submetendo a uma prática de “domesticação” de seu corpo, de modo que o resultado da prática de embelezamento é, por vezes, significado como uma forma de as hegemonias dominantes exercerem controle sobre o corpo negro feminino. A crença na perspectiva da

²⁵ A capa da revista **Veja**, de 24 de junho de 1998, focaliza a matéria: **Do preconceito ao sucesso**. A discriminação racial vista por quem venceu a barreira e chegou lá. A capa mostra artistas de novelas, apresentadores de programas de televisão, jogadores de futebol, cantores e um diplomata, todos negros. Um ano depois, a capa da revista **Veja**, de 18 de agosto de 1999, chama a atenção para a matéria: **A classe média negra**. Advogados, professores, médicos, vendedores, empresários. Já são 8 milhões e movimentam 50 bilhões de reais por ano.

domesticação dos corpos leva muitos indivíduos a posicionarem os negros que utilizam tais produtos cosméticos como pessoas que renegam a raça. Entretanto, a questão, no meu modo de entender, é muito mais complexa. Então, não se pode, sem uma análise personalizada da prática, estabelecer uma avaliação única para todos os indivíduos em todos os contextos. Além disso, uma avaliação não cuidadosa pode pressupor o entendimento de que as mulheres negras são sujeitos passivos, submissos e vítimas. Esse modo socialmente construído e constantemente tomado para definir as mulheres negras permite-me afirmar que as práticas de cuidados de belezas adotadas pelas negras são racializadas e controladas por sujeitos sociais que tentam impeli-las a fazer determinada performance corpórea, que muitas vezes é entendida como “natural” da mulher negra, porque ela é sujeito de uma determinada raça. As hegemonias criam uma essência do que seria um corpo negro e controlam quem se assume sujeito negro e quem não. Nessa avaliação sobre as mulheres negras, não assumir a raça significar render-se aos valores dos grupos raciais brancos.

Em contrapartida, há mulheres brancas que também adotam práticas que transformam seus cabelos, mas, nesse caso, as práticas de embelezamento não são racializadas, ou seja, não são avaliadas como não aceitação de sua corporeidade, mas simplesmente significadas como atos de mulher, ações peculiares ao gênero feminino. Assim, no meu modo de entender, os usos que as pessoas fazem de seus corpos/cabelos são práticas sociais cujos significados são generificados ou racializados, dependendo da raça da mulher que busca embelezamento. Cabe ressaltar que as práticas envolvendo os corpos/cabelos são altamente complexas. Por um lado, os usos dos cabelos das pessoas negras são socialmente vigiados pelas hegemonias sociorraciais que cobram a reprodução de um padrão corpóreo – incrustado em valores construídos em determinado momento da história social dos negros – ou uma adequação aos modos socialmente construídos pelos cânones hegemônicos de beleza, segundo os quais corpos belos são aqueles que a sociedade entende como tendo traços de branquitude. Por outro lado, frequentemente marcados e racializados segundo seu gênero, os usos dos cabelos de pessoas brancas parecem ser entendidos como naturais e, geralmente, ditam padrões sociais de beleza. Entretanto, a sociedade disponibiliza uma série de possibilidades de construções corpóreas, e parece-me que o poder de escolha não pode ser exercido por todos, por causa da raça. Entendo que

entre o poder que as hegemonias exercem sobre os corpos e as supostas ações de domesticação e disciplinarização dos corpos há questões a serem ponderadas; questões como a racionalidade do sujeito social sobre as vantagens e desvantagens que uma dada prática envolve, porque parto do pressuposto de que os indivíduos não investem em um projeto em que não se veem tendo algum tipo de vantagem – seja ela pessoal ou social.

Na sociedade contemporânea há uma gama de aparências sendo veiculadas como parte de construções de beleza dos corpos, em nome do projeto do corpo inserido na construção identitária. Segundo Vigarello (2006, p. 186), esses projetos “pluralizam, dispersam, fabricam modos de usar comportamentais, justificando atitudes e identidades”, fazendo parecer que esse é um momento da subjetividade em que os indivíduos podem se constituir segundo seus desejos pessoais. Em contrapartida, muitas pessoas se veem em um processo conflituoso de identificação. A mulher negra, por exemplo, vê-se desafiada a corresponder a uma identificação racial e de gênero criada e estabelecida como se ela mesma não soubesse se identificar. E pelo fato de os discursos propagarem a diversidade, a diferença, anunciando que os sujeitos podem ser/se identificar como quiserem, parece que não há necessidade de resistência. Giddens et al. (1997) afirmam que a contemporaneidade é marcada pela “desmotivação para a política e isso faz com que surjam subpolíticas²⁶ de gênero, sexualidade, grupos de negros, grupos de mulheres” (GIDDENS et al., 1997, p. 16) que lutam pela transformação de um campo social específico. Tal desmotivação é uma evidência de que, no Brasil, a fragmentação dos sujeitos atravessa classes sociais, gênero e raça, demonstrando ações e políticas públicas. Segundo Giddens et al. (1997), deve-se buscar entender como as pessoas se movimentam subpoliticamente, interpretar os modos como as pessoas em práticas sociais específicas buscam mudanças sociais mais profundas. Por isso, este trabalho foca as performances de corpos/cabelos de adolescentes negras em uma comunidade de prática e interpreta as formas como o corpo se torna um ato político. Ou seja, estudo práticas situadas – em que pessoas estão agindo em conjunto para fazer coisas no mundo (CHOULIARAKI, FAIRCLOUGH, 1999, p. 16).

²⁶ Alinho-me à noção de subpolítica (GIDDENS et al., 1997) como uma ação transformadora que surge por meio das bases ativas da população que não se deixam deter por falta de uma política governamental ampla para soluções de problemas sociais. Nesse tocante, uma subpolítica é uma política criada pelos grupos vulneráveis.

A contemporaneidade é um tempo em que as normas continuam coletivas, apesar da profusão de subjetividades. Nesse contexto a exigência de beleza se reforçou – é um momento de identidade mais ‘corporizada’ (VIGARELLO, 2006, p. 192).

3.1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS CORPOS FEMININOS NEGROS

*Somos seres corpóreos e nossos corpos
não podem ser explicados fora das relações sociais*
Shilling, 1997, p. 81.

Concepções sobre o corpo têm influenciado os estudos de gênero, raça e discurso em muitas áreas de investigação acadêmica. De acordo com Shilling (1997, p. 65), o corpo humano tem sido investigado e questionado como nunca por pesquisadores que buscam conhecer os modos como vemos e relatamos nossos corpos. A socióloga Connell defende o corpo como um traço de nossa identidade social que nos posiciona de um determinado modo na sociedade. Ela analisa os corpos como constitutivos do gênero nos seguintes termos: “os corpos são arenas para a construção dos padrões de gênero” (CONNELL, 2000, p. 12). Na área da psicologia social, Freire Costa aponta que na contemporaneidade estamos diante de “dois fatos culturais associados à destradicionalização: o consumismo e o culto ao corpo” (2004, p. 16). No campo da teoria *queer* destaca-se o trabalho de Louro, e o de Moita Lopes na linguística aplicada. Sobre a emergência dos estudos sobre o corpo, Vigarello (2009) explica que,

o corpo se tornou tema histórico por si só. As interrogações sobre a transformação de suas aparências, sobre a transformação de seus modos de fazer ou sentir é hoje vista como séria. As ciências sociais provocaram uma reviravolta nos questionamentos. Sociólogos, antropólogos e psicólogos investigam os comportamentos buscando indícios de cultura e identidade nas expressões, nos gostos, nas práticas ou sensações (Caderno MAIS, *Folha de São Paulo*, 2009).

Em outras palavras, o constante interesse dos diferentes campos de estudo pelo corpo indica uma relevância somática para a construção de inteligibilidades sobre as identidades sociais, o que tem sido chamado de virada somática nas Ciências Sociais e Humanas (FABRÍCIO, 2006). Nesta ótica, entende-se, de acordo com Shilling (1997, p. 65), que “a identidade é fixada no corpo”, e defende que o “corpo é importante porque modela nossas identidades e

estrutura nossas intervenções no mundo” (p. 65). Não obstante, quando busquei pesquisas sobre o corpo da mulher negra, encontrei material pouco relevante, de sorte que, nesta seção, construo um texto sobre esse tópico contando basicamente com o trabalho da feminista negra americana, Angela Davis.

O corpo é um dos tópicos privilegiados nos discursos de diferentes instituições, passando pela família e a moda e chegando à mídia e aos Movimentos Negros. De fato, na atualidade, os indivíduos parecem sentir necessidade de reorganizar os significados/sentidos de seus corpos. Para Giddens (2002, p.15), “o corpo é cada vez menos um “dado” extrínseco, funcionando fora dos sistemas internamente referidos da sociedade contemporânea, mas passa a ser reflexivamente mobilizado”. Em outras palavras, nossos corpos materializam os efeitos de sentidos que socioculturalmente constituímos uns com os outros, nas interações sociais, via discursos. Na visão de Vigarello (2009), “a experiência corporal é um ‘ponto fronteiro’ original, em que o coletivo e o individual se cruzam”.

Nas sociedades construídas com bases em crenças da supremacia branca, feminilidade e beleza são características dos corpos brancos e não dos corpos negros, sua contraparte. Assim, podemos afirmar que traços fenotípicos têm sido usados como causa da abjeção²⁷ dos corpos (BUTLER, 1993) de mulheres negras e não-brancas em nossa sociedade e da conseqüente necessidade de uma redefinição dos e pelos corpos negros e de um reposicionamento desses corpos. Ou seja, as negritudes estão sendo historicamente desafiadas a se construir e posicionarem na sociedade. Audre Lorde, poeta e feminista negra reivindica: “para mulheres negras bem como para homens negros é axiomático que se não nos definirmos seremos definidos pelos outros para o seu uso e em nosso detrimento” (LORDE, 1983, p. 45). Assim, em minha abordagem sobre o corpo, advogo, como Shilling (1997, p. 81), um tratamento do corpo que: “a) faça uma ponte natureza/cultura; e, b) tome-o como um fenômeno, inerentemente histórico”. Para se fazer uma ponte natureza/cultura, é necessário desestabilizar crenças cristalizadas de que existe uma essência racial que justificaria tecer afirmações generalizantes sobre as mulheres negras sem considerar suas individualidades e sem ponderar, principalmente, que as generalizações carregam marcas e

²⁷ Segundo Butler (2008/1990, p. 162) “as imagens corporais que não se encaixam em nenhum dos gêneros ficam fora do humano, contituem a rigor o domínio do desumanizado e do abjeto”. Em analogia, afirmo que os corpos femininos negros, uma vez construídos fora da esfera da feminilidade, como ocorre com a mulheres brancas, ocupam um posicionamento social como seres abjetos.

ideologias culturais. Em outras palavras, cabe sempre interrogar se as performances das mulheres negras justificam os estereótipos sociais ou se estão sendo construídas de determinados modos para atender a intenções sócio-políticas de hegemonias culturais e raciais.

Para compreender as raízes de estilizações que significam ideologicamente os corpos das mulheres negras é importante considerar os fatos históricos. Contudo, ainda são poucos os estudos de raça no Brasil, e em outros países, que apresentam dados que possam ajudar os pesquisadores interessados nos corpos negros “femininos” porque “a situação da fêmea escrava permaneceu intocada²⁸” (DAVIS, 1981, p. 3). A pouca atenção que tem sido dada tradicionalmente à mulher negra nos estudos acadêmicos diz respeito a questões como promiscuidade, casamento e estupro. Há muitos estudos sobre negros que focalizam o escravismo e a abolição, em contrapartida, parece-me haver poucos estudos abordando o cotidiano dos negros em contextos sociais específicos como a família, as relações de trabalho, as identificações nas relações entre os gêneros ou focalizando os corpos das mulheres negras. Não obstante, tento reunir aqui alguns conhecimentos sobre esses corpos, e considerar aspectos da vida da mulher negra escrava: relações de trabalho, maternidade e sexualidade, durante o escravismo.

No que tange às relações de trabalho durante o escravismo, os estudos demonstram que as mulheres negras exerciam as mesmas tarefas que os escravos masculinos, enfrentando a mesma jornada de trabalho. As mulheres não eram, por exemplo, femininas, para trabalhar em minas e para construir linhas férreas (DAVIS, 1981). Os estudos revelam, ainda, que “as mulheres eram requeridas para serem tão “masculinas” na performance em seu trabalho quanto os homens” (DAVIS, 1981, p. 11). Em outras palavras, as condições de vida das mulheres escravas não permitiam que houvesse diferenças entre os gêneros/sexualidades dos escravizados. Como explica White (1999/1985, p. 174), “o gênero das mulheres negras não as protegeu do terror branco”. Assim, “as relações trabalhistas posicionavam as mulheres igualmente aos homens quando o fator em pauta era a opressão” (DAVIS, 1981, p. 6), além de não terem sido poupadas de horas de trabalho nem mesmo durante o período de gravidez (DAVIS, 1981, 2000). A autora argumenta que os senhores exploravam excessivamente o trabalho dos escravos com

²⁸ A autora argumenta a pouca focalização do corpo feminino negro em pesquisas acadêmicas.

absoluta indiferença à idade e ao sexo do escravo, e até mesmo em situações de limitação biológica, açoitava-os. De acordo com Davis (2000, p. 157), “como relatado em narrativas de escravos, formas especiais de punição eram infligidas em mulheres grávidas que eram incapazes de se engajarem nos trabalhos prescritos”.

A política escravista adotava práticas em que não se considerava o gênero do escravo em momentos de punição e repressão, contudo, havia um tratamento diferenciado, uma vez considerada a sexualidade: “as mulheres foram vítimas de abuso sexual e outros tratamentos bárbaros que só podiam ser infligidos a mulheres” (DAVIS, 1981 p. 6). A autora cita exemplos em que “buracos eram talhados no chão permitindo que uma mulher grávida se deitasse de bruços enquanto era açoitada pelo capitão” (DAVIS, 2000, p. 157), pois as mulheres escravas não possuíam seus corpos e eram susceptíveis a quaisquer formas de coerção sexual. “Elas [as escravas] eram açoitadas, mutiladas bem como estupradas. Estupro, de fato, era uma expressão de poder econômico do escravizador e dos capitães que controlavam as mulheres negras como trabalhadoras” (DAVIS, 1981, p. 7). Assim, afirmava-se que o abuso sexual era um instrumento que facilitava a exploração do trabalho feminino.

O abuso sexual é analisado pela historiadora Deborah Gray White (1999/1985, p. 9) como um contexto em que “o corpo das mulheres escravizadas constituía lugar de conflito inter-racial”, considerando que os homens escravizados tinham sua virilidade desestabilizada e eram colocados em situação de vulnerabilidade diante das mulheres por não poderem defendê-las das masculinidades brancas. O trabalho de White (1999/1985) discute o abuso do corpo feminino negro localizando as mulheres negras na intersecção de ideologias e políticas raciais e sexuais. A questão crucial é que o abuso sexual construiu a sexualidade da mulher negra como espaço de domínio público e criou a noção, errada, de que a mulher negra é promíscua. Segundo White (1999/1985, p. 29), “uma das imagens mais prevaletentes de mulheres negras era a de uma pessoa governada quase inteiramente por sua libido”. Vale ressaltar também, o caráter paradoxal dessa exploração sexual: os mesmos que abusavam dos corpos das mulheres negras é que construíam discursos preconceituosos em relação à sexualidade dessas mulheres; discursos que tiveram legitimidade para se cristalizarem e, ainda na contemporaneidade, operam como ‘regimes de verdade’ (FOUCAULT, 2001/1979). Consequentemente, em situação de enorme

desvantagem em relação aos homens durante o escravismo, as mulheres eram as maiores vítimas de opressão e as únicas que sofriam exploração sexual. Essa violência contra os corpos de escravas permite-nos inferir que “o uso do corpo das mulheres negras como um instrumento de reprodução e sua violação sexual pelo senhor de escravos era uma asserção institucional da baixa escala de escravo fêmea” (DAVIS, 2000, p. 158). Durante a escravidão, as mulheres negras “nunca sabiam quando teriam que se defender contra ataques físicos ou sexuais. A vida as desafiava a exercer um tipo diferente de maternidade, que não se comparava ao da mulher branca” (WHITE, 1999/1985, p. 176).

O que estou tentando argumentar aqui é que, dialeticamente, a condição de trabalhadora e os constantes açoites e abusos sexuais atravessam as construções sobre as negras. “As mulheres negras eram vistas, não menos que os homens como unidades de trabalho, elas eram menos generificadas” (DAVIS, 1981, p. 5). Além disso, Davis (1981, p. 5) ressalta que “julgadas pelas ideologias de feminilidades do século XIX, as quais enfatizaram os papéis das mulheres como mães nutridoras, companheiras e donas de casa gentis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias”. Isso provavelmente exemplifica o fato de, na contemporaneidade, ainda existirem, no imaginário de senso comum, disparidades entre mulheres negras e mulheres brancas em decorrência de as negras terem sido objetos de punição gerando construções das feminilidades brancas abalizadas em uma noção de pureza (BORIS, 2003, p. 11). Em relação ao aspecto da maternidade, um fator central para a inserção de um indivíduo na categoria de feminino, as mulheres negras foram “classificadas como ‘reprodutoras’ se opondo a ‘mães’” (DAVIS, 1981, p. 7). Nas palavras de Davis (1981, p. 12), “as mulheres se tornam sinônimo de ‘mãe’ e ‘dona de casa’”. Entretanto, os arranjos do regime escravista não possibilitavam que os papéis fossem sexualizados na comunidade escravizada (DAVIS, 1981).

Acredito que a história da mulher negra escrava é exemplar para mostrar que o gênero é racializado e tem seus significados moldados pela forma como a raça é construída socialmente: ser mulher e escrava era muito pior que ser homem e escravo. De acordo com Davis (1981, p.27),

mulheres negras eram mulheres de fato, mas suas experiências durante a escravidão – trabalho duro com os homens, igualdade entre as famílias,

resistência, açoite e estupro – encorajaram-nas a desenvolverem certos traços de personalidade os quais as colocam aparte de muitas mulheres brancas.

A meu ver, esse histórico também contribui para entender como os corpos “femininos” negros foram construídos como sendo feios, já que as histórias parecem possibilitar o *continuum* ruim - inferior - feio nas construções de significados dos corpos negros femininos, ainda no contexto social contemporâneo. White (1999/1985) explica que os cabelos (tema desta pesquisa) das escravas eram um dos traços indicativos de que ela gozava de oportunidades incomuns, uma vez que a senhora não permitia escravas de cabelos longos; a reação, ao descobri-los, era cortá-los curtos (p. 173).

3.2 DISCURSO, MÍDIA, RACISMO E CORPO

Neste trabalho adoto a visão de discurso como uma ação que dado indivíduo exerce no e sobre o mundo social, sobre os outros e, reflexivamente, sobre si mesmo: “os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as constituem (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22). Tomar o discurso como ação sobre o mundo é considerar que nas práticas discursivas os indivíduos exercem ações políticas, conforme suas ideias particulares, moldadas por valores e crenças construídos com base nas instituições sociais de que participa. Disso se pode inferir que, uma vez gerados por formações discursivas, marcadas por ideologias e formas particulares de controle de poder, “nenhum texto é inocente e todo texto reflete um fragmento do mundo em que vivemos” (KUMARAVADIVELU, 2006, p. 140). Nesse cenário, textos midiáticos são importantes esferas de construções de discursos que visam indicar que performances devem ou não ser feitas por determinados indivíduos. Entendo que a mídia veicula práticas discursivas políticas e politizadas, que podem ser utilizadas para nos ajudar a criar inteligibilidades sobre a sócio-história, particularmente, no que se refere a questões como o racismo.

Thompson (2005/1998, p. 14) enfatiza a importância de pensar os meios de comunicação em contextos sociais cotidianos em que os indivíduos introduzem e recebem formas simbólicas mediadas, pois “o uso dos meios de comunicação transforma a organização espacial e temporal da vida social, criando novas formas de ação e interação,

novas maneiras de exercer o poder, que não se ligam mais ao compartilhamento local comum”. Corroborando essas idéias, Fairclough (1995, p. 61) aponta que “a mídia exerce um papel significativo ao refletir e estimular processos de mudança mais gerais, e as práticas da mídia estão correspondentemente em constante fluxo”, e a diversidade discursiva em relação às diferenças raciais e culturais na contemporaneidade é constante nas mídias.

Atualmente, a ação das mídias parece indicar um movimento de maior visibilidade das feminilidades negras em propagandas e em revistas femininas, só para citar alguns exemplos. A meu ver, essas ações – que envolvem tanto uma pluralidade de produtos de beleza quanto uma maior visibilidade de mulheres negras – são provocadas por discursos da diversidade, tema frequente na contemporaneidade. Todavia, vale ressaltar que nem sempre é o respeito às diferenças que está por trás desses discursos, que continuam gerando embates violentos e provocando controle e vigilância do indivíduo diferente. Os conflitos raciais são mascarados por discursos perversos da diversidade motivados pelo pensamento de senso comum do que é/seria politicamente correto. Graças a um jogo de visibilidade/invisibilidade, esses discursos corroboram os exercícios de poder das branquitudes: sustentam a supremacia branca nos discursos sobre beleza, posicionam os negros como “outro” folclórico e fetichizado e desestabilizam a temporalidade subjetiva dos negros que ficam restritos a questões referentes às religiões e culturas africanas, ao carnaval e ao futebol. Esses discursos criam uma substância do que é ser negro, focada em um tempo sócio-histórico determinado e ultrapassado. É um discurso insensível à possibilidade de as negritudes fazerem uma pluralidade de performances.

Na visão de Hall (2003, p. 337), “o pós-modernismo tem uma profunda e ambivalente fascinação pelas diferenças sexuais, raciais, culturais e, sobretudo étnicas”. Para o autor, as diferenças são marcadas pela expressão ‘exótico’, utilizada para indicar uma multiplicidade de coisas, “um tipo de diferença que não faz diferença alguma” (HALL, 2003, p. 338). Essa é uma prática comumente exercida pelos indivíduos posicionados entre as hegemonias sociais: a de indicar os ‘outros’ como sendo todos iguais, e não para ver o ‘outro’, para conhecê-lo, posto que o ‘outro’ não lhe interessa.

Discursos midiáticos exercem função crucial na construção social dos negros como seres ‘abjetos’ e congelam a visão de negros handicapados ao longo da história. “A

abjeção de certos tipos de corpos, sua inaceitabilidade por códigos de inteligibilidade, manifesta-se em políticas, e viver com tal corpo no mundo é viver nas regiões sombrias da ontologia” (BUTLER, 2002, p. 157). Todavia, esses discursos seguem a visão de negritude como essência, consideram haver uma natureza própria de negros, que se opõe à normatividade racial em que a branquitude é matriz. Isso explica a relevância de se fazer uma “investigação do papel da mídia no contexto contemporâneo, focalizando os discursos que ela põe em circulação – na construção de um determinado *regime de verdade* (FOUCAULT, 2001/1979), constituidor de *racismos de diferença* (termo tomado emprestado a LINS, 1997)” (MOITA LOPES, FABRÍCIO, 2005, p. 241).

Os discursos das mídias apresentam às negritudes amplas formas de identificação e estilização de seus corpos, mas geralmente partindo de matrizes hegemônicas. Em revistas femininas, por exemplo, estão disponíveis discursos que visam domesticar os corpos das mulheres negras (COSTA DE PAULA, 2006), impondo performances de feminilidade, raça e beleza frequentemente produzidas por mulheres brancas. Na seção de beleza dessas revistas, raros são os discursos contestadores, enquanto discursos sobre corpos e cabelos que ratificam matrizes de raça e feminilidades são repetidos: “O *look* chapado, adorado pelas brasileiras, tem mais chances de brilhar do que os fios cacheados e crespos, naturalmente irregulares” (Revista *Marie Claire*, Maio de 2008, p. 190). “O cabelo comprido, abaixo dos ombros, é cheio de sensualidade” (Revista *Raça Brasil*, Julho de 2006, p. 35). Muitas vezes, discursos performativos como esses, buscam *impor* ou *invocar* a existência do 'impossível', porque são identificações abalizadas em visões dos indivíduos como seres pré-construídos. Esses discursos criam um todo, segundo roteiros pré-formados com base nas raças e nos corpos sexuados dos atores, ignorando as possibilidades de as pessoas ensaiarem suas vidas corpóreas, generificadas e sexuais em outras bases.

Entender os modos como os discursos midiáticos são constituídos implica compreender a questão do acesso ao discurso e ao poder por intermédio do discurso. Para van Dijk (1994, p. 123), o discurso contribui para a reprodução do racismo como “domínio de um grupo étnico”, “especialmente das elites brancas”. Na visão do autor,

as elites têm ação e acesso mais bem controlado a discursos de política, mídia, escolaridade e educação. Elas podem determinar o tempo, lugar,

circunstância, prevenção e o papel dos participantes, tópicos, estilo e ouvintes de tais discursos. As elites são os sujeitos representados preferidos no discurso público. Isto significa que as elites têm mais chances de ter acesso à mente dos outros e de, assim, exercer poder. (p. 109)

Tais discursos são relacionais na medida em que modelam as construções das identidades sociais de mulheres negras e brancas sob a ótica das elites brancas. Acredito que para entender as construções das relações raciais nas mídias é necessário um entrelaçamento de pontos de vista considerando não só a classe socioeconômica, mas também a cultura, o período histórico e os discursos que constroem sobre os corpos.

As feminilidades negras são socialmente construídas em práticas que negam sua feminilidade, sensualidade e beleza. Essas são conclusões a que se pode chegar quando se lê qualquer revista feminina brasileira (COSTA DE PAULA, 2006). Na seção de beleza, geralmente se exibem imagens de mulheres brancas, a maioria delas loira, de olhos azuis e cabelos lisos. Em contrapartida, raramente se vê nessas revistas a imagem de uma mulher negra – o que pode significar que negras não são bonitas, e que precisam ser extremamente linda para figurar revistas femininas no Brasil. Nas raras vezes em que uma imagem de mulher negra é exibida, os sentidos que parecem estar em questão são o da hipersexualidade dessa mulher, fator de exceção que tal negra traduz.

É importante entender que essa exclusão do negro é crucialmente construída pelas diversas semioses, uma vez que “o discurso tem um papel crucial na intenção bem como na reprodução do sistema” (VAN DIJK, 1997). Assim, a reprodução da dominação na sociedade contemporânea é amplamente manejada pela manutenção e legitimação de tais acessos desiguais ao discurso e à comunicação. Van Dijk (2003, p. 157) exemplifica o que estou focalizando aqui quando afirma que “se ligarmos uma televisão no Brasil e assistirmos às novelas ou olharmos um jornal ou revista, constataremos que a maioria dos rostos são brancos e que mesmo seus cabelos são loiros”. Para Van Dijk, e também D’Adesky (2001), Guimarães e Huntley (2000) e Reichman (1999), ser branco não é somente o esteticamente preferido, mas também representa poder social, econômico, intelectual e cultural.

Dessa forma, as práticas discursivas das mídias parecem ser interessantes meios de apresentar evidências de que há racismo no Brasil. O que quero dizer é que a exclusão de mulheres negras desses setores sociais pode ser entendida como uma prática racista que

resulta de uma força excludente que permite que as elites brancas se imponham sobre a ‘outra’ raça, podendo ter como conseqüências o desenvolvimento da baixa auto-estima de mulheres negras. Além disso, a exclusão do negro de determinados setores sociais pode ser, então, entendida como uma prática racista que gera conseqüências como o desemprego, o boicote e a falta de oportunidades para as negritudes.

Com base em uma reflexão da semiologia, Sodré (1980) aponta que os significantes linguísticos e suas transforma es são constitutivos dos diferentes modos por meio dos quais o discurso “produz o real” e, conseqüentemente, são determinantes das diversas identifica es do real no sujeito. Tais identifica es somente revelam um estereótipo, um preconceito ou uma ideologia. Enfim, são identifica es discursivas e não toda a verdade ou a maior parte dela. E, por conseguinte, os negros vivem sem possibilidade de construir discursos de auto-afirma o étnica, já que as representa es sociais dos negros são construídas por meio de enunciados/enuncia es ideológicos e preconceituosos, frequentemente, construídas pelas elites brancas. Sendo assim, podemos afirmar com Menezes (1998), que de modo geral, “o negro, no imaginário social, simboliza o antimodelo, exatamente porque os valores sócio-culturais no Brasil são predominantemente brancos”. Já que os valores sociais que recebemos via Europa, quando da coloniza o, eram ideologicamente brancos, e a manuten o desses valores gera no brasileiro, branco moderno, por um lado, a crença em sua superioridade, e por outro lado, tais valores parecem exercer um ato social sistemático implícito e/ou explícito que posiciona o negro como, racial, intelectual e culturalmente inferior ao branco.

Refletindo sobre esses valores sócio-culturais predominantemente brancos,   relevante refletir a brancura funciona como na sociedade como uma matriz, usada pra avaliar os indivíduos reais, indicando que o bom, o belo, o justo e o verdadeiro são brancos. Em contrapartida, reflexivamente, “os traços físicos dos descendentes de africanos são sistematicamente desvalorizados. A expressão “cabelo ruim”, por exemplo, denota exatamente esse tipo de desqualifica o” (QUEIROZ, OTTA, 2001, p. 61). Gomes (2006) corrobora essa linha de argumenta o indicando que “a expressão ‘cabelo ruim’, ‘cabelo bom’ tão usada em nossa sociedade   um dos exemplos de como o cabelo crespo expressa a tensão estrutural das rela es raciais no Brasil”.

Performance, como indiquei no capítulo 2, acima, é uma teoria importante para se discutir sobre raça e também sobre corpos/cabelos das negritudes porque contribui para desestabilizar visões essencialistas desses traços das identidades sociais. Seguindo a visão performativa da linguagem argumentada por Butler possibilita, por exemplo, argumentar que não só a raça negra é construída, como também o cabelo do negro e do branco. Quero argumentar que os corpos/cabelos dos negros são performativos visto que são sempre um fazer. Não existe uma estética preestabelecida para os corpos das negritudes como também não há uma textura/tipo único de cabelo das negritudes. Os corpos/cabelos são cotidianamente produzidos por intermédio das práticas que adotamos.

Os corpos/cabelos como performances são entendidos como estrategicamente utilizados para nos posicionarmos no mundo social. Tais práticas/construções dão condições para se compreender que a raça e os corpos/cabelos negros existem nas interações sociais e nelas são significados. Essa argumentação permite compreender, por exemplo, a ampla estratificação de cores/raças que as pessoas declaram quando são perguntadas sobre sua cor ou raça em ocasiões como a do censo demográfico. Uma implicação que a noção de performance gera é a não possibilidade de se inserir todos os corpos negros em uma categoria engessada como a visão essencialista das identidades sociais pressupõe. Assim, os corpos negros devem ser reconhecidos não como uma unidade, mas pela pluralidade como já esclarecida por Du Bois (2001/1915, p. 12-14) que elucida a diversidade estética de negros que compreendiam os países africanos, considerando a tonalidade da pele, a textura dos cabelos, a robustez dos corpos, a altura e a cor dos olhos.

Colocando essas questões nas circunstâncias peculiares dessa pesquisa, problematizo que repetições de performances reguladas por normas sociais geram uma aparência de substância, ou seja, a estilização repetida cria uma noção de que haveria uma forma natural de ser no mundo. Dessa forma, penso que os constantes usos dos cabelos trançados, por exemplo, criam a falsa idéia de que trançar os cabelos é uma ação própria de negros. Nessa perspectiva, observa-se na sociedade que se afirma que uma dada pessoa está fazendo performance de negro, ou está enegrecendo, quando trança os cabelos. Assim, pode-se pensar os cabelos no estilo *black power*, muito curtos e naturais como práticas que

possibilitam fabricar conceitos visões do que é ser negro, como se houvesse uma essência de negritude.

Esse estudo focaliza o cabelo do negro como um ‘ícone identitário’ (GOMES, 2006) responsável pelo *handicap* de mulheres negras na sociedade brasileira. Problematizo os usos do cabelo, presumivelmente entendido como um fator de discriminação das mulheres negras na sociedade brasileira. Segundo Gomes (2006, p. 20), “cabelo crespo e corpo podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil”, isso porque esses dois traços fenótipos constituem as bases sobre as quais nossas culturas entendem o que se denomina beleza negra.

Na visão de Gomes (2006), o corpo e o cabelo são colocados como espaços de aceitação, rejeição e ressignificação. A autora defende que o processo de aceitação da beleza negra passa pelo tratamento que se dá ao cabelo e ao corpo do negro. Trata-se de um processo deveras conflituoso. As mídias são instrumentos centrais no olhar que as negritudes podem dirigir para os próprios corpos. Às vezes, encontra-se uma representatividade dos corpos das negritudes na mídia televisiva e nas revistas femininas, por exemplo. Todavia, os modos como são representadas, muitas vezes estão distantes dos traços corpóreos dos negros e mais próximos dos traços dos brancos. A atriz da Rede Globo de Televisão, Taís Araújo, foi capa da revista *Raça Brasil* de julho de 2006, na qual exhibe cabelos muito longos, e quase loiros. Uma questão que pode ser levantada por muitos a respeito desse episódio é, até que ponto esse corpo anuncia orgulho de pertencer a seu grupo racial? Entretanto, a meu ver, a textura e a cor dos cabelos exibidos na capa da revista por si só não denotam uma rejeição à própria raça. Importante seria entender os motivos que leva as pessoas a adotarem determinados usos de seus cabelos e não outros. Além disso, no meu modo de entender, o cabelo usado pela Taís Araújo em tal capa de revista não é diferente do escolhido por muitas mulheres negras que se afirmam militantes da causa negra, as quais adotam longos apliques com tranças, muitas vezes com mechas loiras. Ambos os usos de cabelos demonstram a complexidade da questão que investigo.

Encontra-se em Freire Costa (2004), um modo interessante de considerar a questão. O autor aponta que [na contemporaneidade] estamos diante de “dois fatos culturais associados “a destradicionalização: o consumismo e o culto ao corpo” (FREIRE COSTA, 2004, p. 16). Sobre o culto ao corpo, Freire Costa sugere que não se trata de um interesse

corpóreo despropositado, seria este “motivado pela expansão de saberes neste domínio” visto que constantemente nos jornais, telejornais e revistas somos excessivamente informados sobre resultados de pesquisas nas áreas das ciências médicas e biológicas. Segundo Freire Costa (2004, p. 19), [a informação] “nos faz perceber a realidade corpórea de maneira nova, atraente, curiosa e surpreendente”. Não obstante, o autor não deixa de ressaltar o quanto é nociva a obsessão pelo corpo, a qual seria provocada pela estigmatização que leva os indivíduos a construir uma imagem distorcida deles mesmos. Assim, pode-se inferir que ao lado de aspectos negativos do culto ao corpo há também vantagens as quais se relacionam com o interesse pelo corpo que permite aos indivíduos criar novos ideais de auto-realização.

Refletir questões sobre os traços fenóticos das negritudes, particularmente sobre os cabelos, implica uma reflexão mais ampla daquela que trata da questão dos corpos. O corpo vem sendo cada vez mais entendido como uma categoria social. Para Gomes (2006, p. 142), “o corpo e o cabelo podem ser tomados como expressões visíveis da alocação dos sujeitos nos diferentes pólos sociais e raciais”. Connell (2000) defende uma visão semelhante, pois para ela, o corpo é um traço de nossa identidade social que nos posiciona de um determinado modo na sociedade. Nesse sentido, observa-se que, nas sociedades, os indivíduos exercem um controle sobre os corpos uns dos outros de modo que cada um deve adotar ações com seu próprio corpo segundo padrão de sua cultura. Assim, alguns homens são denominados gays porque pintam as unhas, ou então porque depilam o peito, por exemplo. As mulheres negras por sua vez, quando usam os cabelos sem adição de produtos químicos e bem curtos, muitas vezes são interpretadas como tendo uma aparência masculina, inclusive esse corte é denominado “Joãozinho”²⁹.

Colocando isso de outra forma, a ação corpórea de um indivíduo contribui na construção de sua masculinidade ou feminilidade. Entretanto, a questão aqui é a vigilância sobre o cabelo que as mulheres negras exercem umas sobre as outras. Um tipo de vigilância, costumeiramente cobra uma prática pelos usos dos cabelos, de sorte que a performance de cabelo seria uma ação coletiva para reivindicar uma valorização da raça negra. Essa cobrança se dá por parte de uma gama de mulheres negras com performances

²⁹ Corte de cabelo feminino muito curto de modo que, culturalmente, a mulher é entendida como usando um cabelo “de homem”.

de cabelos as mais diversas, tais como, cabelos “naturais”, *black power*, com aplique de tranças, com *dreadlocks*, só para dar alguns exemplos. Em contrapartida, há também uma vigilância por parte de outros grupos de mulheres negras, as quais cobram feminilidade nas performances de cabelos, beleza e, principalmente, a natureza dos cabelos, ou seja, para algumas mulheres negras a performance de cabelo que importa é aquela em que o que a mulher exhibe é o cabelo que ela tem e não os cabelos que os artifícios como apliques proporcionam. Para esse grupo, não haveria a necessidade de uma performance coletiva para reivindicar o valor da raça negra. Para essas mulheres o cabelo é uma questão pessoal desde que evidencie a feminilidade e a beleza da mulher. Sumarizando, os dois grupos de mulheres relacionam usos de cabelos à identidade social, para umas os cabelos são instrumento de identificação racial e para outras os cabelos parecem empoderar as identidades de gêneros/sexualidades. Mas, nesse último grupo, parece-me que a questão racial não fica excluída quando se advoga haver beleza no corpo feminino negro.

Uma questão importante sobre os corpos é que, na contemporaneidade, eles são tão relevantes quanto os discursos na constituição das identidades sociais das pessoas. Ao prefaciar o livro de Gomes (2006), Munanga (2006, p. 15) defende que “‘nosso’ corpo e seus atributos constituem o suporte e a sede material de qualquer processo de construção da identidade”. A meu ver, quando se quer compreender as relações sociais que envolvem as mulheres negras, o corpo é um fator determinante, sendo que o cabelo é, frequentemente, uma questão para qualquer mulher. Munanga (2006, p. 15) adverte que com em práticas racistas, “aos negros foi atribuída uma identidade corporal inferior que eles introjetaram, e os brancos se auto-atribuíram uma identidade corporal superior”. Isso me parece ter sido provocado por discursos do senso comum os quais teriam se cristalizado veiculando idéias de que, por exemplo, ‘o cabelo é a moldura do rosto’. E, geralmente quando se reflete sobre o discurso da boa aparência, a questão do cabelo faz-se crítica. Um fator que acredito influenciar na questão é que os estilos dos cabelos utilizados pelos indivíduos denotam os efeitos de sentidos de práticas discursivas construídas na cultura, nas interações entre negros e brancos e entre negros, influenciados, muitas vezes, por discursos midiáticos.

Na contemporaneidade, o termo beleza é empregado de forma a constituir um valor semântico indeterminado podendo significar coisas diferentes para pessoas diferentes dependendo de onde e como elas estejam posicionadas. Dessa forma, são muitos os

conceitos de beleza em que um indivíduo está abalizado quando julga alguém bonito ou não. Em outras palavras, a beleza não é definível. Entretanto, um aspecto comum, parece-me poder ser observado nas diferentes concepções de beleza concorrentes – o de que a beleza é subjetiva. Nessa perspectiva, cabe problematizar quem determina que alguém deva se sentir mal consigo mesmo? Quando o assunto é beleza, só seria possível falar que alguém é bonito e/ou tem “cabelo bom” considerando-se crenças e valores desse indivíduo os quais dariam sentido a tal uso semântico e, portanto, os legitimariam.

Uma questão relevante nesse contexto é a racialização dos discursos de beleza. Quero particularmente discutir aqui as performances de corpos/cabelos das mulheres negras. Seus cabelos sempre foram uma questão entre os grupos sócio-culturais negros e na sociedade mais ampla. Há, inclusive, quem sustente que o cabelo é o ícone da identidade negra, como apontei acima, nessa seção. Não obstante, ocorre que impor às mulheres negras esse valor simbólico é uma prática que tende a servir, na verdade, ao controle e à normalização social, racial e cultural, castrando o direito das feminilidades negras de fazer as performances que desejar.

Um problema da imposição do valor simbólico do cabelo ocorre quando o estilo e cuidado com o corpo, impostos pelas culturas e classes sociais oferecem condições para uma socio-somatização de performances socialmente legitimadas, de senso comum. Isso pode levar o indivíduo a uma repressão da vida imaginária que traçou para si próprio. Essas imposições constituem injunções sociais que atuam compulsoriamente sobre o aparato complexo que é o sujeito gerando tensões entre o indivíduo e a sociedade.

Frequentemente, pessoas negras e brancas exercem sobre as mulheres negras práticas de cobrança em relação aos modos como devem performar seus cabelos. Nessas cobranças, há um apelo forte para que as mulheres negras mantenham seus cabelos naturais, porque se não o fazem não estariam assumindo sua negritude. Todavia, cabe refletir sobre quem pode afirmar que uma mulher negra que faz performance de cabelos naturais, com o penteado black power, é mais negra e ou assume de fato a negritude melhor que uma mulher que alisa o cabelo e cria seus filhos conscientizando-os sobre as implicações relacionadas ao fato de se ser negro na sociedade de supremacia branca?

Segundo conhecimentos históricos sobre o penteado black power, ele teria surgido para reivindicar um poder dos negros americanos nas décadas de 1960 e 1970.

Entretanto, na evolução social o penteado parece ter esse valor simbólico esvaziado visto que muitas negritudes deixaram de usar os cabelos no estilo *black power*. Em outras palavras, o estilo teria perdido o seu poder de contestação ou não tivera de fato o poder simbólico de se assumir negro na sociedade, porque se o tivesse, provavelmente teria se mantido como uma performance de cabelos costumeira.

Uma outra questão que a imposição de performances de cabelos naturais levanta é a de que a identidade negra está abalizada puramente em aspectos biológicos. Os cabelos aparentemente naturais, no estilo *black power* ou com tranças jamaicanas exigem autocuidado, tempo e autocontrole. Isso possibilita problematizar que a aparência natural, às vezes, sugerida pela publicidade, pelas mídias e pelas pessoas nas interações cotidianas seguem um processo de domesticação. Por exemplo, a cantora Paula Lima declarou que despende horas arrumando os cabelos.

A moral estética na contemporaneidade exige dos corpos negro o autocontrole da aparência física não só quando performam os cabelos dominados por meio de artifícios, mas também quando performam cabelos “naturais”. Nas comunidades negras e brancas, parece haver regras imanescentes da exposição dos cabelos dos corpos negros, as quais subscrevem os cabelos dominados por artifícios como alisamentos e relaxamentos ou cabelos dominados por artifícios de controle de cabelos naturais por meio de tranças, evidências de cachos nos cabelos que seguem o estilo *black power*, por exemplo. Desse modos, o que parece ser de senso comum é que os cabelos dos corpos negros não podem ser simplesmente soltos sem um dado tipo de controle. Ou seja, os corpos negros femininos não podem simplesmente pentear os cabelos e sair, porque a performance de cabelo geralmente envolve trabalho, domínio das madeixas, controle.

Observa-se nos indivíduos um discurso que enfatiza a necessidade de ficar de bem com o próprio corpo. Assim, pode-se inferir que o problema não está relacionado ao “cabelo duro”, mas à aparência, i.e., a seu distancimento dos padrões estéticos da atualidade. Nesse contexto, quero propor que as noções do que é parte do assumir-se negro ou não, no que se refere às performances de cabelo, passaram por mudanças. A utilização de artifícios que sempre foi considerada uma busca por embranquecimento pelos corpos negros não é assim entendida muitas vezes quando o indivíduo usa o próprio cabelo. Os cabelos “naturais” frequentemente revelam um cabelo que não tem nada de natural, no caso

dos apliques, do relaxamento³⁰ nas pontas dos cabelos no estilo black power e do permanente afro.

Parece que na contemporaneidade, os indivíduos negros estão sempre sendo convidados a se enquadrarem em um padrão estético, seja o dos cabelos próximos ao das branquitudes ou o dos cabelos “naturais”. Esse é um aspecto problemático na medida em que não existe uma uniformidade de quem seria negro. Ainda assim, regras são criadas e adotadas com base na racialidade. Segundo as dicas de comunidades negras mais radicais, performando os cabelos “naturais” os indivíduos podem recorrer a alguns artifícios como relaxamentos e apliques de tranças ou dreads³¹ os quais disfarçam, os cabelos reais, que às vezes, não crescem, por exemplo.

Dessa forma, haveria uma moral dos cabelos com peculiaridades das negritudes. E, sob essa moral, o cabelo pode se transformado, mas não deve ter aparência dos cabelos das branquitudes – tornar-se liso, sob o risco de o indivíduo que exhibe os cabelos com aparência de branco ser taxado como alguém que não assume sua negritude. Além disso, muitas vezes, os cabelos entendidos como “naturais”, podem exibir mechas claras e ser reconstruídos por meio de recursos outros que não o alisamento.

Quando se caminha por alguns bairros da baixada fluminense ou pelos corredores do curso de sociologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, locais onde circulam muitas pessoas que militam em movimentos de afirmação da raça negra, encontraremos uma diversidade de corpos negros, masculinos e femininos, jovens e adultos, fazendo performances de raça, por meio de cabelos estilizados. Entretanto, basta um exame mais cuidadoso para se concluir que a cultura dessas performances seguem normas rígidas: cabelos com apliques de tranças muito longas, muitas delas com mechas loiras ou vermelhas, cabelos enormes no estilo black power, com cachos bem definidos por meio de relaxamento, sendo alguns realçados por luzes. Ou seja, há uma diversidade de práticas que têm como elemento comum e recorrente a não exposição do cabelo de fato (refiro-me ao cabelo da pessoa). A exposição dos próprios cabelos parece ser uma possibilidade para aqueles corpos negros que tiveram o “privilégio” de ter cabelos com

³⁰ Tratamento químico que solta os cachos reduzindo o volume do cabelo (Revista Raça Brasil, 2006, p. 14) sem alisar os fios.

³¹ *Dreads* ou *dreadlocks* é um penteado muito antigo em que se faz uma separação de mechas de cabelos por meio de uso de substâncias tais como, mel ou cera, tornando as mechas definidas em formações como rolos.

crescimento importante e com uma textura mais próxima da dos cabelos das branquitudes. Aqueles corpos negros cujos cabelos apresentam dificuldade de crescimento, ou são denominados “pixaim”, dificilmente são vistos, a não ser quando se adota um corte quase careca.

Pensando os cabelos como performances, entendo que os indivíduos atuam na construção de seus corpos/cabelos. Em outras palavras, existe uma responsabilização do indivíduo pelo seu corpo/cabelo a partir do princípio de autoconstrução. Aí, o corpo é visto como parte de um projeto de construção identitária (SHILLING, 1997). Nesse contexto, a mídia e a publicidade exercem um papel crucial. Ela contribuiu para a mercadificação do corpo, o qual

virou ‘o mais belo objeto de consumo’ e a publicidade, que antes só chamava a atenção para um produto exaltando suas vantagens, hoje em dia serve, principalmente, para produzir o consumo como estilo de vida, procriando um produto próprio: o consumidor, perpetuamente intranquilo, insatisfeito com a sua aparência (LASCH, 1983) citado por (GOLDENBERG, 2007, p. 32).

O corpo negro contemporâneo é muito mais constrangido por regras sociais interiorizadas por seus portadores. Esse corpo, geralmente associado a valor, é cada vez mais performativo, posto que visa encenar um estilo de vida, adotando um conjunto de normas de conduta. A encenação possibilita uma gratificação – o sentimento de pertencer a um grupo socialmente valorizado. Como argumentei acima – o grupo dos corpos com aparência de branco ou o grupo dos corpos que se afirmam negros, os quais inserem-se em contextos sociais de militância negra. O primeiro grupo busca o reconhecimento do que socialmente se entende como corpo bonito, enquanto o segundo busca o reconhecimento de suas contrapartes. Entretanto, o aspecto, a meu ver, central nessa questão é que parece sempre haver uma necessidade de adequação e de aprovação desse corpo.

Nesse campo de construção identitária que tem o corpo como lugar e a racialidade como questão, o cabelo é usado como um valor simbólico a partir do qual o indivíduo, politicamente se identifica com um dado grupo. O cabelo “alisado”, “relaxado”, “natural”, “alongado com tranças jamaicanas” consitui um discurso; não se trata apenas de um uso do cabelo, mas de uma prática. É um “fazer” no mundo social. Sendo assim, o uso do cabelo é uma performance.

O cabelo que um indivíduo usa inscreve-lhe rotas sociais na medida em que impõe dado futuro social. Desse modo, as pessoas podem adotar performances de cabelos para desafiar o “destino” e criar suas próprias rotas. Em outras palavras, estou defendendo que, construir a própria beleza é um modo de inserir-se no mundo invertendo as relações de domínio dos corpos brancos os quais, tradicionalmente são posicionados como belos. Assim, a estética seria um lugar de ação política de desessencialização da raça atingindo os fossos da discriminação e inferiorização dos negros.

A política de desessencialização da raça, coerente com a noção de performance demonstra que transgredir posicionamentos válidos segundo o senso comum é sair da marginalização e da inferiorização social. É claro que tais posicionamentos desestabilizam o bem-estar subjetivo das pessoas, entretanto, revelam posições possíveis quando se está inserido em um meio social.

Particularmente, em questões de beleza dos corpos/cabelos, em que, frequentemente as alterações biológicas abrem fissuras à diversidade, criam brechas para as dispersões dos biótipos e isso é, a meu ver, um valor que deve ser preservado, porque ao se desnaturalizar e/ou desessencializar o corpos negros, criamos espaços para que as negritudes possam criar seus roteiros sociais em outras bases que não sejam as que a fisicalidade negra socialmente lhes impõe. O uso de cabelos naturais só será um ato político e legítimo se o indivíduo manifestar vontade de tomar uma posicionamento político de resistência por meio de tal performance. Caso contrário, a performance poderá tratar-se de uma adequação/submissão às avessas, à imposição racial.

Retomando as imposições genéticas/biológicas e sociais não existem tanto nas performances de negritude quanto nas performancees de branquitude? Há uma ambivalência impositiva no que diz respeito às performances de corpos/cabelos. O que essa discussão advoga, então, é um reconhecimento da autonomia das mulheres negras. O destaque à autonomia das feminilidades negras implica a existência de uma suposta vontade. Há um jogo de controle e descontrolo sobre o cabelo quando o que está em questão é o cabelo “natural”. Parece ser aceitável por muitas negritudes a necessidade de se moldar os cachos, domá-los para que adquira a forma desejada; não obstante, para muitas negritudes, não se pode deixar que os procedimentos de controle dos cabelos dominem a ponto de eles adquirirem a uma aparência de liso. Assim, os cabelos de negritudes com cachos, grandes

ou pequenos têm alto grau de positividade sendo sinônimo de beleza e de afirmação da raça. Ele contrasta com o cabelo liso, peculiar às hegemonias de beleza branca.

O cabelo alisado que parece simbolizar em muitos casos, um sinal de status de quem pode, por exemplo, frequentar salões de beleza. O uso de cabelos alisados pode indicar uma forma de vida experimentada por quem tem a possibilidade de exercer um cuidado sobre o cabelo, frequentando salões, comprando produtos caros, enfim, de quem vivencia um tipo de vida de rico. Haveria, então, a imitação de um estilo de vida pela identificação com brancos de cabelos lisos e a afirmação de igualdade que vai além das diferentes circunstâncias da raça e da classe socioeconômica. O cabelo alisado seria, dessa forma, uma performance que possibilitaria igual direito de acesso à beleza, ao prazer de tudo que os cabelos lisos podem proporcionar a uma mulher.

Essa seção problematiza que o processo de assunção da negritude, em termos estéticos envolve uma identificação com o corpo, a cor e os cabelos. Entretanto, os cabelos aparentam maior suscetibilidade de ser esteticamente estandarizado. A condição étnica possibilitada pelos cabelos fazem deles um suporte de dupla simbologia – o do orgulho racial e o de identificação com padrões étnicos socialmente valorizados. Essa suscetibilidade se evidencia quando se observa que há corpos negros que adotam práticas de autocontrole que leva a uma consideração de um desejo pelo embranquecimento, mas que não envolve a negação de ser negro ou o desejo de embranquecimento corpóreo.

Esses indivíduos fazem performances em que se abraçam a pele negra e orgulho pessoal pela raça com cabelo “liso”, “com aparência de branco”. Para algumas negritudes essa é uma possibilidade de legitimação de se construir uma estética positiva no corpo negro. Nessa perspectiva, o autocontrole do cabelo seria uma proposta de reposicionamento do negro retirando-o de uma situação desfavorável na sociedade e advogando um reposicionamento que passa pela estética. Talvez, essa estratégia seja mais adotada por negros de classe média, de nível de instrução médio ou superior, porque envolve gastos que muitos negros não podem assumir.

3.3 UM OLHAR HISTORICIZADO PARA AS REVISTAS FEMININAS

O objetivo dessa seção não é exatamente o de pontuar a história das revistas femininas, mas sim retratar os modos como esse objeto cultural midiático surgiu, suas características e objetivos. “Os objetos culturais tendem a ser cada vez mais técnicos e específicos, e são deliberadamente fabricados e localizados para responder melhor a objetivos previamente estabelecidos.” (SANTOS, 2005, p. 146). Assim sendo, as revistas femininas se inscrevem como interessante objeto de investigação, visto que são instrumentos que veiculam ideologias (O’DONNELL, SHARPE, 2000). Nesta tese, estou interessada em interpretar as ideologias em torno de noções de gênero feminino e beleza as revistas femininas criam e veiculam. E, um olhar historicizado para essas revistas ajuda a entender como esse objeto foi construído socialmente como peculiar às feminilidades e que tipos de feminilidades são focalizadas nas revistas e que feminilidades ficam à margem delas.

Lamounier (2005) observa que data de 1554 o primeiro registro de publicação voltada às mulheres. “Era o *II libro della bella donna*, de F. de Luigi [a qual] circulava em Veneza” (p.2). E, desde então a revista feminina é um fenômeno que nasceu e cresce na Europa, em meados do século XVIII. Esse fenômeno, conforme indica Lamounier (2005), só chega ao Brasil em 1872. Entretanto, foi na Inglaterra, em 1693, que surgiu a *Ladie’s Mercury*, a primeira publicação para mulheres com circulação regular. Para uma compreensão de como as mulheres na época eram vistas e posicionadas pelos produtores da revista é relevante pontuar as questões abordadas nas seções dessas revistas. Conforme ressalta Lamounier (2005), nas primeiras edições de *Ladie’s Mercury* havia “uma seção de aconselhamento sentimental, com respostas a cartas que relatavam desilusões amorosas das leitoras” (p.2). Vale lembrar que esse é um tópico ainda muito valorizado nas revistas contemporâneas, como avalia a autora. Outros temas que marcam as histórias das revistas femininas são literatura e previsões astrológicas. “Somente a partir de 1800, o setor de moda obteve publicações exclusivas. E, no século XVIII, jornais franceses se dedicavam a publicar poemas e crônicas, além de falar sobre teatro e moda” (LAMOUNIER, p. 2). A temática das seções: desilusão amorosa, poemas, crônicas denota uma visão das feminilidades como tendo a questão da emotividade como tópico central em suas vidas.

Além disso, é importante ressaltar que as revistas femininas e os temas nelas focalizados direcionam esse objeto cultural a uma dada classe socioeconômica se considerarmos, o que a meu ver é crucial, que eram “poucas as mulheres que sabiam ler nesse momento histórico” (LAMOUNIER, 2005) e se, ainda, levarmos em consideração que literatura, os poemas interessariam, geralmente às elites sociais, as quais teriam mais condições econômicas de acesso a tais textos. Sendo assim, pode-se afirmar que a ação discursivo-midiática, exercida pelas revistas femininas surgiu como um instrumento social que projeta uma mulher emotiva, cujas preocupações se restringem à esfera íntima. A essa mulher interessa ler poemas e crônica, que tematizam o amor, por exemplo. Ela busca nas revistas conselhos sentimentais. Além disso, essa mulher focalizada pelas revistas, pertence às elites econômicas, já que ela se interessa por teatro e moda. Ainda acrescentaria que o surgimento das revistas femininas torna mais explícita a divisão das feminilidades, tendo como base o acesso à leitura e à escrita e as condições sócio-econômicas da mulher.

Na interpretação de Lamounier (2005, p. 2),

o mercado da mídia impressa percebeu no sexo feminino o desejo por produtos e serviços que lhes proporcionassem respostas a questões ligadas a relações amorosas, sexo, beleza, saúde e moda. (...) as revistas femininas fazem com que determinados estereótipos sejam reafirmados e vendidos, muitas vezes, como “verdades absolutas” às mulheres.

E nesse sentido se pode reafirmar o que foi dito anteriormente: as revistas femininas são instrumentos ideológicos que influenciam nos modos como as mulheres constituem suas identificações sociais. Em outras palavras, as revistas contribuíram para a construção e cristalização de discursos hegemônicos sobre o que significa ser mulher e veiculou uma gama de ações que as mulheres devem encenar em seus cotidianos de modo a serem socialmente entendidas como femininas. Ainda pode-se dizer que as revistas femininas são instrumentos de domesticação das mulheres, uma vez que cria um tipo de mulher e por meio da repetição de uma gama de matérias e temáticas congelam a ideia de que esse tipo de mulher é o ideal. Nas palavras de Lamounier (2005, p. 2), “as imagens retratadas nessa mídia norteiam normas e padrões socioculturais”.

Entretanto, duas questões que o trabalho de Lamounier (2005) pontua merecem ser destacadas. A primeira delas refere-se à questão política nas revistas femininas. Conforme se lê no relato da autora, “surgiram na Alemanha os primeiros periódicos

femininos com conteúdo político, cujos discursos revolucionários clamavam pelos direitos das mulheres, defendendo causas como proteção da mulher trabalhadora, direitos civis, restabelecimento do divórcio, direito ao voto” (LAMOUNIER, 2005, p. 3). E o segundo, faz referência ao surgimento da fotonovela. A relevância do primeiro fato, a meu ver central nesse trabalho, é que aponta as revistas femininas como sendo também um espaço para a construção de contradiscursos. Se por um lado, essas revistas são vistas como reprodutoras de estereótipos, por outro, podem ser também espaços de conscientização. Já o segundo fato é importante porque pode ser o responsável pela popularização das revistas femininas que, como apontei acima, eram voltadas para as elites sociais que não só sabiam ler e escrever, mas também gostavam da literatura, teatro e moda. Dessa forma, infere-se que apesar de terem sido criadas para as elites sociais, as revistas femininas ganharam uma popularidade, haja vista a diversidade quantitativa, qualitativa e de preços dessas revistas em bancas de jornal, livrarias e supermercados.

3.4 NARRATIVAS MUDIÁTICAS EM REVISTAS FEMININAS – (CONTRA) NARRATIVAS EM EVENTOS DE LETRAMENTO

Narrativas vêm sendo cada vez mais investigadas por pesquisadores (WORTHAM, 2001; MOITA LOPES, 2010; ANDREWS, 2004) preocupados em entender os modos como as pessoas se constroem no mundo social. De acordo com Labov e Waletzky (1967, p. 4), “narrativa é uma técnica verbal para recapitular uma experiência em particular”. Na contemporaneidade, as mídias têm veiculado uma gama de histórias, tornando disponíveis diversas possibilidades de identificação. O trabalho de Moita Lopes (2010) concebe tais histórias como performances narrativas. O autor explica que “o discurso midiático produz efeitos particulares de significados da vida social” (MOITA LOPES, 2010, p. 133).

As narrativas podem ser categorizadas em dois tipos, as narrativas dominantes e as (contra)narrativas. Conforme explica Andrews (2004, p. 1) “as narrativas dominantes oferecem às pessoas um modo de identificação que é assumido como experiência normativa”. Assim, se como assevera Moita Lopes (2010, p. 135), “no evento narrativo os participantes estão construindo uns aos outros de modos específicos definidos pelo que os

participantes decidem focalizar, pelos posicionamentos que escolhem (deliberada ou regulamentada) ocupar e pelo modo como os interlocutores se relacionam na performance”, pode-se entender que as histórias contadas pelas mídias veiculam formas de uma pessoa significar suas próprias histórias e a dos outros a sua volta. Assim, essas narrativas são entendidas como narrativas de poder pela sua internalização. Para Andrews, (2004, p. 1) “consciente ou inconscientemente nos tornamos as histórias que conhecemos e as narrativas dominantes reproduzidas”. Essa perspectiva da autora possibilita refletir a relevância das histórias contadas nas mídias, e no caso específico deste trabalho, as narrativas em revistas femininas, visto que oferecem possibilidades das leitoras construir significados sobre elas mesmas, sobre seus corpos e suas raças. Já as (contra)narrativas são definidas como histórias que vivenciam experiências desviantes dessas histórias hegemônicas. Então, suas narrativas “oferecem, explícita ou implicitamente, resistência às narrativas dominantes” (ANDREWS, 2004, p. 1). Nessa perspectiva, entendo que as narrativas que as adolescentes participantes desta pesquisa contam nos eventos de grupo focal podem ser entendidas como uma ação discursiva de resistência às matrizes de identidades sociais construídas pelas histórias nas mídias, que repercutem significados cristalizados sobre as pessoas, seus modos de vida, seus valores e organizações.

Para Andrews (2004, p. 1) “as “contra-narrativas” ou “narrativas de resistência”, são “construídas por pessoas que vão contra a maneira de ser socialmente preestabelecida.”. (Contra)narrativas são importantes pelas possibilidades que permitem aos “indivíduos desafiar os constrangimentos de histórias dominantes” (ANDREWS, 2004, p. 5), as quais oferecem aos grupos sociais diferentes possibilidades de roteirizar a vida social de forma que possam se re-posicionar na sociedade saindo de posições subalternas configurando posicionamentos que fazem sentido para suas vidas. Nesse tocante, (contra)narrativas dão conta do que chamei anteriormente de performatividade.

Além disso, os discursos veiculados nas mídias são relevantes aqui porque, na sociedade contemporânea, a todo instante os sujeitos sociais se deparam com situações em que devem, a partir de textos constituídos por múltiplas semioses, solucionar questões próprias da vida social. Sendo assim a vida social, parece cada vez mais estar sendo compreendida por discursos multimodais. As interações de que os sujeitos sociais participam, por exemplo, muitas vezes não são face a face, até mesmo porque as demandas

da vida contemporânea colocam pessoas em interação umas com as outras em diferentes partes do mundo geográfico e, frequentemente, recorre-se à Internet, a livros, jornais etc para que se obtenha a informação desejada e para que se manifestem os próprios pensamentos.

O discurso midiático é construído em uma perspectiva predominantemente ‘multimodal’ (KRESS, 2005/2000b). Por exemplo, as revistas femininas são constituídas por um jogo de imagens, cores, fotos, gêneros textuais, articulação gráfica, chegando, a manifestar-se em uma linguagem não-verbal, como ocorre em casos de alguns textos utilizados no grupo focal com as adolescentes (Ver, por exemplo, o texto Qual é o pente que te penteia?, no Capítulo 5, 5.1). As revistas usadas nesta pesquisa indicam que os textos em revistas femininas são constituídos por uma gama de recursos semióticos, os quais utilizam ações e artefatos para comunicar, permitindo a articulação de diferentes significados sociais e culturais (VAN LEEUWEN, 2005). Como observa Kress (2005/2000b, p. 184), os textos e objetos textuais são multimodais, ou seja, são constituídos por numerosos modos de representação”. Esse modo de entender a linguagem dos textos apresenta algumas implicações as quais são sintetizadas por Kress em três questões, a saber,

primeira, todos os textos são multimodais. Nenhum texto pode existir em um único modo. Entretanto, uma modalidade pode dominar em um dado texto. Segunda, há textos e objetos (de um tipo semiótico) que existem predominantemente em um modo ou modos outros que o do (multi-) modo da linguagem. E, terceira, há sistemas de comunicação e representação que são reconhecidos na cultura como multimodais, ainda que de fato todos os sistemas sejam multimodais (KRESS, 2005/2000b, p. 187-188).

Segundo Kress (2005/2000a), textos multimodais necessitam de uma teoria para lidar adequadamente com os processos de integração das várias semioses nesses textos. O autor chama a atenção para o fato de haver maneiras específicas de expressar um determinado significado. Esse cuidado ocorre tanto em textos verbais quanto nos textos por imagens. Por exemplo, nos textos verbais, “usamos o pronome ‘nós’ ao invés de ‘eu’ ou o ‘passado’ ao invés do ‘presente’ para indicar uma ‘distância social’” (KRESS, 2005/2000a, p. 154). Já nas imagens, há outros modos peculiares de significar. Por exemplo, “a distância de observação de um objeto – não próxima ou simpática, mas distante e formal, ou de um

ângulo vertical: ‘olhando para cima para um objeto ou pessoa de poder’ ou ‘olhando para baixo em uma pessoa ou objeto de menor poder’” (KRESS, 2005/2000a, p. 154). A diversidade de formas significativas empregadas nos textos é referida também por meio do vocábulo ‘híbrido’. Para Stevens e Bean (2007, p. 19-20), “textos contemporâneos são híbridos em formato e intenções”. Essas características provocam o surgimento de outro tipo de leitor, pois os modos como as pessoas interagem com textos lineares impressos não são os mesmos com que negociam os significados de textos hipersemiotizados, multimodais.

Esses usos de diferentes semioses, como demonstra a explicação de Kress (2005/2000a), são fortemente significativos e demandam cuidado e atenção do leitor. Assim, podemos afirmar que o conceito de multiletramentos pressupõe um trabalho de conscientização sobre os modos como “os textos revelam mudanças nos domínios social, cultural, econômico e tecnológico” (KRESS, 2005/2000a, p. 154).

Isso posto, o foco em revistas femininas, neste trabalho, justifica-se porque entendo que os textos dessas revistas estão presentes no cotidiano de adolescentes de diferentes classes socioeconômicas e de diferentes grupos culturais. Lamounier (2006, p. 2) aponta que “atualmente [a revista feminina] detém a posição de segundo lugar no ranking de revistas, ficando atrás somente das tiragens de revistas de informação semanais” (p. 4). Outros pesquisadores também afirmam a popularidade das revistas. Por exemplo, na investigação realizada por O’Donnell e Sharpe (2000), com garotos negros, os pesquisadores apontam que os sujeitos revelam um hábito constante de leitura de revistas. Para esses autores, “os hábitos de leitura de revistas talvez mostrem mais dramaticamente a extensão em que muitas de suas atitudes são amplamente moldadas pelo gênero. As respostas dos meninos deram algumas idéias sobre seus valores e atitudes de masculinidade, sexualidade e etnicidade” (O’DONNELL, SHARPE, 2000, p.159). Esses autores citam o trabalho de Marie Gillespie (1995) o qual faz referência a uma “cultura jovem global” de música, filme e moda. E O’Donnell e Sharpe (2000, p. 159) destacam que “embora os garotos, geralmente tivessem acesso a uma cultura jovem global, suas identidades étnicas permaneceram importantes para os modos em que eles usaram e aproveitaram a televisão”. Em outras palavras, o trabalho desses autores com meninos mostra que atividades informais são moldadas pelo gênero/sexualidade.

A Revista feminina é aqui tratada como um objeto cultural ideologicamente marcado, como, aliás, qualquer prática discursiva é entendida. A Revista feminina é uma modalidade das ações discursivas midiáticas que ocorrem sempre conforme as marcas do contexto sócio-histórico-cultural em que é veiculada. Práticas como as das revistas femininas exemplificam que corpos são racializados e significados nos discursos, construídos em relações de poder. Um problema de tais práticas está nos efeitos de sentidos que geram nos indivíduos que portam tais corpos. Discursos racistas criam corpos pêndulos, que circulam em constante movimento de buscar conhecer-se, mostrar sua beleza e seu valor, mas embalados por baixa auto-estima. O movimento pendular nas performances dos negros são jogos de embates que, a meu ver, só poderão ser vencidos por aqueles que performam o não-habitual. Desse modo, defendo que a abjeção de corpos negros não é barreira intransponível, pois é uma produção discursiva, e discursos podem ser refeitos nas performances de modo a re-significarem os corpos.

4 CONTEXTO E METODOLOGIA DE PESQUISA

4.1 TERRITÓRIO DA PESQUISA

“O lugar defronta o mundo, mas também o confronta, graças à sua própria ordem”
(SANTOS, 2005, p. 166).

“Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (SANTOS, 2005, p. 170).

Nessa seção, focalizo o espaço geopolítico em que este estudo se realiza; aponto questões relevantes sobre a sociedade, a história e aspectos culturais que envolvem a população de Vassouras, no estado do Rio de Janeiro. O foco no espaço geográfico está fundamentado na visão de que “a ordem espacial é intencional” (SANTOS, 2005, p. 166). Para o geógrafo, o espaço geográfico atual é caracterizado por objetos que o constituem. Então, considerar a problemática geográfica decorre do entendimento de que esse espaço constitui um conjunto de sistema de objetos e de sistemas de ações. Globalmente, o território constitui em si uma norma para o exercício de ações. Desse modo, para esse autor, uma razão global e uma razão local não só se associam como também se contrariam (SANTOS, 2005).

A cidade local³² hoje conta com aproximadamente 31.451 mil habitantes (IBGE, 2000), localizada a 114 km ao sul do Rio de Janeiro. Foi fundada em 1855 e teve como primeiros moradores os chamados Barões do Café, os quais moviam fortemente o comércio escravo, na região sul-fluminense. Assim, a sociedade, no período colonial era composta, por um lado, pelos Barões do Café, brancos, geralmente, de ascendência europeia, os quais detinham não só o prestígio econômico, mas também sociocultural. Por outro lado, existiam os, escravizados, trabalhadores na cultura do café e nas casas grandes, cuidando da alimentação, da higiene, das vestimentas, dos cabelos dos seus senhores, particularmente das sinhás. Em se tratando das vestimentas, os vassourenses lembram orgulhosamente que os barões traziam costureiras e fazendas de Paris a fim de coser, na localidade, as roupas das senhoras e sinhás. Pode-se afirmar, então, que já nesse período, questões envolvendo a beleza já faziam parte do cotidiano das mulheres negras. Entretanto, a beleza, parecia, a meu ver, ser entendida como característica peculiar às mulheres

³² Segundo Santos (2005, p. 92) “seja qual for a localização. A cidade local sempre se acha na periferia do sistema urbano. Esta situação significa que o indivíduo se encontra em uma posição desfavorável como produtor e como consumidor”.

brancas, às baronesas com traços europeus. As mulheres negras, por sua vez, representavam a contraparte, a estranheza. Nos corpos delas não havia o que ressaltar, a não ser as oposições que marcavam esse grupo racial. Por exemplo, Lopes (2005, p. 4), ao discutir a sexualidade da mulher negra, afirma que “quanto à mulher escrava era objeto sexual, ama de leite dos filhos da senhora, empregada doméstica”. Ou seja, pelos modos como seus corpos eram posicionados, as mulheres negras eram a contraparte das mulheres brancas, vistas como ‘esposas, puras e cristãs’.

Em relação a esse período sócio-histórico, estão presentes nas memórias dos vassourenses, os nomes dos Barões do Café que constituíram na cidade uma história em seus casarões, palacetes e fazendas, que são ostentados como símbolos de um poderio hoje decadente, mas que ainda parece orgulhar a maioria da população. Todavia, o período áureo do Café envolveu a atuação de diferentes sujeitos sociais. No caso da cidade, cenário dessa pesquisa, os negros escravizados são atores sociais cruciais, podendo ser destacado um escravo, Manoel Congo, pelo exercício de liderança entre os negros da localidade. Entretanto, ironicamente, só na mente de alguns poucos está presente a história do líder Manoel Congo, que foi preso e enforcado, na área central do município³³.

Entretanto, vale ressaltar que, uma das razões para esse fato é que memória é algo construído. Ou seja, o discurso memorial é uma arena onde forças estão em constantes embates e, geralmente, o ponto de vista de quem conta uma história já carrega por si só os significados que se quer construir. Não obstante o ‘esquecimento’ dos municípios atuais, o quilombo de Manoel Congo é o primeiro entre os quilombos que foram conhecidos no estado do Rio de Janeiro (MOURA, 1992). Esse esquecimento parece-me indicar uma tentativa de se apagar da memória das populações vassourenses, principalmente das elites sociais, o passado de escravismo e exploração dos negros no município, e, mais especificamente, parece significar o não reconhecimento da liderança de Manuel Congo no combate ao escravismo.

Provavelmente, é em decorrência dessa história de exaltação do branco-europeu, com seus valores, costumes e a beleza de seus corpos em oposição à dos negros-africanos que, ainda hoje, as negritudes locais não conseguem se consolidar no município, conquistar seus espaços sociais e estabelecer resistências aos padrões hegemônicos de raça

³³ Manuel Congo foi morto aos 6 de setembro de 1839.

e beleza. Um exemplo disso é o evento de 20 de novembro, que marca o dia da Consciência Negra. Até hoje, ocorre uma comemoração no Memorial Manoel Congo, mas o evento é, geralmente, organizado por membros do Movimento Negro de municípios vizinhos. Entretanto, essa não organização dos negros vassourenses pode ser também explicada por dificuldades que as pessoas enfrentam de sentirem-se parte de um grupo ao qual elas não se sentem pertencer seja culturalmente (o que envolve os grupos culturais como Caninha verde, Jongo, etc) seja naturalmente (o que envolve categorizar-se negro), pois como mostrei no Capítulo 2 desta tese, ser negro está relacionado a uma gama de identificações em que se coloca também em jogo as relações de poder e os significados que uma determinada identidade social carrega.

Outro fato que demonstra a dificuldade de solidificação das negritudes, na localidade da pesquisa, são as tentativas de resgate de algumas manifestações culturais tais como jongo³⁴, capoeira³⁵ e maculelê³⁶. Diferentes pessoas sentem a necessidade de resgatar tais grupos, mas não se unem, então, ocorre que surgem dois ou mais grupos os quais, frequentemente, ficam esvaziados e sem força representacional. Ainda, só para citar mais um exemplo, todos os anos, é realizado, no dia 13 de maio, um evento denominado Beleza Negra. No ano de 2006, adolescentes desfilaram para um público mínimo. Não compareceram os representantes dos grupos caninha verde, jongo, capoeira e maculelê. Os participantes do júri eram representantes das elites vassourenses, uma vez que era critério para participar do júri ter algum papel socialmente relevante, por exemplo, ser comerciante, professor, proprietário de escola particular ou qualquer funcionário público. Não houve critérios sobre quais fatores seriam peculiarmente relevantes para marcar a beleza negra. Além disso, não se aproveitou o evento como um lugar de conscientização, de resistência

³⁴ Jongo é uma manifestação cultural essencialmente rural diretamente associada à cultura africana no Brasil e que influenciou poderosamente na formação do Samba carioca, em especial, e da cultura popular brasileira como um todo. Foi trazido para o Brasil por negros bantus, sequestrados nos antigos reinos de Angola e do Congo, na região compreendida hoje por boa parte do território da República de Angola (cf. Wikipédia).

³⁵ Capoeira é uma luta, um jogo, uma brincadeira de tradição africana, é algo que se faz entre amigos ou companheiros. “A capoeira implicava, como toda estratégia cultural dos negros, no Brasil, um jogo de resistência e acomodação. Luta com aparência de dança, dança que apresenta combate, fantasia de luta, vadiagem, mandinga, a capoeira sobreviveu como *jogo cultural*” (Sodré, 2005/1983, p. 155).

³⁶ Maculelê é um tipo de dança, bailado, que acredita-se ter evoluído do cucumbi (antigo folguedo de negros) até tornar-se um misto de dança e jogo de bastões, chamados grimas (esgrimas), com os quais os participantes desferem e aparam golpes. Conta a história que Maculelê era um negro fugido que tinha doença de pele e que acabou sendo acolhido e recebendo os cuidados de uma tribo indígena. Certa vez, Maculelê ficou sozinho na aldeia que foi atacada por uma tribo rival, mas lutou sozinho e venceu a batalha, sendo então, considerado herói na tribo. A dança com bastões simboliza a luta de Maculelê contra os guerreiros (cf. Wikipédia).

ou de reflexão sobre a realidade das negritudes no município. Todos esses exemplos parecem indicar que há uma tentativa de organização das negritudes no município, mas não há uma organização que permita que as forças sejam somadas e as ações passem a ser efetivas.

Em contrapartida, o município contava, na época da geração dos registros desta pesquisa, com um vereador negro. Além disso, na atualidade, ali residem pessoas provenientes de todas as partes do país devido à Universidade, que oferece 21 cursos universitários. Somam-se aos estudantes outras pessoas originárias de diferentes localidades, tais como professores da Universidade e famílias que tentam fugir da violência da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, o Senai é uma empresa de relevante importância na dinâmica do município. No Senai da cidade, produz-se cerveja e, geralmente, a cidade recebe então grupos de alemães, às vezes famílias inteiras, que vêm viver no município por meses e até mesmo anos trabalhando no controle da qualidade da cerveja fabricada no Senai. Hoje há na cidade uma diversidade cultural muito própria da modernidade. Todavia, as elites brancas, descendentes dos Barões, tentam manter os domínios sobre as políticas do município. Nessa visão, Santos (2005, p. 167) aponta que “a difusão de objetos modernos e a incidência das ações modernas não são as mesmas em toda parte. Alguns subespaços, dotados das modernizações atuais, podem acolher as ações dos atores hegemônicos”.

O dia 6 de setembro marca a data de morte de Manoel Congo, líder dos quilombolas, que foi degolado no centro da cidade. O ano de 2006 foi o primeiro em que se realizou um evento para estabelecer essa data como central nas reflexões sobre as relações raciais no Brasil e, especificamente, no município. O evento foi uma iniciativa da Universidade local e contou com a participação do Grupo de Jongo/Caxambu. Outros grupos não tiveram participação no evento. É nesse contexto sócio-histórico-político-cultural mais amplo, que se focaliza o micro-contexto desse estudo, os eventos de letramento mediados por textos da mídia impressa, que gerarão os dados da pesquisa em questão, com adolescentes negras.

4.2 SOBRE A NATUREZA E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa é de natureza qualitativa e tem um viés etnográfico, uma vez que “constitui-se de um processo deliberado de investigação guiado por um ponto de vista” (ERICKSON, 1984, p. 15). Como sou mulher e negra, entrei nessa pesquisa já com algumas visões sobre o que significa ser feminilidade negra em sociedade de supremacia branca. Essas visões foram constituídas com base nas minhas experiências pessoais e conhecimentos construídos por meio das leituras e estudos que realizo na área de raça e gênero como linguista aplicada. Nessa perspectiva, assumo esse trabalho tomando como base a noção de Erickson (1984, p. 15) “o trabalho de campo é fortemente indutivo, mas não há induções puras”, isto é, as próprias motivações que levam a desenhar esta pesquisa estão imbricadas em um anseio sociopolítico que surge de minha experiência de ser negra e dirige-se à busca de uma transformação da realidade social de ser um corpo feminino negro nas bases dos cânones da supremacia branca. Desta feita, seguindo os princípios da pesquisa etnográfica como é orientada por Erickson (1984), “o desenho da pesquisa e os instrumentos usados em campo são determinados por um processo de questionamento explícito e implícito” (p. 15). Esse modo de compreender a prática investigativa possibilita reconstruir as questões de pesquisa em campo de modo que o pesquisador pode, ao confrontar seus modos pessoais de significar um dado fenômeno com outros significados dos sujeitos participantes da investigação possa ir redesenhando a pesquisa. Esse é um aspecto que interessa neste estudo porque em coerência com a área em que se insere: Multiculturalismo e Educação Bilíngue no campo da Linguística Aplicada indisciplinar e os propósitos da pesquisa (discutidos na Introdução deste estudo) necessito de teorias que contemplem os diversos aspectos da vida social na contemporaneidade e de uma metodologia em que os participantes tenham voz e sintam que suas vozes são valorizadas. Neste tocante, um viés etnográfico, por priorizar os pontos de vista dos participantes, possibilita a observação dos efeitos de sentido dos discursos da mídia impressa nas identidades dessas adolescentes negras.

Os participantes desta pesquisa são cinco adolescentes, do gênero/sexo feminino, negras ou não-brancas, na faixa etária de 13 e 18 anos, as quais frequentam a quadra da escola de samba do bairro e, frequentemente, desfilam no carnaval (cf. anexo,

fotos que focam os cabelos das participantes da pesquisa). Todas elas estudavam, à época da realização do estudo, em escolas da rede estadual, sendo que quatro delas estão matriculadas na mesma escola no centro da cidade e uma delas em escola do bairro. Duas delas são alunas do 8.º e 9.º anos do Ensino Fundamental e três estão no 1.ª ano do Ensino Médio. As adolescentes são pertencentes a famílias assalariadas, três residem em um mesmo bairro e as outras duas em bairro vizinho. Essas adolescentes foram convidadas a participar desse estudo por serem não-brancas, com diferentes traços fenóticos e por estarem em uma idade central na constituição de suas identidades sociais.

É importante sinalizar que essas adolescentes compartilham a vida em diversos contextos sociais. Por exemplo, elas participam de uma comunidade de Escola de Samba tradicional na cidade onde vivem. Nesse contexto, elas colaborativamente constroem sentidos delas mesmas na sociedade mais ampla. Além disso, elas moram no mesmo bairro, estudam na mesma escola, algumas, inclusive, estudam na mesma sala de aula. Quatro delas foram minhas alunas por dois ou três anos em escola pública da rede estadual de ensino.

Além das adolescentes, eu, pesquisadora, também sou participante ativa dessa investigação, como é normalmente compreendido aquele que desenvolve um estudo de base etnográfica (ERICKSON, 1984). O fato de eu ser negra exerce significação central nesse trabalho (COSTA DE PAULA, 2002), que terá que ser lido levando-se em conta este traço de minha identidade social, como, aliás, qualquer pesquisa deve ser lida, pois o pesquisador está diretamente imbricado naquilo que pesquisa (MOITA LOPES, 1994).

4.3 DESENHO DA PESQUISA

Por meio de trabalho de campo desenvolvido durante os anos de 2006 e 2007, os registros deste estudo foram gerados por mim, seguindo os moldes de uma pesquisa de natureza etnográfica, isto é, por intermédio de observação – notas de campo e elaboração de diários da pesquisadora, de gravações em áudio de eventos de letramento de grupo focal mediados por matérias de revistas (seção de beleza), de duas entrevistas também de grupo focal e de conversas informais. As notas de campo foram realizadas antes e depois dos eventos de grupo focal, cada evento com duração de aproximadamente 1h30, em encontros

realizados duas vezes por semana, durante os dois anos de trabalho de campo. Ao todo foram 42 eventos de letramento e duas entrevistas de grupo focal. As conversas informais aconteceram em tempos de espera para início das sessões de grupo focal. No primeiro contato entre a pesquisadora e as participantes, antes de serem marcados os primeiros encontros, as adolescentes foram informadas sobre o tópico desta pesquisa.

No planejamento dos eventos de grupos focais, levei em consideração o fato de as adolescentes constituírem uma mesma comunidade de prática (WENGER, 1999) (Ver discussão na seção 4.4), pois, conforme mencionado, elas compartilham a vida social em diversos contextos. É importante enfatizar mais uma vez que elas convivem com a construção colaborativa de significados sobre elas mesmas e sobre a comunidade onde moram. Tendo isso em mente, foram feitas as decisões sobre a escolha da técnica de grupo focal, do foco em corpos/cabelos e das revistas/matérias que serviram de mediação nas interações.

A técnica de grupo focal será focalizada na última seção deste capítulo, no bojo da discussão sobre comunidades de prática e (eventos de) letramento. O foco em corpos/cabelos já apareceu no Capítulo 3. Falta ainda focalizar as revistas/matérias usadas na mediação das interações. É isso que faço no fechamento desta seção. Entre as matérias lidas nas diversas revistas, algumas poderiam sugerir no título que iriam abordar os diferentes tipos e texturas de cabelos de mulheres diferentes e de raças diversas, mas não é assim que acontece. Apenas para ilustrar essa realidade, cito algumas matérias lidas: “O novo Chanel. *Chic e para todas*”, matéria de capa da revista **Elle**, de maio de 2007; “Como conseguir o cabelo que você quer”, matéria de capa da revista **Marie Claire**, de setembro de 2006; “Bad hair Day? Você pode sobreviver!”, matéria publicada na revista **Marie Claire**, de novembro de 2007. “O melhor cabelo da sua vida”, revista **Uma**, de fevereiro de 2006, “Acordou com o cabelo péssimo? 4 cortes, 12 jeitos de usar”, matéria publicada na revista **Criativa**, de outubro de 2006, “Linda no inverno”. Cinquenta truques de especialistas em beleza para salvar a pele, os cabelos e o corpinho de todas as ameaças da estação mais fria do ano. Entre nessa! Matéria publicada na revista **Atrevida Fashion**. Edição Nº 10 [2001], “5 jeitos práticos de manter o seu cabelo arrumado no verão”. Soluções modernas para arrumar o cabelo. Matéria de capa da revista **Cláudia**, de Janeiro

de 2007. “Cabelo sexy e pele macia. Um tratamento completo e fácil de fazer para cuidar da sua beleza pós-verão”. Matéria de capa da revista **Zero**, Ano II Nº 3 [2007].

Entre as matérias das revistas selecionadas para os eventos de grupos focais, a que causou maior impacto e mais foi retomada pelas adolescentes nas conversas informais e nas entrevistas foi a “Quase Sereias”, da **Revista Raça Brasil**. Vejo como necessário apresentar, então, um apanhado dessa matéria que é proveniente da única revista selecionada que não se encaixa no rótulo revista feminina. A análise que faço da matéria é apresentada aqui em duas colunas, o mesmo procedimento será adotado no Capítulo 5 para separar a análise de textos das revistas da análise da interação no grupo focal. Cabe ainda esclarecer que se trata de uma análise de textos entendidos como práticas discursivas que circulam com base em leitores projetados pelas mídias em revistas femininas.

Revista: **Raça Brasil**, Ano 10, n.º 100, Julho de 2006.

Título: Quase sereias

Repórter: Ana Carolina Carvalho

Reportagem de capa: Cabelo novo já! Um guia completo de alongamento para você mudar o visual. Novas técnicas, preço, manutenção...

Lead: Entrelaçamento, fio-a-fio, *great lengths* e *megahair*, um superguia sobre alongamento para você realçar a beleza de seu cabelo.

A revista **Raça Brasil**, apesar de não estar na categoria revista feminina, foi utilizada algumas vezes nos eventos de letramento com as adolescentes porque houve uma sinalização por parte de Ana Beatriz, no quinto evento de letramento, de que “sentiam necessidade de ler algum texto que se relacionava mais com a ‘cor’”. Também julguei interessante usar a revista porque entendo que as interações entre as adolescentes negras com imagens e penteados ditos para pessoas negras poderia oferecer um conhecimento sobre como as adolescentes na contemporaneidade se posicionam em relação à intersecção raça e imagem. Além disso, a revista **Raça Brasil** apresenta características peculiares às revistas femininas: geralmente apresenta uma seção de moda e de beleza, por exemplo. De acordo com Silva (no editorial) a **Raça Brasil** seria uma revista

feminina voltada para a estética da mulher negra. Uma evidência de que a revista teria um perfil de revista voltada para o público leitor feminino é o editorial da revista de n.º 100, ano 10 de Julho de 2006, no qual a diretora geral afirma,

A entrevista com a supermulher Thais Araújo nos ensina que podemos fazer muitas coisas dentro de um só espaço de tempo. Dá para ser mulher, mãe, filha, esposa e profissional dedicada ao trabalho. (...) E para a leitora que está querendo mudar o visual, preparamos um superguia com as principais técnicas de alongamento. Confira os *looks* e tudo o que você queria saber sobre esse método de beleza para seu cabelo.

Entendi que ela estaria se sentindo um pouco desapontada por não encontrar

informações sobre cuidados de beleza com o corpo/cabelo nas revistas femininas que vínhamos lendo, visto que geralmente não se fala em cabelos com texturas mais semelhantes ao cabelo de muitos negros. O texto “Quase Sereias” foi um dos primeiros a ser discutido pelas adolescentes participantes desse estudo e oferece uma gama de informações que vão ventriloquar as diversas conversas que ocorreram ao longo dos eventos focais. O texto apresenta modelos com um projeto de corpo que algumas adolescentes pretendem construir e oferece informações sobre que cabelos são bonitos e/ou femininos e esses conceitos são revozeados pelas adolescentes seja para adoção seja para contestação.

Início a análise do texto “Quase Sereias”, abordando os modos como as práticas discursivas entre a escritora e os leitores estão projetados. A repórter de beleza é uma mulher negra, Ana Carolina Carvalho. A prática discursiva envolve participantes femininas, escrevendo e lendo um tópico tradicionalmente entendido como feminino. Desse modo, o texto tem reportabilidade, ou seja, é um texto contável, conforme analisa Labov (1972) e Thornoborrow (2005). Considerando o público-alvo previsto no editorial. Nessa perspectiva, ler/analisar esse texto é ser “interpelado” por efeitos discursivos que revistas, como **Raça Brasil**, disponibilizam no que se refere a performances racializadas de senso comum sobre feminilidades. Colocando isso de outra maneira, leitores/analistas estão “implicados na citação desse texto” (THREADGOLD, 2005, p. 277).

Os elementos que constituem as práticas socioculturais possibilitam afirmar que o texto é, como prática discursiva, é uma performance discursiva de feminilidade negra. Na análise tento problematizar os posicionamentos que as mulheres negras ocupam em tais performances tendo como base as pistas semióticas multimodais que indexalizam tais posicionamentos

(WORTHAM, 2001 e MOITA LOPES, 2006b, 2008, 2010).

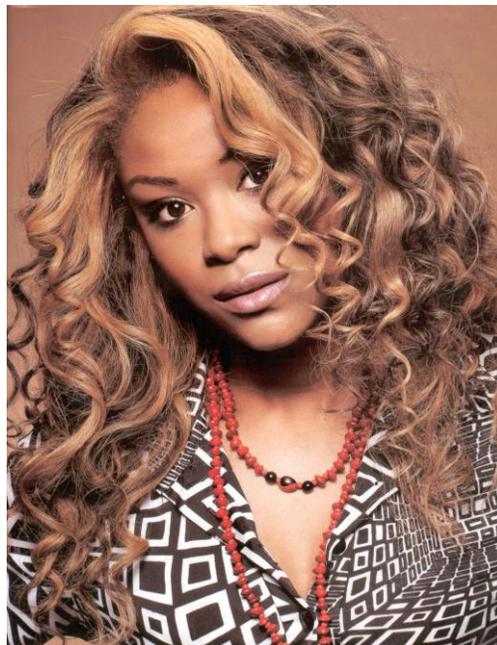
A matéria da revista consta de seis páginas, três delas contendo fotos de modelos negras exibindo cabelos longos, com mechas douradas e loiras. Há ainda fotografias pequenas com o passo-a-passo de técnicas de alongamento de cabelos (tópico da matéria) e fotos pequenas de quatro celebridades negras nacionais e internacionais que usam alongamento nos cabelos. Assim, dois terços das páginas correspondem ao texto escrito. A seguir, a foto de abertura da matéria “Quase Sereias”.



O plano de fundo das páginas com as fotos das modelos e da página que introduz o texto escrito está na cor terra. De acordo com Guimarães L (2003, p. 83), essa cor é utilizada em publicações da mídia para colocar o foco na realidade, visando à informação, como se a cor fosse apenas a embalagem do conteúdo da informação. A primeira página apresenta uma modelo supostamente negra, de pele clara, traços físicos do rosto “delicados” de acordo com o senso comum, cabelos castanhos, lisos e compridos, alongados por meio da técnica *Tic*

*Tac*³⁷, com mechas em tom cobre. A maquiagem é natural de modo que seja perceptível um batom rosa e uma sombra que deixa os olhos cintilantes. Na segunda página, está a introdução do texto escrito da matéria com o título - “Quase sereias” - no meio da página. As letras do título são maiúsculas, em cor brancas, editadas em fontes diferentes, de modo que haja um jogo na evocação semântica da palavra “quase”, que com um traçado muito fino, aparece de forma sutil. O item lexical “sereia” posiciona a suposta mulher negra, personagem da matéria como capaz de seduzir, de atrair. Entretanto, o marcador “quase” modifica o sentido de “sereia” posicionando essas mulheres como sujeitos que apresentam uma “falta” em relação ao quesito sedução. Ou seja, a matéria posiciona essas modelos como mulheres que seduzem, mas que falta algo nelas para que possam ser de fato categorizadas como “sereias”. A terceira página contém quatro fotos que mostram passo a passo a técnica de entrelaçamento, à direita em uma coluna vertical. À esquerda, ocupa uma parte maior da página o texto escrito explicando a técnica, os cuidados com os cabelos alongados, incluindo dicas para as leitoras.

Na quarta página há a foto de uma modelo supostamente negra, de pele clara com cabelos longos, com mechas loiras. Ela veste uma blusa com estampa de grafismos no estilo africano e usa um colar “étnico” vermelho. Esse projeto de cabelos foi selecionado pela adolescente, participante dessa pesquisa, Ana Beatriz, como o cabelo que ela deseja construir e, durante o desenvolvimento da pesquisa, ela fez diversas referências a esse cabelo, que aparece na foto a seguir.



Na quinta página, na parte superior esquerda há um texto escrito sobre técnicas de alongamento, na lateral direita há fotos do passo a passo de uma técnica de alongamento e na parte inferior da página há fotos das celebridades negras. Todas com cabelos longos. A atriz brasileira Thaís Araújo exibe longas madeixas com mechas loiras. Beyonce e Jennifer Lopes, cantoras norte-americanas usam cabelos longos, loiros e lisos e Janaína Lince, atriz brasileira com cabelos longos, castanho-escuros com cachos grandes a partir do meio da cabeça. Finalmente, na sexta página, há a foto de uma modelo de pele clara, traços físicos do rosto finos, cabelos castanho-escuros, muito longos, com cachos a partir dos ombros, a maquiagem muito natural, deixando perceber apenas um batom rosa clarinho.

O ato discursivo dessa matéria ao selecionar somente modelos supostamente negras, de pele clara pode produzir um efeito semântico que leva as leitoras a posicionarem as mulheres negras de pele escura como não sendo incluídas na categoria “sereias” ou “quase sereias”. A combinação texto escrito e texto visual segue a caracterização da revista feminina como tendo traço típico a natureza híbrida e multimodal, conforme analisa Moita Lopes (2010, p. 138), quando analisa uma matéria publicada no Jornal O Dia. A

³⁷ *Tic Tac* é uma técnica de alongamento em que o cabelo artificial se prende ao cabelo da pessoa por meio de acessório chamado *Tic tac*.

multimodalidade das revistas femininas seria mais intensa que em outras como a de negócios, por exemplo. Assim, pode-se entender que a performance discursiva que constroi a corporeidade das feminilidades é multimodal.

A seção de beleza é uma parte da revista que retrata as ações de mulheres quando querem mudar o visual. O *lead* “Entrelaçamento, fio-a-fio, *great lengths* e *megahair*, um superguia sobre alongamento para você realçar a beleza de seu cabelo”, logo abaixo do título enuncia o que vai ser abordado no texto. O *lead* faz uma interpelação direta à leitora ao empregar o pronome de tratamento de segunda pessoa “você” criando uma esfera de intimidade entre escritora/leitora, apelando para um **estado epistêmico** (WORTHAM, 2001) da escritora, posicionando-a como alguém que conhece o leitor e sabe de seu desejo, de seu sentimento e situando a prática discursiva como uma performance entre mulheres. Em outras palavras, o ato de escrever/ler esse texto é fazer o gênero, é fazer “mulherice”³⁸.

A expressão “para você realçar a beleza de seu cabelo” posiciona a leitora como alguém que já tem um cabelo bonito enquanto posiciona a escritora como alguém que conhece o que a leitora precisa para dar visibilidade à sua beleza. Entretanto, as técnicas de alongamento focadas na matéria escondem o cabelo da própria pessoa por meio de tranças de raiz, conforme as fotos das técnicas, em passo a passo demonstram. As fotos das modelos corroboram o título da matéria na medida em que o sentido midiático da cor terra, pois de acordo com Guimarães L (1983, p. 83), essa cor é utilizada nas matérias midiáticas para “representar a realidade crua”, “dar maior fidelidade” à informação”. Assim, pode-se dizer que a matéria posiciona as mulheres negras como sendo naturalmente sedutoras, como se houvesse algo no corpo dessa mulher que traduzisse uma essência da sedução. No entanto, com base nos cânones hegemônicos de beleza, essa mulher não pode

³⁸ Mulherice é um termo usado por feministas, como Phillips (2006) para asseverar a noção de gênero como sendo construído.

ser nomeada “sereia”, como sugere o título da matéria. Esse posicionamento reproduz as performances cristalizadas e estereotipadas da mulher negra. Essa interpretação é também confirmada pelo fato de as fotos não apresentarem elementos que tradicionalmente são explorados para se posicionar uma mulher como sedutora, a saber, o foco em algumas partes do corpo, como seios, além de maquiagem em tons quentes e expressão facial de uma mulher que quer seduzir.

A matéria também se apoia em fotos de celebridades femininas negras, como se pode observar na imagem abaixo:



Todas as celebridades, acima, utilizam um tipo de alongamento – tema da matéria. Essas fotos estão em uma seção com o título “Inspire-se no look das famosas”, em letras maiúsculas brancas destacadas em uma faixa de fundo vermelha. Cabe ressaltar que o título coloca ênfase no verbo no imperativo “inspire-se”, em busca talvez de estabelecimento de diálogo entre escritor e leitor. Aí, a escritora se posiciona como alguém que tem autoridade para ditar comportamentos à leitora, ou seja, como sendo uma pessoa com conhecimento que lhe autoriza dizer às mulheres negras como elas devem construir seus corpos/cabelos.

Essa seção com as fotos das celebridades é a parte mais colorida da matéria. A faixa vermelha, significada na mídia e na cultura como a cor da paixão (cf. GUIMARÃES, L., 2003, p. 187), se associa ao texto escrito para posicionar as celebridades como “sereias”, na perspectiva de serem mulheres que seduzem. Essa associação chama a atenção para o hibridismo discursivo do texto em análise, o qual apresenta múltiplas semioses ideologicamente associadas de modo a orientar para um determinado enquadre significativo do texto.

Já as celebridades estão posicionadas como “sereias” de fato. Essa interpretação está ancorada no item lexical “famosas”, que modifica o valor semântico do predicador “sereias”. Além disso, chama a atenção o fato de as fotos das celebridades virem seguidas de seus nomes enquanto as fotos das modelos não apresentarem qualquer indício de referência, predicação ou legenda. Essa ação discursiva posiciona as modelos como anônimas e isso corrobora as interpretações que construí de que o fato de não serem famosas as deixa na posição de “quase” sereias. Entretanto, cabe ressaltar que ao verificar o local de prensa e colagem das páginas, em letras minúsculas, podem-se ler, em linhas na vertical, os nomes de sujeitos do *backstage*, o nome das modelos e indicações dos comerciantes envolvidos na matéria.

No que tange ao texto escrito, a primeira oração da matéria enuncia um projeto de cabelo “comprido, abaixo dos ombros” e predica esse cabelo como sendo “cheio de sensualidade”. Essa enunciação posiciona as mulheres que têm cabelos compridos, abaixo dos ombros como sensuais enquanto exclui as outras mulheres de tal posicionamento. A oração seguinte elucida melhor essa interpretação, por meio dos predicadores “ondulado”, “superliso” ou “encaracolado”, os quais estão modificados pelo item avaliador “não importa”, indicam que a textura do cabelo é irrelevante. Assim, basta que tenha o cabelo seja comprido para que uma mulher seja vista como sedutora. Essa enunciação interpela questões importantes quando se leva em consideração a raça da mulher visto que as possibilidades de textura de cabelos dadas, no texto, excluem uma gama de pessoas que têm cabelo muito crespo, as quais são, no senso comum, categorizadas como negras. Desse modo, pode-se inferir que, nessa performance narrativa a mulher negra está excluída da possibilidade de ser significada como sereia, ainda que tenha cabelos compridos, a não ser que estejam alisados, com permanente afro ou relaxados. Também cabe problematizar que, em uma cultura como a brasileira em que o cabelo que dá poder é o comprido, abaixo dos ombros, muitas mulheres negras estão em

condição desfavorável se considerarmos a morfologia dos cabelos muito crespos, os quais são frágeis e quebradiços. Apesar de crescerem como qualquer outro cabelo, o crescimento não é perceptível uma vez que se quebra e tem a aparência, ao olhar das outras pessoas, principalmente das branquitudes, de cabelo que está sempre igual, do mesmo tamanho. Sumarizando, essa narrativa posiciona um contingente importante de mulheres brasileira e, principalmente, de mulheres leitoras da revista *Raça Brasil*, à margem de possibilidades de se inserirem na categoria de mulheres “sensuais”, sedutoras.

A repórter de beleza, narradora do texto em questão, em estado epistêmico, como mulher e negra, descreve situações vivenciadas por leitoras negras utilizando itens lexicais como “esperar os fios crescerem leva à beira de um ataque de nervos”, “um determinado comprimento os deixa disformes”, “não tem *tic tac*³⁹ que dome tanta rebeldia”, “pode levar meses para ser possível fazer um rabo de cavalo”. Ou seja, a narrativa compila um conjunto de fatores que levam a leitora a um posicionamento negativo do próprio cabelo, já que dá a entender que seu cabelo deve ser domado, que tem problemas porque é um cabelo que demora a crescer de modo que a mulher negra é posicionada como sendo alguém à beira de um ataque de nervos devido ao cabelo que tem. Com base nessas avaliações, a repórter de beleza vai, então, argumentar por um projeto de cabelo com alongamento. E para tanto, ela relaciona as vantagens da ação de alongar os cabelos como melhor que tentar formas de tratamento visando fortalecer para o crescimento. Isso pode ser comprovado pelo fato de a repórter ter abordado a economia de tempo no processo de colocar os cabelos e ter avaliado o resultado como sendo “perfeito”. Além disso, ela se apóia nos nomes das famosas celebridades e “sereias” que “já aprovaram o método”.

Na sequência, a jornalista oferece explicações sobre os tipos de cabelos que são usados por cabeleireiros para fazer alongamentos, a saber, cabelos sintéticos e

³⁹ *Tic Tac* é uma presilha, acessório de cabelo.

cabelos naturais. Ela cita enunciações de cabeleireiros sobre os cabelos e as técnicas usadas na aplicação de novos cabelos. Em relação à origem dos cabelos naturais, a reportagem não faz qualquer uma problematização das circunstâncias envolvidas nas vidas das pessoas cujos cabelos são utilizados. Como está indicado na matéria, a maior parte desses cabelos vem da Índia e da Ásia. Sabe-se que na Índia, os cabelos são oferecidos por mulheres paupérrimas em ritual religioso como sinal de penitência e humildade religiosa. Entretanto, esses cabelos são explorados por uma riquíssima indústria internacional de beleza'. Outras informações sobre cuidados com os cabelos anexados e naturais devem receber são oferecidas às leitoras.

Outro aspecto que chama atenção na matéria “Quase Sereias” é que não há qualquer menção à mulher querer mudar o visual. Não se fala, por exemplo, no desejo dessa mulher e nas motivações subjetivas que levam mulheres a quererem um novo visual, apesar de o editorial ter sinalizado que esse era a motivação para a matéria, ou que era para mulheres com esse desejo que a matéria foi escrita. Desta feita, pode-se inferir que o texto foi composto porque a revista entende que há mulheres que não têm cabelos sensuais e por isso devem alongá-los. Isso, somado à oposição do que foi sugerido no *lead* - que o alongamento realça a beleza do próprio cabelo, contribui para o efeito semântico de valorização do cabelo comprido e uma inferiorização de outros projetos que não corroborem a performance narrada. Nessa matéria, fica claro que as práticas de alongamento⁴⁰ de cabelos ocorrem, por meio de técnicas que exigem a invisibilização do próprio cabelo, como se pode observar lendo

o passo a passo da aplicação das técnicas de alongamento abordadas.

⁴⁰ Também chamado de aplique, o alongamento é uma técnica que insere mechas temporárias nos cabelos, possibilitando criar franjas, volume, comprimentos desejados ou dar uma forma nova aos cabelos. A técnica trabalha com cabelos sintéticos e naturais. Há vários métodos de alongamento que vão do tradicional *mega hair*, passando pelo entrelaçamento com nó e elastex, até os atuais tic tacs (Revista **Marie Claire**. set. 2006).

4.4 COMUNIDADES DE PRÁTICA, EVENTOS DE GRUPO FOCAL E PRÁTICAS NÃO-ESCOLARES DE LETRAMENTO

A interação das adolescentes negras no grupo focal é vista como uma prática social, visto que estão juntas e colaborativamente constroem sentidos do mundo social e delas mesmas nas interações em que se inserem. Esse grupo de adolescentes negras constitui uma comunidade abalizada na experiência comum que vivenciam sobre o que significa ser garota negra em nossa sociedade. Por isso, acredito que se trata de “um tipo de comunidade criada com o tempo para sustentar as necessidades de um grupo compartilhado. Esses tipos de comunidades são chamados comunidades de prática” de acordo com Wenger (1999, p. 45). Para esse mesmo autor (1999, p. 47),

Prática inclui o explícito e o tácito. Inclui o que é dito e o que fica não dito; o que é representado e o que é assumido. Inclui linguagem, instrumentos, documentos, imagens, símbolos, papéis bem definidos, critérios especificados, procedimentos codificados, regulações e contratos que várias práticas tornam explícitas com uma variedade de intenções. Mas também inclui todas as relações implícitas, convenções tácitas, pistas sutis, regras de cálculo não contadas, intuições reconhecíveis, percepções específicas, sensibilidades bem sintonizadas, entendimentos corporificados, suposições sublinhadas, visões de mundo compartilhadas.

A prática, tal como descrita acima engloba uma ideia de pertencimento porque seus participantes compartilham de um conjunto de conhecimentos que lhes possibilitam agir sobre implícitos e convenções que não são verbalmente negociadas, mas reconhecidas pelos membros do grupo que estão em sintonia e que corporificam intenções e visões de mundo. Conforme Lave e Wenger (1991, p. 98) “Comunidade de prática é um tipo de relação entre pessoas, atividades e mundo, que dura sobre o tempo e em relação com outras comunidades de prática tangenciais e sobrepostas”, pois uma mesma pessoa pode fazer parte de muitas comunidades de prática e de suas atividades e por meio delas compartilhar entendimentos referentes ao que estão fazendo e o que isto significa para suas vidas e para suas comunidades” (LAVE, WENGER, 1991, p. 98).

Wenger (1999, p. 47) explica que “O conceito de prática conota fazer, mas não apenas fazer por si próprio. É fazer em um contexto histórico e social que dá estrutura e significado para o que se faz”. Dessa forma, a cidade em que essas adolescentes vivem, com seu histórico de exploração dos negros no período áureo do café e a resistência das

negritudes de então em um dos maiores quilombos do Brasil, é focalizada aqui com o intuito de nos possibilitar uma análise de como as conversas construídas pelas adolescentes agentes nessa pesquisa revelam um olhar peculiar para os modos como nesse início de século XXI, as novas gerações femininas negras significam e racializam seus corpos/cabelos. Em outras palavras, as conversas geradas com essas adolescentes, em eventos de letramento mediados por revistas femininas, são focalizadas com o intuito de interpretar as racializações, questionando se raça é uma questão ultrapassada ou se os embates nas racializações continuam existindo e se existem, em que circunstâncias se manifestam. Nessa perspectiva, argumento o grupo focal estudado como constituindo uma comunidade de prática, visto que as adolescentes agem juntas nesse grupo significando, contestando e transgredindo noções de senso comum sobre a raça.

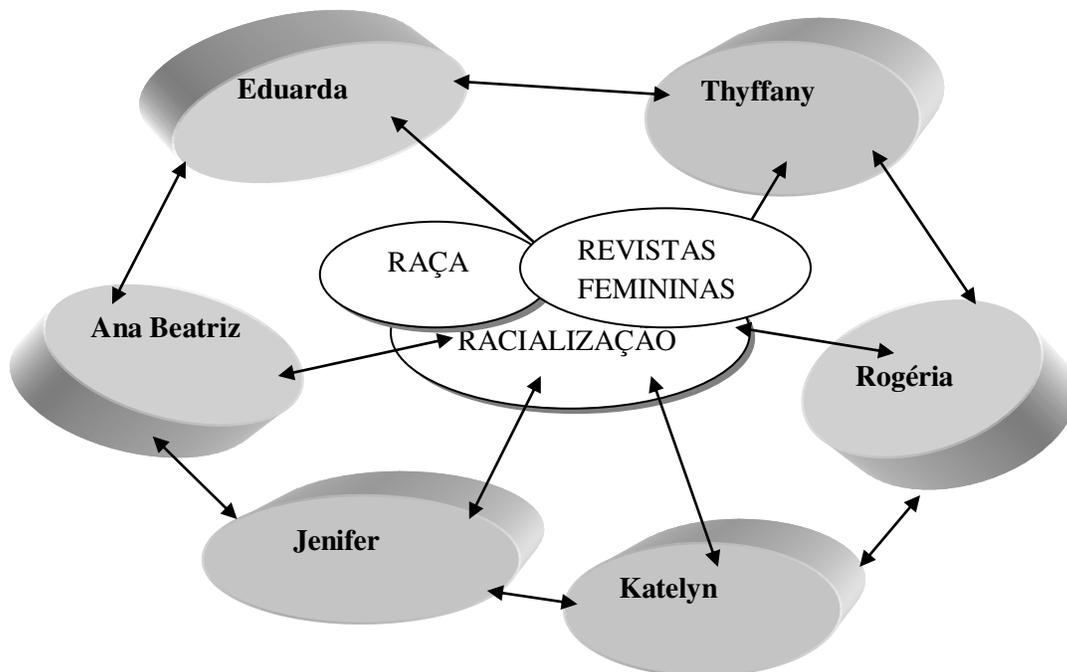
Nas palavras de Wenger (1999, p. 48), “comunidades de prática são locais em que desenvolvemos, negociamos e compartilhamos nossos próprios modos de entender o mundo”. No meu modo de entender, essas adolescentes estão engajadas em uma prática sócio-histórica na medida em que re-posicionam seus corpos/cabelos e se ressignificam, coletivamente, por meio de performances de raça e gêneros/sexualidades em conversas sobre textos de beleza, veiculados em revistas.

O fato de essas garotas constituírem uma comunidade de prática foi fundamental para a escolha da metodologia de geração de registros denominada grupo focal. Pesquisadores como Erwin e Stewart (1997), Krueger e Morgan (1993) definem o grupo focal como uma discussão em grupo, guiada, a fim de gerar um rico conhecimento de experiências e crenças dos participantes. Segundo Stevens (1996, 171), é importante que as pessoas reunidas discutam sobre assuntos que lhes interessam como grupo. Em outras palavras, trata-se de um tipo de interação em que “cria-se uma excelente oportunidade para os outros falarem e para nós ouvirmos” (KRUEGER, MORGAN, 1993, p. 63). Para Stevens (1996, p. 171), “a principal vantagem da entrevista no grupo focal é a possibilidade de estimular trocas espontâneas de ideias, experiências e atitudes em uma atmosfera que pode ser mais segura para os participantes dada a solidariedade do grupo”. Assim, o grupo focal, nesta pesquisa de viés etnográfico, se constitui como uma forma de geração de registros relevante, porque, ao focalizar suas vozes, valoriza os sujeitos participantes da pesquisa, criando condições para que eles exponham suas histórias e experiências. Essa

ação é, a meu ver importante, porque contribui para que os participantes sejam seres cujas visões são importantes e possibilita que eles saiam dos papéis sociais que exercem em pesquisas tradicionais em que são simplesmente sujeitos de pesquisa cujas vozes não são consideradas. Nessa perspectiva, acredito que é um ótimo método para que as adolescentes negras se vejam tendo voz e sintam que suas vozes são respeitadas. Cabe ainda ressaltar que, conforme explica Stevens (1996, p. 172), no grupo focal as inibições dos indivíduos diminuem e eles podem revelar mais sentimentos e experiências que não revelariam, por exemplo, em entrevistas individuais. Ou seja, “o grupo focal pode suscitar conversas sobre eventos privados, sensíveis ou socialmente estigmatizados porque quando os participantes veem que os outros têm experiências semelhantes, se sentem em uma atmosfera de sinceridade” (STEVENS, 1996, p. 172).

Na pesquisa realizada, os grupos focais foram mediados por revistas femininas, selecionadas entre aquelas mais valorizadas pelas participantes e aquelas que apresentavam matérias sobre o tema da beleza dos corpos/cabelos. Nos eventos de grupo focal, todas as participantes têm uma revista em mãos para que possam localizar os textos, ou trechos de textos, que julgarem importantes na discussão em cada interação. As revistas eram sempre sugeridas por mim, havendo a possibilidade de as adolescentes escolherem, durante a reunião de grupo focal o tópico da seção de beleza a ser discutido, a imagem a ser focada, a ordem do dia de apresentação da matéria.

Veja a seguir o quadro que apresenta as participantes dos eventos de grupo focal, a mediação da interação por meio das matérias de revistas e dois dos conceitos relevantes na pesquisa.



Quadro 10 - Organização interacional nos eventos de grupo focal

As interações acima denominadas eventos de grupo focal são também eventos de letramento, neste estudo, constituídos de práticas informais de letramento mediadas por textos da mídia impressa.

Focalizo, portanto, neste trabalho, conversas sobre textos (MAYBIN, MOSS, 1993) construídas por adolescentes em eventos de letramento não-escolares, também denominados de letramento vernacular ou letramento do cotidiano (BARTON, HAMILTON, 1998). Como meu projeto de investigação de tais atividades discursivas está alicerçado em uma visão socioconstrucionista do discurso e das identidades sociais (MOITA LOPES, 2002), que considera os sujeitos como indivíduos sócio-históricos agentes nas relações sociais e nas constituições de significados, a abordagem de letramento que adoto é coerente com tal visão. Assim, esse estudo está baseado nos chamados Novos Estudos de Letramento (BARTON, 1994, STREET, 1997), letramento aqui entendido como uma prática social (BARTON, 1994) situada na sociohistória (BARTON, HAMILTON, 1998) e traduzida em ações políticas de construção de significados que vão ao encontro das diferentes demandas da vida social em determinado momento. Assim,

[letramento é] uma palavra que descreve dois argumentos importantes de que precisamos com a ordem cultural, institucional e global emergentes. O primeiro argumento é a multiplicidade de canais de comunicação e mídia; o segundo, é a crescente saliência da diversidade linguística e cultural (COPE, KALANTZIS, 2005/2000, p. 5).

Barton (1994) define letramento como uma abordagem de leitura que foca os usos que as pessoas fazem da escrita nas atividades cotidianas em que elas se envolvem. Assim, podemos inferir que “a essência de qualquer definição de letramento é o significado. Lemos, escrevemos, conversamos e ouvimos, em uma miríade de formas, para entender e ser entendido” (STEVENS, BEAN, 2007, p. 18).

Considerando que os sujeitos sociais se inserem em práticas de construção de significados, ou seja, em eventos de letramentos, entende-se que “letramentos, bem como interações com o texto, são plurais” (STEVENS, BEAN, 2007, p. 19). Há uma multiplicidade de modos de ler e significar, os quais são moldados pelos traços identitários por intermédio dos quais os sujeitos se inserem nas práticas discursivas de forma a constituir uma política de identificação pela raça, gênero/sexualidade, religião, profissão, entre outras. O “pluralismo significa constantemente ler o mundo criticamente para compreender os interesses culturais divergentes que informam os significados e ações, seus relacionamentos e suas consequências” (KALANTZIS, COPE, 2005/2000, p. 147). Considerando a diversidade de modos de ler e significar e os diferentes posicionamentos que os sujeitos sociais assumem nas práticas de letramento, o Grupo da Nova Londres cunhou o termo multiletramentos para focar os diversos modos de representação e as formas de textos disponíveis por meio das mídias e mudanças tecnológicas. Nessa ótica,

ser multiletrado requer não só a maestria da comunicação mas também uma habilidade para criticamente analisar, desconstruir e reconstruir uma gama de textos e outras formas de identificação. Isto também requer uma habilidade para se engajar em responsabilidades sociais e interações associadas a esses textos (ANSTEY, 2002, p. 446).

A noção de letramentos múltiplos desafia compreender que “há uma multiplicidade de modos de ser letrado e modos complexos em que letramento está ligado a e moldado pelo poder” (KNOBEL, 2007, p. vii). Este trabalho, por exemplo, está interessado nos modos como adolescentes negras, em uma determinada comunidade de prática constroem significados sobre elas mesmas e sobre o mundo social, ao lerem textos veiculados em revistas femininas. Está também interessado nos modos como os textos das mídias impressas posicionam as feminilidades negras e, particularmente, os modos como essas adolescentes envolvidas na pesquisa, reagem diante dos posicionamentos que ocupam nos textos. O que me interessa na investigação das práticas sociais das adolescentes é interpretar o que o letramento faz na vida social e pessoal das adolescentes enquanto

feminilidades negras. Este foco de interpretação reflete a crença de que as práticas de letramento são situadas na sociohistória. Ou seja, a pesquisa leva em conta que letramento tem base nos conhecimentos culturais dos participantes de um dado evento sócio-cultural.

Cabe ainda considerar a contextualização textual nas práticas de letramento influenciando na produção dos significados. Pode-se afirmar que “o próprio letramento varia com o contexto social” (STREET, 1993, p. 23). E entender as práticas de letramento como situadas implica reconhecê-las como “modos culturais de utilizar a leitura em um evento de letramento” (BARTON, 1994, p. 37). Reconheço que é redundante definir letramento como prática situada, visto que essa está sempre imbricada na sociohistória. Entretanto, acredito que manter o termo “situado” colabora para dar ênfase ao que o letramento faz (BAYNHAM, 1995), ao que os indivíduos significam a partir dos textos e aos sentidos que eles usam nos eventos como sendo atos políticos e ideológicos.

Em outras palavras, o sujeito que atua em interações sociais é um sujeito em fluxo, que se constitui entre linguagens, nas práticas discursivas nas quais atuamos (SIGNORINI, 1998, p. 336). As práticas de letramento são vistas também como sendo práticas sociais nas quais a leitura e a escrita são constituídas como formas de construir “conceito de relações sociais, identidades, valores e crenças” (KLEIMAN, 1995, p. 219). Ou seja, o letramento, ao mesmo tempo em que é modelado pelos contextos e instituições sociais em que é constituído, reflexivamente constitui tais contextos e instituições. Ou ainda, nas práticas de letramento, os participantes constroem sentidos das relações sociais que criam e significam a si mesmos nessas relações. Logo, as práticas de letramento são constituídas dos grupos sócio-histórico-culturais bem como dos indivíduos. Segundo Street (1995, p. 29) “o modelo [ideológico de letramento] destaca a significação do processo de socialização na construção do significado do letramento para os participantes, e, portanto, diz respeito às instituições em geral, nas quais esse processo ocorre e não apenas às instituições especificamente ‘educacionais’”. Uma questão importante sobre os multiletramentos diz respeito às características dos textos e aos modos como devem ser tomados. Por exemplo, cabe também considerar o que adverte Kress (2005/2000a, p. 153), “a linguagem não é o modo semiótico único e nem mesmo central”. Como explicam Chouliaraki e Fairclough (1999), o mundo em que vivemos é hipersemiotizado. Há uma gama de elementos semióticos (músicas, fotografias, imagens visuais e outras formas de

comunicação não-verbal) disponibilizados no mundo e que moldam os significados que os indivíduos criam para os textos. De acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 38) “o conceito de discurso pode ser entendido na perspectiva das várias formas de semioses – como momentos de práticas sociais em articulação com outros momentos não discursivos”. 38). Assim, os textos de revistas usados nesta pesquisa devem ser pensados levando em consideração a gama de elementos semióticos que os constituem.

O capítulo a seguir apresenta os modos como as adolescentes participantes desta pesquisa se posicionam e são posicionadas umas pelas outras nos eventos de letramento mediados por textos hipersemiotizados com base na sociohistória que as constitui. Além disso, mostra as práticas que elas adotam para construir sentidos desses textos interacionalmente.

5 “BLACK POWER NÃO É MANEIRA DE ASSUMIR QUE A GENTE É NEGRO! SE FOSSE, A GENTE USAVA.” – ANÁLISE DE POSICIONAMENTOS EM PERFORMANCES E PERFORMATIVIDADES

O objetivo deste capítulo é analisar registros gerados em conversas sobre textos midiáticos, tematizando beleza de corpos/cabelos, entre a pesquisadora e cinco adolescentes negras em uma comunidade de prática – fora da sala de aula.

Para organizar a análise, focalizo recortes de um corpus constituído de gravações em MP3 das conversas sobre matérias de beleza em revistas, do diário de campo da pesquisadora, das entrevistas de grupo focal e de conversas informais desenvolvidas entre as adolescentes enquanto aguardavam a chegada de todas as participantes do grupo para a realização desses eventos de letramento extraclasse. Focalizo ainda matérias das revistas que mediaram as conversas, cujos excertos foram selecionados para a análise dos dados.

Como construto teórico de análise, utilizo a noção de performance (BUTLER, 1999/1990, 2003; WORTHEN, 1995) e a noção de posicionamento (VAN LANGENHOVE; HARRÉ, 1999; WORTHAM, 2001) já apresentadas no capítulo 2. O conceito de posicionamento interessa, nesta análise, porque possibilita observar a dinâmica pela qual os sujeitos sociais se localizam nas interações, permite perceber as múltiplas construções identitárias por meio das quais as pessoas se engajam fluidamente na vida social e ainda pode contribuir para que se identifiquem as diversas performances/performatividades em que os indivíduos se constituem nas práticas de construções de significados uns com os outros (Ver Capítulo 2). Assim, esse construto possibilita construir inteligibilidade sobre as performances das adolescentes negras nos eventos de letramento que investigo para poder responder a seguinte questão de pesquisa:

Como as adolescentes participantes da pesquisa constroem seus corpos/cabelos em eventos informais de letramento mediados por textos multimodais em revistas femininas?

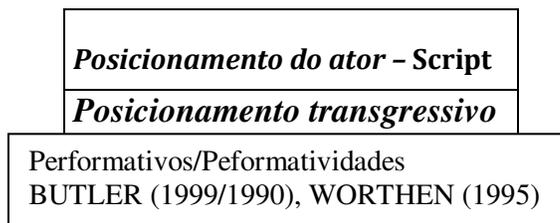
Ao me engajar no processo de construir interpretações para as ações das adolescentes nos eventos em investigação, o que chamou a atenção desde o início foi que a interação entre as adolescentes vai além da configuração de uma prática discursiva, isto é,

suas ações exemplificam o que Cherry (2008) descreve como funções da performance: “trazer um personagem à luz e traduzi-lo em uma identidade presente” (p.5). Em outras palavras, aquele que faz a performance está criando um sujeito social e materializando-o em conformidade com as identificações inteligíveis na sociedade. Para Cherry (2008, p. 5) “performance é o ato de ‘fazer uma presença ser sentida’, de tornar visível o que não estava ali antes”. Ou seja, a performance pode potencialmente convocar um posicionamento. No caso das interações entre as adolescentes nesta pesquisa, observo que nas performances que fazem, elas evocam corpos/cabelos negros transgressivos e reivindicam posicionamentos outros (que não aqueles naturalizados na sociedade) para os modos culturalmente entendidos de significar a raça negra.

Uma questão importante, considerada na escolha do construto teórico, é que o posicionamento nem sempre está, por exemplo, na materialidade linguística. Muitas vezes, como mostro na análise, o posicionamento acontece na encenação, na performance que faz e que cria possibilidades novas de identificação – de ser/estar no mundo social - que não estavam disponíveis antes, mas que pela ação se fixam naquele contexto. Colocando isso de outra maneira, o posicionamento é construído no discurso e além dele, ou seja, é performativo na medida em que gera realidades que estão além das circunstâncias locais e situacionais. O posicionamento cria presença por meio dos efeitos de sentidos que são consequentes das performances que uma pessoa faz. Nesse tocante, esta análise considera o que está além do ato de contar, declarar, focalizando o gesto de criar, de ser/estar que reivindica performatividades.

Sendo assim, na análise de dados, parto do princípio que o construto teórico escolhido deve ser capaz de apreender os processos e ações em que as adolescentes se posicionam em performances e, para tanto, optei pela combinação de três modos de compreender (WORTHEN, 1995; BUTLER, 1999/1990; VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999; WORTHAM, 2001) as tomadas de posição que os sujeitos empregam em suas práticas sociais (cf. Seção 2.1). Reapresento a seguir o Quadro 4, agora como um quadro-resumo, para análise das interações, com as propostas de tipos de posicionamento e das pistas interacionais (por meio das quais as pessoas se posicionam e/ou são posicionadas nas ações discursivas).

Posicionamento
Base: WORTHEN (1995)



BUTLER (1999/1990)

Posicionamento
Base: WORTHAM (2001)

Posicionamento	Pistas Interacionais
do outro	* Referência e predicação * Citação * Descritores metapragmáticos
do falante	* Índices avaliativos * Modalização epistêmica * <i>Marcas lexicais, sintáticas e coesivas</i>

Posicionamento
Base: VAN LANGENHOVE;
HARRÉ (1999)

Posicionamento Social	
* Autoposicionamento	* <i>Posicionamento regulado/ relacional</i>
* Posicionamento Deliberado	* <i>Posicionamento interessado</i>
	* <i>Posicionamento naturalizado</i>

Reposicionamento

Quadro 4 - Comparativo das noções de posicionamento na perspectiva argumentada neste trabalho.
Obs.: No quadro acima usei fonte em itálico e negrito para indicar as inserções /mudanças que fiz nas teorias de posicionamentos que utilizo neste trabalho.

Para a análise dos dados, selecionei quinze cenas (06 de entrevistas com foco no grupo, 01 de conversa informal e 08 de eventos mediados por matérias de revistas, além de 08 trechos de notas do diário de campo da pesquisadora) de interações que considerei relevantes para explicar as construções de sentidos sobre os corpos/cabelos das adolescentes participantes dessa pesquisa. As cenas apresentadas na análise foram

selecionadas porque focalizam performances corpóreas e identificações de raça e de gênero/sexualidade, que possibilitam interpretar os modos como as adolescentes significam seus corpos/cabelos.

A análise apresenta as cenas agrupadas em três seções, conforme aspectos das construções de corpos/cabelos das adolescentes, a saber: 1) (re)significações dos corpos/cabelos; 2) contestações de posicionamentos dos corpos negros segundo o senso comum e 3) racializações e transgressões corpóreas. Na Seção 5.1 desta análise, o foco está nos olhares que as adolescentes dirigem para os próprios corpos/cabelos e para corpos/cabelos supostamente negros em revistas. Interpreto também os sentimentos experimentados por meio desses olhares identificando os modos como se posicionam e/ou são posicionadas nas interações que encenam. Na Seção 5.2, focalizo as adolescentes encenando os olhares que pessoas no cotidiano e nas revistas dirigem a seus corpos/cabelos ou a corpos/cabelos de pessoas supostamente negras, no caso das revistas. Identifico os posicionamentos ocupados por esses corpos/cabelos nas performances que encenam. Discuto sobre as contestações que elas encenam em resposta aos olhares regulados por cânones que criam belezas socialmente legitimadas e que moldam os posicionamentos sociais dessas adolescentes em interações do cotidiano ou em textos das revistas. Finalmente, na Seção 5.3, focalizo os posicionamentos ocupados e/ou reivindicados pelas adolescentes. Discuto as (re)significações das performances de raça e de corpos/cabelos e problematizo os posicionamentos contestatórios e transgressivos que adolescentes encenam.

Em relação ao *layout* deste capítulo de análise de dados, é preciso informar que as interações mediadas por matérias de revistas são sempre precedidas da minha leitura desses textos. Os discursos das revistas são vistos como uma performance narrativa, conforme explica Moita Lopes (2010). Essas leituras, informadas pelas noções de posicionamento e performance, aparecem sempre em duas colunas. Terminada a apresentação da leitura, volta-se à coluna única com uma cena de interação seguida de sua análise.

5.1 (RE) SIGNIFICAÇÕES DOS CORPOS/CABELOS DAS ADOLESCENTES

Nesta seção, analiso quatro cenas: um excerto de entrevista de grupo focal, uma interação mediada por texto de revista, uma conversa informal e um excerto de interação mediada por texto de revista, respectivamente. Selecionei essas cenas porque mostram as adolescentes direcionando o olhar aos próprios corpos/cabelos, focalizam performances corpóreas e identificações de raça e de gênero/sexualidade, que possibilitam interpretar os modos como as adolescentes significam seus corpos/cabelos e revelam os significados que constroem sobre elas mesmas, com base em suas corporeidades.

A cena 1, a seguir, apresenta **dados de uma entrevista no grupo focal**. O excerto mostra uma conversa em que as adolescentes compartilham suas próprias experiências e sentimentos de serem negras em uma sociedade cujos padrões de beleza de corpos/cabelos são entendidos socialmente como peculiares às corporeidades de algumas branquitudes.

Cena 1 - Eu queria mudar um pouco//. Enjoei do meu cabelo / já//. Tantos anos carregando ele!///.

01.P.Como vocês se sentem quando o assunto em questão é a beleza?

02.Ana Beatriz: Cabelo/corpo/malhação//unhas.

03.Katelyn: A gente sempre quer estar bonita///. Ser olhada na rua!

04.P. Como vocês se sentem?

05.Katelyn: Eu queria arrumar esse cabelo.

06.Thyffany: Eu quero acabar com esse pneu.

07.Ana Beatriz: Ficar de bem com o espelho.

(...)

08.Katelyn: Não almocei.

09.P. Mas você está até agora sem comer? Por quê?

10.Katelyn: Fui tomar sol. Tudo pra ficar com essa marquinha/// (a garota mostra a
11. marca do biquíni no colo).

12.Ana Beatriz: Passou na televisão que essa marquinha não é *chic*.

13.Katelyn: Não é *chic*//mas é sex!

(...)

14.Thyffany: Tem uma atriz que toma sol nua.

15.Katelyn: Gera curiosidade no homem que quer saber como ficou a parte que nunca pegou 16.sol.

(...)

17.Katelyn: Não estou satisfeita com o cabelo//. Meu cabelo tem que crescer logo. Estou 18.doida para que meu cabelo cresça////. Quero fazer um monte de pentea:::do//. Fazer uma 19.piastra///.

20.P. Que você vê no espelho?

21.Thyffany: Estou satisfeita.

22.Katelyn: Eu queria mudar um pouco//. Enjoei do meu cabelo / já//. Tantos anos 23.carregando ele!///.

- 24.P. Por que carregando?/
25.Thyffany: Porque não muda. Não cresce///. Desde que a conheço o cabelo dela é
26.assim /// do mesmo tamanho.
27.Ana Beatriz: Tem que cuidar da pele também. Vou até no dermatologista!
28.Katelyn: Você já lavou com água de arroz?

A Cena acima revela as adolescentes tomando múltiplos posicionamentos em uma mesma interação. Elas focalizam ações e desejos peculiares a garotas na adolescência. Assim que o tópico para a conversa é apresentado pela pesquisadora, Ana Beatriz toma um posicionamento interacional por meio de referentes e predicadores (WORTHAM, 2001) “Cabelo/corpo/malhação//unhas” (Linha 2) indicando que as práticas de embelezamento envolvem um processo enfadonho. Ela apresenta uma lista de cuidados a serem tomados por qualquer garota, os quais envolvem as performances de feminilidade e de beleza, socialmente esperadas. Esses cuidados contribuem para a estilização (BAUMAN, 1986) do gênero, mostram que cuidar da beleza é encenar ações generificadas repetidas (BUTLER, 1999/1990). Logo, infere-se que beleza é uma questão de gênero. No decorrer da conversa, Ana Beatriz amplia a necessidade de cuidados de beleza por intermédio de escolhas sintáticas como “ficar de bem como o espelho” e “cuidar da pele também” (Linha 27). Essa lista de cuidados indica que o corpo feminino exige atenção constante e ação sobre o corpo.

Katelyn se mostra ocupando um **posicionamento regulado/relacional** ao empregar o referente e predicador (WORTHAM, 2001) “a gente” (Linha 3) na enunciação “A gente sempre quer estar bonita//. Ser olhada na rua!” (Linha 3) para indicar que beleza são performances das feminilidades. Para ela, as performances de embelezamento são interessadas e feitas para o outro, como reforça a escolha sintática “Ser olhada na rua!”. Esse modo da adolescente entender a performance fica mais evidente entre as linhas 10-16, quando Katelyn narra a performance de tomar sol. A narrativa mínima (Linha 10) esclarece o objetivo da performance na seguinte escolha sintática “Tudo para ficar com essa marquinha” (Linha 10), em que a escolha lexical “tudo” recapitula a performance resumindo a ação. Essa atitude de Katelyn gerou uma reação de Ana Beatriz, que tomou um **posicionamento regulado/relacional**, “interpelada”⁴¹ pelos significados que construiu ao assistir a um programa de televisão sobre as “marquinhas” de bronzeamento deixadas pelo

⁴¹ Emprego o verbo “interpelar”, nesta análise, na perspectiva empregada por Moita Lopes (2010, p. 138) para evocar o sentido de que há uma reflexão sobre os efeitos que alguns significados de senso comum exercem em nossas ações de construção de significados.

biquíni. Ana Beatriz toma esse posicionamento ao utilizar uma modalização epistêmica (WORTHAM, 2001) evocando o efeito de sentido de que o que afirma tem argumentação porque “Passou na televisão que essa marquinha não é chic” (Linha 12). Nessa enunciação a adolescente emprega o índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “*chic*” marcado pela negativa para desqualificar a performance de Katelyn e conferir-lhe um **posicionamento regulado/relacional**. Entretanto, Katelyn se **reposiciona** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) revelando que a performance de se bronzear é interessada, pois tomou a ação com o objetivo de ser “olhada na rua”, chamar a atenção do outro por meio da sensualidade. Uma pista interacional (WORTHAM, 2001) importante que a meu ver indica discursivamente o **reposicionamento** de Katelyn foi a escolha coesiva “mas” que demarca a contra argumentação em torno da avaliação de que não seria uma garota *chic*. Então, Katelyn faz um paralelismo à declaração performativa de Ana Beatriz e contrapõe com outra declaração performativa, por meio do referente e predicador (WORTHAM, 2001) “sex” em: “Não é chic//mas é sex” (Linha 13). A performance de Katelyn exemplifica que as performances de beleza são generificadas na perspectiva relacional dos gêneros (SCOTT, 1990), já que ela busca o embelezamento como estratégia para seu **reposicionamento** social (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) tanto nas relações entre as feminilidades quanto nas relações com as masculinidades. O entrelaçamento da performance de embelezamento com a performance de gênero fica mais explícito quando ela toma um posicionamento deliberado como garota heterossexual ao declarar que “gera curiosidade no homem que quer saber como ficou a parte que nunca pegou sol” (Linhas 15-16). Nessa declaração, a escolha sintática “gera curiosidade” é uma pista que revela que a beleza é propositada e constantemente construída. Um **posicionamento interessado** que pode constituir uma agência, uma performatividade (WORTHEN, 1995).

As demais garotas, nas Linhas 5-7, se autoposicionam na conversa particularizando os cuidados de beleza. O **autoposicionamento** ocorre por meio da escolha lexical do verbo “querer”, indicando áreas de cuidado com a beleza que mais lhes importam. Por exemplo: Katelyn (linha 5) diz “queria arrumar esse cabelo” e Thyffany afirma “eu quero acabar com esse pneu” (linha 6). A escolha lexical desse verbo no futuro do pretérito do indicativo por Katelyn mostra que, talvez, a adolescente não acredite na possibilidade de construir o projeto de cabelo que deseja. Já nas enunciações de Thyffany e

Ana Beatriz, o verbo no presente no indicativo “querer” tem força ativa “Eu quero acabar com esse pneu” (linha 3) e “[quero] ficar de bem com o espelho” (linha 7). Nessa cena, as adolescentes revozeiam as feminilidades em práticas cotidianas que tematizam a beleza. As escolhas lexicais e sintáticas “querer arrumar”, “querer acabar” e “[querer] ficar” que acompanham os referentes e predicadores (WORTHAM, 2001) “esse cabelo”, “esse pneu” “de bem com o espelho” (Linhas 5-7), respectivamente indexicalizam os efeitos de sentidos que as garotas atribuem a seus corpos/cabelos e refletem os desejos de transgredir o **posicionamento regulado/relacional** que são conferidos às adolescentes, segundo a visão idealizada de beleza, predominante no imaginário social.

Uma inferência que pode ser feita com base nessa cena é que as garotas relacionam beleza a desejos, apontando para o entendimento compartilhado de que a beleza é idealizada como explica Vigarello (2009). Entretanto, o **posicionamento interacional** (WORTHAM, 2001) de Katelyn se reflete no domínio discursivo e no tom de intimidade com que revela seus sentimentos em torno do próprio cabelo, fazendo com que esse seja o foco crucial da conversa. Dessa forma, cabe analisar cuidadosamente o **posicionamento regulado/relacional** que Katelyn ocupa, segundo visão de senso comum de beleza. A pista interacional que aponta o **posicionamento regulado/relacional** de Katelyn é o índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “satisfeita”, marcado pela escolha lexical negativa “não” na enunciação “eu não estou satisfeita com o cabelo” (Linha 17) em que a adolescente revela o sentimento de inferiorização por causa do cabelo. Em outras palavras, a garota encena o olhar que dirige para o próprio corpo/cabelo, revelando que o vê conforme sentidos socialmente criados. Provavelmente, ela se vê com os olhos das elites hegemônicas (cf. DU BOIS, 2001/1915). Na sequência (Linhas 17-19 e 22-23), Katelyn toma um **posicionamento interessado** para mostrar que deseja constranger as performances estilizadas (BUTLER, 1990) de corpos/cabelos que vem encenando. Na enunciação “Meu cabelo tem que crescer logo. Estou doida para que meu cabelo cresça////” (Linhas 17 e 18), as escolhas lexicais, “logo” e “doida” – e as escolhas sintáticas “tem que”, interpelam para a emergência da questão que desestabiliza a temporalidade subjetiva (KHEL, 2009) de Katelyn. Ela gradativamente desvela os significados que intimamente vem construindo para os próprios cabelos. As escolhas lexicais, empregadas por Katelyn mostram os modos como ela se relaciona com seus cabelos “**Enjoei** do meu cabelo/ já. Tantos anos **carregando** ele”

(Linhas 22 e 23). Essa é uma performance discursiva em que Katelyn se revela como alguém que precisa transgredir as encenações que vem fazendo e se posiciona interacionalmente (WORTHAM, 2001) reivindicando condições para sair do **posicionamento regulado/relacional** em que se encontra na esfera social além do grupo focal. Por exemplo, o verbo “enjoar” demarca a insatisfação, que é encapsulada pelo efeito semântico do verbo “carregar” pressupondo haver um peso sobre seu corpo racializado pelas hegemonias e isso gera ansiedade por mudanças. O modo como Katelyn encena o que vê e o que sente quando olha para o próprio corpo/cabelo é traduzido na repetição de uma performance corpórea (BUTLER, 1999/1990) que ao longo dos anos gera sua insatisfação. Cabe considerar que, a garota se vê em um processo contínuo de *racialização hegemônica*, ocupando uma posição socialmente reservada aos negros, ou seja, um **posicionamento regulado/relacional** de uma garota que não seria admirada, (não) olhada pela beleza dos cabelos que (não) exhibe.

A raça é a questão crucial que “interpela” a ação discursiva de Katelyn, é a questão que está lá, que as participantes sabem que está sendo referida ainda que não tenha sido nomeada. Essa é uma lógica particular em que raça opera em nossa sociedade – como uma noção que não é dita, mas é seguida, como já discuti nessa tese (cf. Introdução e Capítulo 2), essa é uma questão tabu de que não se fala (D’ADESKY, 2001). Dessa forma, avalio que a cena é marcada por uma *racialização relacional* construída por meio de não-ditos. Ainda em relação à racialização, Katelyn, nessa cena, foi ao cerne da questão das construções das feminilidades negras quando o que se tematiza é crescimento do cabelo. As pessoas em geral, negras e brancas tendem a avaliar que o cabelo do negro não cresce como foi discutido pela autora do texto “Quase Sereias”, apresentado no Capítulo 4 (4.3). Esse modo de significar as mulheres negras com base nos sentidos hegemonicamente construídos sobre seus cabelos leva as pessoas a construírem para as mulheres negras roteiros sociais em que encenam invisibilização e inferiorização no que tange a questões de beleza. O crescimento é uma questão que usualmente fragiliza a autoestima de uma garota negra que se vê alijada da possibilidade de fazer performances de garotas, tais como, ir ao cabeleireiro, escolher um novo corte de cabelo, ou, mudar os modos de pentear e ter opções de usos de acessórios, por exemplo. Para muitas garotas negras, os cabelos funcionam como o elemento por meio do qual elas são socialmente invisibilizadas e inferiorizadas. Ou

seja, os cabelos constituem um traço da corporeidade feminina negra, utilizado para *racializar regulada/relacionalmente* esses corpos.

A cena também mostra que Katelyn desvela sentimentos que só quem é/foi garota negra, em sociedade governada por valores da supremacia branca, com cabelo “encarapinhado⁴²”, pode significar. A garota compartilha o sofrimento que é gerado pelo fato de se ter um cabelo que, diferente do que é comum entre os supostos tipos/texturas de cabelos das branquitudes, cresce pouco ou, como afirmam alguns cabeleireiros, cresce, mas se quebra muito facilmente de modo que a sensação é de que os cabelos não crescem (cf. texto “Quase Sereias”, Capítulo 4, 4.3). Com base nessas considerações, afirmo que a beleza é *racializada hegemonicamente*, porque, de fato, o que é belo não depende da raça da pessoa e sim de como a raça dessa pessoa é socialmente construída. Ou seja, beleza é uma questão de gênero interpelada pela raça.

Thyffany toma um **posicionamento deliberado** ao perceber o grau de intimidade e o valor emotivo da questão. Nessa seara, Thyffany usa uma modalização epistêmica (WORTHAM, 2001) ao moldar sua enunciação por meio das escolhas sintáticas “desde que a conheço” e “não muda” (Linha 25), para argumentar sua interpretação das performances de Katelyn dizendo que ela sabe disso porque conhece a amiga que sempre exibiu o cabelo da mesma forma. A configuração de uma relação de intimidade é apresentada por Stevens (1996) como sendo propiciada por eventos de grupo focal. O caráter íntimo da conversa também mostra que essa é uma comunidade de prática em que as adolescentes não só colocam umas para as outras os modos como se veem, seus desejos e insatisfações como também criam condições para que elas possam compartilhar os **posicionamentos regulados/relacionais** em relação ao tópico da conversa que sejam difíceis de serem encarados (Linhas 17 a 26). A cena ainda revela que os cabelos são uma questão crucial para essas adolescentes.

Na Cena 1, discuti os modos como as adolescentes se posicionam em relação aos corpos, colocando o foco na construção do cabelo. Abaixo, segue a análise da performance narrativa e dos posicionamentos de corpos/cabelos na matéria “Hora de cortar”, veiculada na revista **Capricho**. Essa análise ajudará a compreender a interação das adolescentes no grupo focal que apresentarei na sequência.

⁴² Cabelo “encarapinhado” ou “carapinha” é o cabelo crespo, também denominado “pixaim”.

Revista: Capricho**Título:** Hora de cortar**Repórteres:** Adriana Yoshida e Manuela Aquino**Reportagem de capa** – “O cabelo de seus sonhos” pp. 65-71 Edição n.º 1029 de 14/10/2007**Lead:** Um megaguia para você encontrar o cabelo dos seus sonhos e ser feliz**Oi da Editora:** “Corra para a página 59. Nosso megaguia feito para te ajudar a encontrar o cabelo de seus sonhos”.

A prática discursiva que analiso envolve as editoras e as leitoras projetadas. As editoras são mulheres: Adriana Yoshida, de descendência asiática e Manuela Aquino, branca. Assim, essa é uma prática discursiva que envolve feminilidades de diferentes raças escrevendo e lendo sobre um tópico que interessa às feminilidades em geral, o que torna essa narrativa contável (THREADGOLD, 2005).

Pode-se afirmar que esse texto é uma performance narrativa peculiar às feminilidades hegemônicas visto que está veiculado na revista **Capricho** e 97% dos personagens da narativa são brancos. Na análise mostro os posicionamentos interacionais (WORTHAM, 2001) que as personagens ocupam em tal performance com base nas pistas semióticas que a multimodalidade (KRESSb, 2005) do texto utiliza e nas pistas interacionais linguísticas (WORTHAM, 2001) que indexalizam tais posicionamentos.

80% das páginas dessa matéria é constituído por fotos das personagens e fotografias de outros elementos socioculturais como, tesoura, navalha, difusor, produtos cosméticos para cabelos, que contribuem para os efeitos de semânticos do texto. Ou seja, o texto explora fortemente a natureza híbrida e multimodal do texto midiático (MOITA LOPES, 2010, p. 138). Em suma, pode-se inferir que é uma performance narrativa que constrói as feminilidades com base em seus traços corpóreos e multimodal.

A seção de beleza em que está veiculado o texto é denominada “Hora de

cortar” (em letras brancas, destacadas), descrevendo um momento especial para as mulheres em geral que, muitas vezes, decidem não só cortar os cabelos, mas também, mudar o visual, conquistar uma aparência mais interessante, de acordo com o projeto identitário que estão construindo em dado momento de sua vida social. Nesse tocante, pode-se dizer que o cabelo que alguém usa é uma performance. O título enuncia que vai ser narrada uma performance de garotas adolescentes que buscam um corte de cabelo que demonstre melhor sua personalidade. O *lead* confirma essa interpretação ao afirmar que a performance é “para você encontrar o cabelo dos seus sonhos e ser feliz”. A narrativa midiática é contada também com o apoio da seleção de cores na configuração das páginas na reportagem. Os títulos (com letras brancas e lilases) ora direcionam para uma gama de informações que as leitoras necessitariam conhecer antes de escolher o corte ideal para elas, ora classificam as personagens do texto segundo características físicas: formato do rosto e tipo/textura de cabelo. A categoria “tipos de cabelos” intitula páginas em que são apresentadas sugestões de cortes de cabelos para cada formato de rosto.

A primeira página da reportagem, com fundo na cor lilás, exhibe a foto de uma mulher jovem, branca com cabelos curtos, cacheados e pintados na cor chocolate avermelhado. Ela veste vestido laranja com alças estreitas que constituem uma trança misturando as cores laranja e

rosa. Sorridente, ela segura uma tesoura evocando o título da reportagem “Hora de cortar”. Essa foto posiciona a personagem feliz com o corte que teria feito. No verso da primeira página, está a foto de quatro garotas brancas, com formatos de rosto diferentes. Todas usam o mesmo penteado de modo a deixar o formato do rosto mais visível. Essas garotas estão posicionadas por meio dos referentes e predicadores (WORTHAM, 2001) “quadrado”, “redondo”, “triângulo” e “oval”, conforme o formato de seus rostos. Abaixo desses predicadores há um breve texto explicativo sobre as características do tipo de rosto e indicações sobre o que combinaria (corte e comprimento dos cabelos) ou não com cada rosto. O formato de rosto oval é referido e predicado (WORTHAM, 2001) positivamente por meio da expressão “tem equilíbrio nas formas”, conseqüentemente, a reportagem avalia que é um rosto que combina com quase todos os cortes. Em outras palavras, a reportagem posiciona interacionalmente (WORTHAM, 2001) as mulheres com rosto oval como um tipo de mulher com mais opções de uso dos cabelos. Já os outros formatos de rosto são avaliados como necessitando de ajustes para disfarçar desequilíbrios. Por exemplo, o rosto quadrado é avaliado como necessitando de leveza e a reportagem não recomenda o cabelo curto porque “acentua o maxilar”. A referência ao rosto redondo, por sua vez, posiciona a menina como “bochechuda”, necessitando um corte que dê “a impressão de o rosto ser mais fino”. E o rosto em forma de triângulo é avaliado como tendo “um queixo pontudo”, necessitando de um corte que não acentue a desproporção queixo e testa. Resumidamente, a garota com rosto oval é mais bem posicionada que aquelas com outras formas de rosto quando o tema é beleza, particularmente

quando se focaliza opções de cortes de cabelo.

A terceira página, com o título “Dicionário de salão”, está dividida em cinco boxes informativos: tipos de cortes, produtos para finalizar, tamanhos, ferramentas para cortar e tempo de duração do corte. Para ilustrar os tipos de cortes, as editoras usaram fotos de três celebridades: Camila Pitanga – cabelos repicados⁴³, Jennifer Aniston – cabelos desfiados⁴⁴ e Falabela – cabelos desconectados ou assimétricos⁴⁵. Cabe ressaltar que entre uma série de cortes, foram elencados apenas três. Essa seleção é coerente com o tipo de revista em que a matéria está veiculada, a qual se direciona a um público adolescente. Outra celebridade, Vanessa de Oliveira, aparece na reportagem ilustrando o corte chanel curto, na altura dos ombros. As próximas quatro páginas são intituladas conforme os tipos de cabelos para os quais cortes são sugeridos. Essas páginas exibem fotos de garotas com os quatro formatos de rosto. Assim, para cada tipo de cabelo é sugerido quatro cortes, um para cada formato de rosto. Desse modo, a reportagem pretende oferecer sugestões a todas as leitoras.

Sob o título cabelos indecisos⁴⁶, a página reproduzida abaixo mostra quatro garotas com cabelos castanhos e compridos.

⁴³ Cabelos repicados são conseguidos por meio de uma técnica de corte de cabelo que deixa as mechas com tamanhos diferentes.

⁴⁴ Para desfiar os cabelos usa-se tesoura própria

⁴⁵ Técnica contemporânea de corte de cabelo em que os fios têm comprimentos diversos

⁴⁶ Segundo a revista **Capricho**, de outubro de 2007 (p. 65), cabelos indeciso são mais lisos na raiz e com mais cachos nas pontas.



Os cabelos da modelo Lais Tosti ficam supervalorizados por meio dos referentes e predicadores (WORTHAM, 2001) “cabelo dos sonhos” e a editora deixa transparecer a voz do cabeleireiro que justifica o posicionamento da garota com base no cabelo, explicando que tem “raiz bem lisa e leves cachos no comprimento”. Já os cabelos de Lais foram avaliados desfavoravelmente por meio do índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “não tinha volume nenhum”. Enquanto os cabelos de Amanda, foram avaliados como tendo um problema “o volume”. O problema foi “aliviado” – essa forma nominal do verbo denota que foi levemente, suavemente retirado o volume em excesso. A legenda que se refere ao cabelo de Amanda esclarece que “um cabelo não deve ‘armar’”. Isso parece se contrapor ao que foi anunciado no editorial, que apontava como objetivo da matéria, ajudar a leitora a encontrar os cabelos dos sonhos. Quanto às outras características corpóreas, as práticas discursivas sobre Lais avaliam que há uma necessidade de “diminuir a testa” e a de Jennifer colocou como problema a garota foi posicionada pelo índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “dura”.

O título cabelos crespos⁴⁷ introduz a última página da reportagem com fotos de quatro garotas, três brancas e uma supostamente negra.



As duas primeiras garotas exibem cabelos longos, a terceira garota tem cabelos médios e a negra, cabelos curtos, acima dos ombros. As fotos estão em boxes na cor azul em diferentes matizes. Em relação à textura dos cabelo, os referentes e predicadores (WORTHAM, 2001) foram usados de forma a significar que os cabelos crespos devem ser cortados de modo a “diminuir o peso e dar movimento”, posicionando interacionalmente (WORTHAM, 2001) a modelo da primeira foto e “dar balanço”, referindo-se a modelo da segunda foto. Na legenda que acompanha a foto de Ana Carolina, a editora coloca o cabelo crespo, no estilo *black power*, como um tipo de cabelo “para se assumir”. E a prática discursiva chama também a atenção para uma performance corpórea comum com esse tipo de cabelo – “vivia preso”. Já os cabelos da Cinthia são avaliados por meio do índice avaliativo

⁴⁷ “Crespo” nas revistas faz referência a cabelos encaracolados, cacheados e encarapinhados.

(WORTHAM, 2001) “versátil”. Esse índice coloca em indeterminação o efeito semântico uma vez não se trata de característica comumente usada para se referir a cabelos. A editora aponta que há duas opções para corte e penteado desse tipo de cabelo, “armadão” ou “cheio de cachinhos”. O índice avaliativo “armadão” reflete a avaliação negativa do cabelo. Quando se considera que nas

legendas das fotos em geral, reproduzidas nessa reportagem, fica claro que as editoras valorizaram a busca por um equilíbrio no volume dos cabelos. Quanto às características físicas do rosto das modelos nessa página, as editoras chamam a atenção para a feição de Juliane (1.^a foto), posicionando-a positivamente por meio do índice avaliativo “leve”.

A cena a seguir mostra as adolescentes em uma **interação mediada pelo texto de revista** acima analisado. As adolescentes focalizam performances tradicionalmente entendidas como próprias das negritudes e como um modo de se “assumir” negro no mundo.

Cena 2 – NOSSA! Chegaram as onçadas!

01. Thyffany: NOSSA! Chegaram as onçadas!

(risos)

02. Ana Beatriz: Os leões!!

03. Thyffany: Abriu a porta//

[

04. Camila: Da jaula.

05. Eduarda: Cabelos crespos.

(Camila lê trechinho do texto e Eduarda interrompe a leitura)

06. Eduarda: Nossa// o rosto dela é lindo!

07. Ana Beatriz: Até que não é feio/não//! Dá para o gasto//. Oh/ agora chegou.

(Camila continua lendo)

08. Eduarda: Deixe-me ver isso!?

09. Ana Beatriz: Ela amou (ela lê, criticando, uma afirmação no texto).

10. Thyffany: Tem que passar um pote de creme nesse cabelo.

11. P. Continuando... (convocando para a continuação da leitura)

12. Thyffany: (interrompe a leitura criticando uma afirmação no texto) Cheio de cachinhos?!

13. Não sei onde tem cachinhos?

14. Eduarda: Não ficou bom para ela!

15. Thyffany: Ela sumiu / aí/ né? O rosto dela é muito pequenininho// é oval!

16. Ana Beatriz: O rosto dela é até bonitinho! Mas com esse cabelo estragou!

17. Eduarda: A boca dela é feia.

18. Thyffany: Esse cabelo//

19. P. E::h/ eh/ eu achei bonitinha a boca dela.

20. Eduarda: Muita carne// na boca!

21. Ana Beatriz: Eu achei bonita.

22. Eduarda: Não/ não!

23. P. Mas gente// a: / a : Jolie/ lá. Como ela chama?

24. Ana Beatriz: Angelina Jolie.

- 25.P. Todo mundo acha lindo justamente que ela tem //
- 26.Eduarda: Ah/eu não acho a boca dela bonita/não.
- 27.P. Todo mundo/ o povo vai ao médico// para fazer plástica///
- 28.Thyffany: Eu não acho isso tudo/não.
- 29.P. Para ficar com a boca igual a dela.
- 30.Eduarda: Deus me livre!
31. Thyffany: Eu não.
- 32.P. Eh/ outro dia passou na televisão que ele:::::::::: faz plástica e ele disse que a boca que todo
- 33.mundo chega lá querendo é a boca da Jolie.
- 34.Eduarda: hum hum// nada a ver.
- 35.P. Eh? Você acha que ela é beijuda?
- 36.Eduarda: Fica feio.
- 37.Diná (risos)
38. Ana Beatriz: Lindo!

Essa cena mostra que a interação das adolescentes com as matérias focalizadas nesta tese acontece “interpelada” pelas experiências anteriores de ler/construir significados de performances narrativas em revistas femininas nas quais, cabelos crespos e volumosos quase não aparecem. De fato, raramente exibem cabelos no estilo *black power* a não ser em contextos em que se tematiza a negritude em uma perspectiva foclorizada. Por exemplo, nos eventos de letramento com essas adolescentes, a matéria “Hora de cortar” foi um dos raros textos, excluindo os da revista **Raça Brasil**, que mostrou uma modelo negra e um cabelo que no senso comum é denominado “cabelo de negro”. Com base nessas evidências, infere-se que a *racialização hegemônica* exercida por meio das performances narrativas, na seção de beleza em revistas femininas, constroi a mulher negra em um **posicionamento regulado/relacional** que a localiza em um não-lugar entre as performances que veiculam por meio do não-dito de que não haveria beleza nos corpos/cabelos femininos negros. As narrativas midiáticas contribuem para o efeito de sentido do dito – as mulheres negras não são belas. Ou seja, não está verbalizado que essa mulher não é bonita, mas a prática de ao se falar em beleza não apresentá-la, vale como uma afirmação. Essa é uma circunstância em que o conceito de raça, de que não se fala, se atualiza na prática discursiva (D’ADESKY, 2001).

As adolescentes tomam um **posicionamento regulado relacional**, por meio da construção sintática “NOSSA! Chegaram as onçadas” (Linha 1) que mostra a sensação de surpresa experimentada pelas adolescentes ao visualizarem na revista performances de cabelos volumosos em uma circunstância que não seria a de crítica ou a reprodução de um discurso tal como “negros, assumam o cabelo natural!”. As adolescentes fazem uma

racialização regulada/relacional quando classificam as práticas de usos de cabelos denominados crespos e cortes supostamente típicos das negritudes utilizando um vocabulário no campo semântico animalesco. As garotas, colaborativamente (Linhas 1 - 4) estão **posicionando regulada e relacionalmente** as personagens do texto por meio do referente e predicador (WORTHAM, 2001) “onçadas” de modo negativo, considerando o tópico beleza. Isso é uma evidência de que persiste, na contemporaneidade, a nominalização que associa pessoas a animais⁴⁸ com base nas características físicas socialmente construídas como índices de um grupo sócio-racial e culturalmente inferiorizado. Por exemplo, comumente se vê em revistas femininas a mulher negra sendo associada à beleza felina. Além disso, essas adolescentes podem estar sendo “interpeladas” pela propaganda do xampu Seda⁴⁹.

Assim, por meio de referentes e predicadores (WORTHAM, 2001) “onçadas” e “leões” (linhas 1 e 2) e da construção sintática “abriu a porta da jaula”, as adolescentes reverberam **posicionamentos regulados/relacionais** cristalizados de mulheres que usam cabelos com a textura e volume semelhantes aos das modelos na matéria. Elas animalizam as imagens corpóreas socialmente construídas como tendo traços peculiares às negritudes. A construção sintática “abriu a porta da jaula” (Linhas 3-4), reverberando o efeito semântico de que “agora” as revistas estão abertas para veicular imagens de mulheres com uma textura e volume de cabelo para a qual as revistas até então estavam “fechadas”. Ela revela esse momento como um contexto em que as feminilidades negras começam a sair da total invisibilidade nos discursos de beleza em revistas femininas e passam a ter alguma representatividade, ainda que em **posicionamentos regulados/relacionais** construídos com base na raça.

Em decorrência dos significados, socialmente construídos e cristalizados, com base em essencializações raciais, Eduarda, Ana Beatriz e Thyffany estão colaborativamente revozeando significados cristalizados do cabelo no estilo *black power* e indicando que esta não é uma performance corpórea interessante. Chama a atenção nessa cena o fato de que as adolescentes fazem o jogo feio X bonito, no qual Thyffany e Eduarda, por meio de índices

⁴⁸ Como discuti no Capítulo 2, na evolução da construção da ideia de raça tal como entendemos hoje, a associação dos indivíduos considerados negros era uma prática de racialização hegemônica.

⁴⁹ No ano de 2006, a TV brasileira exibiu propaganda do xampu Seda que mostrava uma mulher visitando um safári e seus cabelos ficam tão volumosos que ela é paquerada por um leão. <http://www.youtube.com/watch?v=KiPJlxAVkkk&feature=related>

avaliativos (WORTHAM, 2001), apontam o que é feio enquanto Ana Beatriz vê os mesmos aspectos como sendo o bonito. Elas mostram esses significados, entre as Linhas 10 e 18, por meio da escolha sintática “Tem que passar um pote de creme nesse cabelo” (Linha 10), Thyffany assinala o “feio” evocando a textura do cabelo crespo, frequentemente seco, como necessitando de hidratação para perder o volume. A escolha sintática “tem que” expressa a idéia de obrigação, dever, enquanto a hipérbole “um pote de creme” “interpela” a suposta deficiência desse cabelo em relação à maciez e hidratação, além de conotar que o volume está fora de controle.

Os modos como esses corpos são posicionados na revista e significados pelas adolescentes constituem, no meu modo de entender, um jogo marcado pelo aspecto linguístico que pode ser denominado dito e não-dito em que frequentemente o não-dito se refere ao feio. Essa subjetividade foi, por vezes, a marca da interação entre as adolescentes que significam de formas diferentes os mesmos traços corpóreos. Apresento a seguir um excerto extraído de meu diário de campo que evidencia esse jogo.

No início da conversa de hoje, Ana Beatriz declarou que tinha gostado, porque o texto afirmava que os cabelos crespos estão em alta. Logo pensei que a garota não estava enxergando que, na verdade, o texto se referia a uma questão de mercado e não que o texto evidenciasse que o cabelo crespo estava na moda. Mas achei interessante porque ela se via valorizada nessa afirmação. E outro engajamento na conversa que me chamou a atenção foi o questionamento de Thyffany que demonstrou estranhamento e perguntou: Mas cabelo crespo não é ... cabelo ruim? *(Notas do diário da pesquisadora do dia 29 de junho de/2006)*

A ambiguidade semântica da expressão “cabelos crespos estão em alta”, usada pela editora na matéria da revista, possibilita que se diga algo sem de fato enunciar. A matéria se situa no que se chama discurso politicamente correto e transmite uma noção que agrada um dado público. Essas notas do diário mostram que Thyffany, nessa interação, está interpelada por uma gama de significados preestabelecidos sobre o cabelo crespo de modo a significá-lo como sendo um cabelo “ruim”. Isso ajuda a compreender os efeitos de sentidos que essa adolescente quer evocar ao empregar as escolhas sintáticas “Cheia de cachinhos?! Não sei onde tem cachinhos?” (Linhas 12 e 13). A primeira enunciação foi produzida com um tom de deboche e a segunda marcada por uma interrogação ao significado veiculado na matéria da revista. Nesse trecho da cena alguns índices avaliativos (WORTHAM, 2001) são fundamentais para entendermos os modos como as personagens do texto são construídas pelas adolescentes. O índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “cheio” opera em um sentido

ambíguo reverberando tanto o sentido de um cabelo com volume quanto o de um cabelo com muitos cachos. Uma primeira leitura evoca a idéia de que o autor do texto refere-se à quantidade de cachos. É preciso uma leitura mais cuidadosa para perceber a primeira possibilidade de significação. A ação discursiva de Thyffany é motivada por esse tipo de leitura. Ao se observar que o texto afirma o que a imagem mostra e não o que a expressão escrita parece significar e considerando que o texto está em uma matéria em que as fotos dos modelos foram veiculadas em páginas segundo o tipo/textura dos cabelos, pode-se inferir que a matéria destaca de fato o volume dos cabelos. No entanto, como na página em que está esse modelo o título é “cabelos crespos”, o leitor tende a seguir o enquadre significativo apontado pelo título. Outro índice avaliativo (WORTHAM, 2001) com papel interessante é “bom”, modificado pela negativa em “Não ficou bom para ela!” (Linha 14). Esse índice não desqualifica a performance *black power*, pois não é validada pelas adolescentes leitoras da revista, para as quais o cabelo não combina com essa modelo, como mostra a escolha sintática centrada no verbo “sumir” em “Ela sumiu/ aí/ né?” (Linha 15). Quanto ao índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “bonitinho” em “O rosto dela é até bonitinho/!” (Linha 16), o diminutivo, em práticas discursivas do cotidiano é, geralmente, usado como um eufemismo, neste caso, para o feio. Esse sentido fica mais evidente quando se considera que a escolha sintática está modificada pelo item “até”, ou seja, “até bonitinha”, significa que “dá para o gasto” (Linha 7). Não é horrível. Então, é aceitável.

Nessa cena, parece que os objetivos das adolescentes ao tomar o **posicionamento regulado/relacional** é contestar alguns significados dos corpos/cabelos veiculados no texto da revista e significar os usos de cabelo reproduzidos na matéria como performances não interessantes para elas. Ainda sobre a escolha sintática “cheio de cachinhos”, observa-se o estranhamento de Thyffany em relação ao modo como o cabelo da modelo é referido na revista. Trata-se de uma crítica motivada pela escolha lexical, pois há aí a indeterminação do termo cabelo crespo⁵⁰, que nas mídias contemporâneas, às vezes, aparece significando cabelos cacheados, outras vezes, fazendo referência a cabelos “encarapinhados” e algumas vezes, caracteriza cabelos levemente ondulados. Contudo, a imagem da revista mostra um cabelo com o formato dos fios não se encaixando em

⁵⁰ Na contemporaneidade, verifica-se uma indeterminação do cabelo categorizado como crespo. Em textos midiáticos um mesmo tipo de cabelo pode aparecer referido como sendo ondulado, encaracolado ou crespo.

nenhuma dessas descrições. O que a garota vê é apenas um cabelo com muito volume, que cresce oblíquo à cabeça, como foi explicado na revista **Raça Brasil**, ano 6, N. 63, no texto “Cabelos à prova de choque” pela dermatologista Shirlei Borelli, nos seguintes termos: “Enquanto o fio liso se apresenta perpendicular ao plano de inserção da pele, o crespo se apresenta com uma característica mais oblíqua, com forma semelhante a uma haste torcida” (p. 10).

O jogo entre o feio X bonito continua sendo exercido na cena. Entre as Linhas 13 e 18 observa-se a ação discursiva de Thyffany que por meio da escolha sintática “Mas esse cabelo estragou!” apontando para um déficit na performance de beleza da modelo na revista. O déficit está relacionado ao cabelo. Ou seja, o que é problema na performance dessa modelo é o cabelo que ela exhibe. Isso traduz uma ideia que a performance corpórea de pessoas que usam/têm esse tipo de cabelo não agrada. As pistas linguísticas que evidenciam isso são o coesivo “mas” e o índice avaliativo “estragou”. Para Thyffany se havia uma possibilidade de a modelo ser apontada como bonita, essa foi retirada por causa do cabelo. O referente e predicador (WORTHAM, 2001) “cabelo” modificado por “esse” revela o incômodo de Thyffany com relação à imagem que vê na revista, por isso ela diz “esse cabelo//” (Linha 18).

As adolescentes engajadas nessa performance interacional revozeiam o texto em questão, visto que fazem avaliações das modelos considerando o tipo de rosto e a textura e volume dos cabelos, como se pode observar na escolha sintática “ela sumiu/aí/né? O rosto dela é muito pequenininho// é oval!” (Linha 15). Em outras palavras, por meio dos índices avaliativos (WORTHAM, 2001), “pequenininho” e “oval” as adolescentes analisam se o corte de cabelo combina com o formato do rosto da modelo. Elas resumem a avaliação dos corpos/cabelos por meio do índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “feio”. Nesse jogo, alguns aspectos sobre as corporeidades foram negociados. Por exemplo, ficou destacada uma avaliação negativa de Eduarda sobre a boca com lábios mais grossos, que no senso comum são caracterizados como uma peculiaridade aos corpos negros. Para Eduarda, não importa o que a televisão tenha dito sobre esse tipo de lábio ou que haja uma atriz de Hollywood que exiba lábios grossos. A adolescente os avalia como “feio[s]” (Linha 36). Essa é uma atitude interessante, porque mostra essas adolescentes contestando a autoridade textual e as performances que as mídias veiculam como sendo belas, por meio de índices

avaliativos e escolhas sintáticas. Além disso, parece que há entre as adolescentes a ideia de que o estilo *black power* não é adequado para todos os tipos de rosto (Linha 14). Para essas adolescentes, o cabelo no estilo *black power* é um problema para a beleza da garota negra na matéria. O que foi negociado nesse evento é que o cabelo é o marcador que a insere na esfera da feiúra. De acordo com Thyffany e Eduarda, o feio teria duas marcas: lábios grossos e cabelos muito volumosos. Entretanto, isso não significa que as participantes rejeitem seus corpos negros. Essa inferência somente faria sentido se entendêssemos negritude sob o ponto de vista da essencialização.

A seguir, analiso uma **cena de conversa informal** que aconteceu espontaneamente, antes de as adolescentes junto com a pesquisadora selecionarem o texto a ser lido. As garotas começaram a falar sobre seus desejos em relação aos cuidados com os próprios cabelos.

Cena 3 - “Eu passava a mão na água oxigenada e passava no cabelo”.

01. Katelyn: Fui ver quanto fica para fazer luzes⁵¹ no meu cabelo! A mulher falou que luzes de
02. papel fica em 85 reais e a de touca em 115 reais, He/He/. Muito caro!
03. Eduarda: Deus me livre.
04. Ana Beatriz: Eu falava: fica me esperando que eu venho fazer.
05. Thyffany: Eu já estou lá/já.
06. P. Mas/ você já fez luzes...
(Katelyn ri muito e explica)
07. Eu passava a mão na água oxigenada e passava no cabelo.
08. P. Você fazia isso porque queria fazer luzes?
09. Katelyn: É.

Na cena acima, Katelyn se **autoposiciona** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999), por meio de uma performance narrativa na qual ela tem ação agentiva. A adolescente se mostra tendo controle sobre seu corpo/cabelo e tomando decisão com o intuito de mudar os cabelos por meio da técnica de luzes. Ao enunciar “Fui ver quanto fica para fazer luzes no meu cabelo” (Linha 1), a adolescente se mostra tomando ação e buscando construir um novo projeto de cabelos. Na narrativa, Katelyn revozeia uma cabeleireira por meio de citação (WORTHAM, 2001) indireta (Linhas 1 e 2). E na sequência avalia a enunciação porque se viu impossibilitada de realizar seu projeto,

⁵¹ Luzes é um processo químico, à base de coloração que tem como objetivo iluminar os cabelos. A técnica utilizada torna alguns fios loiros (em diferentes tonalidades a depender da cor natural do cabelo do cliente, deixando o rosto mais jovem).

conforme se observa no índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “muito caro” (Linha 2). As garotas colaborativamente constroem a mesma avaliação. Elas, então, fazem citação (WORTHAM, 2001) direta da voz de mulheres que criticam os preços de procedimentos de embelezamento (Linha 4) e se alinham a essas mulheres se **autoposicionando** como adolescentes que não podem, por vezes, realizar os projetos de corpos/cabelos que desejam construir porque seus projetos esbarram no fator econômico (Linhas 2-5), que fazem com que elas ocupem um **posicionamento regulado/relacional** e mantenha o projeto de corpo/cabelo que já encenavam.

A pesquisadora questiona Katelyn “Você já fez luzes...” (Linha 6), porque a garota apresenta algumas mechas mais claras nas pontas dos cabelos. Ocupando um **posicionamento deliberado** Katelyn responde encenando sua ação (no passado) na construção de seus cabelos, como se pode ver na escolha lexical do verbo “passava” em: “Eu passava a mão na água oxigenada e passava no cabelo” (Linha 7). Chama a atenção o fato de que Katelyn construiu alternativas por meio das quais pode exercer agência sobre seu corpo/cabelo e pode dar vida a seu projeto. Interessante é que o desejo de Katelyn a tornou criativa para conseguir resultados semelhantes ao que traçou, empregando os recursos de que dispunha. É importante refletir aqui sobre o desejo em relação à performance corpórea no uso do cabelo para essa garota. Katelyn não se permitiu ficar no **posicionamento regulado/relacional** que pela sua condição econômica lhe era imputado e buscou uma brecha para sair de tal lugar social. Então, nas fendas sociais ela pode construir a performance projetada. Essa cena revela a performatividade (WORTHAM, 1995) do posicionamento de Katelyn que a categoriza como um tipo de garota que tem agência sobre seu corpo. Entretanto, a adolescente narra sua ação passada em meio a risos, os quais demonstram uma avaliação da técnica alternativa que adotou. Talvez, o índice avaliativo (WORTHAM, 2001), o riso de Katelyn, seja sustentado pela falta do ritual do cabeleireiro ou daquela pessoa que tem algum conhecimento para realizar o procedimento no cabelo. Há um valor agregado quando a pessoa pode pagar pelo procedimento de embelezamento dos cabelos e isso confere à pessoa uma inserção na esfera social de prestígio. O que quero dizer é que muito provavelmente a garota sente que não pode conquistar junto com o resultado os sentidos que a “compra” de tratamentos de cabelos em um salão pode oferecer quando se considera questões como prestígio social, aprovação e poder.

Chama também a atenção, o fato de que as luzes fazem o efeito de cabelos com coloração socialmente entendida como peculiar a pessoas loiras. Com o cabelo modificado pelo efeito de luzes, Katelyn segue na contramão da racialização da performance uma vez que a colocaria mais próxima de uma suposta racialidade prestigiada.

“Hoje durante a leitura do texto “Você é a fim de ficar loira?”, “Katelyn se posicionou estranhando a possibilidade de uma negra usar o cabelo loiro. Eu questionei o posicionamento da garota contando que, por exemplo, a Sandra de Sá e a tenista Serena Williams já pintaram os cabelos de loiro. Então, Ana Beatriz voltou a mencionar a imagem de uma modelo com a performance de corpo/cabelo que ela deseja encenar dizendo ‘Igual aquela que eu amei, cheia de cachinhos. Uma coisa linda! Eu quero, sim’.” (*Notas do diário da pesquisadora do dia 09 de julho de 2006*)

“Uma conversa informal entre as participantes chamou a atenção: Eduarda perguntou a Ana beatriz se ela já havia pensado em ser loira e Ana Beatriz disse que sim. Eduarda disse que também tem esse desejo e Ana Beatriz explicou que depois que viu a foto daquela negra, linda, ela pensa em ficar loira. Então, Eduarda perguntou a Katelyn que disse que não, no entanto, depois de uma intervenção de Ana Beatriz, Katelyn disse que sim.” (*Notas do diário da pesquisadora do dia 11 de julho de 2006*)

O primeiro posicionamento de Katelyn “negro com cabelo loiro[?]” mostra a adolescente reproduzindo crenças socialmente construídas de que o cabelo loiro é peculiar às branquitudes e outros discursos como, o uso do cabelo loiro é uma evidência de que a pessoa nega a sua raça e quer embranquecer. Ou seja, há uma contestação em relação a uma gama de discursos de vigilância sobre a construção dos corpos negros que colocam as negritudes em **posicionamentos regulados/relacionais**. No entanto, Ana Beatriz por meio de uma modelização epistêmica (WORTHAM, 2001), revela que “interpelada” pelos sentidos construídos sobre a performance de uma mulher negra com cabelos compridos, cacheados e com mechas loiras, veiculada no texto “Quase sereias” (analisado no Capítulo 4) é uma performance desejável, a qual ela constantemente se refere apontando como sendo um projeto de corpo/cabelo que ela pretende desenvolver. Então, considerando a análise da Cena 1, acima, fica declarado que Katelyn deseja construir os cabelos loiros, embora tenha tido dificuldade em “assumir” isso na interação, talvez porque a garota esteja “interpelada” por discursos repetidos no cotidiano, que cristalizam a noção de que cabelo loiro é próprio de pessoas brancas.

Entretanto, cabe problematizar que desejar usar os cabelos loiros não significa, na visão dessas adolescentes, que Katelyn e as outras buscam se construir como branca, ou

desejam ser branca. Katelyn, de fato, quer estar na moda, quer se inserir entre aquelas que são apontadas como bonitas, quer se reinventar. Ou seja, como os cabelos com mechas em tons loiros, vermelhos ou dourados estão na moda, essas adolescentes negras, como quaisquer garotas desejam adotar esse uso dos cabelos. Estou afirmando aqui que, para essa adolescente, pintar os cabelos com mechas loiras é reivindicar o direito de fazer o gênero, de estar na moda e de se **reposicionar** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999). Isso se torna um problema quando nas relações sociais, é socialmente construída a ideia de que essa é uma cor de cabelo que uma pessoa negra não pode/deve ter. Essa ideia, aliás, é fundamentada em uma *racialização hegemônica*, marcada pela visão essencializada de raça, que opera por meio de determinações sobre o que é ser negro no mundo social e sobre como o negro pode colocar e performar seu corpo. A essencialização racial ainda adota uma ação que é a vigilância (FOUCAULT, 2001/1979) constante dos corpos negros, de sorte que as pessoas negras são socialmente cobradas e cobram umas das outras, o tempo todo, sobre o cabelo que usam, a roupa que vestem, por exemplo. Ou seja, os corpos negros são corpos regulados pelas hegemonias raciais e são supostamente vistos com base em **posicionamentos regulados/relacionais** que assumem.

Também estou argumentando que estereótipos sobre a raça negra fazem com que as pessoas construam uma visão congelada no tempo (BUTLER, 1999/1990) do que é ser negro e criem os posicionamentos para os negros no mundo social coerentes com os estereótipos que assumem. No entanto, como a negritude não é algo pronto, já dado, constantemente, na sociedade, nos deparamos com pessoas negras que se colocam em outros lugares sociais, por meio de **performances transgressivas** que fazem. Tais pessoas fazem performances não esperadas, ou seja, assumem posicionamentos novos, alternativos às posições a elas reservadas. É importante ressaltar aqui que ao fazerem isso, essas pessoas estão contribuindo com a desessencialização da raça ao invés de estarem deixando de ser negras ou, como se ouve nas práticas cotidianas, de estar negando a raça.

A seguir apresento a análise da matéria “Qual é o pente que te penteia?”, veiculado na revista Raça Brasil. Trata-se de um texto que interpela o leitor a significar o cabelo “natural”⁵² como a performance a ser adotada pelas pessoas de ascendência africana.

⁵² Cabelo natural é aquele que não foi quimicamente alterado seja por alisamento seja por coloração. Entre alguns grupos negros, o cabelo natural é também referido pela expressão “cabelo cru”. “Entre alguns negros, o cabelo natural é associado ao orgulho negro e à rejeição aos padrões de beleza” (BANKS, 2000, p. 172).

Revista: Raça Brasil. Ano 12, n.º 115. 10/2007.

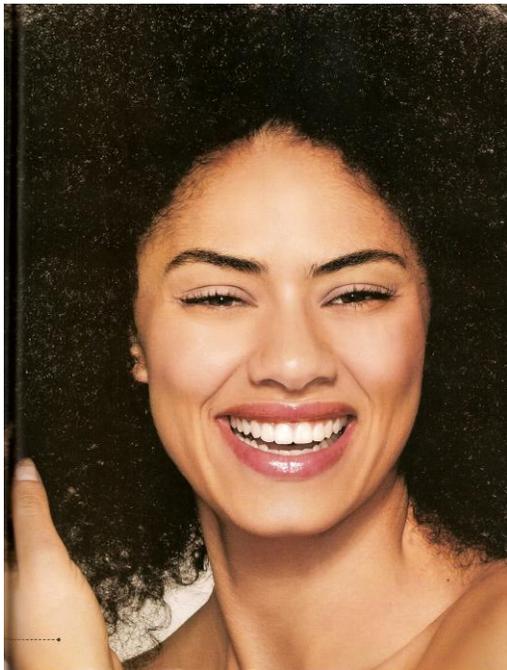
Título: Qual é o pente que te penteia?

Repórter: Cida Silva

Matéria de capa: Cabelo. pp. 52-59.

Lead: Black Power, cabeça rapada com trancinhas (...) apresentamos seis sugestões de visuais pra você arrasar e desfilas por aí, com o mais tradicional estilo afro.

O editorial intitulado “A revista é nossa!” “interpela” os leitores à participação nas discussões veiculadas na revista e os coloca como simetricamente responsáveis pelas matérias e posicionamentos nelas assumidos. A repórter é uma mulher negra, citada na seção da revista denominada *Nossos colaboradores*, nos seguintes termos: “Cida Silva, nossa repórter de beleza está sempre sorrindo, como quem vive de bem com a vida – e com o espelho”. O foco na palavra tratamento na expressão “tratamento químico”, “interpela” o efeito



de sentido de cuidado com o cabelo.

A prática discursiva envolve participantes de ambos os gêneros/sexualidades escrevendo e lendo um tópico particularmente feminino, penteados. O tópico está fortemente racializado porque tenta dar conta de penteados tradicionais do estilo africano.

Esse texto é questionável quanto à reportabilidade, já que se trata de uma narrativa midiática que retrata uma performance tradicional de negritude, cristalizada por grupos de negros tradicionalistas os quais, geralmente, adotam uma visão essencializada de ser negro. Com base nisso, penso que esse texto não tem tanta reportabilidade em grupos com outros modos de entender a raça, por exemplo, entre adolescentes - como a deste estudo - construídos socialmente como negros que, muitas vezes são vistos construindo outros projetos para seus corpos/cabelos por meio de instrumentos de artificialização dos cabelos que a contemporaneidade oferece.

De qualquer maneira, ler/analisar esse texto é deixar-se “interpelar” pelos efeitos discursivos que a revista **Raça Brasil** disponibiliza no que diz respeito a práticas de corpos/cabelos que são, por vezes, contestadas como sendo, no senso comum, ações que reivindicam um posicionamento assumido de negros no mundo social. O texto como prática discursiva é uma performance narrativa (MOITA LOPES, 2010) de negritude estandardizada com base em elementos constitutivos de práticas socioculturais tradicionais com base em uma racialização hegemônica. Na análise, busco mostrar os posicionamentos que os personagens do texto ocupam em tal performance, abalizada nas pistas semióticas multimodais que indexalizam tais posicionamentos (WORTHAM, 2001).

Um primeiro olhar para as páginas da matéria, que consta quase que

inteiramente, de práticas de cabelos sugeridas pela repórter aos leitores, chama a atenção o fato de que praticamente não há texto verbal. Para Moita Lopes (2010, p. 138) na contemporaneidade, o desenvolvimento tecnológico facilita a multisemiotização da mídia. A afirmação do autor é relacionada à típica natureza híbrida e multimodal de jornais. Acredito que essa compreensão se aplica também às revistas femininas. A performance narrativa que constroi projetos de cabelos para homens e mulheres é multimodal, do mesmo modo que Moita Lopes (2010, p. 138) afirma que “a performance narrativa que constrói projetos de masculinidade hegemônica é multimodal”.

A seção da revista em que se encontra a matéria é “beleza”, termo que é socialmente usado para categorizar pessoas em uma dada cultura segundo os padrões corpóreos ocidentais e universalistas. Nessa matéria específica, visa-se à inserção dos cabelos que, no senso comum, são entendidos como tendo características de cabelos de pessoas negras conforme as padronizações de beleza. O título da matéria “Qual é o pente que te penteia?” confirma isso. Em fonte colorida (verde e ocre, claros) impresso sobre um grande pente, no estilo garfo, iconicamente simbolizando que esse cabelo de que fala a matéria é o cabelo socialmente denominado afro.



Corrobora essa associação beleza-pente, o título da matéria, o qual enuncia uma sentença clichê em nossa cultura brasileira, pois “qual é o pente que te penteia” é letra de um samba tradicional da música popular brasileira: “*Nega do cabelo duro*”⁵³, a qual foi parodiada diversas vezes, em diferentes momentos da história brasileira.

Assim sendo, a narrativa contada se refere a um negro/negra com um cabelo cujo significado foi socioculturalmente posicionado e cristalizado como “duro” como aparece predicado no título da canção. Na matéria em questão esse posicionamento é confirmado nas duas páginas de abertura, por meio dos ícones, a) o pente grande, que, no formato de um garfo tem enormes dentes, bem separados; e, na página ao lado, uma modelo supostamente negra, com cabelos no estilo *black power*, que cobrem quase todo o espaço da página fora o rosto da modelo e cobre, ainda, quase metade da

⁵³ A composição de David Nasser e Rubens Soares foi cantada por Elis Regina, no *pout pourri* Aquarela do Brasil/Nega do cabelo duro. Foi também interpretada por Beto Barbosa, Planet Hemp e parodiada por Luís Caldas.

página ao lado. É como se essa associação afirmasse que para pentear esse cabelo, “duro”⁵⁴, só mesmo um pente enorme e supostamente forte.

A narrativa também é contada com o apoio de outros modelos e outros projetos de cabelo, perfazendo os seis estilos anunciados no *lead* e ali posicionados como “afro”. As fotos dos modelos geralmente cobrem a página toda e são acompanhadas de um pequeno texto escrito que é a citação da voz do modelo visualizado na página. As citações narram a decisão do modelo de usar o cabelo retratado e o sentimento que esse uso gera. Cada citação é seguida do nome do modelo e de sua profissão.

A cor de fundo das páginas da matéria é cinza claro, com um leve toque das cores terra e verde, muito claras, em alguns grafismos circulares. Segundo Guimarães, L. (2003), nas mídias essas cores visam colocar o foco no texto escrito e traduzem uma visão de que há uma realidade natural no fato narrado. Dessa forma, as cores, nessa matéria, reforçam um posicionamento do negro como tendo naturalmente um determinado tipo de cabelo, “afro”⁵⁵, e, conseqüentemente, os projetos apresentados são os que as pessoas socialmente posicionadas como negras deveriam desenvolver.

A maquiagem usada nos modelos deixa pele, olhos e boca em coloração bem próxima ao natural, denotando uma focalização do indivíduo afro/negro como tendo uma natureza. Isso tudo, ainda, é somado pelo fato de todos os modelos exibirem ombros nus. Em outras palavras, os modos como a matéria está organizada

- seleção de cores, disposição dos corpos nus, “cabelos ao mais tradicional estilo afro” e maquiagem deixando o rosto com aspecto natural, evocam um posicionamento do sujeito socialmente negro como tendo uma dada natureza, a qual a matéria retrata.

A perspectiva discursiva revela que práticas de racialização mobilizadas nos textos situam-se não só nas fotos, mas também no pente e nas sentenças que acompanham as fotos, as quais compõem uma espécie de legenda, mas que de fato, como apontei acima, são citações de fala dos personagens da performance narrativa de raça negra. Essas sentenças, por meio de predicadores como “belo é o natural”, “assumo esse visual”, “resgatei minhas raízes”, colocam os personagens Pedro e Ana Flávia como um tipo de pessoa que assume a natureza do ser negro. As citações ventríloquam uma gama de discursos de tradicionalização da cultura afro/negra quando o tópico é o cabelo. Além disso, as citações fazem referência não só à raça, mas também a outros discursos de beleza e sedução, conforme evidências metapragmáticas enunciadas, nas quais há escolhas sintáticas como “fiquei de bem com o espelho”, “é elogio na certa”, “tem a famosa pegada”, “fica lindo”, ou, ainda, outros metapragmáticos como “estou careca de receber elogios”, “é impossível passar despercebido”, indicando a argumentatividade da personagem que sabe que a performance é boa porque fez a experiência de sua encenação. Desse modo, as citações funcionam nessa narrativa como recursos argumentativos utilizados pela repórter para levar os leitores/leitoras a usarem um dos estilos veiculados na matéria. Esses personagens são referidos como pessoas que experimentaram esse estilo e estão realizadas em três aspectos da vida social: beleza, sedução e racialização, como

⁵⁴ A expressão “cabelo duro” é, às vezes, substituída pela expressão “cabelo cru” e é usada para se referir ao cabelo natural.

⁵⁵ “Denominação comumente empregada para se referir à textura de cabelos, supostamente mais frequentes entre as negritudes.

enunciou um personagem, “a onda é resgatar penteado que teve seu auge na década de 1970”. As citações (WORTHAM, 2001) selecionadas pela narradora, ainda, posicionam os personagens por meio de referências e predicções (WORTHAM, 2001) categorizadas segundo construções cristalizadas em relação aos gêneros/sexos. Enquanto as mulheres fazem referência a “fazer sucesso”, “receber elogios” e “ficar linda”, os homens focalizam a “pegada”, ser “percebido”, estar na “onda” além da abordagem da “raiz” racial. Ou seja, a repórter, uma mulher negra, ao dar voz aos personagens da performance narrativa de raça em práticas de cabelos selecionou sentenças que, de um lado, posicionam as mulheres como sujeitos que visam à beleza, sucesso pessoal e elogios, de outro lado, posicionam os homens como pegadores (de mulheres) e “antenados” na racialização. Sumarizando, a narrativa feminina focalizou mulheres e homens nas condições em que tradicionalmente são posicionados, ou seja, as mulheres interessadas por questões íntimas e afetivas e os homens como sujeitos “garanhões” e politizados.

A despeito de a matéria visar à valorização da natureza dos cabelos que denomina “afro”, entre as seis sugestões apresentadas, pelo menos três delas têm a tal “natureza” ou “naturalidade” transformada senão apagada. O *dreads*, conforme ensina consultora de cabelos Chris de Oliveira, na página 59 da revista citada, é uma fabricação feita com cera e agulha de crochê. O *dreads* é um penteado que deixa o cabelo natural camuflado em estruturas circulares com aparência de cordas. Um problema que esse penteado apresenta é que uma vez feito, quando a pessoa quer fazer outro projeto de cabelo ela deverá raspar a

cabeça, uma vez que não há como recuperar os cabelos.

Todavia, cabe lembrar que, com base no *lead*, todos os personagens estão posicionados como pessoas que assumem a raça e o que possibilita tal posicionamento é o fato de todos usarem os cabelos no “mais tradicional estilo afro”. Ao posicionar os personagens da matéria desse modo, os leitores estão sendo desafiados a questionarem seus posicionamentos e, conseqüentemente, a assumirem os estilos sugeridos como projetos pessoais de cabelo. Creio que alguns questionamentos interessantes que esse ponto da análise gera são: em que tradição africana, as mulheres usavam o estilo careca? O *dreads* é um estilo de cabelo com origem nos povos de cultura africana?

Outra contradição no que tange à valorização dos cabelos dos personagens está nas tranças usadas pela personagem Samy Costa, página 57, que ela chama de *dreads*. As tranças não são feitas com o cabelo da personagem. Do cabelo dela pode-se ver apenas a raiz. A imagem permite observar que se trata de um cabelo sintético. E, a careca de Roberta, p. 56, exige um corte semanal de modo que o cabelo de Roberta, de fato, não se vê. Isso sem contar que, na página 59, entre as dicas apresentadas pelos consultores de cabelos, o penteado da Samy não é recuperado e as trancinhas de Rafael são reproduzidas em duas versões: a primeira em kanecalon– fios sintéticos; a segunda – com o próprio cabelo do personagem. Assim, o único estilo de cabelo ou penteado que o negro teria como opção usando-o, realmente como ele é seria o *black power*. Nessa circunstância, a matéria posiciona o cabelo predicado como “afro”, no estilo “mais natural possível” como sendo um tipo de cabelo que de um modo geral deve ser modificado, domado, domesticado,

apagado ou camuflado nos diferentes estilos que socialmente é avaliado como indicativo de que uma pessoa está assumindo o próprio cabelo, está usando o cabelo natural e, conseqüentemente,

está assumindo que é um sujeito negro. Em outras palavras, assumir o cabelo “negro” é, na maioria dos casos, não ter cabelo algum visível.

Ainda cabe interpretar que, ironicamente, o cabelo natural é avaliado como um cabelo que não se sabe “qual é o pente que penteia”. A cena a seguir é um excerto de **interação mediada pelo texto de revista** analisado acima.

Cena 4 - “Gente/isso é uma afronta!”

- 01.P: Gente/ olha esse título// Qual é o pente que te penteia?
- 02.Katyllen: Meu dedo (*todas riem*).
03. Tyffany: Ah/ eu não gosto de pente. Só uso escova.
- 04.P: Por que essa pergunta serve como título?
05. Tyffany: Esse pente/ alguém já teve?
- 06: Eduarda: Meu pai (*ela sorri*). Gostava muito/hein?
- 07.Tyffany: Olha// lê isso aqui!
- 08.Eduarda: Ela é bonita/né?
09. Tyffany: Ela vai assumir o cabelo dela///
- 10.Eduarda: Mas ela ficou bonita.
- 11.Tyffany: Ah/ ficou/né. Mas///
- 12.Ana Beatriz: Gente/ isso é uma afronta!
13. Eduarda: Essa aqui é maluca/ né? Tinha cabelo longo e cortou!?
14. Katyllen: Nunca eu quero acordar desse jeito (ela se refere a comentário no texto).
15. Eduarda: Esse sim é bonito. Tem pegada.
16. Tyffany: Qual tem pegada?
17. P. Que é isso?
18. Eduarda: Todo mundo quer ele!!

Inicialmente as adolescentes, assumem um **posicionamento regulado/relacional** ao se engajarem na construção de sentidos do texto reconhecendo os posicionamentos socialmente reservados aos negros. Dessa forma, a cena acima mostra as adolescentes envolvidas em uma prática de letramento cuja temática é generificada e racializada, visto que falam de beleza, cabelos e de homens em uma interação mediada por uma performance narrativa que tematiza os cabelos das negritudes de ambos os sexos.

Na Cena, elas se mostram saindo transgressivamente dos lugares sociais que lhes teriam sido reservados. Enquanto leitoras desse texto, as adolescentes estão sendo posicionadas na perspectiva da *racialização hegemônica*, a qual se dá, como já apontado

anteriormente, por meio do não-dito, já que não está declarado que aquele pente é peculiar à raça negra. Mas esse efeito semântico é adotado quando na conversa se associa o pente, ilustrado com o título do texto “Qual é o pente que te penteia?” e a imagem da modelo que o acompanha, usando um cabelo *black power* enorme, parece ficar declarado que apenas um pente grande e com dentes largos como aquele poderia pentear os cabelos das negritudes. Há nesse discurso uma *racialização hegemônica* porque há uma visão essencializada dos sujeitos sociais negros que se materializa no objeto cultural⁵⁶ (SANTOS, 2005) e simbólico que é o “pente” e que contribui para uma inferiorização dos negros. Ou seja, o “pente”, tal qual é apresentado na revista coloca as negritudes em um **posicionamento regulado/relacional**, abalizado na concepção de que os sujeitos negros são todos portadores de um determinado tipo de cabelo e todos devem fazer uso do mesmo objeto simbólico que é aquele tipo específico de pente, criado para negros.

A *racialização hegemônica* está alicerçada na escolha lexical “assumir” (Linha 9) que confere aos leitores um **posicionamento regulado/relacional** como sujeito de traços fenotípicos específicos. A escolha lexical “assumir” evoca o efeito semântico de aceitação e reconhecimento e, assim sendo, coloca as negritudes em um grupo de pessoas que têm algo que não se considera simplesmente ou que seria supostamente escondido, ou que exige coragem para que um reconhecimento. Dessa forma, o vocábulo acompanha um efeito de sentido negativo. Nesse tocante, “assumir” o cabelo é reconhecer que se tem o cabelo “ruim”⁵⁷ e usá-lo segundo a posição pré-estabelecida socialmente.

Todavia, as adolescentes contestam os **posicionamentos regulados/relacionais** que lhes foram reservados e estrategicamente, rejeitam o **posicionamento regulado/relacional** em que se veem localizadas na performance narrativa da revista e se engajam na interação se posicionando em outro lugar,. Para tomar essa ação estratégica, elas empregam a escolha lexical: “meu dedo” (Linha 2) e as escolhas sintáticas “Ah/ eu não gosto de pente” e “só uso escova” (Linha 3) . Assim, elas escolhem outros instrumentos que são socialmente entendidos como peculiares para performances de branquitude. Ou

⁵⁶ De acordo com Santos (2005) um objeto cultural é construído com determinados propósitos, com significados específicos, como apontei anteriormente nesta tese.

⁵⁷ A expressão “cabelo ‘ruim’” é um clichê usado em práticas do cotidiano para fazer referência a cabelo “afro”, muito crespo ou “carapinha”. Alguns estilos de cabelo natural como, por exemplo, o *black power* e o “joãzinho” são referidos como cabelo “ruim”. Outros modos de denominar o cabelo “ruim” se dão por meio de expressões como cabelo “pixaim” e cabelo “duro”.

seja, pentear os cabelos com escova não seria uma prática comum às negritudes que supostamente teriam cabelos muito crespos. Assim, essa é uma forma de tomar um **posicionamento transgressivo**.

Entre as Linhas 7 e 11, as adolescentes tomam agência, entram em interação com o texto e selecionam na revista imagens que julgam interessantes para a construção de seus projetos corpóreos ou indicando imagens que preferem rejeitar. Ainda que Eduarda tenha aprovado a performance da modelo que usa os cabelos com muitas tranças, denominadas na matéria da revista como *dreads*, Thyffany não aprova e para declarar isso emprega a escolha coesiva “mas” em: “ficou/né. Mas//” (Linha 11), evocando efeitos de sentido de que há aspectos que relativizam o índice avaliativo (WORTHAM, 2001) empregado por Eduarda.



A **performance constestatória** das adolescentes se dá por meio dos modos como elas significam seus corpos. De acordo com a cena acima, essas adolescentes significam o corpo negro como um lugar de construção de projetos estratégicos e interessados de **reposicionamento** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) social. Por meio do referente e predicador (WORTHAM, 2001) “afrota”, Ana Beatriz contesta a performance “careca” sugerida na matéria da revista e também contesta as mensagens veiculadas nas legendas que acompanham as fotos dos modelos na matéria. As outras

adolescentes se engajam na construção desse sentido inicialmente construído por Ana Beatriz defendendo que a perspectiva que a matéria adota parece soar como uma agressão. Essa visão é corroborada por Eduarda que por meio do índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “maluca” posiciona a modelo como um tipo de mulher que toma um ato impensado que possibilita um **posicionamento contestatório** em relação às performances socialmente entendidas como positivas. No entanto, o que parece ser problema para essas adolescentes é que essa performance não possibilita um **reposicionamento** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999), ao invés disso, contribui para que aquela que encena a performance “careca” fique em lugar de inferiorização no que tange às relações de gênero, por exemplo. Esse sentido sobre a performance com a careca fica mais evidente na nota do diário da pesquisadora, apresentada a seguir.



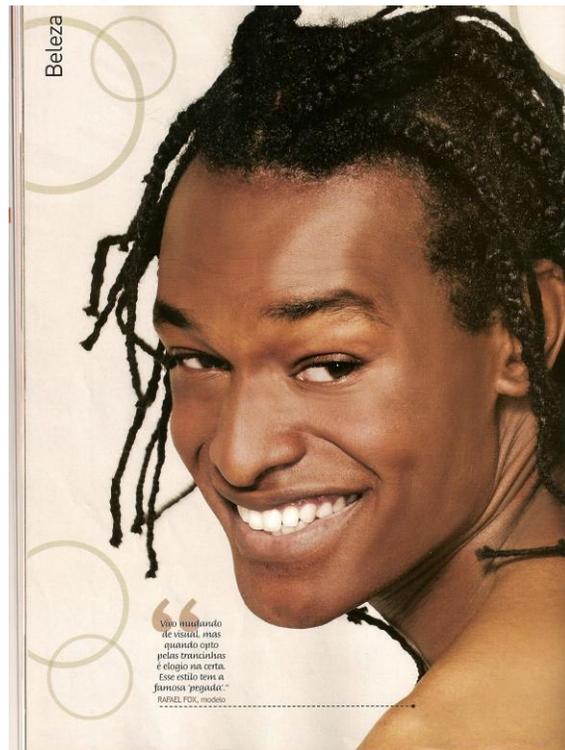
Na interação de hoje, senti-me desafiada pelo questionamento de Thyffany, em relação à performance corpórea com a careca. A garota quis saber se eu usaria uma careca. Eu sabia que não era correto na mediação do grupo focal influenciar as participantes da pesquisa, mas teria que ser sincera. Então respondi que não usaria por duas razões, a primeira, porque não acho feminino e a segunda, porque meu rosto é redondo e não ficaria bem para mim. Após minha observação, Eduarda afirmou que a careca é para lésbica. (*Dados do diário da pesquisadora de 10 de outubro de 2007*).

Os modos como as participantes fazem referência ao uso da careca indicam que as performances corpóreas são generificadas e que os estilos de cabelos são politicamente selecionados em conformidades com identificações que as pessoas desejam fazer no mundo social. Assim, além de racializações relacionais, **posicionamentos naturalizados** de gêneros são tomados pelas participantes no que diz respeito ao uso dos cabelos.

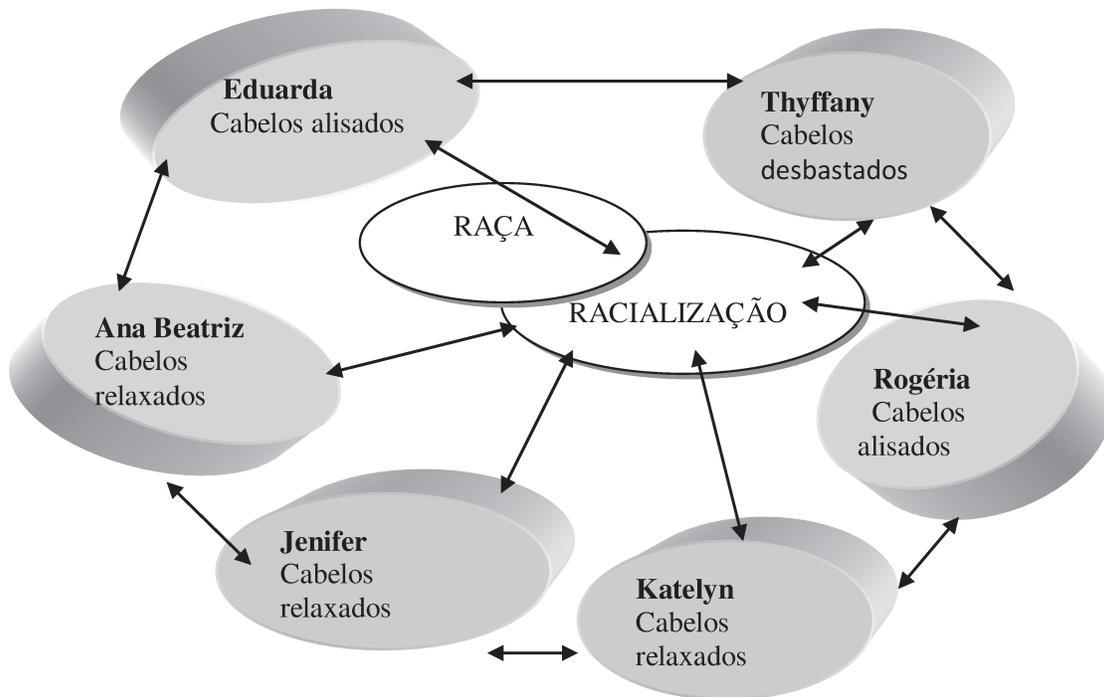
Quanto à racialização, as adolescentes reverberam os efeitos de sentido sobre os corpos femininos negros e exercem uma transgressão. Elas constroem o significado para a sugestão da performance “careca” como uma atitude que desrespeita as feminilidades negras. Como discuti na Seção 3.1, os corpos femininos negros foram sócio-histórico-culturalmente masculinizados. Isso leva a entender a sugestão para que mulheres negras adotem a careca como uma “afronta”. Essa contestação das adolescentes, então, é uma ação agentiva, que se dá por meio de um **posicionamento contestatório** quando, por meio do índice avaliativo “maluca”, elas rejeitam a performance “careca” evocando também vozes sociais reconhecíveis, de senso comum, que constroem efeitos de sentido da careca como sendo uma performance masculina. Ao tomar essas ações contestatórias, as adolescentes reafirmam suas próprias posições enquanto feminilidades negras e conferem à personagem do texto (com a careca) um **posicionamento regulado/relacional** significando-a como não-feminina. Tomando esses fatores em consideração, rejeitar a careca é tomar um **posicionamento interessado**. As adolescentes mostram compreender que com a careca estariam se colocando como corpos abjetos (BUTLER, 1999/1990). Isso é uma evidência de que essas adolescentes não julgam ser interessante tomar posições radicalmente transgressivas em relação às matrizes sociais, pelo menos no que diz respeito às performances de cabelos, que são generificadas.

Nessa cena, raça e gênero estão entrelaçados. A performance narrativa da revista é marcada por uma *racialização hegemônica* que inferioriza as mulheres negras quanto à beleza dos cabelos nesse ato de sugerir a careca, afinal, raspar a cabeça em nossa cultura é um ato socialmente associado à manifestação de humildade religiosa, desapego das vaidades do mundo secular, ato de rebeldia, ato de higienização adotado em instituições sociais reguladoras, como presídios e hospícios, por exemplo. A cena também mostra que falar sobre cabelo é um modo de construir o gênero/sexualidade. Nas Linhas 15 a 18, as adolescentes estão co-construindo sentidos de um rapaz, personagem do texto. As

adolescentes tomam um **autoposicionamento** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) como garotas heterossexuais ao falar de homens e apontá-los como heterossexuais por meio da escolha sintática “tem pegada” (Linha 15) que coloca a personagem em um **posicionamento regulado/relacional** como sendo um tipo de homem que se enquadra nos padrões das masculinidades hegemônicas quanto ao quesito sensualidade, visto que “ter pegada” significa ser atraente no posto de vista feminino de modo que faz com que as mulheres desejem esse tipo de homem.



Segue um quadro que resume as performances de corpos/cabelos das participantes dessa pesquisa:



Quadro 11 – Performances de corpos cabelos das participantes

Sumarizando, a análise da Seção 5.1 mostrou que os posicionamentos interacionais (WORTHAM, 2001) das adolescentes podem se observados quando elas empregam referentes e predicadores, escolhas sintático-coesivas para indicar que os cuidados de beleza são enfadonhos. Os posicionamentos que tomam/assumem com mais recorrência nas cenas acima são:

- **Posicionamento regulado relacional** – identificado por meio de escolhas sintáticas e lexicais, índices avaliativos e modalização epistêmica. Os objetivos das adolescentes quando ocupam esse posicionamento são: revelar os significados que atribuem às suas performances corpóreas; revelar os modos como se sentem nas performances de corpos/cabelos que vêm encenando; encenar práticas de embelezamento que adotam; enunciar os fatores corpóreos que lhes causam insatisfação, mostrar que as performances são feitas para o outro; revelar que as performances são interessadas; mostrar que seus corpos são inferiorizados.

- **Reposicionamento** – identificado por meio de escolhas coesivas e referentes e predicadores. Além disso, o reposicionamento foi indicado por meio de performances feitas pelas adolescentes em que elas mostram os propósitos das performances. O reposicionamento mostrou que as performances são moldadas por identificações de gênero/sexualidade.

- **Autoposicionamento** – identificado por meio de escolhas sintático-coesivas, lexicais e não-ditos, as adolescentes podem indicar a tomada desse posicionamento. Os objetivos dessas adolescentes quando ocupam esse tipo de posicionamento são argumentar as performances de embelezamento que fazer; revelar que a beleza é idealizada; reivindicar o reposicionamento social de seus corpos/cabelos; ensaiar meios para sair do posicionamento que ocupam/ocupavam; mostra como a raça opera na sociedade; mostrar que estão alijadas de algumas performances de gênero e beleza por causa da raça.

- **Posicionamento interessado** – identificado por meio de escolhas sintáticas e lexicais. Os objetivos das adolescentes quando ocupam esse posicionamento são contestar as performances estilizadas; tomar agência e fazer performatividades. Também foram tomados como indicativo de que o posicionamento interessado era tomado quando as adolescentes se recusam a fazer uma performance que não interessa para a realização de seus projetos corpóreos.

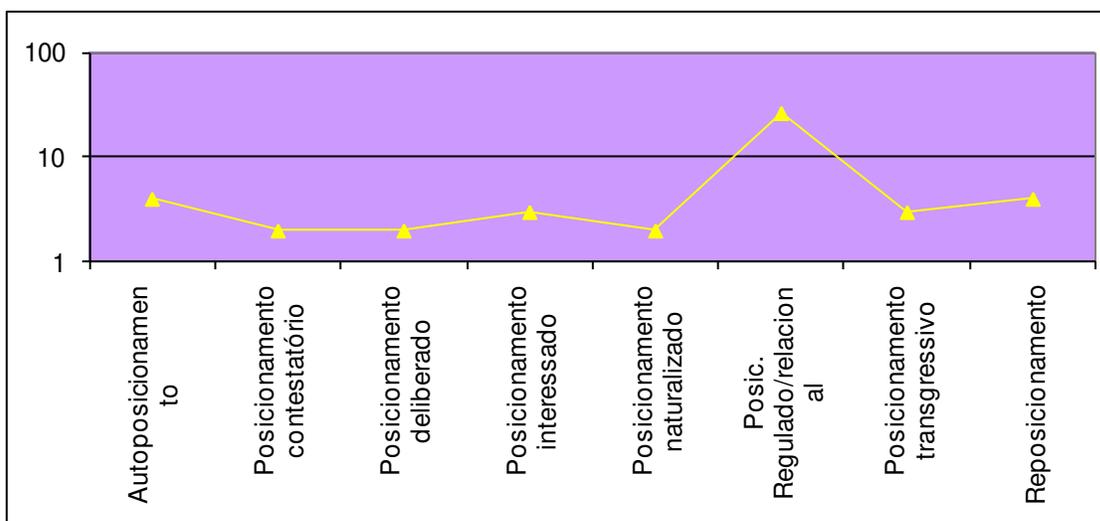
- **Posicionamento transgressivo** – identificado por meio de performances que posicionam as adolescentes fora dos locais esperados ou reservados a elas porque são negras. O objetivo das adolescentes ao tomar esse tipo de posicionamentos é mostrar que a mulher negra pode ocupar outros posicionamentos sociais e que os corpos femininos negros não podem ser previamente construídos como tendo uma marca, por exemplo.

As cenas analisadas revelaram que as performances de embelezamento são práticas que constroem o gênero. Tais performances são moldadas por ideais estabelecidos nos cânones de beleza das hegemonias. Além disso, revelam que beleza é uma questão de gênero interpelada pela raça, ou seja, o corpo é racializado; a beleza é racializada.

Veja, a seguir, um Gráfico⁵⁸ que retrata os múltiplos posicionamentos das adolescentes nas cenas analisadas na Seção 5.1 dessa análise. Observe a relevância do **posicionamento regulado/relacional** quando focalizei os modos como as adolescentes constroem sentidos sobre seus corpos/cabelos. Também foram relevantes o

⁵⁸ Esse gráfico e os outros dois, que resumem os posicionamentos analisados nas Seções 5.1, 5.2 e 5.3 foram feitos com base em um quadro previamente traçado com os posicionamentos e ações das adolescentes em cada cena. Posteriormente, os tipos de posicionamentos encontrados nas Cenas da Seção foram dispostos no Excel e o Assistente de gráfico personalizado - logarítimo traçou a linha visualizada no gráfico. Na linha horizontal do gráfico estão os tipos de posicionamentos assumidos e na vertical a recorrência desses posicionamentos.

autoposicionamento e o **reposicionamento** quando o foco está nos corpos cabelos. Entretanto, no meu entender, não se pode afirmar que as adolescentes estão introjetando o olhar das hegemonias dominantes sobre os corpos e estariam introjetando o racismo. Há de se considerar que os discursos sobre os corpos reverberam uma multiplicidade de discursos que envolvem corpos sendo o mais próximo possível das matrizes sociais de beleza. De um modo geral discursos sobre os corpos tentam reproduzir regulações não importando, por exemplo, a raça da mulher. Veja o Gráfico 1, abaixo:



Quanto à racialização, a Seção 5.1 foi marcada por *racializações hegemônicas*, as quais foram construídas com base nos cânones dos grupos dominantes e sustentadas por uma visão essencialista de raça. Essas racializações foram identificadas em narrativas midiáticas, tendo com estratégia discursiva um jogo de não-ditos e escolhas lexicais. *Racializações hegemônicas* também foram reconhecidas em situações em que as adolescentes assumiam posicionamentos reservados aos negros. Nessa Seção foi identificada uma *racialização regulada/relacional* que foi interpretada por meio de não-ditos e de escolhas lexicais.

5.2 CONTESTAÇÕES DE POSICIONAMENTOS DE CORPOS/CABELOS NEGROS

Nesta parte, analiso seis cenas em que se observa as adolescentes contestando os posicionamentos sociais a elas reservados porque são negras nessa sociedade. As duas primeiras cenas são excertos de entrevista no grupo focal e as outras quatro são excertos de

interações mediadas por textos de revistas. Selecionei essas cenas porque retratam as adolescentes mostrando, nas performances que encenam e nas experiências que compartilham umas com as outras, como seus corpos/cabelos são socialmente construídas em performances narrativas em revistas e pelas pessoas com quem interagem. As cenas também mostram as reações das adolescentes em relação a essas construções. Nesta parte da análise discuto os posicionamentos adotados pelas adolescentes em reação aos modos como seus corpos/cabelos são significados no mundo social. A cena a seguir é um excerto de **entrevista no grupo focal**.

Cena 5 – “Se você não está satisfeito com o meu cabelo/ arruma uma pessoa que tem cabelo melhor que o meu!”

- 01.P. E quanto aos namorados [[apontam a beleza como uma questão importante]]?
- 02.Katelyn: Ah /é! Para o [[nome]]/é. Se me vê sem unha pintada começa a falar.
03. Outro dia falou do meu chinelo///. Safado! Quando ele estiver feio também///. Ele
04. está ficando muito feio com aquela barriga///. Ele fala assim// Angélica/ se você
- 05.engordar//eu vou rapar fora! E eu falei que se a barriga dele crescer eu já estou rapando!
- (...)
- 06.Thyffany: Às vezes/me arrumo toda crente que vou encontrar alguém...
07. P. Mas você se arruma para agradar alguém// o namorado//?
- 08.Katelyn: Eu não.
- 09.P. Faria algo que não te agrada tanto?
- 10.Katelyn: Ah/ ele queria/// Ele falou assim// (a menina ri, um pouco intimidada,
- 11.talvez). Katelyn//porque você não passa henê? A gente até brigou por causa disso.
- 12.Eduarda: He he/ henê é muito ruim!
- 13.Katelyn: Demora muito para pegar e ficar bonito.
- 14.Thyffany: Eu queria passar.
- 15.Ana Beatriz: Henê tira volume///.
- 16.P. E o que você disse a ele?
- 17.Katelyn: Eu falei/// [[nome]]// se você não está satisfeito com o meu cabelo/ arruma
- 18.uma pessoa que tem cabelo melhor que o meu! (em tom um pouco mais alto que o habitual).
- 19.Ele disse/ eu só queria que você mudasse um pouco.
- (depois de alguns instantes de silêncio)
- 20.Katelyn: Eu falei/ cuida da sua barriga que eu passo henê.
- 21.P. Isso significa que ele não está satisfeito com o seu cabelo!/? Como você se sentiu
- 22.com ele falando isso?
- 22.Katelyn: MAL! Ele não tá satisfeito com o meu cabelo assim!
- (...)
- 24.Katelyn: Também//não mudo por causa de ninguém/não (usa um tom um pouco agressivo).
- 25.Me conheceu assim////.

Na conversa acima, observamos as adolescentes significando seus corpos/cabelos na perspectiva relacional (SCOTT, 1989) em que as mulheres se constituem não só em relação a outras mulheres, mas também em relação aos homens.

A pesquisadora (Linha 1) inicia a interação perguntando “E quanto aos namorados [[apontam a beleza como uma questão importante]]?” Seu objetivo é que as adolescentes relatem as visões de beleza das pessoas com quem convivem. Katelyn (Linha 2) toma o turno para responder por meio da escolha sintática “Ah/é!” (Linha 2). A cena indica a performance da adolescente sobre um relacionamento heteroafetivo em que o rapaz toma um **posicionamento naturalizado**, peculiar às masculinidades para exercer poder sobre as construções corpóreas da namorada. A garota toma um **posicionamento regulado/relacional** consoante aos discursos socialmente divulgados sobre beleza e, em especial, em resposta, à cobrança do rapaz para que faça as performances de gênero/sexualidade. Nessa performance, a narrativa da garota cita enunciações do rapaz que revozeiam um tipo de “homem que reclama”.

Nessa performance narrativa, Katelyn faz várias citações (WORTHAM, 2001) de enunciações do namorado, frequentemente indicadas por meio do descritor metapragmático (WORTHAM, 2001) “falar” com o sentido de reclamar em: “começa a falar” (Linha 2), “Outro dia falou do meu chinelo” (Linha 3), “Ele fala assim” (Linha 4). Assim, na performance de relação heteroafetiva narrada, Katelyn mostra que [[X]] toma um **posicionamento naturalizado** de poder na relação entre o casal. Ele se coloca como alguém que pode inferiorizá-la quanto à beleza e Katelyn aparece ocupando uma posição de um tipo de garota que está sujeita a reclamações do namorado. Todavia, na performance, a adolescente reage às reclamações do namorado por meio do índice avaliativo “safado” para posicioná-lo como sendo um homem cínico (Linha 3) e, depois, ainda questiona seu suposto direito de posicioná-la como vem fazendo. A adolescente utiliza ainda o índice avaliativo “feio” para posicionar o namorado “Ele está ficando muito feio com aquela barriga” (Linha 4). Dessa forma, se [[X]] tem aspectos a reclamar em relação à beleza de Katelyn, ela faz questão de demonstrar que ela também tem questionamentos a fazer em relação à beleza dele. Em seguida, na Linha 5, observa-se que a adolescente toma um **posicionamento contestatório** (WORTHAM, 1995) que desestabiliza o **posicionamento naturalizado** que o namorado assume no relacionamento.

Na Linha 11, mais uma vez, Katelyn revozeia o namorado por meio de um descritor metapragmático (WORTHAM, 2001) “falou” em “Ele falou assim//Katelyn/ por

que você não passa henê⁵⁹?” (Linha 11 e 12). A garota avalia que essa declaração/sugestão gerou um embate na relação “a gente até brigou por causa disso” (Linha 12). A pergunta do namorado, na verdade, era uma sugestão para que Katelyn fizesse uma performance que não lhe agradava. Na Linha 13, por meio de um índice avaliativo (WORTHAM, 2001), sobre o procedimento de o henê demandar tempo para que o cabelo revele o efeito desejado, a garota toma um **posicionamento interessado** como alguém que sabe o que quer e o henê não faz parte de suas ações para realizar a performance que deseja fazer. Na sequência (Linhas 17 e 18), ocorre uma *racialização regulada/relacional* que se manifesta de forma velada, no não-dito exemplificando o tabu da raça que abordei no capítulo 2 desta tese, isto é, exemplifica que raça é algo de que não se fala, mas que molda nossas relações sociais a todo o momento nas mais diversas interações⁶⁰. A garota encena como ela agiu discursivamente para contestar a ação do namorado. Nessa encenação, ela empregou o descritor metapragmático “falei” e introduziu sua enunciação com o coesivo “se” desafiando o namorado em enunciação marcada por escolha lexical e sintática com o verbo no imperativo “arruma” em: “se você não está satisfeito com o meu cabelo/arruma uma pessoa que tem cabelo melhor que o meu!” (Linhas 18 e 19). Nessa performance, Katelyn toma, outra vez, um **posicionamento regulado/relacional**, desta vez como uma garota que sabe que tem um tipo de cabelo que é socialmente avaliado como “ruim” e, transgressivamente faz performatividade (para contestar o modo como foi **posicionada regulada/relacionalmente** pelo namorado por causa do cabelo que tem/usa. A garota também coloca em mesma esfera a dificuldade dela em usar o cabelo de outra forma e a dele de não ter barriga (Linha, 21). Ou seja, ela tenta mostrar que o cabelo está fora do controle dela da mesma forma que a barriga está para ele. A enunciação de Katelyn na Linha 21 revela uma contestação ao mostrar que o namorado tem um “defeito” que lhe gera insatisfação.

⁵⁹ Henê é o produto químico que surgiu na década de 1940. Tem em sua composição a hena, que age engessando o cabelo e esticando os fios (Revista **Raça Brasil**, 2006, p. 16). O produto tem a peculiaridade de alisar e, ao mesmo tempo, tingir os cabelos de preto (inicialmente o produto também era fabricado na versão castanho). A tintura torna o procedimento facilmente identificável, de modo que as pessoas que usam o produto costumam ser localizadas em conversas do cotidiano com base no traço de seus cabelos em enunciações como “Aquela que tem cabelo de henê”.

⁶⁰ Como explica D’Adesky (2001), embora raça seja um conceito abandonado, a idéia de “raça permanece sendo um elemento maior da realidade social, que pode engendrar comportamentos discriminatórios individuais ou coletivos” (p. 49).

Os sentidos de raça, gênero/sexualidade estão na performance discursiva de Katelyn que questionada pela pesquisadora sobre como ela se sentiu depois da sugestão do namorado, resume o sentimento por meio do índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “MAL” (Linha 22), enunciado com ênfase. Katelyn, então, acrescenta “Ele não tá satisfeito com o meu cabelo assim!”. Ou seja, para Katelyn, o cabelo dela “não é assim” ele “está assim”, indicando que o corpo/cabelo é feito, é produzido (BUTLER, 1999/1990) e que ela pode fazer outros usos de cabelos. Apesar da insatisfação pessoal, declarada na Cena 5 acima, Katelyn resiste ao modo como o namorado a posiciona por causa dos cabelos que usa/tem, não se deixando transformar só para agradá-lo. Ou seja, a adolescente toma um **posicionamento transgressivo** que revela uma autoestima bem trabalhada de modo que ela não se sinta pressionada a adotar práticas de usos de cabelos que vê como adequadas, ainda que agradem o parceiro. Essa é uma performance identitária de gênero/sexualidade encenada por essa adolescente que se posiciona como alguém capaz de transgredir, de contestar o sexo oposto. A performatividade, nas Linhas 24 e 25, revela um **reposicionamento** (VAN LANGENHOVE; HARRÈ, 1999) de Katelyn como uma garota capaz de sair de um lugar social de inferiorização em que foi colocada para tomar agência. Desta feita, esse é um ato performativo já que a garota transgride a performance esperada. A narrativa revela Katelyn saindo de uma posição de vítima. Conforme Wortham (2001) observou, é comum entre os que contam narrativas, passar a ocupar um **posicionamento transgressivo** como no caso desta garota. Nessa performance narrativa, a adolescente mostra que a beleza envolve práticas naturalizadas – que a sociedade espera que a mulher negra adote.

A adolescente fecha a cena fazendo performatividade ao se localizar fora dos roteiros sociais regulados socialmente. Assim sendo, ela toma um **posicionamento transgressivo** de uma garota decidida em manter a performance que vem fazendo para contestar a avaliação negativa de sua performance de corpo/cabelo. Esse ato mostra que a performance é pelo e para o interlocutor podendo, variar a cada interação conforme os espectadores da encenação. Note-se que, as adolescentes podem posicionar-se inferiormente (cf. análise da Seção 5.1), mas não admitem que outras pessoas tentem inferiorizá-las.

A seguir, outra **conversa de entrevista no grupo focal**. Desta vez, o foco está no corpo. Neste, pode-se observar que essas adolescentes parecem estar coletivamente construindo significados para as performances de corpos que julgam como poderosos de sorte que não estariam dispostas a mudar tais performances ainda que elas fossem sugeridas pelos namorados.

Cena 6 – “Se eu achar que estou bem assim// eu estou bem assim//.”

01. Ana Beatriz: Aqui/ o namorado dela quer que ela engorde.
02. P. Ele acha que você está muito magra? Você diz o quê?
03. Thyffany: É ruim! Quer engordar/ vá para a cadeia!
04. P. Que ele alega?
05. Thyffany: Fala que eu estou muito magra! Eu falo: tá maluco! É ruim de eu 06. engordar/ hein? Ele falou que gosta de pegar// eu falei/ então vá pegar em outra/ não em mim.
(risos)
07. Katelyn: Que horror!
08. Ana Beatriz: Que horror/ Diná.
09. Thyffany: É sério!!
10. P. Uma coisa que eu observo é que / muitas mulheres/// parece que estão frequentemente
11. querendo agradar o homem//
[
12. Katelyn: É.
[
13. P. ... não sei não// mas tem um pouco disso (risos). Mas // uma gordura// para você 14. já é uma coisa tão grave que nem para agradar // você não quer!
(risos)
15. Katelyn: Mas se ele falasse que se você não engordar ele vai terminar com você? Você
16. engordaria ou deixaria?
17. Thyffany: Ah/ ele não é maluco!!! Não/ não/ não ia ter solução / não.
18. Katelyn: Não/ mas poderia ter.
19. P. [digressão]
20. Katelyn: É tem gente que gosta de gordinha!
21. Thyffany: O namorado da ((_____)) também só gosta de gordinha. Está com ela até hoje.
22. Ana Beatriz: Tem homem que gosta de carne/ mesmo/ para pegar.
23. P. Os homens// tem um paradoxo/ na nossa sociedade/// porque a sociedade diz que tem que
24. se magra/ né. Quanto mais magra/ mais linda você é. Agora// os homens / dizem que gostam
25. que a mulher tenha lá suas curvas.
(...)
26. P. Que acham dessas mulheres que tomam um corpo para agradar um homem.
27. Katelyn: Ah/ não dá para entender esses homens / não.
28. P. Hã!
29. Katelyn: Ah/ sei lá! Às vezes/ fala que a gente está magra demais///. Às vezes/ falam que a
30. gente está gorda demais/ sei lá. Eu não vou pela cabeça de ninguém. Se eu achar que estou
31. bem assim// eu estou bem assim//. Não vou não. Pelo jeito você também/ não/ né?
32. Thyffany: ah/ não!
33. P. É difícil as pessoas serem assim. Geralmente/ a gente se sensibiliza com a opinião dos
34. outros/ né?
(...)

Na cena acima, Thyffany está se **autoposicionando** (VAN LANGENHOVE e HARRÈ, 1999) ao fazer a escolha sintática “É ruim!” (Linha 3), como um tipo de garota que tem agência sobre seu próprio corpo. Ou seja, ela não reproduz performances socialmente esperadas de garota que age para agradar/prender o namorado. Ela constroi uma figura por meio de escolhas lexicais e sintáticas, na enunciação: “quer engordar/vá para a cadeia!”, em que, com o verbo no imperativo - “vá” -, situa a cadeia como lugar em que as pessoas podem ser gordas. As escolhas lexicais “engordar” e “cadeia” são associadas em uma escolha sintática, evocando, possivelmente, o efeito de sentido de que gordura se relaciona à falta de perspectiva na vida, à não possibilidade de vivenciar projetos pessoais. A escolha sintática: “É ruim de eu engordar/hein?” (Linha 5) indica que para a adolescente não há qualquer possibilidade de modificar seu projeto corpóreo (SHILLING, 1997) nesse momento.

Na sequência, Thyffany toma um **posicionamento regulado/relacional** e, contando uma narrativa, confronta a voz dela com a do namorado para mostrar a suas interlocutoras os diferentes pontos de vista em torno do corpo. O confronto é marcado pela citação (WORTHAM, 2001) da voz do namorado em discurso indireto, como em “que eu estou muito magra”; “que gosta de pegar” e da voz de Thyffany em discurso direto “tá maluco! É ruim de eu engordar/hein?”; “então vá pegar em outra/não em mim” (Linhas 5 e 6). O descritor metapragmático “falar” que introduz ambas as vozes significa “reclamar” quando indica a fala do namorado e “retrucar” quando introduz a fala da adolescente. Na narrativa, o namorado aparece usando o índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “magra”, intensificado pelo advérbio “muito” para situar Thyffany em um **posicionamento regulado/relacional** como “muito magra”. O critério para que a garota seja construída como “muito magra” está revelado na escolha sintática “gosta de pegar” a qual mostra o namorado tomando um **posicionamento naturalizado**, de um tipo de homem heterossexual que reverbera o imaginário da mulher brasileira “cheia de curvas” como se ouve nos discursos do cotidiano. Em contrapartida, por meio do índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “maluco”, a adolescente contesta a suposta autoridade do namorado para lhe sugerir projetos corpóreos. Thyffany não só confirma contestação nas escolhas sintáticas alicerçadas em verbos no imperativo como também toma um **posicionamento transgressivo** de pessoa que tem autoridade na relação: “Então vá pegar em outra/não em

mim” (Linha 6). Nessa performance, Thyffany encena uma garota que não faz parte do tipo de mulheres que tem algo para se pegar. Ela faz a performatividade contestatória (WORTHEN, 1995) de uma adolescente que é agente da própria construção corpórea e que não se submete a projetos que não lhe interessam.

Na interação acima, observa-se que as participantes questionam o modo como Thyffany se mostra posicionada na relação heteroafetiva retratada na performance narrativa. Entretanto, apesar de ter sido avaliada pelas amigas por meio da construção sintática “que horror” (Linhas 7 e 8), a garota manteve seu posicionamento (VAN LANGENHOVE; HARRÈ, 1999). E por intermédio da escolha sintática “É serio!!” (Linha 9), mostra-se como uma garota que é segura na relação mesmo mediante a possibilidade de acabar o relacionamento. Thyffany em um **posicionamento deliberado** (VAN LANGENHOVE; HARRÈ, 1999) mostra-se como uma garota “poderosa” de modo que se sente confiante de que o namorado não a deixaria, pois “Ele não é maluco!!” (Linha 17). E quanto à possibilidade de o namorado querer terminar o relacionamento ela se posiciona interacionalmente (WORTHAM, 2001) por meio de escolha sintática modificada pela escolha lexical “não” e enfatizada por meio de repetição em: “Não/não/não ia ter solução/não” (Linha 18). Na enunciação da garota, o final do relacionamento por causa da magreza dela seria um ato que **posicionaria regulada/relacionalmente** o rapaz como “maluco”. Além disso, a ênfase na negação deixa claro que não há qualquer possibilidade de a garota modificar seu projeto corpóreo.

Katelyn e Ana Beatriz colaboram com as seguintes escolhas sintáticas “tem gente que gosta de gordinha” (Linha 20), “tem homem que gosta de carne” em que os referentes “gente”, “homem” colocam em cena pessoas cujo padrão de beleza evoca mulheres que são avaliadas socialmente por meio do índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “gordinha”. Isso mostra que a magreza não é padrão para todos. Entretanto, Katelyn, ao empregar a escolha sintática em “às vezes...às vezes ...” (Linha 30), coloca os homens em **posicionamento regulado/relacional** como sendo inconstantes, como um tipo de pessoa que não se pode entender (Linha 28). Em contrapartida, Katelyn toma um **posicionamento transgressivo** e se localiza na interação como uma garota que sabe o que quer e que não se deixa influenciar. Ela é agente na construção do projeto da própria corporeidade (SHILLING, 1997) como revela a escolha sintática: “Eu não vou pela cabeça de ninguém.

Se eu achar que estou bem assim//eu estou bem assim//” (Linha 32). Nessa cena, as adolescentes se mostram livres, tomam **posicionamentos transgressivos**, considerando que é socialmente esperado que as feminilidades não sejam seguras e busquem tomar ações que agradem seus parceiros, temendo perdê-los. A cena revela Thyffany e Katelyn se construindo como garotas independentes das ações e pensamentos dos outros com quem interagem no cotidiano. Chama a atenção o fato de não ter ocorrido racialização relacional nessa cena que tematiza o corpo gordo ou magro, evocando uma inferência de que o corpo talvez não seja racializado quando o que está em foco é o peso. No entanto, a cena 8, mais adiante, mostra as adolescentes revozeando discursos em que as mulheres negras ao posicionadas por meio do referente e predicador (WORTHAM, 2001) “gordas”.

Dando continuidade à análise, apresenta-se uma interação e entre as adolescentes no grupo focal, mediada pela leitura de matéria de revista. Como indicado na introdução do capítulo, as cenas dessas interações são precedidas pela análise do texto, neste caso, intitulado “Diário de uma *blond girl*”.

Revista Nova Capricho 09/07/2006.

Título: Diário de uma *blond girl*

Reportagem de capa – pp. 76-79

Repórter: Marcelle Braga

A revista **Nova Capricho** é uma revista quinzenal, uma das mais antigas revistas voltadas para o público adolescente feminino, referido como “garotas” e “meninas”.

A matéria é escrita por uma repórter branca e pode ser vista como uma prática discursiva em que as leitoras são projetadas como um dado tipo de adolescentes. Tal prática discursiva envolve participantes femininos, de diferentes gerações, já que a repórter é adulta, e de diferentes raças, escrevendo/lendo sobre um tópico tradicionalmente feminino. A reportagem ajuda a entender que as identificações de gênero implicam a identificações de raça e vice-versa. Essas identificações são moldadas pelos posicionamentos das feminilidades em relação à categoria

beleza. Assim, a narrativa tem reportabilidade, pois pintar os cabelos de loiro é uma forma de fazer performances de feminilidade e de adolescência no mundo social contemporâneo.

O texto, como prática discursiva, constitui uma performance de narrativa de feminilidade hegemônica, uma vez que, no senso comum, a feminilidade é branca e tem cabelos loiros. Na análise tento demonstrar os posicionamentos que as três adolescentes, personagens da narrativa, ocupam em tal performance, baseando-me nas pistas semióticas multimodais que indexalizam tais posicionamentos (WORTHAM, 2001).

As páginas da reportagem chamam a atenção para a diagramação, pois como explica Guimarães L (2003, p. 67), “a composição gráfica pode contribuir para

organizar, dirigir e acrescentar valores às informações do texto”. Nessa reportagem, as formas e cores e o texto escrito estão combinados de modo a conduzir um enquadre interacional escritor/leitor corroborando determinados significados. Das quatro páginas da matéria, duas delas constam apenas de fotos das participantes e as outras duas páginas são constituídas por fotos e texto escrito.



Na matéria, a seção específica da reportagem de beleza é intitulada “*Diário de uma loira*”. O título, em letras desenhadas à mão, está grafado em cinza e branco, contornado em preto. As letras, por vezes, “tomadas” por formas circulares amarelas, por manchas/respingos de tinta amarela projetadas na página, enunciando que as participantes estão narrando a experiência de serem/estarem loiras. O índice lexical “loira” é usado para a categorização das pessoas segundo a raça. Essa categorização “loira” com significado racializado foi desestabilizada na contemporaneidade com a indústria de

cosméticos que vem sendo sustentada por mulheres e homens que transformam a coloração de seus cabelos e ficam socialmente posicionados como loiros/loiras. A descontinuidade entre “loira” e “determinado grupo racial”, é uma circunstância que me interessa visto que esse trabalho discute modos de entender e construir identificações raciais fora de uma perspectiva essencializada.

A matéria da revista narra a experiência de três meninas morenas, com cabelos compridos que aceitam a proposta de ficar loira por um mês, conforme enuncia o *lead*. A narrativa é contada com o apoio das fotos (na versão antes e depois) das três adolescentes morenas, duas delas com cabelos lisos e uma com cabelos ondulados, que pintaram seus cabelos de loiro. As fotos que mostram as meninas antes da pintura dos cabelos são pequenas, no tamanho 4x4, enquanto que as fotos, que mostram o resultado do processo químico, são grandes, ocupando toda a página. As fotos referentes ao “antes” estão nas páginas com texto escrito e tem anexada, na parte inferior, uma espécie de ficha, com fundo amarelo, que oferece informações sobre cada personagem da narrativa de acordo com os seguintes itens: nome completo e idade, comentários sobre o cabelo da menina antes de pintar e sobre o olhar da família para a proposta de tintura, além disso, a ficha focaliza o que a garota não queria e o resultado do processo de tintura dos cabelos.



A foto de Camila, na página 76, mostra a adolescente com os cabelos loiros em diferentes tonalidades sendo que é mais claro no alto e avermelhado nas pontas e tem o fundo de página na cor preta, colocando todo o foco na imagem da garota, com algumas formas circulares amarelas e pequenas e algumas borboletas e estrelas muito pequenas e amarelas na parte alta e esquerda e em toda parte inferior da página, evocando as leitoras como adolescentes. A garota segura um picolé amarelo que está derretendo de forma que um líquido amarelo escorre por toda a mão da menina, indicando que ela se deixou lambuzar pelo amarelo, ou seja, pelo loiro. Uma legenda, no meio da página, posiciona Camila como um tipo de menina capaz de reivindicar e que, após a pintura do cabelo, luta “pelo direito de ser loira e inteligente”. A foto com as garotas Júlia e Bárbara, na página 79, com fundo de página semelhante ao da foto anterior, focaliza as garotas comendo um cachorro quente lambuzado por um líquido amarelo que, de novo, escorre entre os dedos das garotas.

Bárbara exhibe os cabelos em diferentes tons de loiro. Ela sorri como uma garota feliz, evocando o sentido de diversão que o amarelo, ou seja, o loiro pode gerar enquanto que Júlia, com os cabelos loiros revelando um tom avermelhado nas pontas, tenta dar uma mordida mais agressiva. Uma legenda posiciona Bárbara como uma garota que desfruta os privilégios que o cabelo loiro pode lhe oferecer, por meio dos referentes e predadores “loira, linda e feliz”. Já a legenda que acompanha a imagem de Júlia posiciona-a, por meio de adjetivo, como “alemã desde criancinha”, talvez para justificar sua imagem na foto que não traduz qualquer sentimento de satisfação.

As duas páginas com texto escrito têm o fundo na cor branca e com formas circulares amarelas e manchas amarelas na parte superior e inferior. Os subtítulos da narrativa “confessa, vai...”, “os efeitos” e “alma loira” apontam os posicionamentos interacionais das adolescentes. O primeiro, “confessa”, evoca as adolescentes leitoras da revista como constituindo um tipo de garotas que desejam ser loiras, mas não tentaram adotar essa prática de cabelos. Assim, a repórter apela para que “confessem” o desejo, para só depois apresentar explicações sobre os cuidados a serem tomados por quem decide pintar os cabelos. O segundo subtítulo, “os efeitos”, é usado pela repórter para enunciar, por meio de referentes predadores, três posicionamentos de senso comum da garota loira, a saber, “poderosa”, “loira burra” e pessoa com “autoestima”. O terceiro subtítulo, “alma loira” foi usado para revelar que existe “o jeito loiro de ser”, indicando que as pessoas podem ser morenas e ter uma alma loira. Na experiência vivida pelas três adolescentes, por exemplo, duas delas encontraram a tal alma loira e estão

dispostas a manter o cabelo loiro. Essa seção termina com um convite para o MSN “*blonde forever*”.

A reportagem contém ainda dois textos destacados por um quadro em linha preta. O primeiro, com o título “Querido diário”, foi usado pela autora para dar voz às garotas. Nele o leitor pode ler/ouvir a voz das garotas sobre a experiência de ser/ficar loira. O segundo com o título “*Burra por quê?*” visa oferecer três explicações sobre o emprego recorrente no cotidiano da expressão “loira burra”. A primeira explicação apresentada demonstra que a motivação para que as

loiras ocupem essa posição tem relações com os embates de gênero, envolvendo ainda, fatores econômicos e intelectuais, já que remonta a momento histórico em que mulheres ricas e loiras conquistam diploma universitário e passam a competir no mercado de trabalho. A segunda explicação, abalizada na performance da personagem do filme *Os homens preferem as loiras*”, no qual a loira era uma mulher não muito inteligente que buscava um marido rico. A terceira, seria justificada pela reprodução de enunciados da canção de Gabriel, *o Pensador, Loira Burra*.

O excerto a seguir apresenta a **interação decorrente da leitura dessa matéria**. Na cena, pode-se observar as adolescentes tomando uma agência contestadora que coloca em xeque a presumida superioridade das mulheres loiras para reposicionar, discursivamente as mulheres negras. Nessa interação, a racialização é questão central na construção dos significados dos corpos femininos negros.

Cena 7 – “Ah/ olha o preconceito!?”

01. Ana Beatriz: A maioria das loiras tem cabelo liso / não é?

02. Eduarda: Mais fácil. É.

03. Thyffany: O quê?

04. Eduarda: Chamam mais a atenção, sim.

05. Katelyn: Pra mim o que chama a atenção é a loira // loira, de olhos verdes / de olhos 06. claros.

07. Eduarda: Eu acho que não!

08. Katelyn: Deveriam chamar mais a atenção.

09. Eduarda: Ah/ tá.

P.: Eu já tive uma aluna que contou...

10. Katelyn: Ê/ ê// gente.

11. Pesquisadora: apresenta um exemplo. Será que o namorado da Júlia (personagem do texto 12. lido) não gostou do cabelo dela loiro ou teria sido por ciúmes.

13. Ana Beatriz: Acho que não gostou por causa do resultado que estava causando.

(...)

14. Eduarda: Alma loira! Dá continuidade ao texto... que em dado momento cita o blog

15. *Blond forever*. Eu explico o significado da expressão em inglês. Então/ Angélica 16. intervém:

17. Katelyn: E moreno? Como se fala em inglês?

18. Pesquisadora: Moreno pra eles tem um outro sentido, geralmente se refere a pessoas 19. brancas de cabelo escuro. Eles geralmente se referem às pessoas como branco ou preto.

20. Thyffany: Ah/ olha o preconceito!?

21. Eduarda: Ah/ é? A gente é o que/ então?

22. Pesquisadora: Preto. Todas nós pra eles somos pretas.

(risos)

23.Pesquisadora: Black. Todas nós somos black.

24.Katelyn: (rindo) É/ black forever! (risadas).

25.Thyffany: Black power forever.

26.Katelyn: Black forever. (risos)

27.Thyffany: Não/ Black power forever!

28.Pesquisadora: Black power forever.

29.Thyffany: Não.

30.Pesquisadora: Não?

31.Katelyn: Por quê? Power forever.

32.Thyffany: Black power!

33.Pesquisadora: Black power é aquele cabelão.

34.Garotas: Ah! (risos)

35.Thyffany: Nossa!/ Você / hein. É bóia/ heim// cara. Boiô/hein?

36.Eduarda: Boiou mesmo.

37.Pesquisadora: Mas você pode falar//the power of black forever. Entendeu?

38.Eduarda: Hã!?

39.Pesquisadora: O poder do negro para sempre.

40.Ana Beatriz: Nossa! Profundo/ hein.

A temática da cena acima é o tipo de mulher que chama mais a atenção dos homens. Inicialmente as adolescentes reverberam os modos como as hegemonias posicionam em lugares sociais diferentes as mulheres negras e as loiras. Nesse sentido, as adolescentes fazem uma *racialização relacional* dos modos essencializados como se constroem os corpos/cabelos na sociedade. Por exemplo, elas iniciam associando a mulheres loiras a “cabelo liso” (Linha 1). O índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “liso” evoca as performances socialmente esperadas (BUTLER, 1999/1990): na escolha sintática “chamam mais a atenção” (Linhas 4-5 e 8).

Mostrando-se, portanto, conscientes de que a raça é o fator determinante nos posicionamentos diferenciados para negras e para loiras, as adolescentes, colaborativamente elaboram as próprias percepções sobre os modos como as loiras estão em **posicionamentos regulados/relacionais** em nossa sociedade, no que diz respeito às identidades de gêneros/sexualidades. Elas partem de traços da corporeidade da loira – cabelos lisos e olhos claros (Linhas 1-6) e dão a entender (Linha 8) que a raça é a marca principal que possibilita o privilégio das loiras (Linhas 1 e 2) que contam, em sua maioria, com o cabelo liso. Nesses termos elas atribuem um **posicionamento naturalizado** (Linhas 1-6) a esse tipo de mulher que tem vantagem em relação a outras mulheres no que tange a atrair a atenção dos homens de diferentes racialidades. Cabe ressaltar que as adolescentes estão significando as ações das personagens dessa matéria com base na bagagem culturais

que têm construído em relação aos significados das raças e dos tipos/texturas/cores de cabelos na sociedade. É com base nesses conhecimentos que no entendimento delas, o namorado (personagem da matéria) afirma não ter gostado da namorada com os cabelos loiros, uma afirmação motivada por ciúme ao perceber que ela passou a ser mais assediada.

A partir da Linha 10, observa-se que as adolescentes começam a exercer uma agência, ou seja, uma performatividade contestatória (WORTHEN, 1995) que se traduz em um gesto de indignação em relação à suposta vantagem das loiras. Elas encenam a contestação como um modo de reivindicar **reposicionamento** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) das feminilidades negras. Tomam um **posicionamento contestatório** ensaiando uma resistência por meio da escolha sintática elaborada por Katelyn: “Ê, Ê / gente” (Linha, 10).

Tendo conhecido o significado da expressão “*blond forever*” (Linha 15 e 16), as adolescentes buscam um índice avaliativo (WORTHAM, 2001) para conferir às mulheres negras um **reposicionamento** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) traçando um paralelismo com a mulher loira. Desta maneira, por meio de declarações performativas, essas adolescentes ensaiam um subpolítica (GIDDENS, et al., 1997) capaz de reposicionar (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) as mulheres negras (Linhas 17–21). Esse é um modo dessas adolescentes reivindicarem um **reposicionamento** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999), marcando um paralelismo ao “*blond forever*”. Ou seja, há *performatividades* dessas adolescentes que ao desenhar projetos transgressivos não só afirmam a raça, mas também reivindicam respeito e valorização. Inicialmente, elas reivindicam o **posicionamento regulado/relacional** como morenas por meio da língua inglesa e não encontrando expressão correspondente com igual sentido cultural, elas denunciam que a expressão “*blonde forever*”, reproduzida no texto, é uma ação preconceituosa (Linha 20). Em outras palavras, nessa performance, as adolescentes estão protestando contra os **posicionamentos regulados/relacionais**, historicamente reservados às mulheres negras e estão ensaiando **posicionamentos transgressivos**, os quais tornam possível a materialização do futuro no aqui e agora da cena (CHERRY, 2008). Para tanto, elas reflexivamente tomando a racialização envolvendo a cena, se apropriam da *racialização hegemônica* exercida no texto, por meio da enunciação “*blond forever*” e constroem uma estratégia discursiva de contestação que leva a uma ressignificação das

feminilidades negras. É nesse sentido que enunciam “*black forever*”. Então, se a performance narrativa veiculada na revista faz uma *racialização hegemônica*, as adolescentes contestam por meio de uma *racialização regulada/relacional*.

Na sequência, a cena demonstra que as adolescentes reagem asseverando, por meio do discurso performativo em “*black forever*”. Essa ação discursiva é uma evidência de que essas adolescentes contestam a suposta superioridade da mulher loira e se **autoposicionam** como negras. Em outras palavras, nessa conversa, elas reivindicam uma posição social equivalente à de mulher loira, significada pelo referente e predicador (WORTHAM, 2001) “*blond forever*”. Nas Linhas 21 a 24, observa-se que as adolescentes que se **posicionavam deliberadamente** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) como morenas, ao tomarem conhecimento de que estão, no senso comum dos cânones sociais, assumem **posicionamentos regulados/relacionais** como negras, ou seja, são tratadas de um determinado modo na sociedade. Em reação a esse modo como se vêem localizadas na performance da narrativa midiática, elas empregam um índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “preconceito” (Linha 20) para contestar esse posicionamento. Depois, elas se apropriam da *racialização hegemônica* e fazem uma *auto-racialização* que ao invés de atribuir a elas uma inferiorização, reivindica reconhecimento e valorização por intermédio do referente e predicador (WORTHAM, 2001) “*black forever*” (Linha 24).

Nas Linhas 25 a 38, as adolescentes estão reconstruindo os termos pelos quais se autoposicionariam (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) na sociedade, variando entre *black forever* e *black power forever*. Em outras palavras, estão tomando agência com base nas performances esperadas e estão tomando **posicionamentos transgressivos** e, ações performativas. Nesse jogo, elas evidenciam como lhes sendo relevante performances racializadas de negritudes, mas não julgam importante uma performance que envolveria uma estilização dos cabelos no estilo *black power* (Linhas 31 a 33). Então, podemos observar que, nessa conversa, elas colocam em confronto as seguintes posições: as loiras localizadas em um **posicionamento naturalizado** e discursivamente caracterizadas por meio do índice avaliativo (WORTHAM, 2001) cabelos “lisos” e da escolha sintática “deveria chamar mais a atenção”. Em contrapartida, as mulheres negras são localizadas em um **posicionamento regulado e relacional**, são indicadas no discurso por meio do referente e predicador (WORTHAM, 2001) “cabelão”. Em relação a essa oposição, elas

tomam agência discursiva (Linhas 24-33) visando sustentar seus projetos transgressivos de raça.

A conversa entre as adolescentes pode ser entendida como uma ação subpolítica (GIDDENS et al., 1997) em que elas fazem performances contestadoras (WORTHEN, 1995) os roteiros sociais pré-estabelecidos que posicionam as mulheres negras como pessoas que fazem determinadas performances e reivindicam poder para as negritudes, ou seja, exigem um **reposicionamento** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999). As adolescentes criticam a autoridade textual, questionam-na e constroem um discurso contestador construindo uma oposição entre os discursos que as mídias criam e os discursos que elas reivindicam como importantes para que as mulheres negras conquistem esferas sociais novas é uma performatividade (WORTHEN, 1995).

Na cena seguinte, um **excerto de entrevista no grupo focal**, as adolescentes focalizam alguns estereótipos socialmente construídos que posicionam inferiormente as negritudes.

Cena 8 – “Ah/ pelo amor de Deus/né!?”

01.Katelyn: Igual esse negócio que/ preta/ ASSIM/ gorda/ Porra! Ah /NÃO/ NÃO VOU

02.MEXER COM ELA NÃO / PORQUE ELA É PRETA. Vai me porrar. Preta porra

03.muito. Porque não sei que.

[

04.Thyffany: É. Eu penso assim/ sabia? Que todas negras 05.batem melhor que as brancas!? Eu penso.

[

06. Ana Beatriz: As negras batem muito!

[

07. Katelyn: Negra é barraqueira!

08.Ana Beatriz: Porque não sei que.

09.Katelyn: Ah, não mexe com ela não / oh. Ela é / oh/.

10.P: Isso é um estereótipo/né/gente?!

11. Katelyn: Ah/ pelo amor de Deus/né!?

12. Ana Beatriz: Ah/ fala sério!

13. Eduarda: Isso eu também achei.

14.P: Explica porque é estereótipo.Você nem conhece a pessoa e já acha que é barraqueira/ que

15.bate. Isso é o quê?

16.Todas meninas: E S T E R E Ó T I P O!

17.P:Você acha que negro é o que? É bandido/ é atleta/ pagodeiro/

[

18. Ana Beatriz: Matador!

19.P: Eh//traficante/ entendeu?

[

20.Eduarda: É isso aí/ dona.

21. Ana Beatriz: Verdade!

22.P: A negra é barraqueira/ prostituta// isso é estereótipo. Tem muita negra que não é e tem

23.muita loirinha que é prostituta/ safada/ piranha. Mas eles acham que não//que a loirinha é pra

24.casa::r//

25.Ana Beatriz: É patricinha!

26.P: Isso é um estereótipo.

Nessa conversa, as adolescentes se localizam um **posicionamento contestatório** e tomam agência para contestar os posicionamentos que lhes são conferidos com base nas *racializações hegemônicas*. Elas protestam contra os **posicionamentos regulados/relacionais** por meio dos quais as mulheres negras são socialmente construídas. Estrategicamente, elas se apropriam do referente e predicador (WORTHAM, 2001) “preta” (Linha 1), de índices avaliativos (WORTHAM, 2001) “gorda” (linha 1) e “barraqueira” (Linha 7), de escolhas sintáticas “preta porra muito” (linhas 2 e 3); “as negras batem muito” (Linha 6), de usado para inferiorizar as negras como alicerces de suas contestações. Katelyn (Linha 1) inicia a conversa apresentando uma situação de discriminação da mulher negra “preta é gorda/ porra”.

Elas ecoam vozes sociais que posicionam as feminilidades negras com base nos significados sociais que lhes foram previamente conferidos pelas hegemônias sociais. Katelyn em um **posicionamento contestatório** reproduz discursos socialmente cristalizados que *racializam hegemonicamente* as mulheres negras (Linhas 1 e 2, 6-9). Esse é um **posicionamento interessado** que Katelyn assume nessa performance para contestar os **posicionamentos regulados/relacionais e posicionamentos naturalizados** conferidos às mulheres negras com base em sua raça.

A escolha lexical “preta” dá sustentação ao tom da conversa em que ela se apropria de um termo frequentemente utilizado para inferiorizar as negritudes e busca desconstruir essa representação negativa. Colocando isso de outra maneira, ela se utiliza de um jogo de representação (LEE, 2007) demonstrando que nessa comunidade de prática uma coisa que essas adolescentes fazem é reivindicar um **posicionamento transgressivo** por intermédio de *auto-racializações* em que se **autoposicionam** como negras e, ao mesmo tempo, contestam os **posicionamentos regulados/relacionais** que as inferiorizam enquanto sujeitos sociais pertencentes aos grupos sociais denominados negritudes. Katelyn racializa os **posicionamentos regulados/relacionais** das mulheres negras na conversa adotando o

referente e predicador (WORTHAM, 2001) “preta” usado para evocar as *racializações hegemônicas* em que as mulheres negras são referidas.

Como o objetivo delas nessa cena é exercer a contestação, as adolescentes retomam a estratégia de se apropriar dos discursos das hegemonias. Elas selecionam alguns índices avaliativos (WORTHAM, 2001) referentes às feminilidades negras, marcando uma oposição entre as negras e as loiras com o referente e predicador (WORTHAM, 2001) a “preta” e com os índices avaliativos (WORTHAM, 2001) “gorda” e “barraqueira” e a escolha lexical e escolha sintática “porra muito” e em oposição, usam para se referir à loira o índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “patricinha”. Por um lado, elas se mostram indignadas com os **posicionamentos regulados/relacionais** em que são colocadas as mulheres negras por meio de escolhas sintáticas como “Ah/ pelo amor de Deus/né!?” (Linha 51) e “Ah/ fala sério!” (Linha 52). Por outro lado, elas reverberam os **posicionamentos regulados/relacionais** socialmente reservados às negras ao mesmo tempo em que elas conferem às loiras **posicionamentos naturalizados** como simplesmente “patricinhas”. As adolescentes indicam que estão conscientes de que isso ocorre em nossa sociedade e acreditam que isso deve acabar. Colocando de outra maneira, o que elas fizeram nessa cena foi construir um jogo comparativo entre os **posicionamentos naturalizados** das loiras e os **posicionamentos regulados/relacionais** das negras.

A seguir, analiso o texto “Beleza made in Brazil”, veiculado na revista **Uma** e que mediará a interação entre as adolescentes na próxima cena.

Revista Uma, ano 6, nº 60, Setembro de 2005.

Título: Beleza made in Brazil

Repórteres: Carla Gullo, Joana Figueiredo e Tomaz Souza Pinto

Reportagem de capa pp. 22-27

Lead: O sol do Rio de Janeiro não deixa sombra de dúvida: Juliana Paes é, atualmente, o ícone da mulher nacional. Nada que deslumbre essa morena, que parece não estar nem aí para a fama e ainda alfineta os políticos corruptos do país.

O editorial da revista, intitulado “É tempo de grandes transformações” posiciona a leitora da revista como “uma mulher contemporânea, inteligente e emocionante. Em uma palavra, uma mulher especial” (p. 6).

A reportagem exemplifica como “a composição gráfica de uma página, e em especial o uso da cor, incorpora outros

valores à informação considerada principal (o texto)” (GUIMARÃES, L., 2003, p. 48-49). A abertura da reportagem, nas páginas 22 e 23, revela uma foto de meio corpo de Juliana Paes com as duas mãos tocando os cabelos castanho-escuros, levemente ondulados, com algumas luzes nas pontas que ficam mais iluminadas pela luz do sol projetada

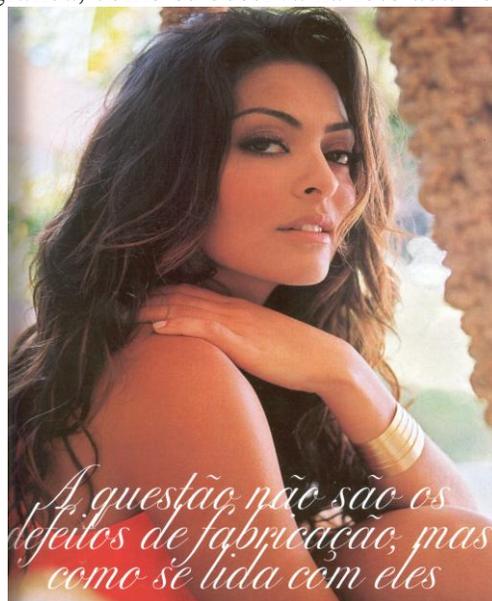
nas costas da atriz e que refletem também em seu braço esquerdo. A foto ocupa toda a página da esquerda e metade da página, à direita. Juliana usa maquiagem natural com foco nos olhos que estão bem marcados por lápis e rímel pretos e iluminados por uma sombra rosa claro. Batom cor da boca e um *blush* suave dá cor às bochechas. A atriz usa uma blusa com casaqueto de crochê feito com fio em tom cru/bege. Um trabalho manual único, criado ponto a ponto de modo a constituir uma peça única e valorizada. Os cabelos compridos caem sobre o colo, os ombros e braços da atriz, evocando sentidos de beleza e sensualidade.



O fundo da página, em tom verde-água muito claro dá luminosidade à imagem de Juliana. O título *Beleza made in Brazil*, à direita da segunda página está impresso em fontes verdes e em itálico. Os referentes e predicadores (WORTHAM, 2001) “Beleza” e “Brazil”, sendo que a palavra Brasil está propositalmente grafada com a letra “z”, evocam o sentido de que se fala de um produto brasileiro da melhor qualidade. Já o item lexical “made in” está escrito

em letras pretas, em fonte normal que associado ao referente Brazil, com “z” e, à roupa fabricada caprichosamente à mão, usada pela atriz “interpela” efeitos de sentidos para posicionar a atriz Juliana Paes como uma mulher tipicamente brasileira, cujo corpo foi especialmente criado.

A reportagem consta de cinco páginas da revista, com quatro fotos da personagem da narrativa. Cerca de 70% da performance narrativa é constituída por fotos e 30% consta do texto escrito. Assim, essa é uma performance narrativa multimodal. Há, ainda, duas citações de fala de Juliana Paes, em letras em itálico, sendo uma citação com letras verdes e outra em letras brancas. Essas citações (WORTHAM, 2001) são declarações de Juliana, que estão ali referendadas pela repórter e acompanhadas de fotos que ocupam a página toda. A autora faz uso dessas citações para posicionar a personagem como uma mulher com poder nessa narrativa, pois além de se tratar de uma reportagem sobre a história de vida dela, também reproduz a voz da personagem em citações diretas que ocupam locais de destaque na composição gráfica, como se observa na foto abaixo:



Além disso, um enunciado em destaque narra uma predicação “Jovem e dona de uma beleza estonteante” e faz uma avaliação - “É natural que Juliana tenha sempre seu fortíssimo *sex-appeal* explorado”, associando beleza-sensualidade. No trecho “*sex-appeal*” está grafado em letras verdes indicando que a sensualidade de Juliana é da típica mulher brasileira. Ou seja, Juliana está, na reportagem, ocupando posicionamento regulado/relacional como uma brasileira típica confirmando o que já foi enunciado no título e no *lead* da reportagem. Os referentes e predicadores (WORTHAM, 2001) “jovem”, “dona” e “beleza estonteante” colocam a personagem da narrativa em posicionamento regulado/relacional, como senhora de uma beleza que alucina, a qual é peculiar às mulheres jovens e, ao mesmo tempo, indicam que por isso a atriz é uma pessoa suscetível a ter sua forte sensualidade explorada. Em outras palavras, no ponto de vista dessa narrativa a exploração de uma mulher bonita fica naturalizada. O trecho é marcado por um jogo de sentidos semânticos conjugados com sentidos semióticos em que se destaca o predicador “fortíssimo *sex appeal*” de tal modo a se veicular a idéia de que é da natureza peculiar da mulher brasileira que Juliana seja uma mulher sensual. E como é natural, ela é sempre explorada.

A performance narrativa é construída de modo a localizá-la em

posicionamento regulado/relacional como uma brasileira típica utilizando os referentes e predicadores “morena”, “um forte ícone da beleza nacional”. A narrativa é iniciada colocando Juliana em uma família tradicional como seria a de grande parte dos brasileiros, são quatro irmãos, pai militar e mãe dona de casa. Juliana, em posicionamento regulado/relacional aparece como boa filha com bom relacionamento com a família a despeito de ter recebido uma educação rígida. A irmã vive nos Estados Unidos por razões econômicas. Juliana, ainda, encena uma garota comum, com dívidas etc.

Para posicionar a atriz como bela, a repórter empregou índices avaliativos (WORTHAM, 2001), tais como, “famosa”, “desejada”, “querida”, “jovem”, “dona de beleza estonteante”, “fortíssimo *sex appeal*” e “invejada”. A atriz também é posicionada como pessoa comum entre os brasileiros no que tange a valores como família e casamento - “sonha com casamento e filhos”, fé e espiritualidade - “espírita praticante”, “dona de muita fé” - e ainda preocupada com o futuro político do Brasil - “fé mesmo ela só não demonstra pelos políticos do país” e “a pior coisa que pode acontecer a um povo é perder a esperança. É algo que nos desestimula a exercer a cidadania. Acho tudo isso uma situação deprimente”.

A seguir, uma interação em que a conversa das adolescentes topicaliza a beleza natural em oposição à beleza fabricada. Nesse contexto, elas rejeitam a possibilidade de que alguém seja apresentado pelas mídias como sendo um ícone de beleza. O trecho abaixo é um **excerto de interação mediada pelo texto de revista**, analisado acima.

Cena 9 – “Ninguém é perfeito para ser um ícone do Brasil/ para ser um símbolo”.

- 01.P. Então vamos lá: (lê a introdução do texto)
- 02.Jennifer: Que é ícone?
- 03.P. (explica o sentido da palavra)
- 04.Ana Beatriz: Ela não tá podendo assim/ não! Não está podendo assim/ não!
- 05.P. Vocês acham que não// por quê?
- 06.Ana Beatriz: Ela não é tão bonita para ser ícone do Brasil/ não. Mas//
- 07.Katelyn: Ícone não é.
- 08.P. Mas por que resolveram falar aqui que ela é ícone?
- 09.Ana Beatriz: Ela não é a única bonita do Brasil. A mais bonita do Brasil.
- 10.P. Será que a palavra ícone traz a ideia de que é a mais bonita/ já que ícone significa 11.símbolo?
- 12.Garotas: Sei lá!
- 13.P. Fico pensando///seria porque ela é morena? Entendeu? Porque uma das coisas como a
- 14.gente já conversou// a questão da loira//. Ela é morena. No Brasil é comum se afirmar que o
- 15.brasileiro/ é moreno!! Que o brasileiro não é preto nem branco é more::no/porque as outras
- 16.que eles falam que são bonitas no Brasil são – Gisele Bündchen – loira. Ela [Juliana Paes] é
- 17.morena. Pode ser isso também. Já houve outra morena/antigamente/ no paSSAdo/ que vocês
- 18.não//. É uma outra geração. Pode ser isso/ fico
- 19.pensando. Vamos lá/ né?
- 20.Ana Beatriz: Vamos//sim. (a garota começa a ler o texto)
- 21.P. Que acharam dessa parte? Vamos comentar essa parte?
- 22.Ana Beatriz: Debutante.
- 23.P. Chama a atenção para o trecho do texto que diz “a morena é o mais forte ícone da 24.beleza nacional”. Que acham? Vocês veem dessa maneira?
- 25.Garotas: Não/ não!
- 26.P. Por que não?
- 27.Katelyn: Ah/ ela// não acho ela isso tudo/ não!
- 28.P. Por que/ gente?
- 29.Katelyn: Acho que há mulheres mais bonitas que ela //// das brasileiras.
- 30.Ana Beatriz: [Aí] Parece que ela é a mais bonita do mundo.
- 31.P. Mas os homens/// parece que votam nela.
- 32.Jennifer: Tem _____ .
- 33.Katelyn: Tem/ também o bar da boa.
- 34.Eduarda: Ah/ eh// aquela propaganda da televisão.
- 35.P. Então/ acho que a escolheram porque propaganda de cerveja é feita para homem.
- 36.E os homens votam muito nela. Mas vocês não acham isso. Por quê? Quero que vocês deem
- 37detalhes. Que vocês veem nela que não é tão/// assim.
- 38.Ana Beatriz: Será///
- [
39. Eduarda: Será? Eu não acho/não!
- 40.P. Por quê? Em que sentido?
- 41.Ana Beatriz: Ninguém é perfeito. Que nem eu vi num/ num/// na televisão. Em um 42.programa de computador/// ele disfarça marcas/ essas coisas. Ela não é perfeita.
- 43.Eduarda: E ela até falou que não é//. Ela tem celulite. Ela tem estrias.
- 44.Ana Beatriz: Ela usa esses/ esses programas de computador para disfarçar/ não sei o
- 45.que// marcas/ celulite.
- 46.P. Hum/ hum.
- 47.Ana Beatriz: Ah/ não é tanto assim/ não.
- 48.P Sei! Então// vocês estão exigindo que tem que ser perfeita para falarem isso.
- 49.Katelyn: Com certeza!

- [
50. Ana Beatriz e Eduarda: É// tem que ser perfeita!
51. P. Mas/ existe essa pessoa? Quem vocês citariam?

Essa cena faz sentido nessa análise porque o **posicionamento**, conforme aponta Van Langenhove e Harrè (1999), é **reflexivo**, ou seja, quando alguém se posiciona em um dado lugar ao mesmo tempo posiciona o outro. Assim, interessa, por exemplo, observar os modos como a atriz Juliana Paes, é posicionada na matéria e como reflexivamente essas adolescentes são posicionadas. Interessa aqui, principalmente, interpretar os modos como as adolescentes reagem a tais posicionamentos.

A cena acima revela as adolescentes tomando agência para desestabilizar a autoridade textual (WORTHEN, 1995) e da revista em apontar para a sociedade uma determinada pessoa com dada performance de corpo/cabelo como ícone do Brasil. Além disso, as adolescentes se mostram contestando idéias apresentadas no texto como uma verdade sedimentada, possibilitada por performances repetidas de corpos de modo que ganham substância de verdade (BUTLER, 1999/1990). Elas negam que a atriz Juliana Paes seja um símbolo de beleza (Linhas 4-9, 27-30 e 39-47). As ações das adolescentes visam não só uma contestação da beleza da atriz, mas também uma rejeição de que haja a possibilidade de que se aponte uma mulher como ícone do Brasil. Em outras palavras, essas adolescentes rejeitam um símbolo de beleza visto que essa é frequentemente produzida, fabricada por meio de recursos tecnológicos (VIGARELLO, 2009).

Assim, essa cena revela que as adolescentes assumem um **posicionamento contestatório**, em que utilizam como principal meio de exercer contestação escolhas sintáticas. Por exemplo, na Linha 4, Ana Beatriz enuncia “Ela não tá podendo assim/não! Não está podendo assim/não!” A repetição da sentença e do item lexical “não” visam enfatizar a avaliação feita pela adolescente, contestando o **posicionamento regulado/relacional** conferido à atriz pela revista. A expressão “não tá podendo”, usada no cotidiano evoca o sentido de afirmar se uma pessoa é ou não socialmente entendida como sensual. Esse mesmo efeito semântico é reivindicado pelo discurso de Katelyn em “não acho ela isso tudo/não!” (Linha 27). Além disso, exercem função importante nessa escolha sintática a repetição do item lexical “não” que no vernáculo é usado para reforçar a idéia de negação. Na Linha 4, a palavra aparece quatro vezes. Também é importante a pontuação

que denota uma enunciação imperativa. Assim, se, por um lado Ana Beatriz mostra a atriz em um **posicionamento regulado/relacional**, por outro, a construção sintática **reposiciona** a adolescente como uma pessoa que tem conhecimento para significar Juliana Paes nos modos como vem fazendo.

Ana Beatriz continua investindo em escolhas sintáticas para contestar o posicionamento de Juliana Paes veiculado pela revista. “Ela não é tão bonita para ser ícone do Brasil//não. Mas//” (Linha 6). A expressão “tão bonita” reforça a argumentação da adolescente que busca desestabilizar a autoridade textual. A ação de Ana Beatriz é corroborada pela contestação de Katelyn que retoma o referente e predicador (WORTHAM, 2001) por meio do qual a revista posiciona Juliana e nega a afirmação “Ícone não é” (Linha 7). Ou seja, para essas garotas, Juliana até poderia ser posicionada em outros lugares privilegiados de beleza, mas não como “ícone”. Isso fica declarado na dupla negação exercida pelo grupo de adolescente “Não/não!” (Linha 25). Katelyn argumenta a contestação exercida pelas adolescentes nessa cena com a escolha sintática - “Acho que há mulheres mais bonitas que ela/// das brasileiras” (Linha 29) - em que a adolescente estabelece uma comparação entre Juliana Paes e brasileiras, indicando que Juliana está em desvantagem no quesito beleza em relação a outras mulheres.

Talvez, um ponto que motiva a contestação exercida por essas adolescentes seja o fato de que as pessoas não se manifestaram concordando com a nomeação da atriz como sendo ícone (Linhas 9 e 29). Elas, por exemplo, não pensam assim. As adolescentes estão colaborativamente desconstruindo os sentidos veiculados no texto em questão, no qual a atriz Juliana Paes é apontada como um ícone da beleza brasileira. Um dos aspectos que dá suporte à contestação das adolescentes é o fato de que a atriz teria seus “defeitinhas” de beleza e que as tecnologias disfarçam isso (Linhas 41-45). Outra justificativa está abalizada no fato de que um ícone deve ser perfeito (Linhas 42, 49-50).

Nessa interação, as adolescentes estão colaborativamente construindo um sentido de beleza que envolve uma perfeição dos corpos, os quais não apresentariam “defeitinhas” como “celulite” e “estrias”. Para elas, se uma mostra fotográfica utiliza de tecnologias que disfarçam “defeitinhas”, a pessoa fotografada não pode ser apresentada como bonita. O que as adolescentes estão fazendo não é exatamente afirmar que Juliana Paes não é bonita, mais importante que isso, elas se colocam no direito de interrogar a

possibilidade de um corpo que se admite cheio de “defeitinhas de fabricação” (Linha 43) ser declarado como “ícone da beleza brasileira”. Provavelmente essa afirmação soa como uma afronta considerando os **posicionamentos regulados/relacionais** dos corpos negros veiculados nas revistas, peculiarmente, no texto “Quase sereias”, em que as feminilidades negras, apesar de lindas, foram posicionadas como tendo algum déficit de modo que não são de fato sereias (Cf. Capítulo 4, 4.3).

Nessa conversa elas abordam uma questão que caracteriza a sociedade contemporânea quando o que está em questão é a beleza dos corpos, a saber, a fabricação e/ou artificialização dos corpos. Parece que para elas, o uso desses recursos é uma prova de que o sujeito não é belo (Linhas 41– 49). Frequentemente, as mídias apresentam os valores que são gastos por celebridades na construção de seus projetos corpóreos. Contesta-se também o fato de que algumas mulheres têm dinheiro para comprar os diversos tratamentos de beleza ou recebem de graça esses tratamentos porque são celebridades. Em contrapartida, a maioria das mulheres não pode pagar por esses tratamentos. Assim sendo, seria uma afronta afirmar que as mulheres que gozam dos privilégios do acesso aos procedimentos de beleza tenham seus corpos socialmente legitimados como belos.

Pode-se, portanto, dizer que os letramentos dessas adolescentes são exercidos por meio de um **posicionamento contestatório** em que se exerce uma crítica diante do texto em que as adolescentes questionam a autoridade textual e os posicionamentos dos corpos que têm acesso aos recursos de artificialização e ainda assim são colocados em locais privilegiados, enquanto os corpos que não têm acesso aos tratamentos de beleza são categorizados em esferas de inferiorização e são “convidados” pelas hegemonias a compartilhar de construções de determinados corpos como matrizes de beleza. Parece que essa constatação revela também uma consciência por parte das adolescentes de que o belo é o que foi nomeado como sendo belo – ou seja – não há uma verdadeira natureza da beleza. Em vez disso, basta que haja a nomeação de alguém que tenha poder para declarar para que alguém seja belo. Essa consciência possibilita que as adolescentes contestem a autoridade textual que declara a atriz um ícone do Brasil. As adolescentes, portanto, não contestam a beleza de Juliana Paes, elas apenas contestam a necessidade das mídias que em suas narrativas apresentam ícones e por meio deles padronizam o que seria um corpo belo.

A pesquisadora tentou racializar a discussão (Linhas 13-17 e 23-24) tendo como base o referente e predicador “morena” empregado na performance narrativa da revista, mas o tópico não teve repercussão visto que as adolescentes ficaram focadas na autoridade textual que nomeava Juliana Paes um ícone.

A cena seguinte mostra as adolescentes, coletivamente construindo sentidos sobre as mulheres loiras como constantes alvos de atenção dos homens e desqualificando a beleza de muitas mulheres loiras.

Cena 10 – “Loira fica sempre em primeiro lugar!”

- 01.P: E aí/ gente/ então vamos pensar agora essa coisa/ essa situação da loira/ então.Como é que
02.fica essa relação loira e morena? Ou loira e mulata, ou loira e negra em nossa sociedade?
03.Eduarda: Loira fica sempre em primeiro lugar!
04.P: É?!
- 05.Alguém diz baixinho: Eu não acho!
06.Ana Beatriz: Por que/ Eduarda?
07.Eduarda: Porque// Porque elas///
08.Ana Beatriz: Expresse!
09.Eduarda: Elas//ah/ elas chamam mais a atenção. Não sei.
10.Ana Beatriz: Têm pinta de rica/ é isso?
11.Eduarda: Às vezes sim, né. Às vezes sim. Algumas sim.
12.Ana Beatriz: A maioria das loiras///
13.Thyffany: Algumas.
14.Katelyn: Praticamente a maioria/né?
15.Ana Beatriz: Das loiras/ são/ têm.
16.Katelyn: Ou pelo menos o pessoal acha /é.
17.Ana Beatriz: Um carro/ né.
18.Eduarda: Loira///
19.Ana Beatriz e Katelyn : Ah/ tem dinheiro!!
20.Eduarda: Vô em cima. É::
21.Ana Beatriz: É/ vou pegar ela!
(risos)
22.Eduarda: É assim.
23.Thyffany: Tudo é a loiraça/ né!?.
24.Katelyn: Nossa/ que loira::ça. Passou uma loira esquece até da gente. Esquece até que tá
25.conversando com a gente. Bobear a loira pode ser feia//fala – Pô eu tô namorando uma loira//
26.loiraça.
27.Eduarda: É.
28.Katelyn: Pô / quando os outros falam loira você imagina aquela loira/ né.
29.Eduarda: É/ todo mundo imagina/ né.
30.P: Às vezes nem é.
31.Ana Beatriz: Aquele corpão/ aqueles olhos.
32.P: Então vocês acham que [[a loira]] tem pinta ou as pessoas acham que é rica. Mesmo que
33não seja bonita e tudo.
34.Ana Beatriz: É.

Nessa cena, as adolescentes reverberam os modos diferentes em que as mulheres negras e loiras são posicionadas. A interação focaliza, de acordo com o senso comum, os **posicionamentos naturalizados**, assumidos pelas mulheres negras e loiras que desvelam o embate de gênero feminino crucial entre as mulheres – a suposta superioridade da loira em oposição à inferiorização da negra. A cena mostra as mulheres negras em **posicionamentos regulados/relacionais** os quais também são conferidos pelas brancas na perspectiva das relações de gênero. Todavia, no que tange às relações raciais a branca assume um **posicionamento naturalizado** de privilégio. Solicitadas pela pesquisadora para que discutissem a questão, Eduarda posiciona interacionalmente (WORTHAM, 2001) a loira por meio da escolha sintática “em primeiro lugar”, cujo valor semântico vem modificado pela escolha sintática “sempre” na enunciação “loira fica sempre em primeiro lugar” (Linha 4). Por intermédio dessa enunciação, as adolescentes revozeiam avaliações e **posicionamentos naturalizados** das mulheres loiras.

Colaborativamente as adolescentes re-constroem significados socialmente construídos sobre as mulheres loiras que explicariam por que essas mulheres ficam em primeiro lugar. As adolescentes ensaiam exercer uma contestação questionando o lugar social ocupado pelas mulheres loiras. As escolhas lexicais e sintáticas “chamam mais a atenção” (Linha 10) e “têm pinta de rica” (Linha 11) revelam Eduarda e Ana Beatriz reverberando os **posicionamentos naturalizados** das loiras como mulheres que supostamente exercem poder de sedução e têm poder econômico. Além desses exemplos citados, as garotas estão discursivamente reproduzindo significados cristalizados sobre a mulher loira em escolhas sintáticas como “têm um carro” (Linha 16 e 18) e “têm dinheiro” (Linha 20). Considerando que segundo Van Langenhove e Harrè (1999), os **posicionamentos** podem ser **reflexivos**, ao localizar as loiras em **posicionamentos naturalizados**, as adolescentes, estabelecem uma oposição entre mulheres ao conferirem às mulheres negras **posicionamentos regulados/relacionais**. Ou seja, elas evocam as cristalizações de senso comum porque as negras construídas como pobres ocupam o último lugar na escala de gêneros. Portanto, a imagem das mulheres negras não chamaria a atenção. Nessa circunstância, observa-se que há uma racialização hegemônica que inferioriza a mulher negra com base em estereótipos raciais e socioeconômicos.

Além de discutirem os **posicionamentos regulados/relacionais** com base em questões socioeconômicas das mulheres loiras no imaginário social, Eduarda e Ana Beatriz tematizam as relações entre os gêneros/sexualidades. Para tanto, elas revozeiam discursos de masculinidades supostamente empregados em situações do cotidiano. Por exemplo, elas fazem uma citação (WORTHAM, 2001) em discurso indireto livre (Linhas 21 e 22) para mostrar como os homens usam a voz para se referirem a mulheres loiras. Nessas vozes dos homens, escolhas lexicais, sintáticas e coesivas - “vou em cima”, “vou pegar” - conferem **posicionamentos naturalizados** às loiras como alvo dos desejos masculinos enquanto conferem aos homens **posicionamentos naturalizados** como sendo de um tipo de masculinidade socialmente hegemônica, que faz a performance congelada de gênero masculino (BUTLER, 1999/1990) como sendo próprio do macho que “pega” e que “dá em cima” de mulheres.

O referente e predicador (WORTHAM, 2001) “loiraça” coloca as mulheres loiras em um **posicionamento naturalizado** o que as constitui como mulheres poderosas sexualmente pelo simples fato de serem loiras. Thyffany (Linha 24) revozeia os homens dizendo “tudo é a loiraça/né” em que a escolha lexical “loiraça” mostra que a loira está em vantagem. Desse modo, a adolescente corrobora a visão de Eduarda (Linha 4). Também para mostrar a vantagem das loiras sobre outras mulheres, Katelyn coloca ênfase em sua ação discursiva ao revozear uma enunciação masculina, reproduzida no senso comum. “Nossa/que loirara::ça” (Linha 24). A adolescente ao enunciar um **posicionamento naturalizado** que privilegia as loiras nas relações entre os gêneros enquanto coloca as mulheres negras em um **posicionamento regulado/relacional** como um tipo de mulher suscetível a ser esquecida pelos homens quando entra em jogo mulher loira. Isso significa que as adolescentes pensam as relações entre os gêneros como sendo marcada por uma *racialização relacional*, pois os sentidos que são construídos sobre um determinado tipo de mulher com base em sua raça reflete os sentidos construídos em relação a mulheres de outra raça. A escolha lexical, sintática e coesiva “esquece” indexicaliza o **posicionamento regulado/relacional** das mulheres que não são/estão loiras e as peculiarmente negras como mulheres que podem ser descartadas quando uma loira entra em cena. Essa compreensão está evidente nas Linhas 26 e 27, quando Katelyn repete duas vezes o verbo “esquecer” na

enunciação “Passou uma loira esquece até da gente. Esquece até que tá conversando com a gente”.

Segundo essas adolescentes, o índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “feia” associado ao referente e predicador “loira” não modificaria sua posição diante dos homens. Katelyn denuncia isso por meio da citação (WORTHAM, 2001) da voz de homens no cotidiano, introduzida pelo descritor metapragmático (WORTHAM, 2001) “fala” quando enuncia: “bobear a loira pode ser feia// fala – pô eu tô namorando uma loira//loiraça”. A citação (WORTHAM, 2001) retrata um homem fazendo uma performance em que embora esteja namorando uma mulher feia, ele declara com ênfase que tem um relacionamento com uma “loira//loiraça”. A ênfase no referente e predicador (WORTHAM, 2001) “loira” e o referente e predicador (WORTHAM, 2001) no aumentativo “loiraça” são usados para propositadamente conferir um **posicionamento naturalizado** à mulher loira como, simplesmente, loira e, portanto, com poder na perspectiva das relações entre os gêneros. Em outras palavras, a adolescente quer chamar a atenção para o efeito de sentido da categoria loira, que na perspectiva das masculinidades, de acordo com o senso comum, ser loira está além da beleza e de qualquer outro atributo da fisicalidade feminina. Ou seja, para o homem basta que a mulher seja loira. Vale ressaltar que a citação “pô eu tô namorando uma loira//loiraça” revela um homem em **posicionamento regulado/relacional** em relação a outros homens. Ou seja, namorar uma loira é uma forma de se **autoposicionar** (VAN LANGENHOVE, HARRÉ, 1999) como um homem que tem poder sobre as mulheres. Além disso, é uma forma conferir aos homens um **posicionamento** de gênero **naturalizado** como “garanhão”, “pegador”. Em Costa de Paula (2002) observo que os meninos negros afirmam que ter um relacionamento afetivo com uma loira é uma forma de o homem se valorizar. Além disso, eles mostraram ter um entendimento sobre a loira como sendo “naturalmente” bonita, não necessitando de adjetivação. Para eles, na circunstância de estar diante de uma loira e uma morena, por exemplo, o homem escolherá “ou uma morena sinistra, ou uma loira”. Colocando isso de outra maneira, o homem escolhe a loira a não ser que esteja diante de uma morena muito linda.

Katelyn adverte que os modos como os homens falam de uma loira produzem efeitos de sentido que geram uma figura imagética “aquela loira, “aquele corpão”, “aqueles olhos” em que os referentes “loira”, “corpão”, “olhos” são modificados por demonstrativos

que qualificam os sujeitos sociais referidos. Não obstante, as adolescentes nessa interação negociam que não é assim. Dessa forma, inferimos que Katelyn, ao falar de como os homens posicionam a loira está se **reposicionando** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) como garota negra, que tende a ser preterida pelo homem e, mesmo assim, ela é capaz de fazer uma performance de contestação (WORTHEN, 1995) (Linhas 30-36) posicionando a loira como não sendo de fato essa mulher construída pelo imaginário masculino.

Em resumo, as cenas na Seção 5.2 da análise, revelam as adolescentes tomando diferentes tipos de posicionamentos, sendo o contestatório mais usado. Seguem os tipos de posicionamentos:

- **Posicionamento regulado/relacional** – indicado por meio de performances narrativas, citações, escolhas sintáticas, índices avaliativos. Os objetivos das adolescentes quando ocupam esse tipo de posicionamento são: mostrar os modos diferenciados que as mulheres estão/são socialmente posicionadas; confrontar as vozes das mulheres e dos homens em relações heteroafetivas; contestar os modos como estão posicionadas; reivindicar poder nas relações sociais.

- **Posicionamento naturalizado** – identificado por meio de performances em que, de um lado, os homens representam um tipo de homem, geralmente, tomando ações que no senso comum são compreendidas como peculiares às masculinidades hegemônicas como, poder na relação; de outro lado, as mulheres representam feminilidades sujeitas à reclamação dos parceiros. Também foi identificado esse posicionamento nas representações racializadas de feminilidades, em que as loiras são vistas como loiras sem necessidade de uma categorização e nas reverberações de discursos estereotipados em que loiras e negras são construídas como tendo uma determinada natureza.

- **Posicionamento transgressivo** – identificado por meio de performances em que as adolescentes tomam ações que contradizem as performances socialmente esperadas porque elas são garotas e porque são negras. Por exemplo, quando fazem performances de garotas que não tomam ações para agradar o parceiro e não perdê-lo, quando encenam garotas seguras em relação a seus projetos corpóreos e que contestam avaliações sobre suas performances corpóreas.

- **Reposicionamento** – identificado por meio de performances em que as adolescentes tomam agência e saem de posicionamentos de inferiorização que lhes foram socialmente reservados. Os objetivos das adolescentes ao tomar esse posicionamento é contestar os modos como se veem posicionadas pelas hegemonias e reivindicar novos posicionamentos dos corpos femininos negros.

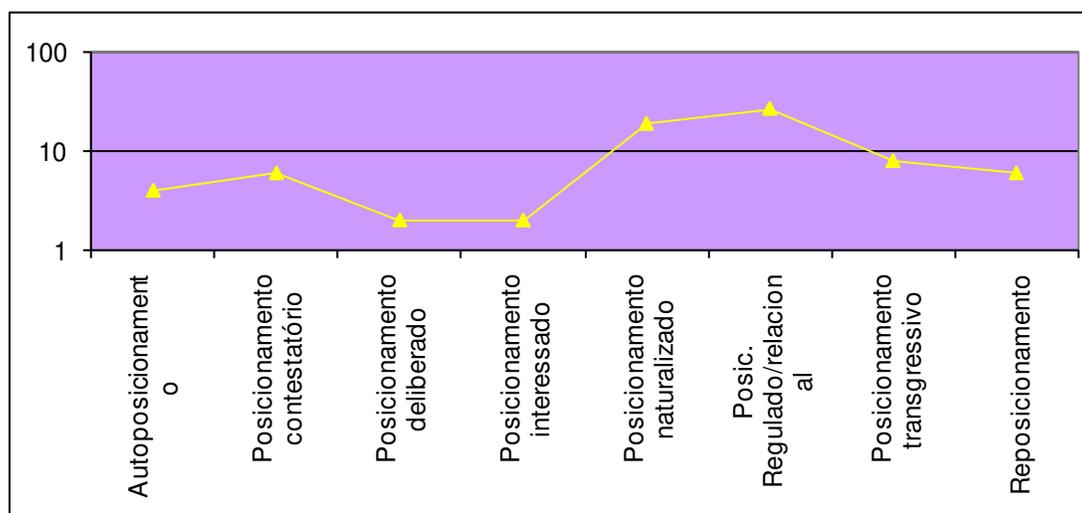
- **Posicionamento contestatório** – indicado por meio de citações, descritores metapragmáticos, referência e predicação, índices avaliativos, escolhas lexicais e sintático-coesivas, declarações performativas e performance narrativa. Os objetivos das adolescentes ao ocupar esse tipo de posicionamento são: mostrar-se saindo de uma posição de vítima; desestabilizar o posicionamento naturalizado de alguém; mostrar-se capaz de transgredir; posicionar alguém, mostrar-se agente de seus projetos corpóreos; exercer performatividade contestatória; reivindicar reposicionamento das mulheres negras; ensaiar posicionamentos transgressivos; ensaiar subpolíticas; reagir aos modos como estão posicionadas; reivindicar reposicionamento respeito e valorização; desenhar projetos transgressivos e criticar a autoridade textual.

- **Autoposicionamento** – indicado por meio de escolhas sintáticas e lexicais. Os objetivos das adolescentes quando tomam esse tipo de posicionamento são: mostrar-se como garotas que tomam agência e são seguras de seus projetos corpóreos e mostrar-se como garotas que não tomam um projeto corpóreo para agradar alguém.

As cenas analisadas revelaram ainda que as racializações em relação os modos como as pessoas são posicionadas são veladas. Essas racializações ocorrem, muitas vezes, por meio de não-ditos. As cenas também mostram que beleza envolve realizar ações esperadas pelo outro. As encenações das adolescentes possibilitam inferir que raça e gênero/sexualidade estão imbricados nas performances e que raça é um aspecto identitário que molda os posicionamentos diferenciados tomados/assumidos por mulheres negras e loiras. Nessa Seção predominaram as *racializações reguladas/relacionais* que possibilitam categorizar o gênero feminino com base na raça. A racialização hegemônica foi apropriada pelas adolescentes como forma de contestação em relação aos posicionamentos que veem lhes sendo reservados. As cenas dessa parte da análise ainda revelam que a *auto-racialização* é uma forma de reivindicar reconhecimento e valorização. Finalmente, as

cenas apontam para o entendimento de que a agência é um instrumento em que projetos transgressivos de raça estão ancorados.

Veja abaixo, o Gráfico 2, que retrata a fluidez de posicionamentos, nessa Seção. Observe que quando falam sobre os modos como os corpos/cabelos das negritudes são focalizados nas revistas e por pessoas com quem as adolescentes convivem, o **posicionamento regulado/relacional** é muito recorrente, reverberando tanto o olhar da mídia quanto o olhar das pessoas e das próprias adolescentes para as performances de corpos/cabelos das negritudes. O modo como as adolescentes se vêem sendo construídas parecem explicar a recorrência importante de **posicionamentos regulados/relacionais** e de **posicionamentos naturalizados**. Isso indica que os significados de senso comum sobre os corpos negros têm base em noções essencializadas de raça e de gênero. É interessante perceber, na visualização do Gráfico 2 o volume de **posicionamentos transgressivos** e **contestatórios**, que aumentaram em comparação com o que se visualizou no Gráfico 2. Essa maior fluidez de posicionamentos encontrados na Seção 2 pode ser interpretada pelo fato de ter acontecido uma gama de reações das adolescentes que elas viam em posicionamentos reservados aos negros e buscam se **reposicionar**. Veja o Gráfico 2:



As racializações, nessa Seção, foram constantes. A racialização regulada/relacional se manifestou por meio de não-ditos e objetivou posicionar as mulheres com base em traços de suas corporeidades. A racialização hegemônica, veiculada em performances nas narrativas midiáticas, posicionou as mulheres negras como “naturalmente” inferiores a mulheres loiras. A auto-racialização foi feita pelas adolescentes

para contestar o posicionamento regulado/relacional em que se encontravam nas performances encenadas.

5.3 RACIALIZAÇÕES E TRANSGRESSÕES NAS PERFORMANCES E PERFORMATIVIDADES

Nesta seção, analiso cinco cenas em que se observa as adolescentes tomando posicionamentos contestatórios e posicionamentos transgressivos no que diz respeito às identificações de raça.

Abaixo apresento a discussão das performances e posicionamentos na narrativa midiática no texto “Cabelos à prova de choque”, veiculado na revista **Raça Brasil**. O editorial não faz qualquer referência a um público-alvo feminino. Escrito por um homem negro, redator principal, focaliza a copa do mundo e o número de jogadores negros nas diversas seleções.

Revista Raça Brasil, Ano 6, n.º 63, 07/[2006].

Título: Cabelos à prova de choque

Repórter: Telma Egle

Reportagem – Tratamentos químicos. Especial de capa, pp. 10-17

Lead: Já imaginou acordar todas as manhãs, passar pelo espelho e conferir um visual impecável, com cabelos bem tratados, de cachos bem definidos ou de fios lisos e com movimento? Parece um sonho, mas é perfeitamente possível.

A matéria “Cabelos à prova de choque” é uma prática discursiva entre uma repórter negra e os leitores da revista, projetados na seção de beleza dessa revista. Embora a revista não seja categorizada como feminina, mas pode-se afirmar que a matéria é uma prática que envolve participantes femininos escrevendo e lendo visto que o tópico em discussão é tradicionalmente feminino. Vê-se também que a configuração gráfica, principalmente a seleção de cores das páginas da matéria visa estabelecer um enquadre naturalizadamente marcado como de feminilidade. Por exemplo, um elemento que contribui fortemente no enquadre, além da temática é o uso da cor

rosa choque como fundo das fotos que compõem a matéria, além de uma versão do rosa, mais próximo do lilás, compondo o título e subtítulos do texto escrito. Como é sabido, a cor rosa simboliza, no mundo sociocultural e também no midiático, o estereótipo da feminilidade. Nessa perspectiva, o texto tem reportabilidade já que seus significados dependem de “experiências e valores reconhecidos culturalmente” (THORNOBORROW, COATES, 2005, p. 12) dos participantes da interação. Nesse sentido, ler/analisar essa narrativa é ser “interpelado” pelos efeitos discursivos que revistas como essa disponibilizam.

Com base nos elementos que constituem a prática sociocultural, o texto escrito, como prática discursiva, é uma performance narrativa (MOITA LOPES, 2010) de feminilidade negra. Na análise, tento mostrar os posicionamentos que os personagens da narrativa ocupam na performance enunciada, ao considerar as pistas semióticas multimodais que indexalizam tais posicionamentos (WORTHAM, 2001).

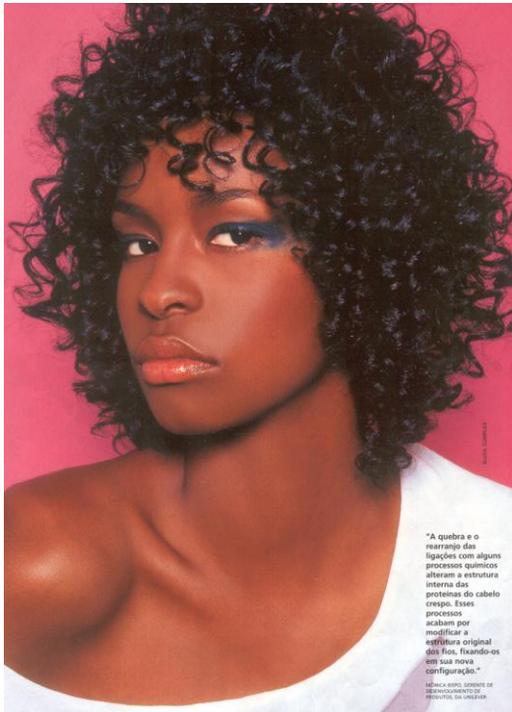
A matéria consta de sete páginas, cerca de 60% delas preenchidas com texto escrito, três delas ocupadas por fotos ilustrativas da matéria. Isso mostra a multimodalidade da prática discursiva das mídias contemporâneas que como analisa Moita Lopes (2010) “com as facilidades tecnológicas, há maior relevância do material visual em detrimento do texto escrito” (p. 138). Entretanto, uma explicação seria o objetivo da matéria: construir e transmitir conhecimentos sobre a estrutura do cabelo, os tratamentos químicos, disponibilizados pela indústria estética contemporânea. Assim, essa performance narrativa tende a ser mais tradicional e a multimodalidade não é tão explorada. Entretanto, isso não quer dizer que o texto não seja multimodal, pois o leitor pode selecionar apenas um texto, delimitado pelos subtítulos para ler, segundo seu interesse de tratamento químico. O leitor pode reconstruir o texto organizando-o em outra perspectiva linear senão aquela apontada pela redatora. E pode, ainda, relacionar o que lê às imagens dos modelos e produzir efeitos de sentidos variados.

A seção da revista em que a matéria está associada é *Tratamentos químicos*, expressão que descreve técnicas agressivas de fabricação de cabelos. Um aspecto interessante do título é a associação semântica entre a palavra “choque”, o nome da seção “tratamentos

químicos” e a cor que delimita a matéria na revista e compõe o fundo das fotos das personagens – o rosa choque. Essa associação possibilita interpretar a matéria como um tratamento de choque nos cabelos e na feminilidade das personagens da narrativa e das leitoras da revista. Pode-se, ainda, afirmar que essa performance narrativa é um tratamento que age como um choque de personalidade, ou seja, que posiciona as personagens e leitoras como pessoas que potencialmente são suscetíveis a um tratamento na feminilidade. Essa interpretação está baseada em estudos feministas tais como Davis (2000) e hooks (2006), os quais problematizam os discursos normativos de gêneros segundo os quais as mulheres negras estão inferiorizadas na categoria feminilidade. Em outras palavras, as bases históricas posicionaram as mulheres negras como masculinizadas, conforme discuti no capítulo 2.

A narrativa é contada com o apoio das fotos de três mulheres supostamente negras que fizeram tratamentos químicos relatados na matéria. A primeira foto, na página 11, retrata um projeto de cabelo fabricado pelo processo químico denominado permanente afro⁶¹.

⁶¹ Permanente afro é um tratamento químico à base de amônia que alisa e promove o encaracolamento do cabelo afro. Sua função é definir cachos em um cabelo muito ‘frisado’. É indicado para cabelos afro, muito crespos e carapinha (Revista **Raça Brasil**, 2006, p. 12).



Sobre o plano de fundo rosa choque, a imagem evidencia o ombro direito nu, levemente projetado para frente. Esse gesto revela esse tipo de mulher como sendo forte. Também chama a atenção para a pele da modelo apresentando uma textura homogeneamente lisa e aveludada, portanto, valorizada nos padrões de beleza. A despeito da sombra em azul escuro sobre os olhos, a maquiagem segue um padrão natural como foi observado em outras matérias da revista **Raça Brasil**. Do rosto saltam olhos negros com olhar intrigante e a boca bem delineada. Os traços são delicados. Os cabelos curtos, intensamente negros, com cachos pequenos, demarcados pelo processo químico, caem sobre a testa e o pescoço. A modelo usa uma blusa branca que contrasta com a sua pele e o fundo rosa choque. Todos esses elementos associados posicionam a modelo como alguém que tem uma beleza selvagem/exótica.

Veja a seguir a imagem da modelo que exibe cabelos tratados por meio da técnica do relaxamento.



A segunda foto, na página 15, retrata uma jovem mulher, usando blusa branca no modelo tomara que caia, exibindo os dois ombros nus. A modelo tem "rosto delicado", com lábios e nariz "afilados", usa maquiagem natural que deixa ver uma sombra rosa nos olhos, lápis preto e batom rosa claro. Mais uma vez o foco está na modelo e não no cabelo, tópico da narrativa. O fundo rosa claro aliado ao sorriso e olhar vivaz da modelo que usa batom e sombra na cor rosa claro e blusa branca posicionam-na como uma beleza romântica e feminina. Os cabelos supostamente relaxados, com volume na medida certa, na altura dos ombros exibem ondas pequenas, não muito demarcadas, foram penteados de modo a emoldurar o rosto. Os cabelos foram iluminados por luzes em tom acobreado.

A terceira foto, na página 17, revela um projeto de cabelo fabricado pelo alisamento (cf. anexo). Sobre o plano de

fundo em *tie dye*, com o rosa claro na parte superior e o rosa choque na parte inferior. Observa-se que o foco está nos cabelos lisos da modelo que ocupam 80% quase toda extensão vertical da página. Como nas fotos anteriores, chama a atenção a pele da modelo e a maquiagem natural. Essa modelo sua batom cor de rosa, um lápis preto sob os olhos e uma sombra dourada que se confunde com a cor da pele da modelo. Os cabelos, supostamente alisados, aparentam uma naturalidade contrariando algumas avaliações feitas por pessoas nas práticas cotidianas de que o alisamento deixa o cabelo com uma aparência de uma textura forçada. Os cabelos longos e pretos, com mechas douradas na franja e nas pontas caem sobre os ombros e o colo da modelo, posicionando-a como uma mulher negra com cabelos alisados com um resultado natural. Considerando a primeira matéria da revista **Raça Brasil** analisada, pode-se dizer que essa modelo está na posição de uma mulher “quase sereia”, com seus cabelos compridos, abaixo dos ombros. Além disso, ela está em uma posição de uma mulher feminina, considerando o rosa mais claro em quase toda extensão da página. As três fotos são acompanhadas de um pequeno texto, como se fosse uma legenda que tematiza o processo químico no relatado focalizando os cuidados a serem tomados antes e depois do tratamento químico.

O primeiro subtítulo “Biótipo especial”, em letras na cor rosa revozeia o senso comum de que a mulher negra tem DNA peculiar. Assim, está na matéria posicionada em conformidade a uma visão de raça associada à genética. Portanto, pode-se dizer que essas personagens foram selecionadas e posicionadas no texto segundo uma visão essencialista de raça.

Dando prosseguimento à análise, passo a discutir os posicionamentos dos

personagens e das leitoras no texto escrito. O *lead* funciona como um enquadre interacional pressupondo uma leitora como uma mulher que sonha/deseja os projetos de cabelos que a matéria focaliza. Os predicadores “cachos bem definidos”, “fios lisos”, “com movimento” indicam as duas opções que a revista sugere às leitoras. A primeira oração do texto posiciona positivamente as mulheres com cabelos pretos por meio do índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “em alta”. Entretanto, a argumentação aponta que a causa dessa alta é mercadológica, conforme revelam os referentes e predicadores “números da indústria”, “números estatísticas de crescimento da indústria”. Como se lê no final do primeiro parágrafo, “a oferta de produtos capazes de transformar cabelos rebeldes em cachos bem domados ou em lisos bem comportados”, a matéria não está de fato veiculando uma informação de que o cabelo cacheado está na moda. Em lugar disso, a matéria ressalta os investimentos da indústria cosmética em produtos químicos para tratamentos desse tipo de cabelo.

Assim sendo, há um jogo estratégico de marketing que deixa indeterminado o efeito semântico das expressões: cabelos “crespos em alta” e “produtos capazes de transformar cabelos rebeldes”. Se considerarmos que, geralmente o predicador “crespo” significa cabelos de pessoas, socialmente posicionados como negras. Assim sendo, a matéria está de fato, afirmando que a indústria cosmética está investindo fortemente no mercado de produtos para pessoas com esse tipo de cabelo e a primeira oração do parágrafo foi construída de modo a levar a leitora menos atenta a inferir que seus cabelos crespos estão sendo posicionados como belos.

Na sequência, o texto focaliza uma mulher mestiça e a posiciona por meio dos predicadores, “surpreendentemente bela”, como sendo um tipo de mulher cuja beleza é inesperada e gera surpresa. Com esses predicadores associados aos referentes e predicadores que reverberam visões essencialistas de raça como “etnia”, “negras”, “mulatas” de “um biótipo especial”, o texto posiciona as personagens da matéria e as leitoras como suscetíveis a um determinado tipo de pele “com aspecto mais firme”, de aparência “jovem”, “dentes alinhados e brancos” e “vasta cabeleira crespa”. Assim, o texto define a mulher “negra” ou “mulata” que é, potencialmente, leitora do texto.

Depois, metapragmaticamente, por meio de citações diretas, a repórter explica sobre a constituição do cabelo crespo. As citações comparam cabelo liso a cabelo crespo. O cabelo liso é predicado pelos índices lexicais “perpendicular”, “distribuição uniforme ao longo do fio” enquanto o cabelo crespo é predicado por “crescimento oblíquo”, “forma de haste distorcida”, “distribuição da oleosidade não chega à ponta do fio”. Com base nas diferenças entre os cabelos, a repórter introduz a proposta dos tratamentos químicos para “alterar a estrutura dos fios e dar-lhes uma nova forma”.

A narradora dá voz a especialistas em cabelos e profissionais que têm experiência em contato com mulheres negras. Na matéria, a leitora tem acesso à voz do cabeleireiro das mulatas do Sargenteli, que afirmou: “cabelos é personalidade, pode revelar muito sobre você”.

A repórter está metapragmaticamente posicionada de sorte que sua voz é considerada como tendo autoridade decorrente da experiência de muitos anos de trabalho com mulheres socialmente categorizadas como negras. Outra citação do cabeleireiro, “com cabelos bem tratados,

elas se sentem mais seguras na hora de conquistar uma vaga no mercado de trabalho, conquistar um novo amor e isso é ponto fundamental na construção de sua autoestima”, posiciona a mulher negra como um tipo de pessoa vulnerável em algumas esferas da vida social como, “trabalho”, “relacionamento amoroso” de maneira a ter consequências na sua autoestima.

Na sequência da matéria, são apresentadas explicações sobre os tratamentos químicos: permanente afro, relaxamento e alisamento. Os textos são constituídos por questões das leitoras e respostas dos consultores de beleza da revista. Há também um quadro com informações sobre “A estrutura do cabelo”. Os subtítulos existentes “enrolou”, “encolheu” e “esticou” revozeiam verbos que nas práticas discursivas cotidianas, inclusive canções da MPB⁶² como são utilizados para reproduzir visões estereotipadas sobre cabelos crespos, as quais posicionam negativamente as pessoas que têm esse tipo de cabelo.

⁶²Alguns exemplos: Aquarela do Brasil/ Nega do cabelo duro. Composição de Ary Barroso, Rubens Soares e David Nasser, interpretada por Elis Regina. Nega do Cabelo Duro. Composição de Luís Caldas, interpretada por Beto Barbosa. Nega do Cabelo Duro, Composição de Rubens Soares e David Nasser, interpretada por Marcelo D2.

Abaixo se apresenta a **interação das adolescentes mediada por essa matéria.**

Segundo as adolescentes, as mulheres brancas e negras adotam práticas em busca da beleza porque ambas estão insatisfeitas com alguma coisa em seus corpos/cabelos. Nessa busca, as duas mulheres sofrem, mas as negras sofrem muito mais.

Cena 11 – “As mulheres/ independente de serem negras ou não/// vão passar horas no cabeleireiro. Vão sofrer as mesmas coisas.”

01. Ana Beatriz: Agora// as mulheres/ independente de serem negras ou não/// vão passar 02.horas no cabeleireiro. Vão sofrer as mesmas coisas.
03. Eduarda: A negra vai ter um pouco mais de trabalho//. Pra ter um resultado melhor// vai ter
04. que colocar química!
05. Diná: Se passar o pente quente não fica cheio?
06. P. Os efeitos dos sentidos do que é um cabelo bom são os mesmos em todas as mulheres?
07. Eduarda: A negra/// é mais trabalhoso.
08. Katelyn: Há negros que têm cabelo liso.
09. P. Há outros efeitos na pessoa?
10. Eduarda: Não.
11. Katelyn: O resultado pode até ser parecido/mas...
12. Ana Beatriz: Acho que a negra tem mais preocupação em cuidar/manter.
13. P. quais os efeitos do cabelo voltar ao normal? Como essa mulher vai se sentir?
14. Katelyn: Ah// eu ia ficar triste!
15. Eduarda: Normal!
16. Katelyn: Já estaria acostumada com aquele cabelo lisinho///! Aí os homens não vão olhar
17. mais/ como antes. Vou querer fazer de novo.
18. P. Que acham? Será que quando se afirma que a mulher branca e a mulher negra
19. estão insatisfeitas com o cabelo quer dizer a mesma coisa? É o mesmo tipo de 20. insatisfação?
21. Katelyn: Acho que a negra sofre mais!
22. Eduarda: Mas a menina de cabelo duro já estava acostumada antes//. Eu aceitaria numa boa.
23. Katelyn: Acordo// não estou com aquele cabelo assim// mais fácil de arrumar. Ter que
24. enfrentar o sacrifício de fazer tudo de novo//. Ah/ eu não aceito isso/não.
- (...).
25. Ana Beatriz: Imagine essa situação. Uma conhecida minha, de BH⁶³//. Ela conheceu o cara e
26. não contou antes de casar//. Não contou por vergonha de contar.
- (...)
27. Eduarda: Um carinha conhecido pelo MSN. A moça começou a conversar com o cara e
28. sentiram-se atraídos um pelo outro. Ela tinha uma amiga loira/ do cabelo bom. Então/ ela
29. enviou a foto da amiga pra ele e ele sempre acreditando que estava tendo algo com a loira.
30. Thyffany: Ah// vi essa história na TV. O cara ficou com ela assim mesmo.
31. P. O que significa isso?
32. Eduarda: Ele pode ter escolhido só ali também/né?

Ana Beatriz, por meio de **posicionamento deliberado** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) se engaja nessa prática discursiva indicando que dispensar tempo cuidando

⁶³ BH é uma abreviatura para a cidade de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais.

do cabelo é uma performance de gênero e que independente da raça da mulher, pois beleza é uma questão de gênero. Para a adolescente, as mulheres estão sujeitas a “passar horas no cabeleireiro” (Linhas 1 e 2) e isso é uma forma de fazer o gênero feminino. Além disso, para essa garota os cuidados com os cabelos estão além da raça. “Negras ou não// vão sofrer as mesmas coisas” (Linhas 1 e 2). Nessa perspectiva, por meio de construção sintática em “vão sofrer as mesmas coisas” (Linha 2), Ana Beatriz confere um **posicionamento regulado/relacional** às mulheres negras em simetria às mulheres brancas quando a questão é cuidados com os cabelos. De acordo com essas adolescentes as práticas de embelezamento dos cabelos impõem o mesmo sofrimento às mulheres sem haver diferença entre as raças, ou seja, coloca-as em um **posicionamento regulado/relacional** segundo os valores e crenças previstos nos cânones da beleza (VIGARELLO, 2006).

Entretanto, Eduarda, toma um **posicionamento contestatório** e por meio do referente e predicador “trabalho” oferece uma contestação para a suposta equivalência entre as raças no que tange às práticas de embelezamento dos cabelos. Para essa adolescente, “A negra vai ter um pouco mais de trabalho”. E a justificativa teria como base o resultado dos cuidados que exige da mulher negra “colocar química”. Colocando isso de outra maneira, o referente e predicador (WORTHAM, 2001) “química” (Linha 4) é o elemento por meio do qual o cabelo da mulher negra é entendido como exigindo mais trabalho para que fique bonito (Linha 8). Em decorrência dessa dificuldade, ou por ter esse tipo de cabelo, essa mulher está em um **posicionamento regulado/relacional** que a inferioriza. Entretanto, ambas as mulheres usam procedimentos químicos em seus cabelos. As atuais técnicas de cuidados dos cabelos, como a escova progressiva, por exemplo, são procedimentos químicos utilizados por mulheres negras e brancas.

Na linha 8, Katelyn toma um **posicionamento transgressivo** por meio da escolha sintática “há negros que têm cabelo liso” (Linha 8). Com essa enunciação, a adolescente rompe com a noção naturalizada e estereotipada de que negros têm cabelo “duro”. Na escolha sintática ela faz a escolha lexical “negros”, diferente do referente que ela mesma selecionou na Cena 8, quando propositada e interessadamente fez a seleção lexical “preta” para revozear discursos racistas. A escolha lexical “negros” está modificada pela escolha sintática “que têm cabelo liso” em que selecionou o índice avaliativo “liso”. Katelyn constantemente emprega os índices avaliativos (WORTHAM, 2001): “bom”,

“ruim” e “duro”, que são carregados de avaliação baseada em *racializações reguladas/relacionais*. Então, ao enunciar “há negros que têm o cabelo liso”, ela transgride as performances estilizadas (BUTLER, 1999/1990) do corpo/cabelo negro e coloca em cena “negros”, cujos cabelos “desobedecem” às classificações abalizadas em estereótipos que determinam o corpo negro. Com a escolha lexical “liso” na expressão “cabelo liso”, a adolescente insere esse corpo em uma categorização mais ampla, concernente aos tipos/texturas de cabelos, enquanto cabelo “duro”, por exemplo, insere o corpo em um **posicionamento naturalizado** de inferiorização.

Nessa cena, Katelyn toma uma ação discursiva semelhante, só que em relação à mulher loira. A adolescente afirma que “ela tinha uma amiga loira/do cabelo bom⁶⁴” (Linha 28). Essa enunciação rompe com a noção naturalizada de que a loira tem cabelo “bom”, porque se fosse de fato natural não necessitaria de afirmação. O que estou querendo argumentar aqui é que Katelyn usa o referente e predicador (WORTHAM, 2001), “loira” e o retoma com o índice avaliativo (WORTHAM, 2001) na expressão “cabelo ‘ruim’”. O índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “ruim”, interessadamente coloca a “loira” em uma esfera social em que seu corpo está sujeito a classificações que no senso comum são usadas para posicionar os negros. Assim sendo, Katelyn subverte as regras de posicionamento dos corpos, com base nos cânones de beleza racializados e toma um **posicionamento transgressivo**. Cabe também ressaltar que a adolescente ao tomar esse tipo de posicionamento faz uma *racialização reflexiva*, visto que ela parece criar conscientemente essa performance dos corpos negros e brancos com base em seus interesses políticos de reposicionamento dos corpos negros.

Questionada sobre o que significaria um cabelo bom para as mulheres em geral, Katelyn faz uma escolha sintática com o coesivo “mas” e usa o recurso prosódico em que pela entonação se observa uma suspensão do pensamento, transcrito aqui por meio das reticências (Linha 11) indicando que a mulher negra, por mais que cuide dos cabelos, por mais que adquira um bom resultado nos tratamentos de cabelos terá um *déficit*. Essa inferência de Katelyn reverbera sentidos construídos pelos textos lidos nas revistas, por exemplo, em “Quase sereias” e “Hora de cortar” (apresentando anteriormente nas Seções

⁶⁴ No cotidiano, a expressão “cabelo bom” é frequentemente usada para fazer referência ao cabelo liso. O cabelo “bom” é definido em relação ao cabelo “ruim” e é percebido como mais desejado e mais maleável (BANKS, 2000, p. 172).

4.3 e 5.1, respectivamente). E, talvez, explique o que Eduarda quis dizer ao afirmar que a negra tem mais trabalho. Ou seja, a mulher negra tem mais dificuldade para atingir os resultados conseguidos pelas brancas.

Ana Beatriz, por sua vez reformula os modos como vinha significando as práticas de embelezamento dos cabelos pelas mulheres negras comparando com práticas de mulheres brancas. A adolescente mostra que a mulher negra é localizada socialmente em um **posicionamento regulado/relacional** como insegura em relação ao quesito cabelo, por intermédio do referente e predicador (WORTHAM, 2001) “preocupação”. Ela afirma que a negra tem mais preocupação em cuidar/manter” (Linha 13) revelando que para uma mulher negra o cabelo é frequentemente um aspecto de seu corpo que exige cuidado e atenção, de forma que essa mulher se sente insegura, com relação a sua imagem por causa do cabelo.

A pesquisadora também pergunta às adolescentes sobre a durabilidade dos tratamentos porque até mesmo os tratamentos mais radicais como o alisamento, não transformam a natureza dos cabelos. Assim, os cabelos continuam crescendo com a mesma estrutura e com o tempo ou a mulher repete o procedimento ou terá os cabelos “naturais” de volta. Então, Katelyn e Eduarda (Linha 16) tomam um **posicionamento regulado/relacional** e avaliam a circunstância por meio do índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “triste” e “normal”, respectivamente. Para justificar a tristeza com o fim do efeito dos tratamentos de cabelos, Katelyn cria uma figura imagética para representar uma situação em que acredita que estaria submetida como se pode verificar na enunciação “Já estaria acostumada com aquele cabelo lisinho!/// Aí os homens não vão olhar mais/ como antes” (Linhas 17-18). Essa figura aponta para dois aspectos interessantes dos posicionamentos de Katelyn nessa comunidade de prática: primeiro, a garota se posiciona defendendo que o cabelo não atrai homem (cf. análise da Cena 12), segundo, esse posicionamento interacional (WORTHAM, 2001) de Katelyn exemplifica a fluidez das performances identitárias e constante produção. Katelyn encapsula os significados dos cabelos tratados e os efeitos desse cabelo em sua posição social na enunciação “Vou querer fazer de novo” (Linha 18). Essa é uma questão geralmente focada pelos grupos que contestam os usos de tratamentos químicos, porque segundo eles os tratamentos viciam (cf. Texto “Cabelos à prova de choque, revista **Raça Brasil**), mas é necessário que se façam intervalos entre os procedimentos para o fortalecimento do cabelo, pois o excesso de procedimentos químicos

consecutivos pode levar a quedas dos cabelos, fato que ocorre frequentemente entre as negritudes.

Entre as Linhas 21 e 23, Katelyn e Eduarda negociam o **posicionamento regulado/relacional** mais simétrico de mulheres negras e brancas no que diz respeito a cuidados com os cabelos, posicionamento esse reivindicado por Ana Beatriz, no início da cena (Linhas 1 e 2). Argumentando que a mulher “negra sofre mais⁶⁵” (Linha 21), Katelyn toma um **posicionamento contestatório** por meio da construção sintática “ah/eu não aceito isso/não” (cf. (Linha 24). Para justificar esse posicionamento, a adolescente oferece uma encenação do sofrimento da mulher negra em relação aos cuidados com os cabelos: “Acordo//não estou com aquele cabelo assim/mais fácil de arrumar. Ter que enfrentar o sacrifício de fazer tudo de novo//”. Nessa encenação ela retoma a ideia de que os cuidados com a beleza são enfadonhos (cf. Cena 1, Seção 5.1 deste Capítulo) e indica uma vantagem do cuidado com o cabelo “mais fácil de arrumar” pela manhã. A adolescente oferece uma imagem do que as mulheres em geral, e particularmente as negras enfrentam no cotidiano: dispensar tempo tentando arrumar os cabelos quando acordam. Essa imagem desenhada por Katelyn justifica a necessidade de a mulher negra buscar, constantemente procedimentos de artificialização de seus cabelos e, assim, realizar um procedimento após o outro como se estivesse viciada em alisamento, ou relaxamento de cabelos.

O vício pode ser decorrente do privilégio que se consegue com os cabelos lisos. O gozo dos prazeres que os cabelos lisos geram é que levaria a mulher negra a manter os cabelos constantemente alisados. Essa visão contesta a tese de senso comum de que a motivação para o alisamento é a rejeição dos traços fenotípicos socialmente entendidos como marcadores da raça. Assim, muitos julgam que se a pessoa não consegue respeitar intervalos de tempo sem uso de tratamento químico ela teria dificuldade em lidar com /exibir o cabelo como ele é, ou seja, sem ser modelado pela ação de produtos químicos. Portanto, estaria negando os traços corpóreos e conseqüentemente a sua raça. Entretanto, um aspecto que estou defendendo nesta tese é que a construção dos corpos e procedimentos estéticos interessam na medida em que mostram que raça não é fenotípica: raça é construída na performance, por meio dos **posicionamentos regulados/relacionais** que os sujeitos

⁶⁵ Para uma leitura mais aprofundada sobre os modos como mulheres negras e brancas significam seus corpos e constroem identificações veja o trabalho de Costa de Paula (2002).

sociais assumem e segundo os modos como eles *racializam regulada/relacionalmente* seus corpos. Entretanto, cabe lembrar que é a política de vigilância (FOUCAULT, 2001/1979) exercida sobre os corpos negros e de essencializações que gera **posicionamento regulado/relacional** do negro como racista.

Eduarda e Katelyn, “interpeladas” pelos significados que construíram assistindo a programas de televisão, fazem narrativas a fim de exemplificar que mulheres se sentem constrangidas socialmente devido aos cabelos que têm/usam. Na história de Ana Beatriz, a personagem **alisava** os cabelos, mas escondia esse fato do parceiro. E, na história de Eduarda, a personagem, em relacionamento virtual, enviou foto de amiga loira com cabelo “bom”, ao invés de sua própria foto. Ambas as mulheres, personagens das histórias, estão em **posicionamentos regulados/relacionais** racializados, embora a questão racial tenha ficado no campo do não-dito. Essas mulheres estão preocupadas e inseguras porque sabem que seus corpos são *racializados regulada/relacionalmente* na sociedade e, por isso, são inseguras nas relações heteroafetivas em que se engajam e temem ser deixadas, como foi enunciado por Katelyn, na Cena 10 (deste Capítulo). Em relação à narrativa contada por Eduarda, a televisão veiculou que o rapaz teria ficado com a personagem, ainda que ela não fosse loira. Entretanto, Eduarda coloca em cheque o que foi dito por meio da televisão. Assim, ela toma um **posicionamento contestatório** em relação ao que é apresentado na televisão por meio da enunciação “ele pode ter escolhido só ali também/né?”. Essa enunciação é importante porque confirma uma postura que vem sendo adotada por essas adolescentes em diferentes eventos dessa comunidade de prática, ou seja, contestar a autoridade textual, duvidar do que as mídias divulgam (cf. Cenas 2 e 9).

Considerando a liberdade das pessoas fazerem as performances que quiserem, conforme seus propósitos nas interações de que participam, essas situações devem ser analisadas com cuidado antes de se taxar uma pessoa como “racista contra a própria raça”, como se ouve de pessoas negras e brancas no cotidiano. No meu modo de entender, há pelo menos três formas de se compreender/explicar essas práticas: a) afetivamente (psicologicamente); b) político-socialmente (performativamente) e c) relacionalmente (gênero). O campo afetivo (psicológico) refere-se ao entendimento da temporalidade subjetiva (KHEL, 2009) da mulher negra, ou seja, sua autoestima, geralmente, baixa por causa dos estigmas sociais que as *racializações hegemônicas* criam em torno da

corporeidade do negro fazem com que essas mulheres sejam localizadas em **posicionamentos regulados/relacionais** de inferiorização por meio de índices avaliativos (WORTHAM, 2001) como “feióra” e cabelo “ruim”. O campo político-social e performativo (WORTHEN, 1995) ajuda a entender porque muitas mulheres negras podem usar o corpo como instrumento para fazer **performances transgressivas** (cf. Cena 12). Ou seja, possibilitam que os projetos de corpos/cabelos constituam subpolíticas (GIDDENS et al., 1997) de construção identitária resultando em contestação de **posicionamentos sociais regulados/relacionais** que as mulheres negras ocupam e, principalmente, tornando possível ocupar posicionamentos interessados como alternativas aos **posicionamentos regulados/relacionais**. Finalmente, o campo relacional (de gênero) exemplifica os modos como as relações entre as mulheres de diversas raças significam as mulheres negras tendo como base os conceitos de beleza dos corpos/cabelos, que são socialmente construídos e significados e que conferem às mulheres negras **posicionamentos regulados/relacionais**. Essas três explicações são moldadas pelos padrões estéticos socioculturalmente construídos. Esses padrões são os grandes abalizadores das “inserções” dos indivíduos nos contextos sociais, culturais e interacionais.

Dessa maneira, reconheço que os cânones estéticos ditam padrões corpóreos para a sociedade em geral. Todavia, as mulheres negras sofrem mais as consequências das standardizações porque seus corpos são *racializados hegemonicamente* e estão em **posicionamentos regulados/relacionais**. É nessa perspectiva que os corpos femininos negros são significados como marginais. Esse entendimento permite considerar que as adolescentes participantes desta pesquisa têm razão ao afirmar que as negras vão ter mais trabalho ou que as negras vão sofrer mais, até mesmo porque elas poderiam tender a ser pessoas mais insatisfeitas com seus corpos/cabelos. Desse modo, uma coisa que as adolescentes mostram nessa cena é que a beleza é *racializada hegemonicamente*.

A cena que é apresentada na sequência retrata uma conversa entre as adolescentes em **entrevista no grupo focal**. Nela se mostra as adolescentes focalizando o corpo nas interações. Há, nas conversas, uma constante interpenetração dos significados que elas atribuem aos corpos e às performances de gêneros/sexualidades que adotam. O corpo parece ser construído pelas adolescentes como um instrumento político poderoso que elas podem utilizar para realizarem performances de gêneros/sexualidades que julgam

importantes, de modo que se reposicionem (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) nas esferas das relações entre os gêneros.

Cena 12 - “Uma menina com cabelo alisado atrai filé?”

01.P. Mas isso traz algo?

02.Ana Beatriz: Sim.

03.Eduarda: Um monte de filé/dona.

04.P: Uma menina com cabelo alisado atrai filé?

05.Katelyn: Não precisa ser liso/// tem que estar arrumadinho. Tem que estar arrumado,

06.Ana Beatriz: Não existe cabelo ruim ou bom.

07.Thyffany: Cabelo que parece que não penteou!?

08.Ana Beatriz: Tem que estar arrumadinho!

09.((_____))

10.Katelyn: Eu tenho cabelo liso por acaso//? Olha os que já atraí////? Acho que não tem nada de

11.cabelo chamar homem.

12.Eduarda: Se você está com o cabelo sem escova//ninguém mexe. Mas com o cabelo de 13.escova muda 100%.

14.Katelyn: Cabelo duro// duro mesmo// se estiver arrumadinho /// mas [a garota] com 15.aquele corpão/// ...

16.P. O corpo sobrepõe o cabelo?!

17.Thyffany: O corpão!!

18.Katelyn: O corpo////!! O cabelo/ depois arruma!

Nessa cena, as adolescentes constroem a ideia de que os cabelos interferem nas performances de gênero; Eduarda se posiciona como garota heterossexual quando afirma que o alisamento dos cabelos traz “um monte de filé”. Ou seja, ela se **posiciona deliberadamente** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) como uma garota que conquista muitos homens bonitos, como indicam os referentes e predicadores (WORTHAM, 2001) “um monte” e “filé”. Em outras palavras, ela confere **posicionamento regulado/relacional** às mulheres que têm/usam os cabelos lisos e que alisam os cabelos como sensualmente poderosas. Para Katelyn e Ana Beatriz, basta que a menina tenha o cabelo “arrumadinho” para que conquiste parceiros. Assim, ter uma imagem corpórea que possibilite à garota negra se sentir poderosa em relação aos homens não necessariamente exige o alisamento dos cabelos. Entretanto, as performances de gênero/sexualidade (BUTLER, 1999/1990) pressupõem cuidados com os cabelos. De acordo com essas adolescentes, o cabelo deve estar “arrumadinho”. O vocábulo evoca a ideia de *déficit* que aparece nas Cenas (2, 11, 12 e 14). O emprego do índice avaliativo (WORTHAM, 2001) na forma diminutiva “arrumadinho” indica que a aparência do cabelo deve estar melhorada, ainda que apresente deficiências de modo a não ser predicado como “arrumado”, por exemplo. Em outras

palavras, a aparência dos cabelos deve deixar transparecer que houve cuidado com o cabelo, ainda que, não tenha atingido a aparência ideal. O índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “arrumadinho”, associado à escolha sintática “tem que estar” confere um **posicionamento regulado/relacional** à adolescente negra como um tipo de garota que precisa adotar determinados cuidados com os cabelos e que esses cuidados é que irão torná-los arrumados. Em outras palavras, as adolescentes estão assumindo as vozes dos cânones de beleza segundo as quais elas teriam cabelos que exigem cuidados e que dão trabalho. Nessa cena, as adolescentes estão reverberando olhares socialmente moldados que significam seus corpos/cabelos como sempre necessitando cuidados. Elas revozeiam mulheres negras em geral quando reproduzem termos usados por essas mulheres para enunciar fatores envolvendo os cabelos que fazem com que elas sofram.

Ana Beatriz se **autoposiciona** (VAN LANGENHOVE, HARRÉ, 1999) corroborando a visão de Katelyn, porém com uma escolha sintática politicamente poderosa – “não existe cabelo ruim ou bom” (Linha 6). Nessa enunciação com a escolha lexical e escolha do coesivo “ou” em relação com o verbo “existir” marcados pela negativa impossibilita significar os cabelos pelos índices avaliativos (WORTHAM, 2001) “bom” ou “ruim”, cabelos em oposição. Entretanto, Ana Beatriz marca o cabelo das garotas negras pelo referente e predicador (WORTHAM, 2001) “arrumadinho”. Para Thyffany, “cabelo ruim” é aquele que parece que “não penteou”. Haveria cabelos cuja aparência é socialmente significada como não-cuidados, não-penteados. Essas classificações, geralmente fazem referência aos cabelos dos grupos socioculturais excluídos em **posicionamentos regulados/relacionais** em que estão projetados como Outros. Também faz referência a performances de corpos/cabelos como os de grupos sociais que usam *dreads*, por exemplo.

Eduarda insiste na defesa de que o alisamento é uma prática que possibilita às garotas negras fazerem sucesso com os garotos. Ou seja, para ela a performance de corpo/cabelo empodera a garota nas relações entre os gêneros. Ela estabelece uma suposição por meio da escolha lexical, sintática e coesiva centrada no coesivo “se” para argumentar o poder do cabelo liso em “Se você está com o cabelo sem escova/ninguém mexe”, em confronto com a adversativa “mas” em: “Mas com o cabelo de escova muda 100%”, em que ela indica uma certeza de que o cabelo liso empodera a garota.

O interessante nessa conversa é que as adolescentes estão negociando ações com os cabelos que lhes possibilitem ocupar um **reposicionamento** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) nas relações sociais de poder de modo que se sintam garotas na moda e atraentes aos olhos dos homens. Ou seja, elas estão nessa conversa fazendo o gênero, fazendo garotice. A cena revela uma *racialização regulada*, embora as racializações ocorram por meio de um jogo do não-dito, já que muitas vezes elas não nominalizam a raça, não verbalizam que há uma questão racial envolvida (cf. Introdução da tese). Em momento algum essas adolescentes contestam a raça. Elas se mostram desconfortáveis em relação aos **posicionamentos regulados/relacionais** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) que lhes são conferidos com base em suas corporeidades. Isso, no meu modo de entender, é uma evidência de que essas garotas não têm motivos para quererem se tornar brancas, o que confirmaria que o fato delas alisarem e relaxarem os cabelos não significa que elas querem embranquecer. Em contrapartida, as ações discursivas que adotam demonstram uma consciência de que são tratadas de determinados modos devido às *racializações hegemônicas* feitas com base nos cabelos que têm/usam e ocupam **posicionamento regulado/relacional**, por causa dos olhares racializados com que são vistas no mundo (DU BOIS, 2001/1915).

Katelyn, nas Linhas 10 e 11, por meio de escolha sintática, reivindica um **posicionamento transgressivo** na medida em que na enunciação “eu tenho cabelo liso por acaso//? Olha os que já atraí//? Acho que não tem nada de cabelo chamar homem” ela se constroi como uma garota cuja possibilidade de ter sucesso nas relações entre gêneros e desenvolver uma relação heteroafetiva vai além da sua raça e das performances de corpo/cabelo preconizadas como sendo sensuais, no caso, o cabelo liso. Além disso, a adolescente oferece um exemplo em que a garota negra pode construir outros projetos de empoderamento. Novamente, utiliza escolhas coesivas como “se” e “mas” para apresentar uma suposição que sustenta seu ponto de vista. Ela diz: “Cabelo duro//duro mesmo//se estiver arrumadinho// mas a garota com aquele corpão//... Nessa enunciação, o referente e predador (WORTHAM, 2001) “corpão” **reposiciona** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) a garota negra como sendo poderosa, visto que tem um corpo que seria supostamente invejável. Um corpão foi usado no sentido de um corpo “sarado”, com curvas, sob medida. Para essa adolescente, o corpo pode ser parte de uma subpolítica (GIDDENS et al., 1997)

que uma mulher negra pode adotar para reivindicar um **posicionamento contestatório** e/ou **posicionamento transgressivo** de poder nas relações sociais, como historicamente a mulher negra fez, principalmente no período do escravismo (WHITE, 2000). Thyffany se alinha a Katelyn por intermédio do referente e predicador “corpão” dizendo que um corpo muito bonito pode sim não exigir um cabelo socialmente entendido como “bom/bonito”. De acordo com essas adolescentes, o corpo se sobrepõe ao cabelo. Esse entendimento fica marcado pelo item lexical “depois” na enunciação de Katelyn “o cabelo depois arruma”. Cabe, todavia, ressaltar que essa enunciação evoca o sentido de que há a necessidade de se arrumar o cabelo. Entretanto, essa necessidade pode ser adiada, segundo projetos interessados que a pessoa deseja desenvolver e ainda, devido a questões econômicas, como demonstrei na análise acima (cf. Cena 3) . Katelyn oferece outro projeto de **reposicionamento** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) que uma garota negra pode adotar – o corpo. É uma observação interessante porque uma garota que por qualquer questão não possa construir um projeto poderoso de cabelo, teria a alternativa de construir o corpo como um projeto (SHILLING, 1997) que lhe possibilitasse um **reposicionamento** (VAN LANGENHOVE e HARRÈ, 1999) nas relações sociais, abrindo brechas para um posicionamento transgressivo. Assumindo essa visão, a garota toma agência, havendo, portanto, performatividade em suas práticas (WORTHEN, 1995), pois, de acordo com as performances nessa cena, o corpo é lugar de ação política e deve ser usado, nessa perspectiva, para tomar posicionamentos transgressivos e ir além dos lugares sociais que teriam sido reservados (CHERRY, 2008).

Segue uma conversa marcada por racialização reflexiva em que se focaliza a prática de alisar os cabelos. As adolescentes, nessa interação, colocam em xeque os significados social e tradicionalmente construídos de que o procedimento de alisar os cabelos, historicamente adotado por um contingente considerável de mulheres negras, teria como objetivo a busca pela branquitude. Segue cena que mostra uma **interação mediada pelo texto** “Nega do cabelo bom!”, já apresentado anteriormente.

Cena 13 – “Não é ficar branca/mas com aparência de branca//com cabelo BOM!”

01.P. Vocês acham que essas mulheres estavam tentando ser iguais às brancas?

02.Eduarda: Não.

03.Ana Beatriz: Queriam mudar!!

- 04.Katelyn: Queriam ter cabelo liso/né? Porque todo mundo achava que negra não podia ter
05.cabelo bom.
06.P. Quer dizer que alisar não é querer ser branca?
07.Jennifer: Não.
08.Ana Beatriz: Alisar é questão de beleza.
09.Thyffany: É querer mudar.
10.Katelyn: É pra dizer que não tem cabelo ruim!
11.P. Que é cabelo ruim?
12.??
13.P. Quem alisa não aceita que é negra?
14.Ana Beatriz: Claro que não [[é isso]]!
15.Katelyn: Tem gente que não alisa porque não está podendo alisar.
16.P. É uma questão de dinheiro também?!
17.Eduarda: Acho que quer ser branca/sim.
18.Katelyn: Eu não quero ser branca/não!
19.Eduarda: Mas aqui é.
(...)
20.Jennifer: Pasta azulada à base de soda (lendo o texto).
21.Eduarda: Existia uma tal de Lusan/ também/// alisava pra caramba
22.P. É pra ficar branca ou não?
23.Katelyn, Ana Beatriz, Thyffany e Jennifer: Não! Não! Não!
24.Eduarda: É e não é.
25.P. Como distinguir a diferença então?
26.Katelyn: A pessoa quer mudar, quer mudar o cabelo.
27.Jennifer: Não somos iguais ao babaca do Michael Jackson.
28.Eduarda: Não é ficar branca/mas com aparência de branca//com cabelo BOM!
29.Ana Beatriz: Nem todos negros são assim. Nem sempre têm cabelo ruim.
30.Eduarda: Aparência de branco é cabelo bom/ cabelo bonito.

Na conversa acima observamos as adolescentes abordando, nessa comunidade de prática, a questão crucial no que tange às performances de raça e de gêneros/sexualidades das feminilidades negras – o alisamento dos cabelos. O entendimento de raça como performance torna compreensível os posicionamentos interacionais (WORTHAM, 2001) das adolescentes nessa comunidade de prática.

As adolescentes estão construindo uma significação para as práticas de alisamento como uma subpolítica (GIDDENS et al., 1997) de auto-afirmação e desessencialização das performances de cabelos como usualmente se observa alguns grupos de negritudes advogando. Colocando em outra perspectiva, as adolescentes estão *racializando reflexivamente* as práticas de cabelos segundo definições transgressivas de raça em oposição à noção biologizante de raça que leva às performances repetidas e esperadas. Para elas, as performances de cabelo envolvem mudança de imagem da qual já “enjoaram” (cf. Cena 1), buscando um novo visual e, conseqüentemente reivindicando um **posicionamento contestatório** para se construírem como belas.

Na cena acima, as meninas tomam **posicionamentos contestatórios** contra o posicionamento regulado/relacional que é conferido às pessoas que alisam os cabelos devido à crença, socialmente compartilhada, de que alisar o cabelo é uma prática que visa ao embranquecimento. E ao fazer isso elas tomam **posicionamento regulado/relacional** que as localizam nas interações sociais como feminilidades sujeitas a serem significadas como pessoas que buscam ser vistas socialmente como pertencentes à outra raça. Ao mesmo tempo, elas se **reposicionam** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) como adolescentes que *racializam regulada/relacionalmente* seus corpos/cabelos e tomam **posicionamentos transgressivos**, como feminilidades negras na sociedade, fazendo performatividades, tomando **posicionamentos contestatórios**, que não entendem que haja uma linha de coerência determinante de que o autoposicionamento (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999) como negra pressupõe uma dada prática de cabelo. Acredito que é pela crença delas de que não existe um cabelo próprio de negro que estão abertas a atribuir outros significados para práticas como alisar, relaxar os cabelos e até mesmo fazer luzes. Em outras palavras, essas adolescentes apontam que as diversas e diferentes performances corpóreas e usos dos cabelos são “normais” quando não se tem uma visão essencializada de raça.

Se o cabelo socialmente visto como cabelo de negro é/está sempre igual (cf. Cena 1), o que as mulheres negras querem fazer é ter a possibilidade de fazer mulherice, ou seja, “querem mudar” (Linha 3) suas possibilidades de constituir-se em performances de gêneros/sexualidade que transgridem os cânones de gênero/sexualidade (BUTLER, 1990) e beleza *hegemonicamente racializados*. Em outras palavras, elas querem transgredir, pois se estão em **posicionamentos regulados/relacionais** como indica o referente e predicador “todo mundo”, como um tipo de mulher que “não pode ter cabelo bom” (Linhas 4-5); elas tomam um **posicionamento transgressivo** e desafiam as cristalizações dos corpos negros como tendo um cabelo peculiar. Nesse tocante, ter/usar o cabelo liso é uma ação transformadora que poderá **reposicioná-las** (VAN LANGENHOVE, HARRÈ, 1999), socialmente. É nessa perspectiva que Eduarda, Ana Beatriz, Katelyn e Jennifer defendem que alisar o cabelo não necessariamente envolve buscar o branqueamento. Elas mostram que o alisamento é uma forma de tomar um **posicionamento interessado** pelo qual elas podem reivindicar novos lugares sociais de inserção de seus corpos. Esse **posicionamento**

regulado/relacional também envolve buscar privilégios que traços fenotípicos, supostamente recorrentes nas branquitudes, podem oferecer.

Nessa cena, as adolescentes tomam um **autoposicionamento** (VAN LAGENHOVE, HARRÈ, 1999) como garotas que adotam práticas de artificialização dos cabelos e garantem que não almejam a brancura. Ou seja, elas contestam as associações que as pessoas, com base no senso comum, estabelecem de que sempre que uma pessoa negra alisa os cabelos ela busca tão-somente embranquecer. Ao tentar explicar as motivações pessoais para alisar ou relaxar os cabelos, as garotas voltam a empregar a escolha lexical do verbo “querer” (como ocorreu na Cena 1, da primeira parte da análise), para ocuparem um **posicionamento deliberado** (VAN LAGENHOVE, HARRÈ, 1999) de adolescentes que têm desejos pessoais por projetos que moldam a construção e o posicionamento de seus corpos. A escolha lexical “mudar” demonstra que a ideia chave desse projeto, está no desejo “pessoal” por mudança. Em outras palavras, para essas adolescentes, alisar os cabelos é tomar agência, é governar o próprio corpo e, portanto, um ato performativo (WORTHEN, 1995). É transgredir, como se pode observar na enunciação de Katelyn (Linha 4-5) “Queriam ter cabelo bonito/né? Porque todo mundo achava que negra não podia ter cabelo bom”. Em outras palavras, o que a adolescente está advogando por meio das escolhas lexicais e construções sintáticas é que, se o cabelo socialmente visto como de negro é/está sempre igual (cf. Cena 1), essas garotas veem no alisamento uma possibilidade de sair do **posicionamento regulado/relacional** por causa dos cabelos que têm/usam. Katelyn reforça a idéia de que há uma relação entre alisar e transgredir ao situar o projeto do cabelo liso como ação discursiva asseverando que “é para dizer que não tem cabelo ruim”. O referente e predicador e o índice avaliativo (WORTHAM, 2001) em “cabelo ruim”, que frequentemente é usado para posicionar a mulher negra inferiormente está negado na ação discursiva de Katelyn. Nesse sentido, alisar o cabelo é fazer performatividade visto que declara e instaura uma realidade social nova – em que são negadas as estilizações (COUPLAND, 2007) tradicionais de feminilidade negra.

Uma perspectiva também interessante é a elaborada por Ana Beatriz que define “alisar é questão de beleza”. Ou seja, a prática de alisar os cabelos é que possibilita a inserção de mulheres negras nos discursos dominantes de beleza porque antes disso, a mulher negra ficava alijada dessa esfera social e tinha sua corporeidade confinada no lugar

social da feiúra ou, ainda, no não-lugar já que ficava apagada como se não existisse. O referente e predicador (WORTHAM, 2001) “questão” denota os aspectos conflitantes em relação ao tema beleza. Assim sendo, quando uma mulher escolhe alisar seus cabelos ela toma um **posicionamento transgressivo** na medida em que essa ação possibilita que ela vá além das fronteiras que os cânones racializados dos discursos de beleza preconizam e não fique confinada a uma esfera social em que seu corpo está/fica invisível.

Outro aspecto importante nessa cena ocorre por meio da escolha lexical e de escolha sintática, Eduarda utiliza o verbo “ser” para avaliar se mulheres negras que alisam os cabelos querem embranquecer, A garota afirma “é e não é” (Linha 26). Por meio dessa afirmação mostra que o letramento da adolescente é poderoso e ela foi capaz de inferir o que está além das práticas de embelezamento dos cabelos, porque para ela seriam práticas que não transformam uma mulher negra em branca, mas que indeterminam a racialidade dessa mulher na medida em que desestabiliza a imposição do lugar social que lhe fora reservado. Na construção sintática de Eduarda há o sim e o não acontecendo ao mesmo tempo. A busca de embranquecimento é assumida e negada ao mesmo tempo, podendo-se assumir que subjacente à interação há uma tese de que se deve construir esse corpo sendo negro e branco ao mesmo tempo, ou sendo, simplesmente corpo. Trata-se de um **posicionamento transgressivo** poderoso, visto que, o corpo construído está para além de qualquer preceito corporal e social e está situado para além das circunstâncias das fronteiras de raça. Esse paradoxo revela os modos como as identificações sociais são constituídas nas práticas sociais, ou seja, são identificações que não tem a intenção de serem permanentes, fixadas nos corpos daqueles que fazem as performances. As identificações são constituídas nas performances que são relacionais e interessadas. Em outras palavras, alisar os cabelos é uma prática que possibilita à mulher ter acesso a bens sociais, políticos e afetivos até então só conquistados pelas brancas. Então, Eduarda está afirmando que essas mulheres não estão buscando transformação física, mas psicossocial e política. Mulheres negras, ao alisar os cabelos, reivindicam um posicionamento transgressivo que se traduz na valorização social e na autoestima. Segundo Eduarda, o objetivo das práticas de artificialização dos cabelos “não é ficar branca/mas com aparência de branca//com cabelo BOM!” (Linha 28). Isso me remete a Franz Fanon (2008/1950) *Peles negras, máscaras brancas*, entretanto o que quero defender é que as máscaras não querem esconder e não escondem a pele negra, mas que são

performatividades, uma vez que criam brechas sociais para que a pele negra inaugure no aqui e agora um cenário em que não obstante a pele negra as mulheres negras possam encenar papéis sociais de prestígio. Então, se as máscaras brancas permitem expressão, legitimação e valorização dessas mulheres e se elas se sentem bem em, ao invés de exibir a pele, exibirem as máscaras, que elas usem suas máscaras. O importante é que elas saibam o que querem e possam exercer o direito de escolha como exercício de liberdade.

Nessa conversa, beleza não parece ser, para essas adolescentes, uma questão marcada pela raça, mas pela *racialização hegemônica* da textura e/ou tipo de cabelo. Para elas, o que buscam é uma textura que lhes possibilitariam adquirir os cabelos que no campo da beleza sejam considerados “bons” e “belos”, ou seja, cabelos lisos e com movimento. Desse modo, o alisamento seria, para elas, uma subpolítica (GIDDENS et al., 1997) transgressiva que permite uma roteirização das negritudes em novas bases sociais. Isso pode ser comprovado na enunciação de Katelyn, nas Linhas 4 e 5, “Queriam ter cabelo liso/né? Porque todo mundo achava que negra não podia ter cabelo bom”. O que Katelyn parece fazer é significar os procedimentos de transformação das texturas dos cabelos das negritudes como sendo uma prática de contestação que desconstrói a noção cristalizada em nossa sociedade de que a mulher negra tem cabelo duro, conforme ela mesma justifica por meio da construção sintática na enunciação “[o alisamento] É pra dizer que não tem cabelo ruim!” (Linha 10). Inclusive, Ana Beatriz, na Linha 29, aponta para uma questão importante, que não há um só tipo de cabelo entre as negritudes (DU BOIS, 2001/1915) desse modo ela desqualifica o uso da expressão “cabelo ruim” como um índice avaliativo (WORTHAM, 2001) para caracterizar os cabelos das mulheres negras, em uma prática de *racialização hegemônica* e, conseqüentemente, colocar as mulheres negras em um **posicionamento regulado/relacional** de inferiorização.

Além disso, Jennifer mostra que essa conversa é racializada quando posiciona regulada/relacionalmente o grupo como consciente em relação às questões de raça ao afirmar: “Não somos iguais ao babaca do Michael Jackson” (cf. Seção 2.3.2 discussão sobre performance de Michael Jackson). O que Jennifer quer dizer é que elas não buscam um apagamento total das marcas raciais elas querem apenas fazer coisas de garotas adolescentes, sentirem-se bonitas e contestar os **posicionamentos regulados/relacionais**

em que são tradicionalmente posicionadas simplesmente porque são negras em sociedade de supremacia branca.

Há três índices avaliativos sobre a prática de alisar cabelos, na cena acima: para Katelyn, há pessoas que não alisam porque não podem, não têm dinheiro; para Eduarda, há circunstâncias em que algumas pessoas querem ser brancas e há, ainda, a noção de que o cabelo alisado possibilita à mulher negra exercer a ação de escolha sobre cortes de cabelos e penteados, ou seja, fazer o gênero (BUTLER, 1999/1990).

Para melhor compreensão da conversa que será retratada abaixo, como foi feito anteriormente, primeiro apresento uma análise da narrativa midiática que medeia a interação entre as adolescentes na conversa que será apresentada logo depois.

Revista *Raça Brasil*. Ano 12 n.º 115. Outubro de 2007.

Seção – Ponto de vista, Página 34

Editora - Adyel Silva

Título: Nega do cabelo bom!

que

A narrativa midiática envolve participantes do gênero feminino, escrevendo e lendo um tópico especificamente de interesse de feminilidades negras, situações de cuidados com os cabelos. O texto tem reportabilidade (THREADGOLD, 2005), pois trata de uma narrativa de performances de alisamento de cabelos com pente quente⁶⁶ e vaselina, repetidas por mulheres, jovens e crianças negras num ritual familiar e racializado, veiculada em revista para negros. A autora mostra mulheres negras construindo socialmente seus cabelos em um momento sóciohistórico em que não se contava com a diversidade de produtos cosméticos para alisar e relaxar os cabelos. De acordo com o que se lê no texto, infere-se que encenar o corpo feminino negro com cabelo que não fosse o “natural”, exigia performances

envolviam dor e sofrimento.

Ler/analisar esse texto envolve deixar-se “interpelado” pelos efeitos discursivos que a autora, uma mulher negra, jornalista, cantora, compositora e atriz disponibiliza ao narrar sua experiência de alisar os cabelos com pente de ferro quente. A única página em que está veiculada a narrativa chama a atenção porque em vez de exibir a foto de uma mulher negra, como é usual na revista, observa-se a caricatura de uma negra com um cabelo enorme, que se estende por quase toda a largura da página, de modo que o rosto da personagem parece proporcionalmente pequeno comparado ao tamanho do cabelo.



⁶⁶ Pente feito de ferro e cabo longo, que é levado ao fogo para que com o calor alise os cabelos, que devem ser protegidos previamente com óleo ou vaselina.

Também chama a atenção o fato de a cor marrom dos cabelos da personagem e a cor de sua pele, no desenho ser semelhante. Além disso, a personagem tem os lábios grandes e grossos, revozeando discursos estereotipados, cristalizados e essencializados sobre a mulher negra como sendo “beijuda”. Ou seja, a imagem que ilustra o texto contribui para cristalização de discursos estereotipados sobre as feminilidades negras. A boca da personagem está colorida com batom verde e ela exibe, ainda, brincos de argolas verdes e óculos escuros com aros verdes.

O texto verbal é constituído por cerca de 60% da página. Na parte inferior à direita, há um retrato medindo cerca de dois centímetros que exibe o rosto da autora, deixando ver que seus cabelos são/estão lisos/alisados. Não há cor para o fundo de página e as cores usada na matéria: verde e marrom, geralmente, representam a natureza, no caso do verde, e evoca, no texto, a natureza dos cabelos das mulheres negras. Já a cor marrom coloca o foco na história e, ao mesmo tempo, evoca a cor das pessoas racialmente posicionadas como sendo negras. Assim, a performance narrativa em análise é multimodal (KRESS, 2005/2000).

A seção da revista em que se encontra a matéria é denominada “ponto de vista” (escrita no alto da página, à esquerda em letras na cor verde claro, no caso da palavra “ponto” e verde mais escuro, a expressão “de vista”). Essa expressão é usada para indicar que a narrativa midiática veiculada reflete uma visão que pode não ser a predominante e inclusive pode não refletir a visão da revista **Raça Brasil**. A matéria recorda práticas tradicionais de alisamento de cabelos e afirma que os instrumentos e técnicas empregados na contemporaneidade são apenas uma

evolução dos meios usados no passado. A narradora parece defender a ideia de que hoje há vários padrões estéticos disponíveis e que, portanto, haveria liberdade para as mulheres negras agirem na construção corpórea como julgassem interessante. Entretanto, o ponto de vista central é semelhante aos significados socialmente repetidos de que a mulher negra deve assumir os cabelos “naturais” e não adotar práticas de artificialização para “esticar” os cabelos. Esse propósito fica explícito quando a autora diz que aproveitou o dia sete de setembro para declarar a independência dos cabelos. O título da matéria “Nega do cabelo bom!” (escrito em negrito) reivindica uma ação afirmativa da mulher negra em relação a seu próprio cabelo, fazendo uma oposição ao clichê socialmente cristalizado por meio de diferentes canções da música popular brasileira que afirma “Nega do cabelo duro” (veja discussão sobre isso neste trabalho, na página 170).

A performance discursiva revela a narradora posicionando as mulheres, personagens da história e a própria Adyel (no passado) como sendo um tipo de pessoa que se submete a padrões estéticos e sendo dominadas por esses padrões. A autora descreve o alisamento de cabelos como um ato destrutivo. Para mostrar isso, ela utiliza algumas escolhas sintáticas, tais como, “pente de ferro que descansava no calor da chama quente”, “literalmente chiando, tal qual uma fritura” e “a mecha estava esticada”. O ato de alisar os cabelos é situado por meio de itens lexicais que eocam um posicionamento de passividade/submissão das feminilidades negras, no passado. Isso está explicitado nas escolhas sintáticas: “Bolhas se formavam no couro cabeludo” e “As lágrimas escorriam silenciosamente pelas faces das vaidosas refrigerando as suas cabeças”. Por intermédio de uma modalização epistêmica (WORTHAM,

2001) em “lembro-me direitinho”, a autora revela os propósitos das mulheres negras, no passado, “sair dali com os cabelos alisados”. A narrativa mostra uma cena em que mulheres negras estão destruindo seus corpos/cabelos em nome de um padrão, “Tudo em nome da vaidade, tudo em nome do padrão estético que deveria ser obedecido” (análise Adyel).

Nessa narrativa, os instrumentos culturais: o “pente quente de ferro” e a “vaselina”, que envolvem a prática de alisamento dos cabelos das mulheres estão personificados. O pente quente de ferro tem voz, enquanto que a vaselina toma ação. Já o objeto cultural “vaselina”, por meio do processo de personificação é situado na narrativa agindo sobre os cabelos por intermédio do item lexical “uma lambida”. Finalmente, o referente e predador “pente” é posicionado tendo voz, como revela o verbo metapragmático (WORTHAM, 2001) “anunciava” em “o pente anunciava que a mecha estava esticada”, ou seja, a autora introduz uma “voz” indireta do instrumento cultural. A “voz” do pente está moldada por um item lexical “literalmente chiando”, propositadamente usado para que a narradora estabelecesse uma comparação entre a técnica de alisamento retratada com uma “fritura” (na cozinha).

O índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “esticada” avalia a prática de alisamento de cabelos com o pente quente como um ato forçado que investe sobre os cabelos. Para argumentar a “brutalidade” do ato de alisar os cabelos a autora agrega à descrição da técnica de alisamento alguns resultados da ação, que são nomeados por meio dos referentes e predadores (WORTHAM, 2001) “bolhas” e “lágrimas”. Contribuindo para avaliar a ação de alisar como um ato que provoca dor, sofrimento, a autora chama a atenção para o fato de que as lágrimas

eram silenciosas na enunciação “as lágrimas escorriam silenciosamente”. Essa ação enunciativa demarca um suposto posicionamento de submissão das mulheres negras que adotavam tal prática de alisamento de cabelos. A narradora encapsula a experiência dolorosa de alisar os cabelos por meio do item lexical “tudo”, em um enunciado marcado por uma relação de causa e consequência em “Tudo”, ou seja, o cabelo “frito”, as “bolhas no couro cabeludo” e as “lágrimas” eram consequência das causas – vaidade e padrão estético. “Tudo” que a mulher negra vivenciava em relação aos cabelos era “em nome da vaidade” e “em nome de um padrão estético”. Em outras palavras, a performance narrativa mostra mulheres negras se submetendo a situações dolorosas porque seriam vítimas de standardizações de beleza

É interessante observar que a autora faz uma avaliação sobre o causador dos sofrimentos provocados pelo padrão estético, “que deveria ser obedecido”, mas não discute sobre a vaidade. Ou seja, a autora coloca essas mulheres como “vítimas” do “padrão estético”, mas se esquece de que não existe a vítima como defende Gregori (1993). No caso da narrativa, havia a vaidade das mulheres motivando as práticas de alisamento. Havia a vontade de alisar. Naquele momento da vida daquelas mulheres, o alisamento, ainda que doloroso, era importante e parece que envolvia não só o cabelo liso, mas também o ritual de mulheres negras de diferentes gerações e estilos de vida, estarem falando de suas sociabilidades e, mais importante, estarem constituindo uma “comunidade de prática” (WENGER, 1999), faziam performances de raça e gênero/sexualidade. Nesse tocante, essas mulheres não estavam ali passivas, como foi narrado, ao invés disso, nas palavras de Fry (2007, p. 324), elas estavam

“envolvidas numa sociabilidade intensa que está a um passo da formação de uma identidade ‘negra’ coletiva que pode ir além do interesse comum de produzir beleza”.

Na sequência, a autora introduz outras técnicas de alisamento que também eram usadas na época: “a pasta azulada⁶⁷” e o “henê⁶⁸”. Tais técnicas também são avaliadas negativamente nas enunciações “a pasta azulada à base de soda causava feridas horrosas” e “o henê deixava os cabelos pretinhos pretinhos” (essa característica desse alisante cristalizou um clichê em relação as mulheres negras que alisam os cabelos com esse produto e ainda hoje são referidas em conversas do cotidiano como “aquela” que tem cabelo de henê”.

Considerando o ato de adotar práticas de alisamento dos cabelos a autora posiciona igualmente as negras americanas nos seguintes termos: “as negras de lá também esticavam seus cabelos e abusavam das perucas lisas”. Vale salientar que a narradora se refere ao alisamento e ao resultado da técnica por meio do verbo “esticar” que evidencia o efeito semântico de que se trata de uma prática cujo resultado é forçado. Também é curioso o fato de a narradora criticar o uso de perucas pelas americanas. A enunciação deixa transparecer que o problema está no cabelo “liso” das perucas. Desse modo, o ato de usar perucas não é problematizado quando também poderia ser indicativo de que se busca adequar ao padrão. Parece, então, que a contestação não se refere ao uso de processos de artificialização dos cabelos que podem influenciar a saúde e a qualidade de vida das mulheres como

parecia inicialmente. Nessa narrativa, o problema é o cabelo “liso”. Essa é uma contestação abalizada em uma visão essencialista de raça que demarca fronteiras entre os cabelos das negras – “crespos” e os cabelos das brancas – “lisos”.

Na sequência, a narradora acrescenta uma personagem à narrativa: a feminista negra americana, Ângela Davis, para exemplificar o uso do cabelo no estilo *black power*, na década de 1960. A contar a narrativa, Adyel se refere ao *black power* como um “movimento” e retoma esse referente e predicador (WORTHAM, 2001) por meio do substantivo “moda”. Depois, resume a história na enunciação “O cabelo ‘*black power*’ era o *hit* também nas cabeças loiras, mediterrâneas, ruivas ...”. Essa enunciação indica, que para a narradora, o *black power* foi um movimento e não exatamente uma prática de afirmação negra. Fica declarado que foi um movimento de contestação social (essa visão será evocada na conversa das adolescentes, mais adiante. Ver Cena 15.) como foi o movimento *hippie*, com pessoas de diferentes raças se manifestando por meio da prática do *black power*. A narrativa termina com a autora apontando a contemporaneidade como um momento social em que “existem padrões estéticos mil e a liberdade é toda sua, toda nossa”. Ou seja, associada aos significados do sete de setembro, a narrativa “interpela” as leitoras a adotarem práticas libertadoras de usos de seus cabelos. Essa “interpelação” ecoa o pensamento de Lorde (1983) que chama a atenção para o fato de que se a mulher negra não se definir, os outros farão isso de modos perversos.

⁶⁷ Pasta é um referente para produto alisante de cabelos.

⁶⁸ Produto mais antigo, no Brasil, para alisamento de cabelos.

Segue cena que focaliza a **interação mediada pelo texto** analisado acima.

Cena 14 – “Achavam que as negras eram feias de cabelo duro e mal arrumadas//////. Agora// nos libertamos e podemos fazer o que quisermos//////.”

- 01.Jennifer: Não saí porque estava chovendo.
02. Eduarda: Não pode ir direto na praia// numa piscina.
- 03.Ana Beatriz: E pra tomar banho?!
- 04.Thyffany: Se eu não lavar o cabelo parece que não tomei banho.
- 05.Eduarda: Igual brinco. Se não estiver usando brinco parece que estou pelada!
- 06.P. Há várias maneiras de produzir o cabelo. A trança é opção pra vocês? Há várias opções aí
- 07.(no texto)/// chapinha/ cachear/ pintar////. Vocês têm liberdade para deixar
08. o cabelo como querem?
- 09.Eduarda: As minhas são duas.
- 10.Ana Beatriz: Chapinha, escova e pintar/// porque gosto do cabelo cacheado.
- 11.Thyffany: Uma mulher do cabelo duro cortou meu cabelo e cacheou!
- 12.Katelyn: Então// vou cortar com uma branca para ficar com o cabelo bom.
- 13.Ana Beatriz: Nega do cabelo bom (lendo na revista)
- 14.Katelyn: Acham que as negras deveriam ter cabelo ruim// mas agora elas têm opção
- 15.de melhorar um pouco o cabelo//o visual.
- 16.Ana Beatriz: É/ hoje as negras têm opção de mudar isso// de ter um cabelo da
17. moda/ bonito/um cabelo legal.
- 18.Katelyn: Achavam que as negras eram feias de cabelo duro e mal arrumadas//////. Agora// nos
- 19.libertamos e podemos fazer o que quisermos//////.Por que só o branco? Só o branco é o
- 20.melhor//? Negro também é ser humano! Negro também é gente!!
- 21.Garotas: Isso mesmo!!

As adolescentes iniciam a conversa tomando **posicionamento deliberado** e se alinhando às personagens do texto em discussão, pois declaram os impedimentos (Linhas 1 - 3) que enfrentam em relação às possibilidades de inserções sociais que os usos dos cabelos pelas mulheres negras (no passado) lhes imputavam. Tais impedimentos que as adolescentes enfrentam são significados por meio de escolhas lexicais e sintáticas com os verbos “sair” e “ir” (Linhas 1 e 2) que estão modelados pela escolha sintática modificada pela escolha lexical “não”. Assim, as meninas se mostram ocupando **posicionamentos regulados/relacionais** por discursos estereotipados repetidos em práticas do cotidiano que congelam a ideia de que a mulheres negras estão impedidas de tomarem ação, de exercerem o direito de “ir e vir” por causa do cabelo que têm/usam, como se observa nas enunciações “Não saí porque estava chovendo” e “Não pode ir direto na piscina//na praia (Linhas (1 e 2)). Por causa do cabelo que têm/usam, estão confinadas a algumas performances sociais racializadas e pré-estabelecidas. Ana Beatriz se engaja na conversa fazendo referência à

dificuldade na hora de tomar banho. Provavelmente ela se refere à dificuldade de não molhar os cabelos já que os dela são muito compridos.

Para Ana Beatriz, as opções são para fazer performances eventuais, ou seja, mudanças nos modos de exibir os cabelos que não exigem transformação radical, porque ela gosta de cachinhos. Assim, quando quer mudar o visual, ela opta por uma escova, por exemplo. A adolescente apresenta sua performance preferida contrariando o idêa de que a maioria das mulheres negras almejam encenar performances socialmente legitimadas: cabelos lisos ou “esticados”, como mostra a nota de meu diário do dia 20 de outubro de 2007.

“Ana Beatriz contou que quis mudar os cabelos, porque seu cabelo tem muito volume, mas que o resultado foi ruim. A menina usou os seguintes termos: Depois que passei guanidina⁶⁹, perdi meus cachos.”(*Notas do diário de campo da pesquisadora do dia 20 novembro de 2007*)

Nessa cena, a beleza é desejada e isso reflete a ideia de beleza como um ideal socialmente construído (VIGARELLO, 2009). Entretanto, essas adolescentes se mostram construindo seus modos pessoais de ser bela, os quais nem sempre vão ao encontro do que os cânones sociais ditam como sendo belo e nem sempre correspondem às performances que constroem a beleza na contemporaneidade. Por exemplo, Ana Beatriz, desde os primeiros eventos dessa pesquisa, selecionou como sendo uma performance desejada a imagem de uma negra com cabelos cacheados. Quando o grupo discutiu o texto “Quase Sereias”, veiculado na revista **Raça Brasil**, chamou minha atenção a declaração da adolescente que iria se repetir em uma série de outros eventos:

“Negona bonita, hein? Uma coisa linda! Um dia eu vou fazer meu cabelo ficar assim. Muito linda com esses cachos”. (*Nota do diário de campo da pesquisadora do dia 05 de julho de 2006*).

Já Thyffany, que prefere uma performance com cabelos lisos, traz uma credence socialmente construída com base na visão essencializada de raça. A adolescente se refere à cabeleireira como uma pessoa que tem cabelo “duro” para justificar uma mudança em seus cabelos que teriam ficado com cachos. O referente e predador (WORTHAM, 2001)

⁶⁹ Guanidina é uma substância química presente na composição de alguns produtos para alisamento de cabelos.

“cabelo ‘duro’” evoca efeitos de sentido socialmente formulados que apontam seu cabelo como aquele que se opõe ao cabelo “bom”. Assim, cabelo duro seria o cabelo que tem volume exagerado, sem movimento, que não cai naturalmente nos ombros e nos olhos. Outro modo de se referir a esse tipo de cabelo é por meio da expressão “cabelo ‘ruim’”.

Nas Linhas 7-8, a pesquisadora revozeia a autora do texto para questionar as adolescentes “Vocês Têm liberdade para deixar o cabelo como querem? Com essa ação ela interpela os significados do texto “Nega do cabelo bom!”, que tematiza a liberdade de usar o cabelo que escolher. O emprego do verbo “achar”, Katelyn (Linha14) indica que está a adolescente está tomando um **posicionamento contestatório** para negar a inferiorização que os discursos dos cânones de beleza visam impor aos corpos/cabelos das mulheres negras por causa da textura e aparência de seus cabelos. As escolhas lexicais e sintáticas com os verbos “acham” e “achavam” marcam a indeterminação dos grupos sociais que posicionam as feminilidades dessa forma. Em resposta ao que “acha” sobre a mulher negra e com base em suas crenças, a sociedade traça-lhe as performances possíveis. Entretanto, Katelyn estabelece um **posicionamento transgressivo** ao fazer a escolha sintática “mas agora elas têm opção” (Linha 14). E, a adolescente acrescenta que, por meio de performances transgressivas (BUTLER, 1999/1990; WORTHEN. 1995), as mulheres negras saem do **posicionamento naturalizado**. Isso é explicitado na enunciação “agora//nos libertamos e podemos fazer o que quisermos///.” (Linhas 18 e 19). Ou seja, para Katelyn, com a artificialização dos cabelos, as mulheres negras se repositonam. As adolescentes descrevem uma performance folclorizada e socialmente esperada das feminilidades negras. Em “Acham que as negras deveriam ter cabelo ruim// mas agora elas têm opção de melhorar um pouco o cabelo//o visual” (Linhas 14 e 15), Katelyn confronta os **posicionamentos regulados/relacionais** socialmente esperados das negras, com base nos cabelos delas, supostamente sendo “cabelo ruim”. A adolescente utiliza os referentes e predicadores (WORTHAM, 2001) “negras” e “cabelo ruim” e os coloca em confronto com os referentes e predicadores “opção” e “melhorar”, interpretando a contemporaneidade como um tempo em que as mulheres negras gozam da possibilidade de ter opção e podem, conseqüentemente, “melhorar” o **posicionamento regulado/relacional** que elas na sociedade tendo como base o cabelo. Para explicitar esse modo de interpretar, as adolescentes empregaram os índices avaliativos (WORTHAM, 2001) “cabelo da moda”,

“[cabelo] bonito”, “cabelo legal”, os quais seriam possíveis às feminilidades negras por meio de produtos para os cabelos. Tais índices foram colocados em oposição a “cabelo duro”, “mal arrumadas”, os quais são tradicionalmente empregados em práticas de *racialização hegemônica* para indicar um **posicionamento regulado/relacional** das feminilidades negras pelas hegemonias. Katelyn contesta os posicionamentos socialmente esperados. Ter opção para essa garota é mudar a aparência congelada (BUTLER, 1999/1990) e com isso sair do lugar social que reservado com base na raça. Para essas adolescentes ter opção é ter o direito de mudar, é poder melhorar, transformando o cabelo “ruim” em cabelo da moda, cabelo bonito. Isso fica explícito na nota seguinte de meu diário de campo:

Acho que hoje as garotas deixaram claro o que elas entendem como sendo cabelo “bom”. Katelyn que usa cabelos relaxados disse, rindo, que não gosta de alisar os cabelos porque fica “igual a um boi lambeu”. Acho que entendi o que ela quis dizer, porque experimentei essa sensação muitas vezes. Katelyn até mostrou uma foto em que ela está com o cabelo depois de ter feito escova. Todas garotas disseram que tinha ficado bonito. Então, Katelyn explicou que o cabelo tinha ficado muito leve e que qualquer vento o atingia. Aproveitei para questionar se esse não seria um objetivo da performance, conseguir ter os cabelos ao vento. Eduarda foi quem respondeu dizendo: Eu ADORO! (*Nota do diário de campo da pesquisadora do dia 22 de outubro de 2007*).

A Linha 19, a escolha coesiva “agora” faz referência à contemporaneidade como sendo um marco na mudança dos posicionamentos das mulheres negras quando o que se coloca em questão é a beleza. Entretanto, Katelyn, com base nos discursos de beleza veiculados nas revistas e predominantes na sociedade, parece possibilitar um **posicionamento regulado/relacional** das negritudes como sendo um tipo de pessoa que apresenta um déficit em relação ao quesito beleza. Isso parece ser apontado pela adolescente por meio da escolha sintática “melhorar um pouco” em: “agora elas têm opção de melhorar um pouco o cabelo//o visual” (Linhas 14-15). Essas escolhas lexicais denotam que a garota assume um **posicionamento regulado/relacional** em que apesar de tudo o que a indústria de cosméticos pode oferecer, a mulher negra não ocupa posições semelhantes ou simétricas às das mulheres brancas no que diz respeito ao tópico cabelo. A mesma visão deixou transparecer a ação discursiva da escritora do texto “Quase sereias” que analisei anteriormente (Ver Capítulo 4, 4.3), neste trabalho. Em outras palavras, a adolescente se mostra construindo o próprio corpo/cabelo como não podendo ser tudo o que o conceito idealizado de beleza roteiriza como sendo peculiaridades do que socialmente se denomina

cabelo “bom”. A contemporaneidade é um ponto de virada para as mulheres negras em relação ao quesito beleza. Assim, a contemporaneidade é um contexto em que o “déficit” de beleza pode ser superado, combatido, mas, talvez não completamente sanado.

Para essas adolescentes, os procedimentos de embelezamento dos cabelos é uma questão de direito e usá-los é, conseqüentemente, um ato performativo, pois é uma autoafirmação como ser humano (Linha 20), como mulher e como sujeito de uma beleza idealizada. Nessa conversa, Katelyn demonstra entender que é por meio dos produtos que as novas tecnologias de beleza oferecem que as feminilidades negras conquistam autoestima e passam a questionar “Só o branco é melhor//?” (Linha 47). Para essa garota, se havia o **posicionamento regulado/relacional** da mulher negra como um tipo de mulher que é “feia” e tem cabelo “ruim”, que podia ser projetado nos corpos negros até então, “agora” não cabe mais imposições na medida em que os produtos cosméticos possibilitam sair desses **posicionamentos naturalizados** como próprios dos corpos negros. Como Ana Beatriz enuncia, na contemporaneidade, os produtos de beleza possibilitam “mudar isso// ter um cabelo da moda/bonito/um cabelo legal” (linhas 16 e 17). Possibilitam performances contestatórias da naturalização do cabelo “ruim”, ou seja, performativas (WORTHEN, 1995).

Nessa cena, a ação contestatória de Katelyn e Ana Beatriz vai além das práticas de cabelos chegando ao campo do posicionamento social dos negros. Pode-se interpretar as enunciações de Katelyn como revelando existir um conflito racial por meio de escolhas sintáticas como “Por que só o branco?” (Linha 19), “Só o branco é o melhor?” (Linha 20). Parece que está dado que as pessoas brancas têm cabelo “bom” de sorte que essas pessoas ocupam um **posicionamento naturalizado**, quando se foca a beleza dos cabelos. A garota contesta a política de supremacia branca e toma um posicionamento para as negritudes, por meio dos referentes e predicadores “ser humano” e “gente” em “Negro também é ser humano! Negro também é gente!!” (Linha 20). Em outras palavras, ela reivindica a humanização do negro nos cânones de valorização das raças. Esses referentes **reposicionam** as negritudes em quaisquer interações sociais e não se refere apenas ao campo semântico da beleza.

As adolescentes dessa comunidade de prática avaliam os procedimentos de embelezamento dos cabelos como um instrumento poderoso de **reposicionamento** social

pelas negritudes. O embelezamento dos cabelos pode, então, ser entendido como uma subpolítica (GIDDENS et al., 1997) para a transformação dos lugares sociais ocupados pelas mulheres negras. Para elas, tais procedimentos possibilitam novas performances, as quais inserem as mulheres negras em esferas de beleza não frequentemente conquistadas.

Segue um excerto de **interação mediada pelo texto** “Qual é o pente que te penteia?”, apresentado anteriormente, para análise da cena abaixo.

Cena 15 - “[black power] não é uma maneira de assumir que a gente é negro! Se fosse// a gente usava.”

01.P. O cabelo black power é apontado na comunidade negra como um símbolo de quem assume a raça. Por que não pegou?

03.Thyffany: Eu acho feio!

04.Jennifer: É.

05.Ana Beatriz: Porque não agrada aos olhos das pessoas.

06.Eduarda: É horrível!

07.Katelyn : Eu não gosto.

08.Eduarda: Vocês viram no Caldeirão do Huck/ um cara branco com o cabelo altão?!

(As meninas comentam o fato)

09.P. Mas// por que não pegou?

10.Katelyn: Porque não é uma maneira de assumir que a gente é negro! Se fosse// a gente usava.

11.Ana Beatriz: É verdade!

12.Eduarda: Eu acho que é mais uma de maneira e chamar a atenção.

13.Ana Beatriz: Esse cabelo/// parece que não houve cuidado. Parece [que quem usa é] 14.largado.

15.Jennifer: Talvez porque não tem aparência de [estar] penteado.

((as garotas passam a falar de um cara branco usando *dreads*, o qual foi visto por uma delas))

16.Thyffany: Nossa// eu ri muito/ cara. Ficou horrível/gente!

17.Eduarda: Agora// a Bombom já tem o cabelo bonito.

18.P. Já é química.

19.Ana Beatriz: Ela disse que passa horas e horas fazendo cabelo.

20.Katelyn: Quem não tem cabelo bom...

21.P. Isso quer dizer que ela não gosta do cabelo dela?

22.Jennifer: Não.

23.Ana Beatriz: Ela quer que fique lindo.

24.Eduarda: O cabelo é importante.

25.Ana Beatriz: O cabelo muda o rosto da pessoa.

As adolescentes engajadas nessa prática discursiva se mostram localizadas em **posicionamento regulado/relacional** ao usar os índices avaliativos (WORTHAM, 2001) “feio” (Linha 3), “não agrada aos olhos das pessoas” (Linha 5), “é horrível” (Linha 6), “não gosto” (Linha 7), “não é uma maneira de assumir que a gente é negro” (Linha 11), “parece que não houve cuidado” (Linha 15) e “não tem a aparência de [estar] penteado” (Linha 17), com que constroem negativamente o cabelo no estilo *black power*,

desqualificando essa performance. Todas as garotas conferem **posicionamento regulado/relacional**, indicando negatividade dessa prática de uso dos cabelos. As justificativas apresentadas por Ana Beatriz e Katelyn estão relacionadas à noção de que as performances são feitas para o outro, com as identidades sociais, como parte de um projeto político de inserção no mundo social. Por exemplo, Ana Beatriz, por meio da escolha sintática “Porque não agrada aos olhos das pessoas” (Linha 5), argumenta que a performance *black power* não seria uma estratégia que tornaria nossas relações com os outros melhores. A expressão “não agrada” evoca um efeito de sentido de que a performance provoca desarmonia. Para Eduarda, o índice avaliativo (WORTHAM, 2001) “horrrível” (Linha 6) resume o efeito semântico da performance. Comumente, as pessoas estão buscando fazer performances que agradam, que são bonitas, que denotam harmonia. Então, se o cabelo no estilo *black power* tem esse efeito de sentido, é compreensível que as pessoas não queiram adotar essa performances. Desta feita, não seria uma política interessante adotar um tipo de cabelo que não agrade aos olhos das pessoas. Ou seja, politicamente não é interessante uma *performance racial* que inferioriza diante do outro ou que não possibilita que se tenha uma valorização do outro. Ao invés disso, o cabelo *black power*, conforme as adolescentes avaliam, provoca uma rejeição social dos negros. E elas mostram nessa cena que não estão dispostas a fazer esse tipo de contestação. O excerto de notas de meu diário reproduzido abaixo mostra os sentidos que essas adolescentes constituíram para tal performance de modo a rejeitar um namorado, por exemplo, que usasse esse estilo de cabelos.

Como as meninas estão sempre projetando o que vivenciaríamos se tivesse uma determinada imagem, hoje sugeri que pensassem sobre suas vidas heteroafetivas. Perguntei se namorariam o primeiro rapaz fotografado na matéria. A reação foi unânime. Nenhuma delas toparia namorar um rapaz com cabelo no estilo *black power*. Depois de eu insistir um pouco Katelyn disse que diria para que cortasse o cabelo. E Eduarda disse que, por exemplo, ela olharia para o último rapaz fotografado com deboche. (Notas do diário de campo da pesquisadora, do dia 10 outubro de 2007)

Enquanto Ana Beatriz constroi uma explicação para rejeitar o uso do cabelo no estilo *black power* com base na avaliação estética sob o olhar do outro, Katelyn se enreda em uma argumentação que está além dos olhares sociais cristalizados (DU BOIS, 2001/1915) para os cabelos dos negros e, focada tão somente na performance *black power*,

ela assevera que “não é uma maneira de assumir que a gente é negro! Se fosse// a gente usava” (Linha 10). Ou seja, na perspectiva de Katelyn, a justificativa para não se usar o *black power* vem dos próprios negros que como sujeitos sociais não estão convencidos de que esse corte de cabelo tem função de simbolizar orgulho racial. Cabe ressaltar que a garota emprega o escolha lexical, sintática e coesiva “se” e revelar um **posicionamento contestatório** indicando que o convencimento dessa simbologia levaria os negros a adotarem essa performance.

Essa reflexão da adolescente é performativa (WORTHEN, 1995) visto que reivindica a noção de que os negros estão dispostos a adotar práticas de afirmação racial. Além disso, declara, principalmente que, ela mesma está disposta a assumir práticas com tal objetivo. Em outras palavras, Katelyn está advogando que tanto ela, quanto os negros em geral assumem a raça ao contrário do que se acredita no senso comum quando se ouve pessoas acusando umas as outras ao afirmarem que não se usa o *black power* porque se renega a raça. Para essas garotas, parece que não há rejeição, há sim um uso de cabelo sobre o qual se insiste em afirmar que é um modo de assumir a raça, mas que de fato, segundo essas adolescentes, não teria essa força. Desse modo, o que Katelyn faz é negar a possibilidade de que o uso do cabelo no estilo *black power* reflete diretamente uma pessoa que “assume” a raça. No meu modo de entender, ainda que o *black power* exerça essa função, seria, apenas, uma forma de assumir a raça, mas não a única. Além disso, contesto o emprego do verbo “assumir”, porque frequentemente é empregado para fazer referência a algo de que uma pessoa se envergonha.

Na interação acima, vemos que Eduarda, Ana Beatriz e Jennifer se alinham a Katelyn (Linhas 13-17). Para Eduarda, o estilo *black power* é “uma maneira de chamar a atenção”, ou seja, é uma forma de protestar, de tomar um **posicionamento contestatório**. Nessa perspectiva, não se pode negar a possibilidade de uma ação política por meio do uso desse cabelo, que seria, portanto, uma performatividade (WORTHEN, 1995). Seu uso implicaria um questionamento social: meu cabelo é assim: E daí? Parece que tudo que venho discutindo nesta análise tem suas bases no que diz Katelyn “quem não tem cabelo bom...” (Linha 20), ou seja, aqueles cujos corpos/cabelos são significados pelas hegemonias brancas de determinados modos de forma a ser socialmente inferiorizado, encontram-se em **posicionamento regulado/relacional** e são desafiados a fazer algo. Katelyn, na escolha

sintática usa o recurso das reticências como uma pista pela qual as negritudes estão desafiadas a tomarem um posicionamento, submeter-se às regulações, tomar **posicionamento transgressivo, posicionamento contestatório** ou todos esses posicionamentos de uma vez. Cabe a cada mulher se posicionar.

Vale lembrar as performance têm consequências, ou seja, o ator teria que manter essa performance ainda que lhe imputasse exclusão de determinados setores sociais, como o trabalho, por exemplo. É essa implicação que Ana Beatriz e Jennifer focam quando relatam os modos como a aparência desse cabelo é socialmente significada: “esse cabelo//parece que não houve cuidado. Parece [que quem usa é] largado”. Os índices avaliativos (WORTHAM, 2001) “cuidado” e “largado” confeririam ao negro um aspecto de falta de higiene, de sujeira, que contribuiriam para a materialização das crenças estereotipadas e socialmente divulgadas sobre os negros. Dessa maneira, parece ser uma justificativa poderosa para não se usar esse tipo de cabelo, pois repetir estilizações de negritude que confirmam estereótipos racistas não seria uma maneira interessante de reivindicar a valorização racial. Nessa perspectiva, o *black power* poderia até ser entendido como um protesto de um grupo social imaturo e inconsequente.

Já o ponto de vista de Jennifer indica que o *black power* “não tem aparência de penteado”. Essa visão corrobora o que foi defendido por Ana Beatriz e amplia a interpretação indicando que o cabelo *black power* não se situa em qualquer forma de apresentação conhecida como penteado. Em outras palavras, o *black power* é uma apresentação do cabelo que difere de qualquer outro cabelo de modo que não se poderia pensá-lo como um penteado.

As cenas na Seção 5.3 da análise revelam as adolescentes tomando com maior recorrência os seguintes tipos de posicionamentos:

- **Posicionamento regulado/relacional** – indicado por meio de índices avaliativos, escolhas lexicais e sintático-coesivas e citação. Os objetivos das adolescentes ao ocupar esse tipo de posicionamento são: desqualificar a performance com cabelo *black power*; separar as performances de corpos/cabelos em políticas interessantes das que contribuem para a inferiorização dos negros; tomar um posicionamento contestatório; reivindicar o entendimento de que elas estão dispostas a adotar práticas de afirmação racial e contestar as estilizações raciais.

- **Posicionamento contestatório** – indicado por meio de índices avaliativos, referência e predicação, escolhas sintático-coesivas e lexicais. Os objetivos das adolescentes ao tomar esse tipo de posicionamento são: rejeitar a tese de que uma pessoa alisa o cabelo porque renega a raça; contestar o posicionamento regulado/relacional que ocupam com base na raça; reivindicar reposicionamento; fazer performatividade; mostrar desejo de transgredir; indicar que o alisamento é uma forma de tomar posicionamento interessado; mostrar que as performances esperadas são folcloristas; significar as performances esperadas como estilizações da raça; sair dos lugares sociais naturalizados que ocupam por causa da raça; fazer performance contestatória; contestar o posicionamento naturalizado da mulher branca como um tipo de pessoa que tem cabelo “bom” e reivindicar a humanização dos negros nos cânones de beleza.

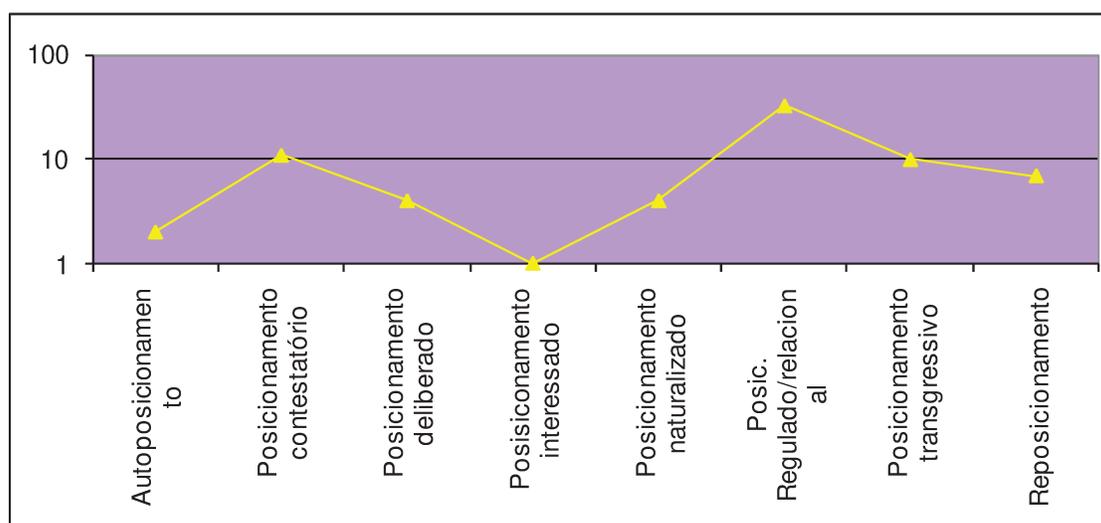
- **Posicionamento transgressivo** – indicado por meio de escolhas sintáticas e lexicais, suspensão de pensamento, identificada na transcrição por meio de reticências, índices avaliativos e performance narrativa indicam que um posicionamento está sendo tomado. Os objetivos das adolescentes quando tomam esse tipo de posicionamento são: desafiar performances cristalizadas de corpos/cabelos de mulheres negras; ir para além dos cânones racializados dos discursos de beleza; construir um corpo/cabelo que está para além de qualquer preceito corpóreo e social; situar o corpo para além das circunstanciais das fronteiras que noções tradicionais de raça preconizam e reivindicar reposicionamento das mulheres negras.

- **Reposicionamento** – identificado por meio do emprego de pistas interacionais como referentes e predadores que indicam o corpo/cabelo como parte de um projeto político que possibilita reposicionar a mulher negra. Os objetivos das adolescentes ao tomar esse posicionamento é mostrar a mulher negra em outros lugares sociais, contestando a inferiorização.

- **Posicionamento naturalizado** – identificado por meio de performance narrativa que representa a negra como um tipo de mulher com corpo/cabelo peculiar. Performances em que a mulher negra é categorizada com base em traços corpóreos supostamente peculiares aos corpos femininos negros. O objetivo das adolescentes ao assumir esse posicionamento é mostrar como a mulher negra é construída e posicionada socialmente.

- **Posicionamento deliberado** – indicado por meio de índices avaliativos, referência e predicação, escolhas sintático-coesivas, pontuação (reticências), revozeamento dos significados construídos pela leitura de textos das revistas, revozeamento de olhares sociais e revozeamento de vozes de mulheres negras. Os objetivos das adolescentes quando ocupam esse tipo de posicionamento são: posicionar de forma mais simétrica as mulheres negras e brancas na questão cuidados com os cabelos; mostrar mulheres negras e brancas ocupando posicionamentos regulados/relacionais; mostrar que as mulheres que têm /usam cabelos lisos/alisados estão em posições poderosas no quesito sensualidade; indicar que exercer poder nas relações entre gêneros não exige, necessariamente alisamento de cabelos e mostrar que uma garota negra deve tomar certos cuidados de embelezamento dos cabelos.

Veja abaixo, o Gráfico 3, que retrata a fluidez e multiplicidade de posicionamentos tomados pelas adolescentes nas cenas da Seção 5.3 da análise. Observe a relevância dos posicionamentos regulado/relacional, contestatório, transgressivo e o reposicionamento nas ações das adolescentes:



A Seção 5.3 foi marcada por *racializações reguladas/relacionais* e por *racializações hegemônicas*. As *racializações reguladas/relacionais* foram formas de identificar as mulheres como constituindo uma oposição com base na raça. A *racialização hegemônica* foi usada pelas adolescentes para reverberar os a performance narrativa das revistas. Assim elas mostraram como as mulheres negras e brancas são socialmente construídas.

Nas três Seções (5.1, 5.2 e 5.3) da análise de dados, o **posicionamento regulado/relacional** foi o mais recorrente nas interações envolvendo as adolescentes desta pesquisa. Isso indica que as construções de significados de corpos/cabelos e as identificações sociais com base nas corporeidades das participantes são fundamentalmente moldadas por valores e crenças das instituições sociais de que essas adolescentes participam. Ou seja, esse posicionamento indica tanto as adolescentes sendo constrangidas por instituições sociais quanto indica as próprias adolescentes, por algum interesse, tomando reflexivamente esse posicionamento para realizarem algo que julgam importante para a vida delas. Além disso, a importante recorrência de **posicionamento regulado/relacional** indica que as performances de corpos cabelos que essas adolescentes fazem são feitas para o outro, ou seja, elas consideram os sujeitos, contextos e situações sociais em que fazem as performances para selecionar a encenação que julgam mais interessante segundo seus propósitos. Em outras palavras, essas garotas mostram que os significados que estabelecem para seus corpos/cabelos são subpolíticas que lhes possibilitam tomar posicionamentos contestatórios e transgressivos e, assim, se reposicionar e se autoposicionar.

Assim, o que estou afirmando é que o **posicionamento regulado/relacional** pode ser uma posição política e estratégica para que as pessoas se localizem em lugares sociais não determinados. Nem sempre o **posicionamento regulado/relacional** indica que a pessoa está em submissão e/ou inferiorização. Nas cenas analisadas neste trabalho, as adolescentes se localizaram nas interações por diversos **posicionamentos regulados/relacionais**, entretanto, elas fizeram performatividades transgressivas e contestatórias, tomaram **posicionamentos transgressivos**, contestaram qualquer posicionamento de inferiorização em que se viam localizadas nas interações de que participaram.

A fluidez de posicionamentos assumidos pelas adolescentes neste trabalho indica a relevância desse construto de análise de dados para interpretar os modos como as pessoas se constituem no mundo social e entender como as pessoas vão se tornando as pessoas com quem interagimos nos diversos contextos sociais. As cenas analisadas mostraram que as performances identitárias estão em constante construção e que a essencialização racial é um meio para conferir às pessoas um **posicionamento**

regulado/relacional e um **posicionamento naturalizado**. A beleza, nas interações foi encenada como sendo racializada pelas hegemonias. Além disso, em performances de gênero/sexualidade essas adolescentes se mostraram tomando o corpo como instrumento político para reivindicar **reposicionamento**. O corpo pode ser parte de uma subpolítica que reivindica um **posicionamento contestatório e/ou transgressivo**. O corpo foi significante pelas adolescentes como lugar de ação política. Segundo as adolescentes, nesta pesquisa, a performance de corpos/cabelos empodera uma garota nas relações entre gêneros e, ainda mostraram que fazer o gênero envolve fazer *racializações* não-declaradas. Os olhares racializados encenados pelas adolescentes são meios para posicionar as pessoas com base nos sentidos cristalizados sobre sua raça.

O alisamento pode ser uma subpolítica de auto-afirmação e de desessencialização das performances. Nas Cenas analisadas, as performances de corpos/cabelos foram constantemente racializadas. Ter/usar cabelos lisos, para essas adolescentes pode ser uma ação transformadora dos posicionamentos sociais. Alisar os cabelos pode ser uma estratégia para exercer uma ação performativa. Assim, para as adolescentes, conforme os dados analisados, alisar é uma questão de beleza e não uma negação da raça. Em contrapartida, o cabelo natural pode ser uma submissão às racializações hegemônicas que podem ser desestabilizadas porque o cabelo natural por si só não carrega o sentido de valorização, já que pode ser uma prática adotada por diferentes motivações que vão desde a econômica, passando pela textura dos cabelos que podem ser muito sensíveis e não possibilitar procedimentos de embelezamento, chegando à manifestação de afirmação racial.

Um fato importante é que práticas de embelezamento não tornam uma negra branca. Em contrapartida, são atos que fazem algo que interessa: indeterminam a raça na medida em que desestabilizam a possibilidade de posicionar o outro com base na raça. Procedimentos de embelezamento de cabelos são instrumentos poderosos de **reposicionamento** social das feminilidades negras. As performances devem ser encenadas conforme os interesses políticos das pessoas. As estilizações de raça não são políticas de afirmação racial. A desessencialização é o meio poderoso de afirmar a raça.

5.4 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PERGUNTA DE PESQUISA

As conversas geradas com essas adolescentes, em eventos de letramento mediados por revistas femininas oferecem registros que possibilitam interpretar as *racializações hegemônicas e relacionais*, construídas em nossas práticas cotidianas. Além disso, possibilitam compreender se raça é uma questão ultrapassada ou se os embates nas racializações continuam existindo e se existem, em que circunstâncias se manifestam.

Na medida em que os dados gerados mostram como as adolescentes compartilham modos de cuidar dos cabelos, crenças culturais em relação a algumas performances de corpo e cabelo, de gênero/sexualidade e raça, podemos afirmar que elas constituem uma comunidade de prática. Nas palavras de Wenger (1999, p. 48), conforme já mencionado, “comunidades de prática são locais em que desenvolvemos, negociamos e compartilhamos nossos próprios modos de entender o mundo”.

Wenger (1999, p. 47) explica que “O conceito de prática conota fazer, mas não apenas fazer por si próprio. É fazer em um contexto histórico e social que dá estrutura e significado para o que se faz”. Nesta pesquisa estou interessada em interpretar conversas construídas pelas adolescentes agentes visando criar uma compreensão sobre como as novas gerações significam seus corpos/cabelos, os quais foram historicamente inferiorizados devido ao **posicionamento naturalizado** de inferiorização, segundo o senso comum, que tinha como base essencializações raciais e, portanto, apontavam traços peculiares aos corpos/cabelos de negros, para, por meio deles, impor às pessoas determinados posicionamentos sociais. O que chama atenção nas conversas dessas adolescentes são os modos como elas **reposicionam** seus corpos/cabelos nesse contexto histórico e como elas se ressignificam nas práticas coletivas de construção de gêneros/sexualidades.

As adolescentes participantes dessa comunidade de prática vivenciam uma temporalidade subjetiva (KEHL, 2009) em que novas formas de organização dos corpos sociais são construídas. Atualmente, pode parecer que esse é o momento em que as relações sociais estão além da raça, ou que as diferenças raciais estariam superadas. Não obstante, os dados mostram que raça é atualizada constantemente nas práticas sociais e, assim, continua sendo uma questão. O que provavelmente mudou é que essas adolescentes não

discutem raça isoladamente. Em vez disso, elas colocam foco nos embates raciais. Um foco relevante é o das significações dos corpos. Parece que esse é o momento de uma estética nova, As adolescentes participantes dessa comunidade de prática vivenciam uma temporalidade em que novas formas de organização dos corpos sociais são construídas. Esse é o momento de uma estética nova no qual corpos femininos “sarados” são idealizados exigindo uma disciplina rígida e contínua daquelas que buscam conquistá-lo. Entretanto, parece-me que o padrão estético de uma da historicidade se impõe, frequentemente, por meios de regulação social. Entre os locais em que a regulação é veiculada repercutindo as padronizações em voga, as mídias geralmente exercem um papel crucial.

Na busca por se adotar um discurso politicamente correto, as mídias dessa sociedade apresentam uma multiplicidade de corpos/cabelos como se todos eles tivessem no senso comum o mesmo valor e pudessem, igualmente vivenciar experiências de satisfação. Em contrapartida, a contemporaneidade parece estabelecer lugares para os corpos os quais são marcados por uma forma ideal única de sorte que os corpos que transgridam às padronizações não teriam a possibilidade de experimentar qualquer prazer. Os indivíduos cujos corpos não apresentem marcas de uma disciplinarização prescrita no momento estariam sempre em uma posição de déficit. Ou seja, deveriam buscar incessantemente um corpo que não podem ou conseguem conquistar porque os padrões estão sempre em mudança e as práticas de beleza são dinâmicas e usualmente ampliadas.

O texto como lugar de interação possibilita que as garotas constituam uma comunidade de prática em que juntas e, colaborativamente, significam elas mesmas e seus corpos em uma dada sociedade, ou seja, elas constroem e reconstroem identidades e identificações sociais. A conversa entre as adolescentes pode ser argumentada como sendo uma subpolítica de identidade, pois constitui estratégias para que as adolescentes construam roteiros sociais para seus corpos, segundo seus próprios interesses de identificação, nos contextos sociais em que se inserem.

Refletindo sobre essas questões com o foco nas realidades corpóreas das mulheres negras, um olhar histórico me permitiria observar que décadas atrás, uma mulher negra buscava um padrão de beleza aparentemente mais possível, o qual contemplava um corpo violão, e cabelos com movimento. Atualmente, para que um corpo seja denominado belo deve seguir um padrão rigoroso de uma fisicalidade magra, com uma musculatura

definida e perfeitamente simétrica, além de cabelos perfeitamente lisos, longos com uma naturalidade de movimentos e, muitas vezes, loiros. A estética do chamado corpo violão seria mais facilmente possível para os corpos femininos negros visto que, segundo o senso comum haveria uma maior probabilidade das mulheres negras terem coxas grossas e bumbum avantajado. Entretanto, a estética da magreza, um dos padrões de beleza dominantes atualmente, pressupõe uma fisicalidade para um biótipo mais próximo ao das feminilidades europeias. Nesse tocante, as mulheres negras necessitariam um trabalho de disciplinarização rígido e constante dos corpos/cabelos para que pudessem se inserir nas espacialidades da nova estética da beleza.

Muitas mulheres negras e brancas, de diferentes classes socioeconômicas e com diferentes níveis de escolaridade se colocam na batalha para a conquista de um dado padrão de beleza. Muitas vezes, essas mulheres estão dispostas a adotar ações cruéis e até mesmo impossíveis de serem assumidas. Nessa batalha, vê-se, com frequência, que os corpos clamam por respeito às suas subjetividades, uma vez que cada pessoa tem seu biótipo o qual permite a algumas se aproximarem um pouco mais dos padrões buscados, mas para outras isso seria quase impossível. Evidências disso são relatadas nas mídias locais diariamente. Só neste ano de 2010, muitos têm sido os casos extremados de entrega de homens e mulheres na busca por corpos idealizados. À proporção que as indústrias de cosméticos avançam na criação de produtos que domesticam nossos corpos, as demandas de ações de beleza se ampliam e do mesmo modo cresce o número de pessoas que têm seus corpos deteriorados ou até mesmo morrem. Pessoas brancas e negras se submetem ao uso de anabolizantes, medicamentos reguladores de apetite, a intervenções cirúrgicas e estéticas e a práticas de atividades físicas excessivas, além de tratamentos de cabelos de diferentes naturezas.

Na mídia vemos de um lado as celebridades sendo quase sempre bem sucedidas em cirurgias plásticas, lipoescultura, cirurgias de redução de estômago e dietas, de forma a conquistarem corpos que nos são apresentados como perfeitos. Em contrapartida, também vemos pessoas comuns que buscam um tratamento médico sendo mortas em clínicas especializadas ou não. Nos salões de beleza veem-se mulheres com couro cabeludo ferido, sendo obrigadas a cortarem seus cabelos e, às vezes, ficando até mesmo carecas devido a efeitos de tratamentos capilares. Tudo isso denota que uma “temporalidade subjetiva”

(KHEL, 2009, p.119) está desestabilizada nesse momento histórico, pois muitas performances de corpos e cabelos escondem indivíduos em sofrimento ao olhar para seus corpos.

Nessa nova dinâmica de beleza corpórea, os corpos femininos sarados são idealizados o que exige uma disciplina rígida e contínua daquelas que buscam conquistá-lo. Entretanto, parece-me que o padrão estético da historicidade se impõe frequentemente por meios de regulação social. Entre os locais em que a regulação é veiculada repercutindo as padronizações em voga, as mídias geralmente exercem um papel crucial. Assim sendo, podemos afirmar que esse é um tempo em que os corpos estão de alguma forma atordoados pelas formas contemporâneas de corpos esteticamente valorizados.

O que mais importa nessa questão é a escolha da mulher negra. Todavia, tanto a mulher que escolher alisar, relaxar quanto a que escolhe não alisar ou usar o cabelo “natural” devem ser, igualmente respeitadas, por negros e brancos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de responder à questão de pesquisa propriamente dita, teço alguns comentários sobre as conversas construídas na comunidade de prática investigada. Os registros foram gerados em interações colaborativas, uma vez que as adolescentes ajudam umas as outras na construção de significados para os textos, compartilham as experiências de cuidados que adotam com os corpos/cabelos, compartilham também sentimentos íntimos relacionados a suas corporeidades. Além disso, trocam informações tendo como base as bagagens culturais que vêm construindo nas comunidades de prática em que se inserem, a saber, falam sobre lavar o rosto com de água de arroz para ter uma pele mais bonita, ensinam umas às outras sobre o uso do pente quente para alisar os cabelos e compartilham a crença de que o cabelo deve ser cortado por uma pessoa que tenha um cabelo “bom”. Desse modo, pode-se entender que nessa comunidade de prática as experiências pessoais das adolescentes são a base para construção de significados sobre os textos e para tomadas de posições, seja para contestar afirmações neles veiculadas, seja para construir identificações que julgam interessantes para suas vidas no mundo.

A análise dos dados evidencia que as adolescentes estão engajadas em uma prática de feminilidade – a reconstrução das performances de raça, gêneros/sexualidades corpos/cabelos. Para tanto, agem coletivamente instruindo umas as outras, compartilhando, negociando e significando práticas, crenças e as condições do que significa ser garota negra em uma “sociedade de hegemonia branca” (hooks,1994) de modo a constituírem uma comunidade de prática.

Alguns aspectos chamam a atenção nas conversas geradas com essas adolescentes: por um lado, elas racializam os modos de falar adotando uma modalidade de interação face a face racializada; e de outro, revozeiam discursos de senso comum, construídos pelas hegemonias racistas. Nesses discursos os sujeitos sociais representam uns aos outros por meio de rótulos que, quando empregados pela sociedade mais ampla, são considerados jocosos. Entretanto, nos contextos das comunidades negras, as pessoas se apropriam das posições/identificações reguladas/relacionais e assumem um posicionamento transgressivo, que visa afirmar ‘sou negro/negra sim, e daí?’ É comum, por exemplo, observar entre as negritudes uma pessoa chamando a outra de “preta”, ou afirmando “a

preta é enjoada!” ou “Sou preto, sim senhor!⁷⁰”, sempre em uma ação de resistência. Em uma das conversas analisadas, um exemplo de jogo de representação ocorre quando duas adolescentes, observando uma foto de mulher negra em uma revista, afirmam: “Negona bonita / hein!”, “Eh // negona!” (Ver Capítulo 5). Essas enunciações mostram adolescentes apropriando-se de uma prática discursiva aparentemente debochada para contestar os posicionamentos regulados/relacionais frequentemente reservados a mulheres negras para reposicioná-las. Em outras palavras, o revozeamento é um ato reivindicatório da legitimação dos corpos/cabelos das mulheres negras.

Além disso, as adolescentes constroem significados dos textos tomando agência, ou seja, “as adolescentes estão tendo voz e suas opiniões e visões estão sendo válidas”, segundo Srevens e Bean (2007, p. 31), para definir que corpos são bonitos e reposicionar as feminilidades negras, de modo que ocupem espaços nas esferas da beleza. Barton (1994) relaciona a visão socioconstrucionista da leitura e da escrita às práticas sociais de construção dos significados, chamando atenção para o fato de que nesses processos as pessoas são ativas. Segundo o autor “o leitor tem suas próprias intenções e observa algo específico no texto” (BARTON, 1994, p. 68). Isso significa que age e reage adotando diferentes formas de leitura.

Assim, se as revistas femininas são objetos culturais (cf. SANTOS, 2005) que conferem às negritudes posicionamentos regulados/relacionais conforme as intenções sociais das hegemonias racistas, em contrapartida, as leitoras não são sujeitos passivos: elas são seres históricos e interagem no mundo social construindo significados, ao invés de serem apenas receptoras de significados. Dessa forma, produzir sentidos de textos como os de revistas femininas – que projetam, ideologicamente, os sujeitos sociais como certos tipos de pessoas – demanda leitores posicionados como participantes de uma prática situada em domínios que podem ser constantemente quebrados. Como explicam Kalantzis e Cope (2005/2000, p. 144), “as certezas do gênero na era da cultura de massa também caíram para a quebra dos papéis de gênero e identidade. As revistas femininas apresentam uma miríade de versões de feminilidade – de acordo com a idade, o estilo o foco doméstico ou na carreira”.

⁷⁰ A expressão, “Sou preto, sim Senhor”, que fazia referência a negros que eram aliados aos senhores de escravos e trabalhavam no resgate de negros.

As performances de corpos/cabelos e raça das negritudes parecem se constituir em uma espécie de um jogo em que a esfera da beleza é racializada pelas adolescentes de tal modo que as corporeidades das mulheres negras sejam posicionadas como tendo lugar de destaque e privilégio embora elas demonstrem perceber uma inferiorização da mulher negra em nossa sociedade. As adolescentes tomam a corporeidade como instrumento poderoso que lhes permite negociar os posicionamentos regulados/relacionais de tal modo que se localizam em outras esferas que não sejam as tradicionais de inferiorização.

Empreguei propositadamente os termos raça e racialização para romper com os modos politicamente corretos e perversos por meio dos quais se tenta negar as diferenças raciais que existem em nossa sociedade. Reitero que a raça é o lugar de construção de significados de sujeitos sociais e é a justificativa para os posicionamentos socialmente esperados. De fato, procuro, criticamente, retomar a problematização da raça nos processos históricos e contemporâneos de construção racial e das políticas de relações raciais em nossa sociedade não com o intuito de reivindicar uma identidade fincada na história, ao invés disso, acredito no que asseverou Fanon (2008/1952, p. 189) “Não sou prisioneiro da história não devo procurar nela o sentido do destino. Devo lembrar, a todo instante, que o verdadeiro salto consiste em introduzir a invenção na existência. No mundo em que me encaminho, eu me recrio continuamente”. Nessa linha argumentativa, busco reivindicar que as negritudes sejam livres para criar novas rotas sociais com base nas relações sociais contemporâneas significadas a partir das relações raciais históricas.

Minha ação, neste trabalho com as adolescentes, buscou mostrar como os negros e, particularmente, a mulher negra continuam sendo posicionados nessa sociedade cujos valores são os de uma sociedade de supremacia branca. A análise mostra que a racialização hegemônica se traduz em um racismo midiático, construído por meio de não-ditos, isto é, pela invisibilização dos corpos femininos negros nas revistas femininas, enquanto que os ditos revelam a valorização dos traços corpóreos europeus e a divulgação de crenças de que a beleza foi democratizada. Esses ditos indicam que a raça opera glocalmente⁷¹.

⁷¹ Kumaravadivelu (2006, p. 134) explica que glocalização é um termo que tenta dar conta das forças da globalização e da localização que são complexas, de sorte que “o global está em conjunção com o local, e o local é modificado pelo local”.

Dessa forma, raça é elemento central na transformação social local e nacional, visto que é com base nesse traço identitário que os negros são frequentemente alijados das esferas prestigiadas e têm acesso controlado às mídias impressas. Uma das reivindicações deste estudo é que racializando essas práticas sociais, os negros poderão contestar tais práticas e, finalmente, transformá-las. Se vivemos

em uma formação racial global em que a racialização e o racismo continuam a estruturar os processos sociais com efeitos materiais devastadores e em que a coletividade política empodera, a identidade negra permanece sendo uma marca importante (mesmo sendo admitidamente contraditório) da qual se formam embates anti-racistas coletivos. (HALE, 2007, p.308)

Se raça, conforme explica D'Adesky (2001), é um conceito útil e atual, não estamos em um momento pós-racial. Ainda há transformações a serem feitas, espaços a serem conquistados e lutas a serem travadas para que as negritudes ocupem posicionamentos novos na sociedade.

Cabe ressaltar que os modos como os negros estão, ambivalentemente, posicionados nas revistas constituem fissuras por onde se poderão inserir novos discursos, novas performances, novas negritudes. Este estudo possibilita considerar os discursos das mídias em revistas femininas e a indústria de beleza esferas para subpolíticas raciais que contribuirão para desvelar crenças hegemônicas de diferenças entre mulheres com base na raça.

Performances novas, transgressivas, são como um visto no passaporte para novas racializações. Para tanto, o mais adequado seria advogar formas de mostrar orgulho pela raça. E, principalmente, creio que as negritudes devem ser livres para serem negras como quiserem, segundo seus projetos identitários, ou correrão o risco de nunca serem livres, pois, como já discuti neste trabalho, os negros ora estão submetidos às denominações dos brancos ora estão controlados por negros, isto é, têm seus corpos/cabelos frequentemente vigiados e sob controle (FOUCAULT, 2001/1979).

Acredito que o discurso de revistas femininas é uma das práticas discursivas que, na contemporaneidade, atua na constituição das identidades sociais das leitoras dessas revistas, considerando a reportabilidade das questões que tematizam nas matérias veiculadas. Os dados analisados mostraram que esses textos podem ser usados como base

para as construções dos corpos dessas adolescentes. Desse modo, é importante procurar identificar as possíveis contribuições da conscientização crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 1995) para que essas adolescentes negras possam fazer performatividades transgressivas e contestatórias, de modo a se posicionarem em lugares sociais desejados por elas.

As práticas das adolescentes analisadas também mostraram que ler esses textos, tomando uma ação contestatória e transgressiva, possibilita

libertar-se da inferiorização, reverter a imagem negativa do corpo do negro, através de um processo de desconstrução da imagem anterior e reconstrução de uma nova imagem positiva. Ou seja, seria construir novos cânones da beleza e da estética que dão positividade às características corporais do negro. (MUNANGA, 2006, p. 15-16)

Tomar ações transgressivas e contestatórias em relação aos textos envolve considerar que não é apenas o discurso que “interpela” identidades sociais. De fato, há outros elementos em jogo, ainda que muitos deles tenham sido discursivamente construídos. “Os textos negociam contradições socioculturais as quais são lançadas em situações sociais e constituem uma forma em que embates sociais são representados” (FAIRCLOUGH, 1995, p. 7). No caso desta pesquisa, as adolescentes constantemente tomam posicionamentos, contestando a autoridade textual e duvidando de significados veiculados nos textos. Esse posicionamento foi crucial para que elas fizessem performances em que se mostram saindo dos posicionamentos regulados/relacionais e dos posicionamentos naturalizados de inferiorização que tradicionalmente ocupam com base nas racializações hegemônicas que moldam as interações e os posicionamentos sociais. Nesta pesquisa, as adolescentes fizeram performances de adolescentes que tomam agência e uma estratégia que possibilitou a agência dessas garotas foi o posicionamento contestatório. É nesse sentido que defendo eventos de letramento como territórios em que as adolescentes podem construir subpolíticas de identidades e racializações resistindo às imposições das hegemonias dominantes que, geralmente impõem um único modelo de beleza, de se viver raça e gênero/sexualidade, por exemplo.

Na análise, por meio do pinçamento de pistas interacionais, principalmente as escolhas sintáticas e lexicais e as racializações relacionais e reflexivas, foi possível interpretar como, na ação discursiva, as adolescentes se posicionam, criando roteiros novos

para suas performances de raça e de gênero/sexualidade e, dessa forma, construindo subpolíticas de racialização, buscando quebrar os cânones, e sem a dependência de políticas de órgãos de poder como a mídia, por exemplo.

Não estou afirmando aqui que essas adolescentes não ocuparão mais posições sociais subalternas. O que estou defendendo é que nessa comunidade de prática, elas ensaiaram novas performances, utilizaram estratégias que possibilitaram fazer performances transgressivas, que podem ser utilizadas na sociedade mais ampla. Essa experiência dessas adolescentes, como diz Santos (2007, p. 41) não pode ser desperdiçada. Uma das coisas que esta experiência das adolescentes ensina e que pode ser apropriada no letramento escolar é que usar pistas interacionais conscientemente é uma estratégia para contestar e transgredir e, como fazer escolhas sintáticas e lexicais para reivindicar um posicionamento social, para contestar um significado que oprime os alunos pobres, negros, índios, gays, manifestantes de determinadas crenças religiosas, por exemplo.

As práticas das adolescentes nos eventos informais de leitura de revistas femininas ensinam também que o leitor deve tomar as performances narrativas do texto como uma possibilidade – nem a única nem a melhor – de ser/estar no mundo social. Essa postura é fundamental para criar, com base nos textos, performatividades interessadas e construir projetos corpóreos e sociais subjetivos. Além disso, essas adolescentes mostraram-se livres para não fazer determinadas performances porque seus corpos/cabelos são vigiados e controlados (FOUCAULT, 2001/1979) pelas hegemonias que criam matrizes de raça, corpo/cabelo e gênero/sexualidade. Finalmente, elas mostraram que raça é uma questão para elas como também foi uma questão para minha geração e, portanto, a contemporaneidade não pode ser vista como um contexto pós-racial. Diferentemente do que acontecia com as adolescentes em minha geração, para essas adolescentes raça é um elemento da luta por posicionamentos sociais transgressivos. O que elas entendem é que há diferentes formas de traçar políticas reivindicatórias de reposicionamento social do negro e que tais políticas estão desvinculadas de essencializações de raça. Uma forma de política reivindicatória é um cabelo bonito, da moda (Cenas 3,13). Outra forma é construir um corpão (Cena 12). Mas o que fica mais evidente e é mais relevante neste trabalho é que essas adolescentes não estabelecem uma relação entre raça e fenotipia (Cenas 3, 4 e 15).

6.1 LETRAMENTOS NÃO-ESCOLARES – IMPLICAÇÕES PARA O LETRAMENTO ESCOLAR

Esta seção tem por objetivo problematizar as práticas de letramento escolar tradicionais, autônomas (STREET, 1984) à luz de práticas de letramento não-escolar construídas pelo grupo focal de adolescentes negras participantes desta pesquisa. Essa problematização é por si só política e transgressiva, pois práticas de letramentos de grupos culturais posicionados em lugares sociais naturalizados de inferiorização colocam em xeque o letramento denominado legítimo. Alinho-me a Kalantzis e Cope (2005/2000, p. 147) quando afirmam que a educação precisa mudar, e que

escolas necessitam trabalhar com uma nova ética e um novo pragmatismo: a ética e o pragmatismo do pluralismo, das divergências que complementam uns aos outros e que em sua diversidade criam novos e produtivos interrelacionamentos. Essa tem se tornada uma nova missão cívica, moral e prática da educação.

Nesse tocante, busco traçar algumas questões, visando ensaiar futuros sociais, tendo como lugar de redescrição dos sujeitos e das pedagogias os cursos de formação de professores, o Magistério Superior e o Curso de Letras, os quais deveriam ter no perfil do egresso o objetivo de formar professores que vão trabalhar com a disciplina língua portuguesa em contextos bi/culturais, com diversidade social e com múltiplos e diversificados grupos raciais/racializados de negritudes.

Esses cursos deveriam privilegiar uma formação voltada para uma pedagogia culturalmente racializada, desenvolvendo práticas formadoras que visem “sensibilizar os futuros professores para o contexto sociolinguístico que os espera em muitos lugares onde farão sua prática docente” (CAVALCANTI, 1999, p. 404). Freedman e Ball (2004, p. 11) explicam que é necessário preparar professores “para trabalhar efetivamente com estudantes de *backgrounds* cultural e linguisticamente diferentes”.

Em relação ao currículo de Letras, no final da década de 90 Cavalcanti (1999, p. 404) criticava os cursos cujo “foco é muito mais no conteúdo” e apontava que disciplinas como Linguística Aplicada, Sociolinguística, Iniciação à Pesquisa, Antropologia (Educativa), Interação em Sala de Aula não fazem parte do currículo”. Além disso, a autora propunha mudanças como uma formação com reflexão sobre a prática,

desenvolvimento de pesquisa em sala de aula seguindo pontos de vista antropológico e educacional, focalizando as diversidades de culturas, histórias, raças, gêneros/sexualidades e linguagem de alunos e professores (CAVALCANTI, 1999, p. 406-407). Quase 10 anos depois, a situação não mudou muito, embora, seja preciso registrar que Linguística Aplicada está em muitos currículos de Letras e, sem dúvida, há um discurso sobre prática reflexiva. No entanto, o foco no conteúdo dissocializado e fragmentado ainda continua.

Quanto à questão das práticas docentes relacionadas a textos, Signorini (2007, p. 325) explica que: “ao serem eliminadas a interatividade e a multiplicidade de códigos, por exemplo, próprias da hipermídia, são descartadas questões específicas e relevantes relacionadas à leitura desse tipo de mídia”. Uma seleção de textos deve tentar responder a contextos específicos, intenções e participantes da interação. Segundo Signorini (2007, p. 324),

o letramento escolar é um processo complexo e dinâmico de ensino-aprendizagem, constituído de inter-ações de diferentes tipos entre sujeitos, linguagens e discursos; inter-ações essas mediadas por redes estruturadas e estruturantes de objetos culturais e tecnologias, ou seja, por objetos e tecnologias que tanto direcionam e organizam o andamento do processo, quanto são redirecionadas por ele.

Além disso, “os professores são impelidos a criar novos modos de conhecer, diferentes estratégias para compartilhar conhecimentos” (hooks, 1994, p. 12). Por exemplo, quando se busca trabalhar o letramento escolar, a sala de aula deve ser construída como ambiente democrático onde os participantes colaborativamente vão

discutir fatores textuais, incluindo linguagem, escolhas, tom, imagens, *layout* e assim por diante. Para engajamento nessas discussões, há necessidade não só de um ambiente que encoraje um discurso democrático, mas também instrumentos linguísticos ou vocabulário para ser capaz de discutir os textos. (STEVENS, BEAN, 2007, p. 66)

Nessa perspectiva, letrar-se é empoderar-se por intermédio de uma política discursiva capaz de significar e desestabilizar discursos que estão disponíveis e também roteirizar novas (contra) narrativas. Letrar-se é também empoderar-se para transgredir com responsabilidade. Letrar-se é ainda transformar. O letramento faz com que um dado indivíduo possa construir um projeto pessoal relevante considerando suas identidades sociais: raça, gênero/sexualidade, por exemplo. Esse seria um modo de estabelecer

práticas e relações de ensino reflexivos – interrogar a teoria e a prática e desenvolver suas teorias nas práticas (STEVENS, BEAN, 2007, p. 92).

Essas críticas e sugestões podem levar a tomadas de ações para responder aos problemas apontados em sínteses de pesquisas nacionais como as do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, na Pesquisa Nacional por Amostragem a Domicílio, IBGE (2004) e do Instituto Nacional de Educação e Pesquisa, INEP (2004), que discutem os resultados dos registros sobre o desempenho dos alunos negros no que tange ao letramento e à escolarização. Dados dessas pesquisas revelam que:

A participação das crianças negras na última série do ensino médio representa a metade da registrada na 4.^a série do ensino fundamental, enquanto os brancos, que somam 44% dos alunos ao final do primeiro ciclo do fundamental, totalizam 76% na 3.^a série do ensino médio. (INEP, 2004, p. 139).

Na população de 15 a 17 anos, observou-se que mais de 60% dos brancos já haviam concluído o ensino médio, para apenas 36,3% de pretos e pardos. O inverso aconteceu quando se analisou a proporção daqueles que estavam cursando o ensino fundamental nesta faixa etária: mais de 60% de pretos e pardos para 36,3% de brancos (IBGE, 2004, p. 318).

Com base nesses dados, afirmo em Costa de Paula (2010, p. 240) que “a realidade educacional dos negros brasileiros demonstra uma blindagem das instituições escolares quanto às negritudes, refletindo uma vulnerabilidade dessas culturas sensíveis nos contextos escolares”. Especificamente em relação à leitura, infiro desses mesmos dados que “há um vácuo ideologicamente desenhado entre negros e brancos” (p. 241). Ainda de acordo com dados do INEP (2004, p. 139):

Entre 1995 e 2001, a diferença no desempenho escolar na prova de leitura dos estudantes negros, em relação aos brancos, aumentou de 20 para 26 pontos. O estudo mostra que, em leitura, na 4.^a série do ensino fundamental, 67% dos estudantes negros apresentam desempenho classificado como “crítico” e “muito crítico” contra 44% de alunos brancos. Na 4.^a série, em Língua Portuguesa, alunos negros alcançaram, uma pontuação de 179, na escala de desempenho, e os brancos de 228 pontos.

Considerando a complexidade das negritudes e de fatores que explicam o abismo entre negros e brancos no contexto escolar, é importante trazer a noção de multiletramentos, pois ela apresenta uma perspectiva de ação relevante. Uma vez que reivindica mudanças nas práticas de letramento escolar, de modo que discutam a

diversidade social a tecnologia e a globalização em um mundo em constante mudança (cf. ANSTEY, 2002, p.446).

Minha sugestão, com base em Paulo Freire⁷² (1987), conforme registrei em Costa de Paula (2010), é que o professor trabalhe os discursos das comunidades em que os alunos vivem. Ou seja, devem ser capazes de criar pontes entre as funções do letramento na escola e os interesses dos alunos (FREEDMAN, BALL, 2004). É fundamental criar condições para que uma pluralidade de diferentes e contraditórios discursos possam proliferar, pois essa experiência possibilitaria que professores e estudantes desenvolvessem capacidades de “constantemente interagir com outras ideias” (FREEDMAN, BALL, 2004, p. 28) e buscar o entendimento mútuo e, assim, permitira que nas salas de aulas, professores e alunos ensaiassem, por exemplo, o respeito e a cidadania. É preciso, segundo essa compreensão pedagógica, desafiar os professores a construírem “um terreno móvel onde a cultura de sala de aula se choca com a cultura de esquina e, onde professores, alunos e diretores ratificam, negociam e, por vezes, rejeitam a forma como as experiências e práticas escolares são nomeadas e concretizadas” (GIROUX, MC LAREN, 2002, p. 139). Segundo hooks (1994, p. 12), para isso acontecer será necessário “um ensino que permita transgressões – um movimento contra e além das fronteiras. É este movimento que torna a educação uma prática de liberdade”. Assim sendo, o que estou defendendo é uma escola que capaz de “abrir a possibilidade de ouvir e olhar a perspectiva do outro” (CAVALCANTI, 2006, p. 249) e, então, repensar práticas, processos, políticas educacionais para mediar os modos atuais e contemporâneos de vida no mundo.

Gee (2005/2000) focaliza o fluxo do conceito de letramento em uma perspectiva de alinhamento ao novo capitalismo, o qual provoca mudanças não só no mundo social, mas também nas palavras, nos letramentos e nas formas de aprender. Para o autor, na nova ordem social, “a linguagem, o letramento e a aprendizagem [estão] no contexto mais amplo desses novos alinhamentos, nos quais novos ‘tipos de pessoas’ estão emergindo” (GEE, 2005/2000, p. 43). Levando isso em consideração, as práticas escolares de letramento não devem ser autônomas, necessariamente separadas da vida social. Ao invés disso, podem constituir ações contestadoras e transformadoras das sociedades e dos

⁷² O Educador Paulo Freire, na obra *Pedagogia do oprimido*, defende uma educação como prática da liberdade, a qual postula uma ação política junto aos oprimidos. De acordo com o autor, para isso “é preciso que creiamos nos oprimidos. Que os vejamos como capazes de pensar certo também” (FREIRE, 1987, p. 53).

indivíduos que nelas vivem. O ambiente escolar é propício para isso, dada a multiplicidade cultural, linguística, social, intelectual e econômica de seus participantes.

Esse é um tempo em que os letramentos ideológicos vão ao encontro de novas possibilidades de invenção pelos sujeitos sociais para que eles possam, nos contextos sociais em que se inserem e nas situações de seus cotidianos, tornar possível o futuro social e pessoal que almejam. Nesse contexto, o ensino da Língua Portuguesa não teria a língua como ponto de partida e de chegada, mas como um espaço para que professores e alunos construam, coletivamente, modos de organização discursiva em que as ordens do discurso sejam compreendidas e trabalhadas de modo que diferentes sujeitos sociais, ali inseridos, possam perceber os mecanismos linguístico-discursivos em que/por que determinados grupos sociais são posicionados de determinados modos, com base em seus gêneros/sexualidades, raça e expressão religiosa, por exemplo.

Além disso, nessa esfera, espera-se que as práticas de letramento possibilitem que alunos e professores, colaborativamente, aprendam a utilizar diferentes semioses para que possam, ao se engajar em práticas de construção de significados dos textos que circulam na esfera escolar, ressignificá-los de modo que textos sejam apropriados de modo que significados novos e transgressivos sejam criados pelo/para os sujeitos dessas práticas. Nesse tocante, “as escolas modernas se tornam uma fonte formativa do eu” (KALANTZIS, COPE, 2005/2000, p. 142).

Letramentos, ainda, envolvem um agenciamento na criação de roteiros sociais a serem performados, levando em conta a temporalidade subjetiva (KEHL, 2009) de cada indivíduo, que traça subpolíticas visando a performances dos roteiros sociais que construiriam para suas vidas no mundo. Outro aspecto que interessa neste estudo é a ação de leitoras exercida pelas adolescentes participantes da pesquisa visto que o “letramento é uma prática amplamente generificada” (BARTON, 1994, p. 75). Ou seja, muitas práticas de letramento refletem as diferenças que os gêneros geram em uma sociedade. Assim, estabelecendo relações entre gênero, idade, raça e grupo sócio-cultural, este trabalho interpreta as posições sociais que são refletidas nos textos e as posições que são assumidas pelas adolescentes negras, participantes de uma comunidade de práticas quando leem textos da mídia impressa em revistas.

A globalização provoca a necessidade de o leitor estar atento aos efeitos sociais, culturais e econômicos dos discursos considerando questões de poder. Essa proliferação de diversos discursos desafia os letramentos escolares a novas configurações e novos modos de construir significados sobre o mundo e sobre quem os sujeitos sociais estão se constituindo. Em outras palavras, gêneros/sexualidades e performances de raça são questões que devem constar da agenda do contexto escolar de modo que as práticas escolares/escolarizadas de letramentos possam abarcar as pluralidades de performances que os indivíduos fazem e precisam fazer para ensaiar um novo mundo social. Vivemos um momento de grande reflexividade no mundo, uma vez que há uma profusão de discursos e narrativas que contam de modos diversos quem estamos nos tornando no mundo. Os indivíduos estão sendo bombardeados por uma gama de textos e novos letramentos. E como bem apontam Steven e Bean (2007, p. xii): “Pensar sobre a educação em um contexto geopolítico global requer cidadãos capazes de discernir como eles estão posicionados e, às vezes, manipulados pela mídia e internet, bem como por textos tradicionais”.

Esse mundo da “modernização reflexiva” (GIDDENS et al., 1997) desafia as práticas de letramento que visam contribuir com uma gama de estratégias de ação para que os grupos socialmente posicionados como excluídos, relegados às margens e, portanto, vulneráveis, sejam capazes de tomar agência discursiva e performativa de sorte a assumir outras posições sociais.

Mesmo tomada como importante, a agência não deve constituir o objetivo final da ação pedagógica de letramento, uma vez que a valorização das visões e das vozes dos alunos interessa quando elas se constituem em ensaios para que os estudantes se sintam em condições de tomar posicionamentos sociais em outros contextos (família, grupos de estudo, nas igrejas, escolas de samba, só para dar alguns exemplos) em que se inserem para construir significados. O letramento, nessa perspectiva, deve ser capaz de empoderar os alunos oriundos de grupos sócio-culturais, raciais, sexuais, religiosos e linguísticos vulneráveis para uma ação transgressiva em relação aos posicionamentos regulados/relacionais que lhes são reservados. Esse letramento deve assegurar que os alunos das culturas vulneráveis possam usar, politicamente, diferentes semioses para construir outros significados sobre os sujeitos sociais que estão se tornando no mundo social. Assumindo que os textos oferecem possibilidades de posicionamentos aos leitores,

pode-se considerar as práticas de letramentos como envolvimento reflexivo sobre que somos e/ou quem estamos nos tornando.

O letramento que a modernidade reflexiva advoga pressupõe estudantes capazes de fazer (contra)narrativas por meio de suas performances de raça e gêneros/sexualidades. De acordo com Stevens e Bean (2007, p. xi -xii), é fundamental “equipar os estudantes com instrumentos para a crítica sobre uma gama de discursos incluindo filmes, novelas, textos, propagandas, canções e outras formas de textos”. O letramento escolar, de acordo com essa visão, é uma política performativa em que as enunciações linguísticas mostram os posicionamentos dos sujeitos participantes e sujeitos citados em seus discursos e possibilitam que alunos e professores ensaiem práticas de contestação aos jogos/exercícios de poder de determinados grupos sociais que usualmente controlam os currículos escolares e as práticas de ensino-aprendizagem, bem como os objetos de ensino. “Ensinar os alunos como reconhecer os modos em que a linguagem ‘opera’ em relação a práticas sociais grupos sociais e poder pode fazer uma diferença positiva em suas vidas” (KNOBEL, 2007, p. viii).

Entendo, portanto, que letramentos ideológicos, multimodais e plurais podem dar conta das demandas da vida social contemporânea, contexto de pós-identidades, contextos de performatividades, em que os sujeitos sociais necessitam ensaiar diferentes performances para tornar possível um mundo social novo, no qual eles não ocupem posições em que são significados como desvio, aberração e, conseqüentemente, empurrados para a exclusão.

Assim, letramentos envolvem a escrita, mas não se referem tão-somente a ela. Letramentos demandam uma tomada de posição para um novo civismo pelo qual os sujeitos sociais reivindicam subpolíticas que dizem respeito diretamente às pessoas que estão engajadas em projetos de um constante tornar-se em relação às diversas esferas da vida social, ou seja, das raça e dos gêneros/sexualidades, por exemplo. Esses letramentos possibilitam que os alunos se constituam em sujeitos sociais que, ao lidar com as demandas do mercado contemporâneo, global e local, não se posicionem como meros consumidores a serem tragados pelo mercado, mas que, ao invés disso, signifiquem criticamente os produtos que o mercado oferece. Esses alunos, formados na perspectiva de um letramento indisciplinar e transgressor (em analogia ao que MOITA LOPES, 2010, propõe para a

Linguística Aplicada) terão condições para viver em um contexto de pós-identidades, no qual não terão que adotar uma determinada performance socialmente disponibilizada, como correta e única.

Não falo de um letramento exclusivista como o letramento escolar tradicionalmente constituído. Falo de letramentos multiculturais na perspectiva do pluralismo performativo e cívico. Nesse tocante, letramentos podem ser definidos, também, como modos de ser/estar discursivamente no mundo. Podem, ainda, ser definidos como ações sociais que possibilitam que os sujeitos sociais estejam livres no mundo, na medida em que eles não se veem obrigados a ser um determinado tipo de pessoa ou a fazer uma determinada performance de corpos/cabelos. Em resumo, letramentos são modos de estar no mundo que tornam possível que os sujeitos sociais se entendam como sujeitos engajados em processos de constante tornar-se sem haver uma matriz à qual, o “tornar-se” deve se adequar. Em outras palavras, os letramentos tornam disponíveis as possibilidades de se viver vidas sociais alternativas, transgressivas e instauradoras de novos futuros.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRECHT, T., JOHNSON, G. M.; WALTER, J. B. Understanding Communication Processes in Focus Groups. In: MORGAN, D. L. (Ed.) **Successful Focus Groups: advancing the state of the art**. London: Sage, 1993. p. 51-64.

ANDREWS, M. Opening to the original contributions counter-narratives and the power to oppose. In: BAMBERG, M.; ANDREWS, M. G. W. **Considering counter-narratives: narrating, resisting, making sense** (Studies in Narrative). Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 1-6.

ANSTEY, M. It's not all black and white: Postmodern picture books and new literacies. In: **Journal of Adolescent & Adult Literacy**. 45:6, march, 2002. p. 444-457.

ARTAUD, A. On the Balinese theater. In: ARTAUD, A. **The theater and its double**. Translated by Mary Caroline Richards. New York: Grove Press, 2005/1985, p. 53-67.

AUSTIN, J. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.

BAKHTIN, M./VOLICHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7 ed. São Paulo: Hucitec, 1995

BAMBERG, M. Is there anything behind discourse? Narrative and the local accomplishments of identities. In: MAIERS, W. *et. al.* **Challenges to theoretical psychology**. North York: Campus University Publications, 1999. p.220-227.

BANKS, I. **Hair Matters: Beauty, Power, and Black Women's Consciousness**. New York: New York University Press, 2000.

BARTON, D. **Literacy: an introduction to the ecology of written Language**. Oxford: Blackwell, 1994.

BARTON, D.; HAMILTON, M. **Local literacies: reading and writing in context**. London: Routledge, 1998.

BAUMAN, R. **Story, performance and event: contextual studies of oral narrative**. Cambridge: CUP, 1986.

BAUMAN, R. **Verbal art as performance**. Prospect Heights, IL: Waveland, 1977

BAYNHAN, M. **Literacy Practiced Investigating Literacy in social Contexts**. London: Longman, 1995.

BELVEDERE, C. *et al.* Argentina: sinopse da situação. In: VAN DIJK, T. A. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 25-71.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 25-57.

BIAL, H. (Ed.) **The performance studies reader**. London: Routledge, 2003.

BORIS, E. From gender to racialized gender: laboring bodies that matter. In: **ILWCH**, International labor and Working-Class History. 63, spring, 2003. p. 9-13.

BRITO, R. **Michael Jackson e a pele do ar**. Folha de São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2506201007.htm> Acesso em: 25 jun. 2010.

BROWN, S.; Mc NAIR, L. Black women's sexual sense of self implications for Aids prevention, 2005. Disponível em: www.edi/~womanist/1995/brown.html . Acesso em: 20 ago. 2007.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008/1990.

BUTLER, J. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1999/1990.

BUTLER, J. **Bodies that matter**. New York: Routledge, 1993.

BUTLER, J. Critically queer. In: STRIFF, E. **Performance Studies**. New York: Palgrave MacMillan, 2003, pp. 152-165.

BUTLER, J. Phylosophy. 2007. Disponível em: <http://trans-en-tout-genre.20six.fr> Acesso em 06 jun. 2007.

CAMERON, D.; KULICK, D. **Language and sexuality**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CAVALCANTI, M. C. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada: implicações éticas e políticas. In: MOITA LOPES (Org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 233-252.

CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. In: **D.E.L.T.A.**, Vol. 15, N.º Especial, 1999, p. 385-417.

CAVALCANTI, M. C.; BIZON, A. C. En route through metaphors. Classrooms as safe places to deal with difficulties in an online course. In: ZANOTTO, M. S.; CAMERON, L.; CAVALCANTI, M. C. (ed.) **Confronting metaphor in use**. An applied linguistic approach. Philadelphia: John Benjamins, 2008.

CAVALLEIRO, E. S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil, 1998. 225 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1998.

CÉSAR, A. L.; CAVALCANTI, M. C. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M., (Org.) **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas: Mercado de Letras, 2007, p. 45-66.

CHERRY, S. Parody as a performance analytic: beyond performativity as metadiscourse [50 paragraphs]. Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: **Qualitative Social Research**, 9(2), Art. 25. 2008. Disponível em: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs00802258> Acesso em: 21 set. 2010.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**. Edinburgo: Edinburgh University Press, 1999.

CONNELL, R. W. **The men and the boys**. Berkeley: California University Press, 2000.

COPE, B.; KALANTZIS, M. (Ed.) **Multiliteracies**. Literacy learning and the design of social futures. New York: Routledge, 2005/2000.

COSTA DE PAULA, Letramento de garotas negras: insight para a formação de professores. In: VIANA, V.; MILLER, I. K. (Org.) Caminhos na formação de professores de línguas: conquistas e desafios. **Anais do II Congresso Latino-Americano de Formação de Professores de Línguas (II CLAFPL) PUC-RIO**, Letra Capital Editora: Rio de Janeiro, 2010. p. 234-250.

COSTA DE PAULA, R. A domesticação dos corpos de mulheres negras no discurso de revistas femininas. In: CIMJ **Centro de Investigação Media e Jornalismo**. CD ROM. Lisboa, 2006. p. 287-307.

COSTA DE PAULA, R. Construindo consciência das masculinidades negras em contexto de letramento escolar: uma pesquisa-ação. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Discursos de Identidades**. Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p.181-208.

COSTA DE PAULA, R. **Leitura como prática social na escola**: a construção das negritudes e das masculinidades. 2002. 180p. Dissertação (Mestrado no programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

COUPLAND, N. **Style**: language variation and identity. New York: Cambridge University Press, 2007.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. São Paulo: EDUSC, 1998.

D'ADESKY, J. **Anti-racismo, liberdade e reconhecimento**. Rio de Janeiro: Dautt, 2006.

D'ADESKY, J. **Pluralismo étnico e multiculturalismo**: racismos e anti-racismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

DAVIES, B.; HARRÈ, R. Positioning and personhood. In: HARRÈ, R.; VAN LANGENHOVE, L. (Ed.) **Positioning theory**. Oxford: Blackwell, 1999. p. 32-52.

DAVIS, A. Y. **Women and capitalism**. The black feminist reader. Oxford: Backwell, 2000.

DAVIS, A. Y. **Women, race and class**. New York: Random House, 1981.

DU BOIS, W. E. B. **The Negro**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2001/1915.

ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: WITTROCK, M.C. (Ed.) **Handbook of research on teaching: a project of the American Educational Research Association**. New York: Macmillan Publishing Company, 1986.

ERICKSON, F. What makes school ethnography 'Ethnographic'? **Anthropology and Education Quartely**. Vol. 15, 1984. p. 55-66

ERWIN, L.; STEWART, P. Gendered perspectives: a focus-group study of how undergraduate women negotiate their carrier aspirations. **Qualitative Studies in Educations**. Vol. 10, N.º 2, 1997. p. 207-220.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescritções em curso. In: MOITA LOPES, L. P (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-65.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, N. **Critical discourse analysis**. London: Longman, 1995.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008/1952.

FARIAS, P. Corpo e classificação de cor numa praia carioca. In: GOLDENBERG, M. **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 263-302.

FIGUEIREDO, A. **Beleza pura: símbolo e economia ao redor do cabelo do negro**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 1994.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Ainda desigual**. Editorial. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opinião/fz1705201001.htm> . Acesso em: 17 mai. de 2010.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001/1979.

FRAGA, A. B. **Corpo, identidade e bom-mocismo** – cotidiano de uma adolescência bem-comportada. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREEDMAN, S. W.; BALL, A. F. Ideological becoming: bakhtinian concepts to guide the study of language, literacy, and learning. In: BALL, A. G.; FREEDMAN, S. W. (Ed.). **Bakhtinian perspectives on language, literacy, and learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 3-33.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE COSTA, J. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FREYRE, G. **Modos de homem, modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FRY, P. Estética e política: relações entre “raça”, publicidade e produção da beleza no Brasil. In: GOLDENBERG, M. **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 303-326.

GEE, J. P. **New people in new worlds: networks, the new capitalism and schools**. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (Ed.) **Multiliteracies**. Literacy learning and the design of social futures. New York: Routledge, 2005/2000. p. 43-68.

GEE, J. P. New times and new literacies. Themes for a changing world. In: BALL, A. F.; FREEDMAN, S. W. (Ed.) **Bakhtinian perspectives on language, literacy and learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 279-305.

GEE, J. P. The new literacy studies: from 'socially situated' to the work of the social. In: BARTON, D., HAMILTON, M.; IVANIC, R. (Ed.) **Situated Literacies: reading and writing in context**. London: Routledge, 2000. p.180-196.

GEE, J. P., HULL, G.; LANKSHEAR, C. **The new work order: behind the language of the new capitalism**. Boulder: Westview, 1996.

GIDDENS, A. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005/2001.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GIDDENS, A., BECK, U.; LASH, S. **Modernização reflexiva**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997.

GILLESPIE, M. Television, ethnicity and cultural change. London: Routledge, 1995 *Apud* O'DONNELL, M.; SHARPE, S. **Uncertain masculinities: youth, ethnicity, and class in contemporary Britain**. New York: Routledge, 2000.

GILROY, P. **O atlântico negro**. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes. Centro de Estudos afro-asiáticos, 2006.

GILROY, P. **Against race** – imagining political culture beyond the color line. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

GIROUX, H. e MC LAREN, P. Formação do professor como uma contra-esfera pública: a pedagogia radical como uma forma de política cultural. In: MOREIRA, A. R. B.; SILVA, T. T. (Org.) **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 125-154.

GOLDENBERG, M. (org) **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOLDENBERG, M. **De perto ninguém é normal**. Estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GREGORI, M. G. **Cenas e queixas**. Um estudo sobre as mulheres, relações violentas e a prática feminista. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

GRIFFIN, F. J. Textual healing claiming black women's bodies, the erotic and resistance in contemporary novels of slavery. **Callalo**. 19 dez. 1996. p. 519-536.

GUIMARÃES, A. S.; HUNTLEY, L. **Tirando a máscara**: ensaios sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GUIMARÃES, A. S. Como trabalhar com “raça” em sociologia. **Educação e Pesquisa**. São Paulo. Vol. 29, n.º 1. jan/jun 2003. p. 93-107.

GUIMARÃES, L. **As cores na mídia**: a organização da cor-informação no jornalismo. São Paulo: Annablume, 2003.

HALE, C. R. Reflexiones hacia La práctica de uma investigación descolonizada. In: **Anuário CEMESCA 2007**: Nueva época, 2008. p. 299-316.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP& A, 2000.

HALL, S. Que “negro” é esse na cultura negra? In: HALL, S. **Da diáspora – Identidades e Mediações Culturais**. (Org.). Belo Horizonte: Ed. UFMG; Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HASENBALG, C. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

hooks, b. **Interview**: bell hooks. October, 2006. Disponível em: <http://blackacademics.org/interview-archive/october-2006-interview-bell-hooks/>. Acesso em: 12 mar. 2010.

hooks, b. **Teaching to transgress**: education as practice of freedom. London: Routledge, 1994.

HOLLWAY, W. Gender, difference and the production of subjectivity. In: HENRIQUES, J. *et al.* **Changing the subject**. Psychology, social relations and subjectivity. London: Methuen, 1984.

IANNI, O. Dialética das relações raciais. In: **Estudos Avançados**. Vol. 18, N.º 50, 2004. p. 21-30.

IANNI, O. **Escravidão e Racismo**. São Paulo: Hucitec, 1988.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Síntese de indicadores sociais 2003. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. **Sinopse estatística da educação básica 2003**. Brasília: Instituto Nacional de estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira / MEC, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Confederação nacional de municípios. Disponível em: http://www.cnm.org.br/demografia/mu_dem_pop_total.asp?IdMun=100133091. Acesso em: 10 out. 2010.

JONES, D. M. Darkness made visible: Law, metaphor, and the racial self. In: ROSENBLUM, K. E.; TRAVIS, T. M. (Ed.) **The meaning of difference**: American constructions of race, sex and gender, social class, and sexual orientation. Boston: The McGraw Hill Companies, 2000/1996. p. 243-254.

KALANTZIS, M.; COPE, B. Changing the role of schools. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (Ed.) **Multiliteracies**. Literacy learning and the design of social futures. New York: Routledge, 2005/2000. p. 121- 148.

KEHL, M. R. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

KIMMELL, M. S. Rethinking masculinity. In: KIMMELL, M. S. (Ed.) **Changing Men**: new directions in research on men and masculinity. London: Sage, 1992.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KNOBEL, M. Foreword. In: STEVENS, L. P.; BEAN, T. W. **Critical Literacy**. Context, Research, and Practice in the K-12 Classroom. California: Sage Publications, 2007.

KRESS, G. Design and transformation. New theories of meaning. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (Ed.) **Multiliteracies**. Literacy learning and the design of social futures. New York: Routledge, 2005/2000. p.153-161.

KRESS, G. Multimodality. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (Ed.) **Multiliteracies**. Literacy learning and the design of social futures. New York: Routledge, 2005/2000, p. 182-202.

KRUEGER, R. A.; MORGAN, D. L. **The focus group guidebook**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES (org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 129-148.

LABOV, W. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: Oral versions of personal experience. In: **Journal of Narrative and Life History**. 7 (1-4), 1967. p. 3-38.

LADSON-BILLINGS, G. **The Dreamkeepers**: successful teachers of african American children. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1994.

LAMOUNIER, C. B. **A sedução nos anúncios da revista Nova/Cosmopolitan sob a ótica da pós-modernidade**. 159p. Dissertação. (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Comunicação, Educação e Turismo. Universidade de Marília, 2006

LAMOUNIER, C. B. A revista Nova/Cosmopolitan na história da mídia impressa brasileira. 2005. Disponível em: [HTTP://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd4/impressa/cb_Isg.doc](http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd4/impressa/cb_Isg.doc) . Acesso em: 21 out 2006.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo**: a vida Americana numa era de esperanças em declínio. Rio de Janeiro: Imago, 1983. *Apud* GOLDENBERG, M. (Org) **Nu & vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated Learning**: legitime peripheral participation. New York: Cambridge University Press, 1991.

LEE, C. 2007. **Culture, literacy, and learning**. Taking Bloom in the midst of the whirlwind. New York: James A. Banks Editor, 2007.

LINS, D. Como dizer o indizível? In: **Cultura e subjetividades**: saberes nômades. Campinas: Papirus Editora, 1997. p. 69-114. *Apud* MOITA LOPES, L. P.; FABRÍCIO, B. F. Discurso como arma de guerra: um posicionamento ocidentalista na construção da alteridade. In: **DELTA**. V. 21, N.º Especial. São Paulo, 2005. p. 239-283.

LIVIA, A.; HALL, K. "Its a Girl!" In. LIVIA, A.; HALL, K. **Queerly Phrased: Language, Gender and Sexuality**. New York: Oxford University Press, 1997. p.3-17.

LOPES, H. T. Mulher negra, mitos e sexualidade. 2005. Disponível em: [HTTP://www.lpp-uerj.net/olped/documentos/ppcor/0224.pdf](http://www.lpp-uerj.net/olped/documentos/ppcor/0224.pdf). Acesso em: 06 abr. 2006.

LORDE, A. **Sister outsider**. Essays and speeches. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1983.

MACHERY, E.; FAUCHER, L. Social construction and the concept of race. **Philosophy of Science**. 72 dez. 2005. p. 1208-1219.

MAHER, T. M. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: KLEIMAN A. B.; CAVALCANTI, M.C. (Org.) **Linguística Aplicada**: suas faces e interfaces. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 255-270.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Termo de compromisso de ajustamento de conduta. 20 mai. 2009. Disponível em:

http://www.mp.sp.gov.br/portal/page/portal/noticias/publicacao_noticias/Fotos/tac%20sp%20fashion%20week.pdf. Acesso em: 10 nov. 2010.

MOURA, C. **História do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1992.

LOURO, G. L. (org) **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARCHUSCHI, L. **A análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1991.

MAYBIN, J.; MOSS, G. Talk about texts: reading as a social event. **Journal of Research in Reading**. Vol 2, 1993. p. 138-147.

MENEZES, M. E. A construção desconstruída da imagem do negro na propaganda. In: MACHADO, L. L.; CRUZ, A. R.; LYSARDO-DIAS, D. **Teorias e práticas discursivas. Estudos em Análise do discurso**. Belo Horizonte: Carol Borges Ed., 1998.

MOITA LOPES, L. P. A performance narrativa do jogador Ronaldo como fenômeno sexual em um jornal carioca: multimodalidade, posicionamento e iconicidade. **Revista Anpoll**. 2010. p. 127-157

MOITA LOPES, L. P. Linguística aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. **Revista Gragoatá**. UFF. Niterói, n.27. 2. sem. 2010. p.33-50.

MOITA LOPES, L. P. Gêneros e sexualidades nas práticas discursivas contemporâneas: desafios em tempos *queer*. In: SILVA, A. P. D. (org.) **Identidades de Gênero e práticas discursivas**. Campina Grande: Ed. da Universidade Estadual da Paraíba, 2008, p. 13-19.

MOITA LOPES, L. P. “Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa”. In. MOITA LOPES (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006a.

MOITA LOPES, L. P. On being White, male and heterosexual: multiple positionings in oral narratives. In: DE FINA, A., SCHIFFRIN, D.; BAMBERG, M. (Ed.) *Discourse and identity*. Cambridge: CUP, 2006. p. 288-313, 2006b.

MOITA LOPES, L. P.; FABRÍCIO, B. F. Discurso como arma de guerra: um posicionamento ocidentalista na construção da alteridade. In: **DELTA**. V. 21, N.º Especial. São Paulo, 2005. p. 239-283.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades Fragmentadas**: a construção discursiva da raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, L. P. “Discurso, corpo e identidade: masculinidade hegemônica como comunidade imaginada na escola”. **Revista Gragoatá**. UFF. v. 11, 2001. p. 207-226.

MOITA LOPES, L. P. Stories through which we are woven: constructing masculinity in the language classroom. Trabalho apresentado no **XII World Congress of Applied Linguistics**. Tokyo, mimeo, 1999.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **DELTA**. Vol. 10, 1994. p. 329-338.

MOREIRA, A. F. B. Currículo, diferença cultural e diálogo. In: Dossiê “Diferenças” – **Educação e Sociedade**. Campinas: CEDES, vol. XXIII. n.º 79, agosto, p. 15-38, 2002.

MUNANGA, K. Prefácio. In: GOMES, N. L. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NASSER, D.; SOARES, R. Nega do cabelo bom. In: Elis Regina. **Elis, Como e porquê**. Polygram, Rio de Janeiro, 1969.

O'DONNELL, M.; SHARPE, S. **Uncertain masculinities: youth, ethnicity, and class in contemporary Britain**. New York: Routledge, 2000.

OLIVEIRA, C. G. M. Beleza na Contemporaneidade. In: **Filosofia. Ciência & Vida**. São Paulo: Ed. Escala, Ano 1 N.º 3, 2006. p. 50-55.

PASSOS, M. C. A formação de professores para uma pedagogia multirracial e popular. Uma proposta do Núcleo de Estudos Negros para a superação do racismo na escola brasileira. In: **VIII CONGRESSO LUSO-AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, Coimbra, 2004.

PENNYCOOK, A. Performance and performativity. In: PENNYCOOK, A. **Global Englishes and Transcultural Flows**. New York: Routledge, 2007.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67-84.

PHILLIPS, L. **The womanist reader**. New York: Routledge, 2006.

PIZA, E.; ROSEMBERG, F. Cor nos censos brasileiros. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 91-120.

PROPAGANDA DO XAMPU SEDE. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=KiPJlxAVkkk&feature=related>. Acesso em: 20 out 2010.

QUEIROZ, R. S.; OTTA, E. A beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal. In: QUEIROZ, R. S. (Org.) **O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza**. São Paulo: SENAC, 2000. p. 13-66.

RAATZ, L. **Multirracial e boa de bola**. Acostume-se com a nova Alemanha. O Estado de São Paulo, 13 jun. 2010. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/bate-pronto/multirracial-e-boa-de-bola-acostume-se-com-a-nova-alemanha/>. Acesso em: 10 nov. 2010.

REICHMANN, R. L. (Ed.) Race in contemporary Brazil: form indifference to inequality. The Pennsylvania State University Press, 1999. *Apud* VAN DIJK, T. A. **Dominación étnica y racism en Espana y America Latina**. Barcelona: Gedisa, 2003.

ROBINSON, C. J. **Black Marxism: the making of the black radical tradition**. North Carolina: University of North Carolina Press, 2000.

SANTOS, B. S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, G. A. **A invenção do “ser negro”**: um percurso das ideias que naturalizam a inferioridade dos negros. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SANTOS, Jocélio Teles dos. O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. **Estudos afro-asiáticos**. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-546X2000000200003&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 06 ago. 2010.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCOTT, J. “Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. **Revista Educação e Realidade**. Vol. 20, 1989, p. 1-27.

SEGAL, L. **Competing Masculinities (III)**: Black masculinity and the white man’s black man. London: Virago, 1990.

SHILLING, C. The Body and Difference. In: WOODWARD, C. (Ed.) **Identity and Difference**. London: Sage, 1997. p. 63-120.

SIGNORINI, I. Letramento escolar e formação do professor de língua portuguesa. In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. **Linguística Aplicada**: suas faces e interfaces. Campinas: Mercado de Letras, 2007, p. 317-337.

SIGNORINI, I. Figuras e modelos contemporâneos da subjetividade. In: SIGNORINI, I. **Lingua(gem) e identidade**. Elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.333-380.

SILVA, E. M. Retratos de mulher – A mulher negra nas revistas para o público negro – Estudo de caso. Disponível em: http://www.antroposmoderno.com/antropo-articulo.php?id_articulo=316 . Acesso em: 13 dez. 2006.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade** – uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2 ed., 2005.

SILVA, J. **Direitos civis e relações raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Luam, 1994.

SODRÉ, M. **A Verdade Seduzida**. Por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: DP & A Ed., 2005/1983.

SODRÉ, M. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

SODRÉ, M. O negro no mass-media. **Anais do Primeiro Colóquio de Semiótica**. PUC – Rio de Janeiro, 1980

SPENCER, J. M. The new colored people. In: ROSENBLUM, K. E.; TRAVIS, T. M. (Ed.) **The meaning of difference**: American constructions of race, sex and gender, social class, and sexual orientation. Boston: The McGraw Hill Companies, 2000/1996. p. 43-48.

STAM, R. **Bakhtin**. Da teoria literária à cultura de massa. São Paulo: Ática, 1992.

STEVENS, L. P.; BEAN, T. W. **Critical Literacy**. Context, Research, and Practice in the K- 12 Classroom. Thousand Oaks: Sage Publications, 2007.

STEVENS, P. E. Focus group: collecting aggregate level data to understand community health phenomena. **Public Health Nursing**. Vol. 12, N.º 3, 1996. p. 170-176.

STOCKING, G. W. **Race, culture and evolution**. Essays in the history of anthropology. Chicago: university of Chicago Press, 1968. *Apud* SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

STREET, B. **Social literacies**: critical approaches to literacy in development. Ethnography and education. London: Longman, 1995.

STREET, B. Culture is a verb: anthropological aspects of language and cultural process. In: GRADDOL, D., THOMPSON, L.; BYRAN, M. (Ed.) **Language and Culture**. Cleveland: Baal and Multilingual Matters, 1993. p. 23-43.

STREET, B. B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

THREADGOLD, T. Performing theories of narrative: theorizing narrative performance. In: THRONBORROW, J.; COATES, J. (Ed.) **The sociolinguistics of narrative**. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 262-278.

THRONBORROW, J.; COATES, J. The sociolinguistics of narrative, identity, performance, culture. In: THRONBORROW, J.; COATES, J. (Ed.) **The sociolinguistics of narrative**. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 1-16.

VAN DIJK, T. A. **Dominación étnica y racism en Espana y America Latina**. Barcelona: Gedisa, 2003.

VAN DIJK, T. A. *et. al.* Discourse, Ethnicity, Culture and Racism. In: van Dijk, T. A. **Discourse as Social Interaction**. Sage Publications: California, 1997.

VAN DIJK, T. A. Discourse and cognition in society. In: CROWLEY, D.; MITCHELL, D. (Ed.) **Communication theory today**. Oxford: Polity Press, 1994.

VAN LANGENHOVE, L.; HARRÈ, R. Introducing positioning theory. In: HARRE, R.; VAN LANGENHOVE, L. (Ed.) **Positioning theory**. Oxford: Blackwell, 1999.p. 14-31.

VAN LEEUWEN, T. **Introducing social semiotics**. New York: Routledge, 2005.

VIGARELLO, G. **O corpo no tempo**. Trad. de Clara Allain. Folha de São Paulo, Caderno MAIS, 13, dez. de 2009. Disponível em [HTTP://www.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1312200910.htm](http://www.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1312200910.htm). Acesso em: 13 dez. 2009.

VIGARELLO, G. **História da beleza**. Trad. Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WENGER, E. **Communities of practice**. Learning, meaning, and identity. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

WEST, C. **Race Matters**. New York: Vintage Books, 1993. *Apud* GRIFFIN, F. J. Textual healing claiming black women's bodies, the erotic and resistance in contemporary novels of slavery. **Callalo**. 19 dez 1996. p. 519-536.

WHITE, D. G. **Ar'n't I a Woman?** Female slaves in the Plantation South. New York, W.W. Norton & Company, 1999/1985

WIKIPEDIA. Disponível em:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_dan%C3%A7as_e_ritmos_do_Brasil. Acesso em: 30 jul. 2006.

WINANT, H. **The world is a ghetto**. New York: Basic Books, 2001.

WODAK, R. The genesis of racist discourse in Austria since 1989. In: Caldas-Coulthard, C. R.; Coulthard, M. (Ed.) **Texts and practices** – Readings in critical discourse analysis. London: Routledge, 1996. p. 107-128.

WORTHAM, S. **Narratives in Action**. A strategy for Research and analysis. New York: Teachers College Press, 2001.

WORTHEN, W. B. Disciplines of the text. Sites of performances. In: BIAL (Ed.) **The performance studies reader**. London: Routledge, 2003, p. 10-25.

WORTHEN, W. B. Drama, performativity, and performance. In: **PMLA**, Vol. 113, Nº. 5, oct. 1998, p. 1093-1107.

YUKA, M., ET AL. A carne. Intérprete: Elza Soares. In: ELZA SOARES. **Do cóccix até o pescoco**. Gravado e mixado por Alê Siqueira e Flávio de Souza no estúdio Compasso, São Paulo, 2002.

8 ANEXOS

Anexo 1 - Histórico de minhas performances de cabelo

0 – 29 anos tranças variadas (trança comum em várias carreiras, em carreiras duplas, trança única com fitas, embutida e baiana).

Até os 10 anos os cabelos eram penteados e trançados pela minha mãe em horários e dias por ela estabelecidos. Essa prática deixava-me às vezes muito vulnerável porque muitas vezes uma trança se desprendia gerando em mim um desconforto e insegurança. Nesses casos, a trança ficava suspensa no ar sem se abaixar como eu percebia que ocorria com os cabelos das outras pessoas. Eu me sentia bem com minha própria imagem quando todos os fios estavam controlados pelo vaivém das tranças porque nessa cricunstância eu jamais era surpreendida por uma mecha de cabelo literalmente em pé.



A partir dos 10 anos comecei a aprender a trançar os meus próprios cabelos e por volta dos 12 anos tornei-me responsável por essa tarefa. Isso possibilitava que eu pudesse variar os penteados nos cabelos, não usando mais as tranças em carreira duplas, preferidas pela minha mãe e vistas como uma performance infantil, por mim. Conforme fui me especializando no ato de trançar meus cabelos fui preferindo cada vez mais as tranças únicas, sendo a trança baiana a minha preferida, peculiarmente nos dias em que desejava estar bonita. Nessa época, às vezes eu pedia minha avó que fizesse tranças com fitas. Eu julgava bonito e jovial.



12 anos – 17 anos – alisamento dos cabelos com pente quente. Inicialmente feito pela mãe e a partir dos 15 anos eu mesma alisava.

Não gostava que o cabelo ficasse muito liso. Entendia que isso seria artificial e não combinaria com minha imagem. Sentia necessidade de que o cabelo tivesse um pouco de volume.



29 anos – fiz, de fato um relaxamento. Usei química pela primeira vez.

E permaneci utilizando produtos para relaxamento dos cabelos até o advento das atuais escovas. Fiz, por uma vez, a chamada escova, a qual julguei ruim porque retirou a vitalidade de meus cabelos, os quais ficaram opacos e quebradiços além do normal.

Então, fique por um tempo sem utilizar produtos químicos até que em 2006, no início dessa pesquisa conheci a escova francesa, a qual me possibilitou ter os cabelos por seis meses sem necessidade de escovas, piastras (chapinhas). Tendo a oportunidade de lavar e sair.

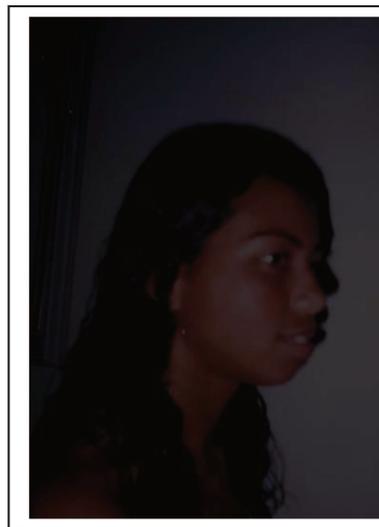
Tenho utilizado o procedimento uma ou duas vezes no ano, desde então e me sinto tranquila em relação a meu cabelo quando preciso sair de casa para qualquer evento. Simplesmente eu penteio o cabelo e saio, de bem com a vida e comigo mesma. De bem com o meu cabelo que é sempre bom.



Anexo 2 – As adolescentes - As formas como usavam os cabelos no período da pesquisa



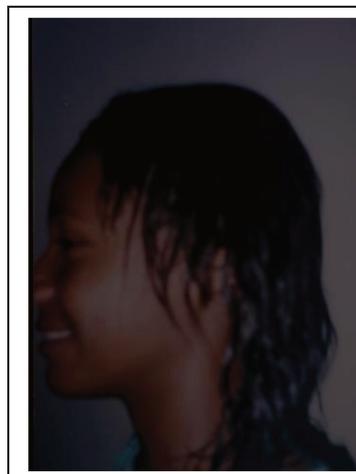
AnaBeatriz



Thyffany



Euarda



Jennifer



Katelyn